

**PEDRO
NUNCA FOI
PAPA!**

**Dr. Aníbal Pereira dos Reis
(ex-padre)**

Edições Cristãs

ÍNDICE

Dedico / Consagro

Prólogo

Experiência amarga de um padre devoto do “papa”

A característica básica da igreja

A natureza da autoridade pontifícia

Origem da primazia jurisdicional do sumo pontífice

Tu es petrus et super hanc petram aedificabo ecclesiam Meam!

Metáforas na Bíblia

O filho do homem nas visões de Daniel

A pedra na simbologia judaica

O templo, metáfora do corpo de Cristo

Exegese literal de Mateus 16.18

No fragor da batalha

Nem o aramaico salvou minha fé no primado jurisdicional de Pedro

O inconsistente suporte da tradição

Ubi petrus ibi ecclesia? ou Ubi christus ibi ecclesia?

Pedro, fundamento da igreja

O poder jurisdicional revelado no simbolismo das chaves

“Tu serás chamado *Kephas*”

“O primeiro Simão, chamado Pedro”

A investidura de Pedro no primado da igreja

Onde a primazia de Pedro entre os doze?

E a primazia de Pedro na igreja apostólica?

Pedro e Paulo: qual o maior?

Perpetuou-se, porventura, o primado de Pedro

numa linha ininterrupta de sucessores?

O legítimo Vigário de Cristo na igreja

.oOo.

DEDICO

A Elias,

A Jeremias,

A Isaías,

A todos os PROFETAS do Senhor, valentes servos da Causa, sempre dispostos ao martírio pela VERDADE...

A João Batista, que não era uma cana abalada pelo vento, mas que, pela VERDADE, renunciou às comodidades legítimas da vida e se expôs ao sacrifício...

A Paulo Apóstolo, o “promotor de sedições”, posto para a defesa do EVANGELHO...

A todos os homens sérios e sinceros, herdeiros dos sete mil, cujos joelhos não se dobram a Baal. A Baal das conveniências sociais. A Baal da détente religiosa. A Baal de uma prudência criminoso. A Baal do falso amor, sinônimo de conivência com o erro e com o pecado. A Baal das ondas da moda. A Baal da subserviência aos oligarcas elegantes, de unhas polidas, empoados e carminados. A Baal da tolerância com o modernismo teológico. A Baal da ação ecumenista...

CONSAGRO

A JESUS CRISTO, o Filho Unigênito de Deus encarnado, que padeceu e morreu na cruz em resgate pelos nossos pecados e que, à destra do Pai, é o Advogado daqueles que nEle confiam...

A JESUS CRISTO, cuja palavra vigorosa lançou objurgatórias duríssimas aos religiosos do Seu tempo, comprometidos com as tradições dos homens...

A JESUS CRISTO, a VERDADE personificada que exige integral fidelidade...

A JESUS CRISTO, que promete aos Seus seguidores a cruz dos sofrimentos e as Seus íntegros fiéis a bem-aventurança das perseguições...

.oOo.

PRÓLOGO

*“Bem-aventurado o homem que põe no
Senhor a sua confiança, e não pende para
os arrogantes, nem para os afeiçoados à
mentira”*

(Salmo 40.4)

*NON SUM SOLUS,
SED VERITAS MECUM!!!*

Este livro, obra de consciência, é depoimento. É estudo. E é contestação.

Como depoimento, relata uma experiência vivida e vívida.

O depoimento é atual porque a experiência foi vivida nestes dias.

Rios de tinta, assevera-se, correram sobre o versículo 18 de Mateus 16, o texto capital da Teologia Vaticana. Por causa dele verti muitas lágrimas em indizíveis sofrimentos e agonias imensas.

Amei estranhamente o “papa”. Servi-o em absoluta sujeição com entusiasmo inexcedível. Em consequência, no doloroso processo de minha conversão a Jesus Cristo, o dogma sobre a sua primazia jurisdicional, foi o último a se desfazer no complexo de minhas crenças católicas.

Na contextura destas páginas, como fio a aproximar, a unir e a concatenar os argumentos, salienta-se a minha experiência de sacerdote dedicado ao soberano pontífice.

Exige-se da experiência religiosa – se a desejarmos válida e autêntica – um enraizamento na Razão.

Acompanhá-la, como condimento, poderão as emoções. Abstraindo-se, porém, do raciocínio, evaporar-se-á com a transitoriedade dos sentimentos inconsistentes.

O estudo é o labor da Inteligência, cujo norte é a Verdade.

Estas experiências de doridos padecimentos entreteceram os longos e árduos estudos na insopitável ânsia da Verdade.

Obra de acurado e paciente exame exegético das Escrituras arroladas pela Teologia Dogmática na defesa da tese pontifícia, ao refutá-la, objetiva exaltar JESUS CRISTO, como o ÚNICO E EXCELSO PRIMAZ da Igreja por ser dela A ROCHA FUNDAMENTAL, INCONCUSA E ETERNA.

O seu propósito é reivindicar a PRIMORDIALIDADE EXCLUSIVA E ABSOLUTA DE JESUS CRISTO sobre a Sua Igreja, a qual dirige, orienta e governa pelo Seu Vigário, o Espírito Santo, nela presente até a consumação dos séculos.

Contestação?

Acaso ficaria bem contestar-se uma “autoridade” empenhada no estabelecimento da paz entre os homens? Não seria conveniente dar-lhe um crédito de confiança quando deseja juntar sua voz à daqueles que clamam pela paz nesta hora de tanta conturbação e terror de uma eminente guerra?

Não seria, por acaso, inoportuno, o levantar-se contra o pontífice diligente em harmonizar todas as áreas religiosas, sobretudo as cristãs?

Duas razões, contudo, revelam a atualidade deste livro como contestação à primazia do “papa”:

PRIMEIRA:- A Palavra de Deus é indefectível. Imutável. E, à sua luz, os erros sempre merecem ser profligados. Desprovida de fundamentação bíblica, mas edificada em inescrupulosas falsificações de passagens sagradas e da História, falece ao pontífice vaticano autoridade para falar em paz.

Paz se define com a tranquilidade da ordem. Mas haverá ordem fora da Verdade?

O erro, em si mesmo, é desordem.

Sem o prestígio da Verdade, como poderá o “papa” reclamar a paz e sugerir normas à sua procura e estabelecimento?

“Tanto o profeta como o sacerdote usam de falsidade. Curam superficialmente a ferida do Meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz” (Jeremias 6.13-14).

No contexto do erro, **“com a boca fala cada um de paz com o seu companheiro, mas no interior lhe arma ciladas”** (Jeremias 9.8).

Sem a Verdade, impossível a Ordem. E sem esta, impossível a Tranquilidade. Sem a Tranqüilidade, torna-se inexequível a Paz.

Sem a Verdade torna-se absurdo o pregar-se a Paz. É incongruência. É demagogia.

O Concílio Vaticano II de inovador só teve a fachada e o palanfrório para apalermar os basbaques. Nunca a hierarquia manifestou desejo de ceder o seu ponto-de-vista quanto à unidade dos cristãos sob o báculo do pontífice romano.

Resultado de tremenda falsificação de textos bíblicos, cuja interpretação força, torce e retorce, não trepida o papado na mistificação do presente para se impor como centro de unidade cristã.

Acastelado na hipocrisia solerte e armado da mentira deslavada, aproveita-se ele da maldita cumplicidade dos bons e da atuação dos fantoches predicantes de fraternidade para, com a sua guerra gentil intitulada de ecumenismo, solapar, de manso, os redutos adversários e obliterar o senso evangélico dos crentes em Cristo.

Desde 20 de dezembro de 1949, quando promulgada a Instrução *DE MONITIONE OECUMENICA*, pelo “papa” Pio XII, a ação ecumenista põe em destaque a autoridade pontifícia como êxito do seu propósito.

O Decreto *UNITATIS REDINTEGRATIO*, de 21 de novembro de 1964, emanado do Concílio Vaticano II, simplesmente reedita as orientações do “papa” Pacelli, quando, na alínea 24, lembra o objetivo primacial do ecumenismo, qual seja o de “conciliar todos os cristãos na unidade de uma só e única Igreja de Cristo”. E, conforme a Constituição Dogmática *LUMEN GENTIUM*, aprovada, decretada e estatuída naquele mesmo dia de 1964, pelo Vaticano II, “esta Igreja, constituída e organizada neste mundo como uma sociedade, subsiste na Igreja Católica governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele” (§ 8).

Nisto, de resto, a hierarquia clerical de Roma tem sido muito clara: o movimento ecumenista se centraliza na autoridade do “papa” a cuja égide todos os cristãos devem se congregar.

Sob a inspiração deste intento, os bispos do Vaticano II salientam no item 3 do Decreto *REDINTEGRATIO UNITATIS*, o documento específico sobre as normas adotadas na ação ecumenista: “os irmãos de nós separados, quer como indivíduos, quer como Comunidades e Igrejas, não gozam daquela unidade que Jesus quis prodigalizar a todos os que regenerou e convívificou num só corpo e em novidade de vida e que as Sagradas Escrituras e a venerável Tradição da Igreja professam. Pois só pela Igreja Católica de Cristo, instrumento geral de salvação, pode ser atingida toda a plenitude dos meios de salvação. Cremos

também que o Senhor confiou todos os bens do NT só ao Colégio Apostólico, a cuja testa está Pedro, com o fim de constituir na terra um só corpo de Cristo. É necessário que a Ele se incorporem plenamente todos os que de alguma forma pertencem ao povo de Deus”.

SEGUNDA:- A subreptícia ação ecumenista, atual e atuante ao diluir convicções, esclerosa as consciências, amoldando-as e jungindo-as ao intento unionista sob a tiara papal.

Contestar contra a guerra, contra as injustiças sociais, contra a corrida armamentista, contra a fome, contra o racismo, contra a carestia, é muito simpático e rende aplausos.

Contestar contra a imoralidade dos costumes, contra o aborto, contra a hipocrisia da détente, contra a filosofia da sibarita sociedade de consumo, contra a corrupção da Arte, contra o desbragamento das modas, porém, é extremamente antipático e provoca escárnio.

E contestar a mentira religiosa?

Isso, então se constitui em crime de lesa-liberdade de consciência a merecer as mais escusas masmorras do desprezo. Quem apostrofa o erro religioso, supõe-se, cristalizou-se no passado. Está fora de época. É um “quadrado”. Ultrapassado, suas palavras devem ecoar no deserto para não importunar as mútuaslouvaminhações dos engajados sincretistas.

Pregando em certa cidade do País, os evangélicos comprometidos com o contubérnio ecumenista, do lado de fora do templo, clamavam: “Esse pastor precisa morrer!”

A todos contrasteia o meu espírito de rebeldia.

Prefiro estar na companhia de um Elias, “o perturbador de Israel” (1º Reis 18.17). De um Jeremias, “coluna de ferro” (Jeremias 1.18). De um João Batista, contestário da situação (Lucas 3.1-20). De um Paulo Apóstolo, **“o promotor de sedições”** (Atos 24.5).

Prefiro estar com Jesus Cristo, perversor da nação (Lucas 23.2) e rebelde contra os líderes religiosos contemporâneos (Mateus 23.1-39).

Prefiro estar com a Bíblia, Palavra de Deus, única e exclusiva Regra de Fé e Prática religiosas.

Prefiro estar com as pessoas sérias, eretas na sua fidelidade à Bíblia, de têmpera de aço porque não se deixam embodocar às

imposições dos ventos de doutrinas e das fábulas profanas e de velhas (1ª Timóteo 4.7).

Prefiro estar com a Verdade. A Verdade sempre atual porque sobranceira às ondas fugazes das novidades.

Estando com a Verdade não estarei só!

NON SUM SOLUS, SED VERITAS MECUM...

Estando com a Verdade, emparceiro-me com os de conduta retilínea, com os fortes, com Elias, com João Batista, com Jeremias, com Paulo...

Estando com a Verdade, serei fiel a Jesus Cristo, a VERDADE encarnada (João 14.6).

Dentre os indícios da Segunda Vinda de Jesus se distingue o da apostasia **“porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos”** (Mateus 24.24).

O ecumenismo é o movimento, o regime de cambalachos, suscitado com o objetivo de reunir todos os apóstatas e acomodar os desfibrados.

Nenhuma novidade o assinala porque em seu bojo traz como bagagem todo o acervo da dogmática do Vaticano.

Em meu livro O ECUMENISMO, ao estender-me em demonstrar ser o catolicismo romano o mesmo de sempre, provo ser único o ecumenismo, pois, é disparate e resultado de ignorância supor-se a existência de vários movimentos ecumênicos, dentre os quais destacar-se-iam o evangélico e o católico.

Este único ecumenismo insiste em obter por métodos solertes o que a “Santa Inquisição” deixou de alcançar com a violência.

Ele ambiciona fazer valer o pontificado romano como o centro da unidade – *centrum unitatis* – de todos os cristãos.

A hierarquia clerical, a poderosa e aristocrática organização internacional, sempre pleiteou instalar a unidade ecumênica sobre o dogma da preeminência do “papa” (cf. Cardeal Belarmino, marcado pela sua postura de apologista católico em oposição às doutrinas protestantes, in *Bel. Op.*, tomo II, lib. IV, *De Not. Eccle.*, em 1620; Petrus Dens, *Teol. Dog.*, tomo II, pg. 120; *De Not. Eccle., qua dicitur una*, Dublin, 1832).

A Igreja ou há de ser papocêntrica ou não é Igreja. *Facilis et certa ad inveniendam veram Christi Ecclesiam est via primatus.*

UBI PETRUS IBI ECCLESIA!

“Esta é a única Igreja de Cristo que no símbolo confessamos uma, santa, católica, apostólica; que nosso Salvador, depois da Sua Ressurreição, entregou a Pedro para a apascentar (João 15.17)”, proclama SINTONIZADO e SINCRONIZADO com a velha doutrinação o Concílio Ecumênico Vaticano II.

À vista deste escopo da ação ecumenista infere-se, além da oportunidade deste livro, a necessidade e a urgência de ser ele lido, meditado e estudado.

Por ser vívida a experiência e a exegese inamolgável dos textos bíblicos.

No percurso destas páginas discutiremos princípios, oporemos argumentos a argumentos, doutrinas a doutrinas, a fim de realçar, diáfana e límpida, a VERDADE.

Desassombrados dissecaremos, escalpelo da Palavra de Deus em punho, o Tratado *DE ROMANO PONTIFICE*, objetivando reivindicar a integridade da soberania absoluta e exclusiva de JESUS CRISTO.

UBI CHRISTUS IBI ECCLESIA!!!

São Paulo, 8 de dezembro de 1974

Dr. Aníbal Pereira dos Reis

.oOo.

EXPERIÊNCIA AMARGA DE UM PADRE DEVOTO DO “PAPA”

Este ano de 1974 assinala o 25º aniversário de minha ordenação sacerdotal ocorrida em Montes Claros, Estado de Minas Gerais, aos 8 de dezembro de 1949.

Destes 25 anos, 15 e alguns meses dediquei-os ao exercício intransigentemente fiel daquele ministério.

Formado pelo trabalho sedimentário de aluviões doutrinários, ao “papa” submeti-me com toda docilidade – *perinde ac baculus, perinde ac cadáver*.

Servia-o com entusiasmo inexcedível e terníssima devoção.

Com todas as veras d’alma procurei atender ao juramento de fidelidade em sua primazia soberana feito na noite anterior à minha unção sacerdotal assinado com o meu próprio sangue.

Nascido num lar profundamente católico, com o leite materno bebi, a largos sorvos, o amor ao “SANTO PADRE”. Educado na mais estrita observância dos preceitos e princípios daquela religião, incondicionado, submeti-me-lhe por encontrar nele o lastro da hegemonia espiritual da minha “Igreja Católica Apostólica Romana”.

Perduram em meus ouvidos os acentos suaves e ternos da voz da minha avó materna, quando, em sua cantante língua italiana, dizia, ao se referir ao “papa”: “Il dolce Cristo in terra” (o doce Cristo na terra).

A repetir, na minha infância emoldurada das mais ridentes paisagens, aquelas rezas estereotipadas, em sua intenção, sempre rezava pelo menos uma “Ave Maria”.

Com meus confrades marianos, estuante de entusiasmo, cantava o seu hino marcial – “Viva o papa...” – ao desfraldar nas procissões a sua bandeira alvi-ouro, destinada a ser, conforme então sonhava, o único pavilhão do mundo a congregar todos os povos porque deveria haver um só chefe, o “papa”, soberano e monarca supremo de todas as nações e de todas as raças.

Incontido, em arroubos de entusiasmo pronunciava o nome de Pio XI, ao cantar o hino do nosso sodalício: “Mocidade brilhante e sadia...”.

Quando, em 1938, faleceu este pontífice, alma enlutada, enchi-me de mágoa.

Durante os dias de consistório de que sairia eleito o seu sucessor, rezei com fervor e impus-me árduos sacrifícios em proveito dos cardeais conclavistas e do novo sucessor de Pedro.

Explodi em jubilosas manifestações com os meus irmãos congregados marianos quando se noticiou a eleição do cardeal Eugênio Pacelli, o “papa” Pio XII.

Estávamos em vésperas da Segunda Conflagração Mundial e via em Pio XII a *PAX COELLI* – a paz do Céu – para a terra se os homens lhe quisessem ouvir e acatar a voz.

No decurso de minha infância e de minha adolescência, a fé no “santo padre” se acendrava em devoção profunda. E, no decorrer do Seminário católico, também em amor vibrante.

Com enorme expectativa aguardava as notícias sobre a guerra na Itália transmitidas pelo reitor do nosso Seminário, pois era-nos vedado o uso do rádio. Relatou-nos ele, de certa feita, um fato enternecedor. Logo após um bombardeio contra Roma, informou-nos, Pio XII saíra às ruas a levar consolo às multidões espavoridas, senão quando salpicara-lhe a sotaina branca o sangue de um jovem ferido.

Apeado de sua sede gestatória, nivelado entre o povo esmagado de dor, ereto, magro, faces encovadas, braços estendidos, fronte erguida para o alto, batina enodada de sangue, Pio XII, em pleno centro de Roma, a clamar pela paz entre os homens.

PAX COELLI!!! Paz do Céu!!! PACELLI!!!

Fascinado pela personalidade de Pacelli, como lembrança da minha ordenação sacerdotal, distribuí o seu retrato a significar-lhe este amor vibrante e a vassalagem do meu sacerdócio à sua autoridade primacial e ao seu serviço.

A segurança espiritual na certeza de minha salvação eterna constituía-se-me em supremo anseio no sacerdócio.

Conquanto sacerdote muito dedicado e em extremo zeloso, jamais obtive essa paz tão anelada e ansiosamente procurada desde a infância, conforme relato em minha autobiografia ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA!!!

Em maio de 1961, num instante de encruzilhada quando me escurentaram todos os horizontes d’alma, às mãos chegou-me a Bíblia Sagrada.

Leniu-me o coração esmagado a sua leitura. E, na busca de alívio duradouro, em constância diuturna, lia-lhe trechos esparsos, encontrados sobretudo entre os Salmos.

Muitas pessoas leem a Bíblia e se obstinam na incredulidade... Olhos vendados, nela não descobrem o plano de salvação estabelecido por Deus em Jesus Cristo, o único e todo-suficiente Salvador, a comunicar a vida eterna pela instrumentalidade exclusiva da fé nEle.

Tantos outros recalcitrantes em seus enganos religiosos nos textos sagrados buscam justificativas para neles permanecerem.

E outros, almas aflitas, a procurarem em passagens bíblicas consolo para as suas torturas e desilusões...

Da língua original, certo sacerdote traduziu para o nosso vernáculo o NT inteiro. E se emaranhou no tremedal do panteísmo...

O que falta a essa gente?

Falta-lhe disposição de acatar a Soberana Vontade de Deus registrada nas Sagradas Páginas.

Dispensa-se a iluminação do Espírito Santo do Senhor e se supõe encontrar na Bíblia passagens que coonestem e justifiquem enganos religiosos...

Vencida a rudeza daquele sofrimento íntimo, decidi-me prosseguir na leitura da Bíblia. Sempre apreciei a leitura. E lera tantas obras dos clássicos. Por que, então, escusar-me de ler a Bíblia?

Este exercício, porém, de pronto, começou a causar-me espanto pelas dúvidas a levantar em minha consciência. Dúvidas sobre os dogmas da minha religião.

Seguiram-se, então, meses de indizíveis sofrimentos.

Exigiu-me o Senhor doloríssimo processo de conversão.

Quantas dúvidas! Vacilações, incertezas, conflitos em minha pobre alma...

Ao benzer uma imagem... Ao “batizar” uma criança... Ao ungir um enfermo... Ao celebrar missa... Ao distribuir a comunhão... Ao rezar o breviário... Ao promover as novenas do “santos”... Ao dar a bênção do “santíssimo”... Ao desfiar as contas do rosário...

Quantas suspeitas sobre a verdade e a validade de tudo aquilo! Que horror de incertezas!!!

Há sacerdotes que primeiro se afastaram do ministério clerical, tendo em vista contrair núpcias, e depois se converteram. De certo, sofreram.

Reservou-me Deus caminhos mais abrolhosos.

Lia, examinava as Escrituras. Estudava-as. Confrontava textos com textos. Perscrutava. Esquadrinhava versículos. Sondava palavras. Analisava. Investigava. Ansiava pela Verdade!

Armava-me de todo material de idéias e de fórmulas. Axiomas e postulados, teses, interpretações, comentários, consensos patrísticos, frases campanudas e o respeito feiticista pelos ídolos tradicionais.

Ansiava pela Verdade. Queria-a, porém, na estruturação do catolicismo.

Queria verdadeiro o culto de imagens.

A missa? Desejava-a legítima participação ou renovação do sacrifício cruento e vicário de Cristo.

O purgatório? Anelava encontrar nas Escrituras base de sua existência.

Devotíssimo de Maria, valia-me de todos os textos a ela referidos na sofreguidão de encontrar a Verdade sobre a sua co-redenção, a sua mediação universal, o seu poder de advogada nossa.

Queria bíblicamente legítimos todos os sacramentos. Em número de 7, consoante peremptória definição do Concílio Tridentino.

E os “santos”? Até à exaustão, procurei no Livro Sagrado a demonstração apodíctica da legitimidade do seu culto.

Sim, ambicionava com sofreguidão incontida encontrar na Bíblia toda a dogmática católica!!!

E fui procurá-la com ardor insopitável. E sofrimento desesperador!!!

Lia as Sagradas Escrituras. Profligavam elas determinado dogma da minha religião.

Desesperava-me e rasgava o seu volume, atirando os seus pedaços ao fogo. Propunha-me a atender o meu bispo a quem, com sinceridade, recorria e que me recomendava deixasse aquela leitura se não quisesse acabar louco.

Passados dois ou três dias, arrependido, adquiria outro exemplar da Bíblia. Retornava à sua leitura. Assaltava-me a mesma sofreguidão de procurar elementos capazes de justificar minha fé nos dogmas característicos do romanismo.

Frustrado e contraditado pela Palavra de Deus, outra vez estraçalhava o volume da Bíblia e o queimava, como se as chamas pudessem consumir os meus cruéis conflitos.

E assim, no cúmulo da angústia, rasguei e queimei dezoito exemplares da Bíblia.

Recordando-me hoje daquelas horas de torturantes padecimentos, com gratidão, verifico como Deus, em Seus amoráveis desígnios, me perseguiu.

Como Bom Pastor, Jesus encalçou-me até me vencer. Até me vergar. Até me salvar e me dar paz!

Toda a atual dogmática católica romana se alicerça na autoridade papal, transubstanciada pelo Concílio Vaticano II em Novíssimo Testamento.

Torna-se evidente, por conseguinte, que, se alguém deixa, à luz da Bíblia, de aceitar como legítima essa autoridade, rejeitar-lhes-á, outrossim, os ensinamentos e a suposta infalibilidade *ex-cathedra*.

Enraizara-se a fé nessa autoridade em meu íntimo de padre formado pelo trabalho sedimentário de aluviões doutrinários que, exceto a convicção da missa, foi a última a se desmoronar.

Se, de pronto, houvesse no processo de minha conversão desacreditado da primazia jurisdicional do “papa” e de sua infalibilidade, num instante, todo o complexo dos dogmas especificamente romanistas transformar-se-ia em enunciados quiméricos ou devaneios extravagantes.

Se Deus tem um propósito definido para cada servo Seu, acato submissamente tudo o que Ele me reservou.

Rendo-Lhe ainda graças porque assim minha conversão a Jesus Cristo procede das convicções mais íntimas e firmes, sem quaisquer laivos de crença na doutrinação vaticana.

De certo que, por haver sido tão estranhamente devoto do “papa”, o Senhor quis desintoxicar-me por completo e, por isso, exigiu-me estudos sérios, sob o enfoque da Sua Palavra, a respeito do supremo pontificado romano, para me revelar que SÓ O SENHOR É DEUS.

Ao longo deste livro, a Bíblia será a nossa única armadura.

Dissecaremos os textos arrolados pela dogmática romanista em abono de suas pretensões.

E a primordialidade de Jesus Cristo esplenderá translúcida e luminosa!!! Diante dEle, como Isaías, clamaremos: **“NÃO, NÃO HÁ OUTRA ROCHA QUE EU CONHEÇA”** (44.8).

.oOo.

A CARACTERÍSTICA BÁSICA DA IGREJA

Conhecer o adversário é a primeira providência a se tomar antes da refrega.

1)- Em sua eclesiologia, a doutrinação romana logo de começo enuncia a hierarquia da Igreja. Afirma ser ela uma sociedade hierárquica de vez que Cristo prometeu e conferiu aos apóstolos especiais e exclusivos poderes em vista da salvação das almas.

Christus instituit Ecclesiam in societatem hierarchicam, solis apostolis promittendo et conferendo in salutem animarum.

Perpetuar-se-ia essa natureza hierárquica em virtude da transmissão sucessiva da autoridade do Colégio Apostólico aos bispos. *Auctoritas hierarchica apostolorum perpetua erat et ad successores transitura* (D. 960, 966, 967).

“Por esta razão”, ressalta o Concílio Ecumênico Vaticano II, em sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (§ 20), “por esta razão os apóstolos cuidaram de instituir sucessores nesta sociedade hierarquicamente ordenada (...). Constituíram, pois, tais varões e deram-lhes depois a ordenação, a fim de que, quando eles morressem, outros homens íntegros tomassem o seu ministério. Entre aqueles vários ministérios, que desde os primeiros tempos são exercidos na Igreja, conforme atesta a Tradição, o lugar principal é ocupado pelo múnus daqueles que, constituídos no Episcopado, conservam a semente apostólica por sucessão que vem ininterrupta desde o começo (...). Portanto, ensina o Sagrado Sínodo que os Bispos, por instituição divina, sucederam aos Apóstolos como pastores da Igreja...”.

Valemo-nos desta alínea da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* no objetivo de demonstrar a sintonia da ante e da pós-conciliar teologia vaticana também sobre o aspecto hierárquico e, portanto, aristocrático da Igreja.

Todo o NT, contudo, desmonta esse arrazoado. O espírito democrático das Igrejas Neotestamentárias repele a hierofania. Em próximo livro, se Deus nos agraciara com circunstâncias favoráveis, desenvolveremos esse assunto.

2)- Em sendo hierarquizada a Igreja, supõe o Vaticano no resguardo de sua hegemonia espiritual. *Christus instituit Ecclesiam in societatem monarchicam* (D. 1822-1825).

É monárquica a Igreja por ser edificada sobre Pedro, a quem Cristo prometeu e conferiu o primado de jurisdição. Em Pedro reside a

suprema autoridade oficial da Igreja e em suas mãos, o soberano império.

E, ao se mencionar o Concílio Vaticano I, do século XIX, vem à mente de muitos o dogma da infalibilidade pontificia como o mais importante. Este, porém, é uma decorrência, ou resultado, de outro dogma de relevância superior, qual seja, o da primazia suprema e jurisdicional do “papa” na qualidade de sucessor de Pedro. Consoante a doutrina vaticana, o sumo pontífice é infalível por ser o supremo monarca a quem, por isso mesmo, compete, além dos poderes legislativo, judiciário e coercitivo, o magistério.

Segundo o Concílio Vaticano I, a Pedro atribuiu Cristo o primado de jurisdição sobre a Igreja universal.

“Docemus itaque et declaramus, iuxta Evangelii testimonia primatum iurisdictionis in universam Dei Ecclesiam immediate et directe beato Petro Apostolo promissum atque collatum a Christo Domino fuisse” (Constituição Dogmática *Pastor Aeternus* – D. 1822).

E a fulminar a excomunhão aos contraditores: *“Si quis igitur dixerit, beatum Petrum apostolum non esse a Christo Domino constitutum Apostolorum omnium principem et totius Ecclesiae militantis visibile caput; vel eundem honori tantum, non autem verae propriaeque iurisdictionis primatum ab eodem Domino Nostro Jesu Christo directe et immediate accepisse: anathema sit”* (D. 1823).

A contradizer as esperanças de reforma de sua teologia, alimentadas em certas áreas evangélicas sempre predispostas à ingenuidade, o Concílio Ecumênico Vaticano II confirma, ratifica e reafirma o mesmo conceito quanto à natureza monárquica da Igreja. “E para que o próprio Episcopado”, assevera na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, § 18, “fosse uno e indiviso, prepôs aos demais Apóstolos o bem-aventurado Pedro e nele instituiu o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade de fé e comunhão”.

“Mas o Colégio ou o Corpo Episcopal não tem autoridade se nele não se considera incluído, como chefe, o Romano Pontífice, sucessor de Pedro” (id., § 22).

Collegium autem seu Corpus Episcoporum auctoritatem non habet, nisi simul cum Pontífice Romano, successore Petri.

3)- Se Cristo prometeu a Pedro e lhe conferiu o primado de jurisdição sobre toda a Igreja, estabeleceu, outrossim, a perpetuidade deste primado na pessoa dos seus sucessores.

Ora, há no mundo muitas igrejas. Dizem-se todas elas pertencentes a Cristo e a Ele fiéis.

Quais os critérios, porém, para se distinguir entre tantas a legítima? A verdadeira Igreja de Cristo?

Só é a Igreja de Cristo aquela que for hierárquica e monárquica. A que conservar a sucessão ininterrupta dos Apóstolos e o supremo poder jurisdicional nas mãos de um soberano pontífice, sucessor de Pedro, o príncipe dos Apóstolos, é a sentença clerical rotulada como axiomática.

A doutrinação vaticana presume reconhecer pela “*via primatus*” a legítima Igreja de Cristo. *Facilis et certa ad inveniendum veram Christi Ecclesiam est via primatus.*

A Igreja Católica Apostólica Romana é a verdadeira porque o Colégio dos seus Bispos é o sucessor genuíno do Colégio dos Doze e o seu pontífice, o bispo de Roma, é o legítimo sucessor de Pedro.

Ergo iam patet SOLAM ECCLESIAM ROMANO-CATHOLICA ESSE VERAM CHRISTI ECCLESIAM. Nam Vera Christi Ecclesia etiamnunc perdurat et usque ad finem mundi perdurabit, in eaque Petri primatus perpetuetur oportet.

“Este é a única Igreja de Cristo que no símbolo confessamos uma, santa, católica e apostólica; que nosso Salvador depois de Sua Ressurreição entregou a Pedro para apascentar (João 21.17)... Esta Igreja, constituída e organizada neste mundo como uma sociedade, subsiste na Igreja Católica governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele”, lembra a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* - § 8.

Haec est unica Christi Ecclesia, quam in Symbolo unam, sanctam, catholicam et apostolicam profiteamur, quam Salvator noster, post Resurrectionem Suam Petro pascendam tradidit (Jo. 21.17)... Haec Ecclesia, in hoc mundo ut societas constituta et ordinata, subsistit in Ecclesia catholica, a successore Petri et Episcopis in eius communione gubernata.

As outras igrejas desconhecem a constituição hierárquica e repelem a primazia do sucessor de Pedro. Em conseqüência, estão fora do rebanho de Cristo. Não se encontram edificadas sobre o único fundamento estabelecido por Cristo.

Omnes alii coetus christiani non sunt de domo Christi, quia non aedificati super unicum fundamentum a Christo positum; non sequuntur illum, cui Christus commisit totum suum gregem pascendum.

O primado do pontífice romano SÓ POR SI, de conformidade com essa teologia, representa um sinal característico SUFICIENTE para se poder diferenciar a verdadeira Igreja das seitas heréticas e cismáticas. Em consequência, a palavra IGREJA é a designação privativo do romanismo.

Só a Igreja Romana é a verdadeira Igreja de Cristo porque somente ela obedeceu e sempre obedece ao bispo de Roma na qualidade de sucessor de Pedro.

Sola Ecclesia romano-catholica est vera Christi Ecclesia. Sola Ecclesia romano-catholica obedit, ac semper obediat, episcopo romano tamquam Petri successori.

O “papa” é o fundamento da Igreja. É o rochedo a alicerçar a sua indestrutibilidade. Onde ele se encontra, aí está a Igreja. *UBI PETRUS IBI ECCLESIA!!!*

.oOo.

A NATUREZA DA AUTORIDADE PONTIFÍCIA

Toda a estrutura monárquica do catolicismo romano se solidifica na primazia jurisdicional de Pedro, *praecipuum et essencial elementum in constitutione Ecclesiae.*

Pedro a estender-se séculos em fora na pessoa dos seus sucessores, os papas.

Diligenciando conhecer melhor o acervo doutrinário sobre essa primazia, deter-nos-emos a examiná-la em profundidade e extensão.

I

Em se tendo por direito divino – *iure divino* – como sociedade perfeitíssima e MONÁRQUICA, inexequível dispensar-se o supremo primado. *Necesse omnino est ut in ac supremum caput existat, commune centrum unitatis.*

O primado lhe oferece o fundamento sólido.

Primado quer dizer primazia, superioridade, prioridade, proeminência.

Este primado na sociedade por inexistir no espaço, obviamente, recai sobre uma pessoa.

O primeiro entre muitos é o primaz, isto é, desfrui do primado ou prioridade. Goza de superioridade ou primazia.

Distinguem-se três modos de proeminência, pois são tantas as maneiras de primazia quantos são os modos porque alguém possa sobrepor-se aos demais.

1)- O PRIMADO DE HONRA conferido em razão da idade ou de quaisquer méritos pessoais, sem, contudo, implicar em alguma autoridade especial. Alude apenas a uma pré-excelência de honra à qual se outorgam alguns direitos honoríficos, como o de ocupar o primeiro lugar à mesa, o de proclamar uma decisão ou uma notícia em qualquer comunidade.

2)- O PRIMADO DE DIREÇÃO, DE ORDEM OU DE INSPEÇÃO pelo qual se atribui a alguém o direito de dirigir ou manter em ordem algum negócio ou reunião dentro de suas próprias normas. É o caso do presidente das câmaras legislativas e das sociedades comuns. Entre os evangélicos podemos citar o exemplo da Convenção Batista Brasileira, cujo presidente ocupa um primado simplesmente de direção em suas assembleias, sem lhe serem conferidos quaisquer outros poderes.

3)- O PRIMADO DE JURISDIÇÃO pelo qual se colaciona o supremo poder sobre outras pessoas, suas súditas. É uma prerrogativa sobre todos os direitos. É a investidura do soberano poder. A quem dele é investido atribui-se verdadeiro e supremo império, o supremo poder de legiferar, executar, julgar e castigar.

Est igitur praerogativa iurium et potestatis supremae, ita ut qui eo insignitus est verum ac supremum imperium ideoque supremam in legibus ferendis, tuendis ac vindicandis potestatem habeat.

Como máxima autoridade, todos lhe devem sujeição e ele a ninguém se submete. *Est auctoritas, cui omnes subiciuntur, ipsa vero nulli.*

Devem-lhe sujeição irrestrita os seus prepostos, como acontecia com os cônsules e procônsules do Império Romano, todos subservientes a César.

Ao papa, como sucessor de Pedro, toca este primado. O primado de jurisdição. *Beatus Petrus a Christo directe et immediate accepit primatum non solum honoris sed verae propriaeque iurisdictionis in universam Ecclesiam.*

Em consequência, a monarquia do catolicismo é ABSOLUTA. Ao romano pontífice, como plenipotenciário de Cristo, atribui-se não só o supremo poder, mas todo o poder. É ele o ÚNICO reitor SUPREMO. Os bispos são seus delegados, cujas decisões se submetem ao seu critério. “Mas o Colégio ou Corpo Episcopal não tem autoridade se nele não se considera incluído, como chefe, o Romano Pontífice, sucessor de Pedro (...). Mas este poder [o dos bispos] não pode ser exercido senão com o consentimento do Romano Pontífice” (*Lumen Gentium* - § 22), doutrina o catolicismo romano no diapasão de sua fase ante e pré-conciliar.

II

A primazia jurisdicional outorga ao papa, além do primado de honra, a suprema e plena potestade sobre a Igreja espalhada em todo o mundo, em assuntos de fé e costumes, como também nos referentes à disciplina e ao governo eclesiástico.

O c. 218 - § 1 do Código de Direito Canônico estabelece: *R. Pontifex. Beati Petri in primatu successor, habet non solum primatum honoris, sed supremam et plenam potestatem iurisdictionis in universam Ecclesiam tum in rebus quae ad fidem et mores, tum in iis quae ad disciplinam et regimen Ecclesiae per totum orbem diffusae pertinent.*

São cinco as características desta potestade máxima, na conformidade da alínea 2 do cânon acima: *Haec potestas est vere episcopalis, ordinária et immediata tuum in omnes et singulas ecclesias, tuum in omnes et singulos pastores et fideles, a quavis humana auctoritate independens.*

1) EPISCOPAL é o poder supremo do papa e não um mero poder de inspeção ou de direção. Assim como ele rege, na qualidade de seu bispo, a diocese de Roma, ele pastoreia a Igreja universal. Como bispo universal é ele o bispo dos bispos.

2)- ORDINÁRIA porque, em virtude do cargo divinamente instituído, pode exercer a sua potestade SEMPRE e em TODOS OS

LUGARES. Sua autoridade não se exerce apenas em condições extraordinárias, mas sempre e em toda e qualquer circunstância.

3)- IMEDIATA, isto é, abrange o seu poder todos os assuntos eclesiásticos e sobre todo e cada um de per si de seus súditos, bem como sobre toda e cada uma denominada circunstância eclesiástica: diocese ou paróquia.

4)- PLENA porque o pontífice romano POR SI SÓ tem absoluto poder sobre a Igreja, independente da anuência dos bispos ou dos fiéis. Neste caso, nem o Concílio Ecumênico (a reunião de todos os bispos da terra) tem autoridade sobre ele. Aliás, celebrado à sua revelia, é totalmente nulo em todas as suas decisões. O poder de todos os bispos em conjunto com o poder do papa também não é superior à potestade do soberano pontífice exercida sozinha. *Romanus Pontifex superior est concilio generali omnium episcoporum sine ipso, neque inferior est concilio universali cum ipso* (D. 1323).

No fulcro da teologia antiga, o Concílio Vaticano II reitera: “O Romano Pontífice, como sucessor de Pedro, é o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade quer dos Bispos quer da multidão dos fiéis” (*Lumen Gentium* - §23).

E, na alínea anterior, esta Constituição Dogmática sublinha: “O supremo poder que este Colégio [o dos bispos] tem sobre toda a Igreja é exercido de modo solene no Concílio Ecumênico. Não pode haver Concílio Ecumênico que, como tal, não seja aprovado ou pelo menos reconhecido; e é prerrogativa do Romano Pontífice convocar estes Concílios, presidi-los e confirmá-los. O mesmo poder colegial pode ser exercido, junto com o Papa, pelos Bispos dispersos por toda a terra, contanto que o Chefe do Colégio [o papa] os convoque para um ação colegial, ou ao menos aprove ou livremente aceite a ação conjunta dos bispos dispersos de modo que se torne verdadeiro ato colegial”.

5)- É ainda **INDEPENDENTE** de qualquer poder civil ou humano e por este jamais poderá ser cerceado.

Tudo isto por ser ele, como sucessor do pescador galileu, o vigário visível de Cristo invisível. *Romanus Pontifex est visibilis vicarius Christi invisibilis*.

III

1)- Atribuem-se-lhe os seguintes títulos:

a) PONTÍFICE por relacionar, como sacerdote, os homens a Deus. Por ser detentor da suprema jurisdição na Igreja constitui-se em SUMO pontífice. Aliás, é o SUMO ou o SOBERANO porque dele depende todo o sacerdócio sacrificial do NT.

b) VIGÁRIO DE CRISTO por estar no lugar de Cristo, fazendo-Lhe as vezes aqui na terra. Ele não é o vigário de Pedro, como muitos erroneamente dizem. Do apóstolo considera-se sucessor.

c) PAPA por ser PAI da cristandade. O vocábulo PAPA, de início, foi atribuído a todos os bispos, mas, a partir do século V, foi-se restringindo o seu uso ao bispo de Roma até que Gregório VII o encampou com exclusividade.

d) BISPO DA CIDADE DE ROMA, cujo mandato exerce através de um preposto seu, o cardeal vigário.

e) Além desses títulos que implicam poder jurisdicional, há os títulos honoríficos: Patriarca do Ocidente, Primaz da Itália, Metropolita da Província de Roma, dentre outros.

2)- Suas altas funções provenientes de sua preeminência jurisdicional na Igreja facultam-lhe especiais insígnias:

a) A TIARA ou tríplice coroa a simbolizar o seu tríplice poder: magistério, ministério e governo. Ou o seu poder absoluto sobre a Igreja Militante, Purgante e Triunfante, porque ele o exerce na terra, no purgatório e no Céu. A primeira dessas coroas foi feita por Gregório VII à qual Bonifácio VIII acrescentou a segunda e Bento XI, a terceira.

b) O BÁCULO ou cajado de ouro em forma de cruz.

c) O ANEL DE PESCADOR a lembrar a origem petrina de sua soberania.

d) O PÁLIO usado nas funções litúrgicas em sinal de plenitude de sua primazia.

e) A VESTE BRANCA a distingui-lo entre todos os clérigos.

3)- Sua primazia soberana exige submissão absoluta expressa pela ADORAÇÃO, sob tríplice genuflexão em sua presença, pela profunda inclinação, pelo ósculo do seu pé direito e pela precedência sobre todos os reis, príncipes e chefes de Estado, pois dentre todos é ele o primicério.

Eis o soberano pontífice da cristandade, sucessor do humilde Pedro e vigário de Cristo. *UBI PETRUS IBI ECCLESIA!*

Em vez de molho de palhas, em que se aquecera, ao nascer, o Mestre de cuja doutrina ele se arroga fiel depositário, amaciam-lhe o corpo leitos de finíssimo estofado; e, em vez de uma coroa de espinhos, cinge-lhe o crânio sacrossanto um diadema real. A cabana do pescador obscuro de que ele se fez sucessor, desaparece sob a cúpula dourada de palácios suntuosos, com proporções colossais, onde a ociosidade e o prazer campeiam de par com um cerimonial supinamente profano. À pobreza voluntária, ao abandono de todos os bens, ele opõe imensos tesouros acumulados durante longos séculos por meio de extorsões e de um complexo e engenhoso sistema de exploração comercial. *UBI PETRUS IBI ECCLESIA!!!*

Sem Pedro não haveria Igreja...

Igreja, sem o sucessor de Pedro, não é Igreja!!!

A sua presença é o sinal distintivo e característico da verdadeira Igreja de Jesus Cristo!

A tamanhas pretensões e fantasmagóricos sonhos levantaremos embargos intransponíveis a demonstrarem constituir-se toda essa miragem na maior mistificação da História.

.oOo.

ORIGEM DA PRIMAZIA JURISDICCIONAL DO SUMO PONTÍFICE

Afigura-se-nos o capítulo anterior como uma miragem, uma quimera, a esvoaçar pelos espaços inimagináveis.

Apresenta-se-nos o soberano pontífice como um ícaro. A vítima de grandes e inúteis desejos. De sonhos mirabolantes! Enfatado e orgulhoso monarca, julga-se com prerrogativas jamais sonhadas pelos monarcas, os mais autocratas, de carne e osso, como ele.

No meu livro **SERÁ QUE O PAPA ESCRAVIZARÁ OS CRISTÃOS?** rastreio o papado em sua origem e em seu desenvolvimento. Verifiquei

constituir-se em longa trama de contrafações toda a tessitura de sua história.

Inescrupulosa falsificação da História, intrépida em mistificar o presente. Aqui está Pedro, afirmou Paulo VI na própria sede do Concílio Mundial de Igrejas, acatado pelos líderes do ecumenismo protestante ali presentes e de orelhas murchas e sorrisos de basbaque.

No frontispício da eclesiologia vaticana descortina-se solene e altissonante o enunciado: *BEATUS PETRUS A CHRISTO DIRECTE ET IMMEDIATE ACCEPIT PRIMATUM NON SOLUM HONORIS SED VERAE PROPRIAEQUE IURISDICTIONIS IN UNIVERSUM ECCLESIAM.*

Pedro recebeu direta e imediatamente de Cristo o primado, não só de honra, mas de verdadeira e própria jurisdição sobre a Igreja universal.

Pedro transubstancia-se ao passe da mágica varinha em rochedo da indestrutibilidade da Igreja.

Embora proclame a teologia romana serem a Tradição e o Magistério Eclesiástico fontes de Revelação Divina mais completas, mais claras e mais atuais, sempre procura, com intuito de dar feições bíblicas às suas burlas, valer-se das Escrituras, cujos textos, fora do contexto e à revelia da legítima mensagem divina que transmitem, são criminosamente encaixados nas demonstrações de suas teses.

E as provas bíblicas da tese pontificia rotulada como invulnerável?

Ei-las:

1)- Mateus 16.17-19: **“Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas Meu Pai, que está nos céus. Também Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus”.**

É a promessa do primado supremo!

Esse texto é a âncora com que pretende o Vaticano firmar o barco da supremacia do seu soberano pontífice à solidez do Evangelho.

2)- João 21.15-17: **“Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-Me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Ele lhe disse: Apascenta os Meus cordeiros. Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu Me amas? Ele Lhe respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as**

Minhas ovelhas. Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu Me amas? Pedro entristeceu-se por Ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu Me amas? E respondeu-Lhe: Senhor, Tu sabes todas as coisas, Tu sabes que eu Te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as Minhas ovelhas”.

Se em Mateus 16.17-19 ocorreu a promessa, nesta circunstância aconteceu a colação ou a investidura do supremo primado jurisdicional na pessoa de Pedro.

3)- As duas passagens acima provam a tese por demonstrarem haver sido Pedro investido por Cristo no múnus do primado soberano. Confirma-se a tese, outrossim, com as seguintes ocorrências:

a) A mudança do nome de Simão para Pedro - João 1.42: **“Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)”**.

b) Pedro sempre ocupa o primeiro lugar nas listas dos nomes dos apóstolos - Lucas 6.13-16: **“E, quando amanheceu, chamou a Si os Seus discípulos e escolheu doze dentre ele, aos quais deu também o nome de apóstolos: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor”**.

Mateus 10.2 enuncia: **“Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro...”**.

E em Marcos 3.16: **“Eis os doze que designou: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro:...”**.

c) Cristo sempre conferiu a Pedro especiais demonstrações de honra: costumava ficar em sua casa quando permanecia em Cafarnaum (Lucas 4.38); de modo veemente convoca Pedro a ser pescador de homens (Lucas 5.10); em primeiro lugar, na ceia, lava-lhe os pés (João 13.6); com empenho ora por ele a fim de não desfalecer em sua fé (Lucas 22.32); prediz-lhe a especial morte violenta (João 21.18); depois da Sua ressurreição aparece a Pedro sozinho e diante dos companheiros (Lucas 24.34).

d) A atuação de Pedro após a ascensão de Cristo, pois sempre é ele a presidir e a falar em nome de todos: no cenáculo, quando da eleição de Matias (Atos 1.15); no dia de Pentecostes (Atos 2.14); perante as máximas autoridades judaicas (Atos 4.8). É Pedro a fazer o primeiro milagre (Atos 3.6). Sozinho julga e, em nome de todos, pune Ananias e Safira (Atos 5.1-11). Visita e confirma todas as igrejas. É o primeiro a

anunciar o Evangelho aos gentios (Atos 10.1-48). É o primeiro a propor uma definição do Concílio de Jerusalém (Atos 15.7).

Convenhamos: o esforço da sofismática vaticana por amolgar os textos sagrados ao sabor de suas pretensões obteve o êxito colimado numa vasta área religiosa.

A suposta autoridade pontifícia, de tanto ser apregoada, acabou sendo aceita, inclusive por grupos protestantes enfeitados pela ação ecumenista.

O *processus* da supremacia pontifícia é aceito sem discussões.

Munido da Bíblia, a minha clava, investirei contra o arsenal da burlaria vaticana para dismantelar-lhe a estruturação e magnificar a primordialidade de Jesus Cristo, a nossa Rocha Eterna e Indestrutível, o Fundamento Único da Sua Igreja, a congregação dos salvos por terem-no aceito como exclusivo e todo-suficiente Salvador.

.oOo.

TU ES PETRUS ET SUPER HANC PETRAM AEDIFICABO ECCLESIAM MEAM!

De certa feita, num 29 de junho, assinalado pela liturgia romana como a festa de São Pedro e, por isso, o Dia do Papa, fui o pregador de uma soleníssima missa pontifical oficiada pelo nosso arcebispo metropolitano.

Nessas circunstâncias, fazia questão de me preparar muito bem, decorando mesmo longos trechos do sermão, sempre burilado com muito esmero.

Li o texto de Mateus 16.13-19. Li-o pausadamente, destacando os vocábulos mais importantes a serem considerados no discurso. E repeti em latim o verso 18: *ET EGO DIGO TIBI, QUIA TU ES PETRUS ET SUPER HANC PETRAM AEDIFICABO ECCLESIAM MEAM ET PORTAE INFERI NON PRAEVALEBUNT ADVERSUS EAM.*

Ajoelhei-me enquanto o polifônico coral cantou a Ave Maria. Em seguida, abençoado pelo arcebispo, cuja destra, voltada em minha direção, traçara o sinal da cruz, com voz embaraçada pela emoção, comecei a apresentar a peça.

De início, apeguei-me ao esquema preparado em estudo e memorizado. Depois, impulsionado e arrebatado pela vibração, porque o meu amor ao papa explodira em meu íntimo, desencadeou-se o sermão numa torrente formidável a prender a atenção da assistência durante 40 minutos. Nem o governador, ali presente, de tão atento, pestanejava. O arcebispo, sentado em seu trono e rodeado dos seus cônegos, virara-se para o lado da tribuna e, embevecido, seguia o desenrolar da improvisada peça oratória.

O tempo ultrapassara os limites estabelecidos pelo costume.

À minha derradeira frase a catedral reboou com o estrugir de palmas e com o clamor de “viva o papa”.

Ao me aproximar do arcebispo para, de joelhos, beijar-lhe o anel prelatício, a transgredir as normas do cerimonial, abraçou-me e, comovido, afirmou: “Nunca ouvi um sermão assim tão magnífico sobre o papa. Eu me orgulho de você”.

Três meses depois, recebia eu de Pio XII o convite oficial para ser bispo. Recusei-o, apesar da insistência do meu arcebispo favorável à aceitação.

Mateus 16.18-19 é o texto primacial de toda a teologia romana. Mandaram-no, por isso, os papas gravar, em grandes letras de ouro, na cúpula da Basílica de São Pedro.

***TU ES PETRUS ET SUPER HANC PETRAM AEDIFICABO
ECCLESIAM MEAM...***

E, com efeito, toda a dogmática se enraíza na autoridade do soberano pontífice. Deste procedem todas as teses características do catolicismo a distingui-lo do Evangelho e do Cristianismo.

Porque o papa o definiu, a Tradição é recebida como regra de Fé superior à Bíblia, por ser mais atual, mais clara e mais completa.

Porque o papa o proclamou, o batismo salva, tornando filho de Deus o seu sujeito.

Porque o papa resolveu, a missa é a repetição, a renovação do sacrifício de Cristo.

Porque o papa o estabeleceu, Maria é Mãe de Deus, Imaculada Conceição, Co-Redentora, Medianeira, Advogada e Mãe da Igreja.

Definiu-o o papa? Então, há o purgatório.

Estabeleceu o papa? Então, aceitam-se os sufrágios pelos mortos.

Apregoa-as o papa? Admitam-se, portanto, as indulgências.

Ensina-a o papa? Creia-se, pois na intercessão dos santos por ele próprio, infalivelmente, canonizados.

Assim determina o papa? Absolutamente rigoroso e *sub gravi* seja o jejum eucarístico.

Modifica sua opinião o papa? Suavize-se a lei desse jejum.

É da sua pontifícia vontade? Então, destinem-se ao inferno excomungando os favoráveis à própria cremação.

Altera-se o seu ponto de vista? Suspenda-se essa pena.

É ele infalível porque ele próprio o definiu...

O *TU ES PETRUS*... é a origem de todas as aberrações e ilogismos da teologia romana!

Todo este seqüito de dogmas procede do *TU ES PETRUS* deslocado do seu contexto e do teor de toda a Bíblia.

Desmontar, à luz das Sagradas Escrituras, essa base é desmoralizar a grande mistificação cognominada de teologia católica romana.

.oOo.

METÁFORAS NA BÍBLIA

1)- É constante na Bíblia o emprego de símbolos. Deles se recheiam os Evangelhos. Em conseqüência, são convenientes algumas apreciações sobre o assunto.

Deparamo-nos nas Páginas Sagradas com metáforas, alegorias e parábolas.

Jayme de Seguíer (*Dicionário Prático Ilustrado*, Porto, 1947, in loco) define a metáfora: “Figura de retórica, pela qual se transporta a significação própria de um vocábulo para outra significação, que só convém ao mesmo vocábulo por comparação, que se subentende; são metáforas: a *luz* da inteligência, o *gerar* da aragem, a *primavera* da vida”.

E Silveira Bueno (A Arte de Escrever, Edição Saraiva, S. Paulo, 7ª edição, 1949): “É o confronto que se estabelece entre dois termos ou entre dois objetos, fazendo ressaltar as suas relações de igualdade”.

A metáfora, pois, é uma transposição de sentido, por meio da qual se aplica a uma palavra a significação de outra, em virtude de uma comparação implícita e subentendida. Sirvam-nos de exemplos: a *primavera* (dada a sua significação, metaforiza a mocidade), o *leão* (o homem corajoso), a *luz* (a inteligência).

Poupam-nos as metáforas as longas frases explicativas e distendidas comparações construídas com o socorro dos: assim, semelhante a, como, qual, à semelhança de, tal, dir-se-ia, parecendo...

Atendendo-se alguns requisitos (clareza, verdade, naturalidade, originalidade, sublimidade) embelezam o estilo e o enriquecem.

Dentre todos, o Evangelho segundo Lucas é o livro da Bíblia de beleza literária inexcelsível a causar inveja a Camões, Dante Alighieri e outros expoentes da literatura mundial.

Continuada, a metáfora se torna alegoria.

A parábola, outrossim, é a alegoria (a metáfora continuada) a servir de véu a uma verdade, a um ensinamento. Basicamente, portanto, a alegoria e a parábola são metáforas.

2)- A razão deste processo estilístico na Bíblia reside na paralelidade entre a natureza e a graça, ambas procedentes de Deus.

Provenientes de uma só origem (Deus), as semelhanças e analogias entre a natureza e a graça se evidenciam.

Em Oséias 12.10 informa-nos o Senhor que pelo ministério dos profetas proporia símiles. Declara, ainda, no Salmo 78.2: **“Abrirei os lábios em parábolas”**.

Se, pelos profetas propôs símiles e as parábolas iluminaram e enriqueceram os ensinamentos de Jesus Cristo, **“Todas estas coisas”**, noticia-nos Mateus 13.34-35, **“disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia; para que se cumprisse o que foi dito por intermédio do profeta: Abrirei em parábolas a Minha boca; publicarei coisas ocultas desde a criação do mundo”**.

A mensagem de Jesus se destina ao homem de todos os tempos, de todas as condições sociais e de todos os níveis intelectuais. Se a própria pedagogia advoga o ensino por figuras adequadas, procurou o Mestre usar uma linguagem nobre e acessível a todos. Entendendo-o os simples, entendem-no também os letrados.

Jesus, por Quem falou Deus nestes últimos dias (Hebreus 1.1) é o Mestre por excelência. O Divino Pedagogo.

Abundantes nas Sagradas Escrituras as metáforas (alegorias e parábolas) demonstram a semelhança das regras de ambas. Se desejarmos, portanto, compreender a esfera da graça, cumpre-nos conhecer a da natureza.

Torna-se evidente a necessidade de se conhecer o objeto da natureza se se deseja compreender a ideia de Jesus quando Ele Se expressa por esse processo literário.

Por querer o esclarecimento de todos, sempre usou como tipos de Suas metáforas os objetos mais comuns e simples, como a luz, a água, o pão, o fermento, a videira, a pedra.

3)- Em sendo a metáfora um tropo pelo qual se dá a uma pessoa ou coisa uma qualificação que só por analogia se pode admitir, baseia-se a metáfora na semelhança de relações.

Por exemplo, o pão e Cristo são dois seres completamente distintos. Entre eles é total a distinção ontológica. Ocorre, porém, uma semelhança de relações. É a analogia estabelecida na metáfora.

E nesta analogia ou semelhança de relações é que se funda ou se baseia a metáfora.

Em consequência desta analogia ou semelhança de relações, a metáfora será tanto mais perfeita quantos mais forem os pontos de semelhança ou analogia estabelecidos.

Dos dois termos citados, um é real e o outro é figurado. O primeiro constitui o tipo e o segundo, o antítipo.

Ambos são termos necessariamente relativos.

Numa metáfora em que há quatro termos, os típicos estão de tal maneira relacionados entre si que um implica no outro. É o caso, por exemplo, do semeador e a sua semente comparados com o pregador e a palavra.

Na frase: **“Eu sou o pão da vida”** (João 6.48), Jesus Se metaforiza como pão.

O pão tipifica quem? Ou o pão é tipo de que ou de quem?

De Jesus. O pão tipifica Jesus Cristo.

Então, o pão é o tipo de Jesus, antítipo dessa metáfora.

4)- Devem-se, na formação e na compreensão da metáfora, levar em conta duas normas ou regras básicas:

A primeira, a da HOMOGENEIDADE, pois os pontos do tipo e do antítipo precisam ser homogêneos.

A matemática, aliás, nos ensina que não se pode somar e nem subtrair coisas heterogêneas. Essa lei matemática se aplica, outrossim, à metáfora, de cujo desprezo ocorrem enganos de compreensão e erros de formação.

Para se compreender uma metáfora, por conseguinte, necessário se faz referir ou relacionar os termos do tipo ao correspondente antítipo.

A segunda regra básica é a da PROPORCIONALIDADE, isto é, que a semelhança entre os dois membros ou pontos da metáfora não seja absoluta ou igual. Se isto acontece, é forçar a figura ou o tropo.

Entre o pão e Jesus Cristo há analogias, semelhanças. Semelhanças proporcionais. E não absolutas.

Aqueles que não observaram esta norma de proporcionalidade abandonaram o Mestre.

5)- Nas Sagradas Escrituras, bem como em outras obras literárias, surgem numa mesma passagem metáforas incompletas. Os seus elementos estão espalhados em passagens diversas e, para a compreensão da figura, há a necessidade de se reunirem esses elementos na constituição do tipo e do antítipo.

Jesus, em Mateus 13.47, ilustra a Sua mensagem: **“O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie”**.

A metáfora é incompleta porquanto Jesus só se refere à rede lançada e à pesca de peixes de todas as qualidades. O outro elemento da metáfora, o que lança a rede, o pescador, é omitido neste passo. Este ponto aparece em outra passagem: **“Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens”** (Mateus 4.19).

Ao lume de todos os termos ou elementos reunidos compreende-se perfeitamente a metáfora: os pescadores são os ministros do Reino, a rede é a pregação do Evangelho, o mar é o mundo e os peixes são os pecadores.

O descaso consciente ou inconsciente dessas informações e dessas normas sobre o uso da metáfora gera muitos e lamentáveis enganos na compreensão desse processo estilístico. E quando isto surge em relação a certas passagens bíblicas, os prejuízos podem se tornar irreparáveis.

A lembrança desses informes nos munirá de bom-senso no exame das metáforas envolvidas no assunto deste livro.

A teologia romana quer ver nas duas metáforas cujos tipos são PEDRA e CHAVES, contidas na perícopa de Mateus 16.18-19 a promessa do primado de Pedro.

De que é tipo a pedra?

Tipifica Cristo?

Os corifeus papais, no propósito de escorar a supremacia jurisdicional do pontífice romano, afirmam ser Pedro o antítipo da pedra.

Em prol desta interpretação ilógica perante a compreensão e as normas das figuras literárias, os polemistas pontifícios requintaram sofismas e fizeram proezas na escamoteação de textos sagrados.

À vista das sensatas normas de compreensão da metáfora, alegaremos dois óbices à interpretação petrina:

1) Se, porventura, a metáfora fosse incompleta, dever-se-ia recorrer às passagens paralelas ou afins na busca do elemento ausente.

Quem é o antítipo de pedra?

Cristo ou Pedro?

Deixa dúvidas o texto?

A regra do senso comum manda-nos procurar no contexto ou nas passagens afins o elemento carente ou elucidá-lo caso se encontre obscurecido.

Se o elemento PEDRA em outras passagens metaforiza Cristo e jamais Pedro, por que só aqui haveria de tipificar Pedro?

2) A teologia romana reluta no afã de defender a sua tese de que Pedro é a pedra, em buscar elucidação do símbolo na Tradição por considerá-la como Fonte de Revelação mais clara e completa do que a Bíblia e no MAGISTÉRIO ECLESIASTICO, por reputá-lo mais atual.

Ora, os tratados da Tradição e dos documentos do Magistério Eclesiástico são obras literárias totalmente alheias à Bíblia.

Em hipótese alguma será honesto esse recurso. Com efeito, se ao ler os *Lusíadas* de Camões encontrasse eu uma metáfora incompleta ou com um dos seus termos obscuros, tornar-me-ia insensato se quisesse esclarecê-la valendo-me da *Divina Comédia* de Dante Alighieri.

Em resultado do seu esforço, sem ser “divina” como a de Dante, a teologia romana é uma comédia.

Impossível creditar-lhe confiança se se comporta desonestamente para construir uma exegese convincente com a estrutura de sua doutrina.

.oOo.

O FILHO DO HOMEM NAS VISÕES DE DANIEL

O relato de Mateus 16.13-19 é solene!

“Indo Jesus para os lados de Cesareia de Filipe, perguntou a Seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas. Mas vós, continuou Ele, quem dizeis que Eu sou? Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas Meu Pai, que está nos céus. Também Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus”.

Caminhara o grupo em direção norte. Lá onde chegaram as conquistas de Moisés e Josué.

À aproximação elevava-se-lhes diante dos olhos, imponente, o Hermon, o maciço montanhoso que sobreexcede aos demais montes do Antelíbano, em cujo sulsudeste se planta e do qual se separa por extenso e profundo vale. Por vestir-se do branco perene da neve, a evocar a visão de uma cabeça coberta de cãs, chamam-no os árabes de Gebel-el-Seih, o monte do ancião. Situado no meio do território siropalestino, de suas cumeadas postas a 2.759 metros acima do Mediterrâneo, descortina-se extensíssimo panorama: de Tiro até ao Carmelo, do lago de Tiberíades até ao Mar Morto, os montes da Galiléia, a Samaria, as estepes da Transjordânia e a região dos drusos. E em suas entranhas murmuram as nascentes do Rio Jordão.

A seus pés estende-se a cidade de Cesareia de Filipe, o centro do culto pagão ao deus Pã, substituto do anterior culto tributado pelos cananeus a Baal.

Sobre a gigantesca rocha em cujo sopé se escancara medonha gruta, Herodes, o Grande, em honra do deus Pã mandou erigir soberbo templo de fino mármore.

A entrada da caverna tem ressonância de bronze. A posição do vargado em face das colinas fronteiras e a percussão dos sons do interior das galerias tornam extrema a sensibilidade dos ecos. Um grito naquele sítio se repete muitas vezes, como se os gênios das florestas escondidos nos recessos das folhagens respondessem longamente após apelos humanos.

Nesse cenário de expressão trágica dos fragedos esparsos à maneira de ossadas revoltas e da presença do paganismo bárbaro, a contemplar o ingente rochedo, sustentáculo do templo de Pã, ex-abrupto, aos Doze lança Jesus a pergunta: **“Quem diz o povo ser o Filho do Homem?”**

Cesaréia de Filipe lembrava nomes ilustres: Herodes, o Grande, o construtor do templo. Filipe, o tetrarca, o remodelador da cidade. Tibério César, representante do máximo poder. Lembrava o nome de Panéias, originado de Pã, o deus síntese do culto pagão.

À entrada sombria da caverna de Panéias, junto ao grande Hermon, nas proximidades do templo herodiano e não longe de Cesaréia de Filipe, a cidade fundada pelo tetrarca da Gaulonítida, em honra a Caio Tibério, senhor do mundo, que Jesus, detendo-Se, por uma tarde de verão, com os Doze, arremessa-lhes a pergunta: **“Quem diz o povo ser o Filho do Homem?”**

No ar fino, as palavras pronunciadas em tom mais alto se repetiam pelos ecos. Profundo e majestosos silêncio envolvia as florestas e o vargado. E o sol, declinando sobre os contrafortes do Líbano, incendiava as nuvens, colorindo-as de escarlate.

A gruta do deus Pã escancarava suas negras fauces, símbolo material das portas do reino das trevas...

“Quem diz o povo ser o Filho do Homem?”

Filho do Homem porque, como Verbo Tabernaculado na carne, Se tornou Homem.

Por setenta e oito vezes os Evangelhos assim O chamam.

Filho do Homem! A **Quem “foi-Lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas O servissem; o Seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o**

Seu reino jamais será destruído” (Daniel 7.14). Este Filho do Homem, da visão de Daniel, com Quem Jesus a Si próprio e identificou por Lhe pertencer o domínio eterno universal. **“Toda a autoridade Me foi dada no céu e na terra... E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século”** (Mateus 28.18-20).

Filho do Homem incorporado aos santos do Altíssimo, o povo da visão de Daniel. **“O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o Seu reino será reino eterno, e todos os domínios O servirão e Lhe obedecerão”** (Daniel 7.27). Este Filho do Homem, cujos reinos eternos serão dados ao povo dos santos do Altíssimo é o próprio Jesus. **“Quando vier o Filho do Homem na Sua majestade e todos os anjos com Ele, então Se assentará no trono da Sua glória”** (Mateus 25.31). **“O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes”** (Mateus 25.40). **“Digo-vos ainda: Todo aquele que Me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus; mas o que Me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus”** (Lucas 12.8-9).

Filho do Homem da visão de Daniel que, para estabelecer o Seu domínio e vencer o mundo, arrostou todos os sofrimentos e Se coroou com a glória por eles motivada. **“Eu olhava e eis que este chifre fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles, até que veio o Ancião de Dias e fez justiça aos santos do Altíssimo; e veio o tempo em que os santos possuíram o reino”** (Daniel 7.21-22). **“Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos por um tempo, dois tempos e metade de um tempo”** (Daniel 7.25). Este Filho do Homem que tomou para Si tantos sofrimentos é o próprio Jesus, que diz: **“O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens; e estes O matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará”** (Mateus 17.22-23). **“Tomando consigo os doze, disse-lhes Jesus: Eis que subimos para Jerusalém, e vai cumprir-se ali tudo quanto está escrito por intermédio dos profetas, no tocante ao Filho do Homem; pois será Ele entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado e cuspidos; e, depois de O açoitarem, tirar-Lhe-ão a vida; mas, ao terceiro dia, ressuscitará”** (Lucas 18.31-33).

Filho do Homem da visão de Daniel vindo entre nuvens para Se apossar do Seu Reino. **“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem”** (Daniel 7.13). Este Filho do Homem é o próprio Jesus, que assim Se identifica: **“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória”** (Mateus 24.30). Identifica-Se como o Filho do Homem na visão de Daniel perante o sumo sacerdote quando este insistiu: **“Eu Te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se Tu és o Cristo, o Filho de Deus”**, e Ele respondeu: **“Tu o disseste; entretanto, Eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”** (Mateus 26.63-64).

Aos Lhe interrogar se era o Filho de Deus, Jesus responde apresentando-Se como Filho do Homem. Une as duas expressões em Sua Pessoa.

Ao Seus discípulos, ali nas faldas do Monte Hermon interroga: **“Quem diz o povo ser o Filho do Homem?”**. Ao que Simão Pedro, após as observações dos companheiros, disse: **“Tu es o Cristo, o Filho do Deus vivo”**.

Jesus, o Rei de um domínio eterno é o Filho do Homem das visões de Daniel e é o Filho de Deus, de natureza divina consubstancial com a do Pai, por Quem é gerado em eterna geração.

Este Jesus, Filho do Deus vivo e Filho do Homem, estabelecerá o Seu Reino eterno reunindo todos os Seus santos com quem em glória e poder reinará.

O Seu domínio, a partir de Sua morte e de Sua ressurreição, terá a sua preparação com a Igreja, a congregação dos Seus santos, dos salvos, a ser arrebatada na parusia e de noiva transformada em esposa (1^a Tessalonicenses 4.15-17; Apocalipse 21.2-3).

Reconheceu-O Pedro como **“o Filho do Deus vivo”** por inspiração do Alto. **“Bem-aventurado, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelaram, mas Meu Pai, que está nos céus”**.

Proclamara-o no poder do Alto, pois Pedro é insignificante na sua fragilidade humana e reduzido aos acanhados limites de sua humanidade.

Pedro continua esse Pedro. E Jesus é a Pedra, a Rocha monolítica da Sua Igreja. **“Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta PEDRA**

edificarei a Minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”.

A Igreja de Jesus que, nesta Dispensação, congrega os Seus santos, aqueles com os quais estabelecerá o Seu Reino. O Reino do Filho do Homem das visões de Daniel. Filho do Homem este com Ele e por Ele identificado.

O personagem central, o personagem objeto do episódio relatado por Mateus 16.13-19 é Jesus Cristo a Quem cabem o domínio e o Reino e que é a Rocha indefectível da Sua Igreja do Seu povo peregrinante neste mundo.

Na perícopé de Mateus 16.13-19, Jesus Cristo Se distingue como o Filho do Homem predito pelo profeta Daniel, sobre cujos seguidores recairão o domínio e o poder do Seu Reino constituído pelos “santos”, os remidos à custa do Seu sangue, nesta Dispensação, congregados em Sua Igreja, a ser, por Ele, arrebatada na parusia. Distingue-Se, ainda, como a PEDRA dessa Igreja.

Se na expressão FILHO DO HOMEM, Cristo Se apresenta como cumprimento das profecias de Daniel, a metáfora PEDRA O apresenta como o fundamento da Sua Igreja, posta neste mundo a serviço do Reino, do qual é agência.

Ao lume destas realidades apresentadas pela expressão FILHO DO HOMEM e pela metáfora PEDRA, seria incoerência ver neste tropo literário a pessoa de Pedro.

O personagem central é Jesus Cristo – o Filho do Homem e a Pedra – confessado por Pedro como o FILHO DO DEUS VIVO... Por Pedro a quem Cristo dará as *chaves* do Reino dos Céus com a incumbência de, pela pregação do Evangelho, abrir as suas portas...

.oOo.

A PEDRA NA SIMBOLOGIA JUDAICA

Do panorama verde-fosco das oliveiras retorcidas emerge a cumiada do Hermon sempre vestido de neve e a imponente estrutura do marmóreo templo do deus Pã, cuja base é a própria rocha.

A mente de Jesus não se distrai com o fluir, entre bosques de sicômoros e tufos cerrados de palmeiras, do Jordão em rumo sul.

Despegam-se os Seus olhos do horizonte distante, donde sobressai Jerusalém, centro da vida religiosa de Israel.

Sobre a rocha viva ergue-se o templo de Pã...

Sobre A ROCHA INABALÁVEL edificará a Sua Igreja!

A fatura de pedras: a seccionada ou solta (*eben*) e a rocha volumosa e fixa (*sur, sela*) nos limites geográficos do povo hebreu enche a sua arqueologia, a sua história, os seus costumes e a sua literatura.

Encontraríamos, se desejássemos, a “teologia da pedra”.

1)- Na sua remoção consistia o especial cuidado antes de se plantar uma vinha (Isaías 5.2) e no tapar com pedras as fontes d’água e no espalhá-las para danificar os bons campos consistia uma das vinganças contra o inimigo (2º Reis 3.19).

Imprescindível na construção dos muros e fortalezas (Neemias 4.3), dos palácios (1º Reis 7.9) e das casas (Amós 5.11; Levítico 14.45; 1º Reis 6.7).

Assinalavam-se com elas os limites das herdades (Deuteronômio 19.14) e marcavam-se as distâncias dos caminhos (Jeremias 31.21).

De pedra faziam-se vasos (Êxodo 7.19) e, chanfrada, servia na prática da circuncisão (Êxodo 4.24; Josué 5.2-3).

Cerrava-se a boca do poço e das cisternas com as maiores (Gênesis 29.2) e vedava-se a entrada dos sepulcros (João 11.38), muitas vezes cavados na própria rocha (Gênesis 29.2; Mateus 27.60; Marcos 15.46).

Arma de combate, lançavam-nas com catapultas e com fundas (Juízes 20.16; 1º Samuel 17.40; 2º Crônicas 26.15).

As ruidosas iras populares se extravasavam na lapidação dos criminosos (Josué 7.25; João 8.5).

2)- Nesse país de geografia rica de pedras, as manifestações e os instantes religiosos se assinalavam com a pedra.

A pedra-travesseiro, no lugar da visão da escada, ungida com azeite, sob palavras consecratórias: **“E a pedra, que erigi por coluna, será a Casa de Deus”** (Gênesis 28.11, 18-22). E, ao ser-lhe por Deus mudado o nome para Israel, onde o Senhor lhe falara, erige uma coluna

de pedra (Gênesis 35.14). Galeede, o montão de pedras, e a coluna testemunham aliança entre Labão e Jacó (Gênesis 31.44-48).

As grandes vitórias comemoram-se com a ereção de pedras: a passagem triunfante do Jordão (Deuteronômio 27.2-8; Josué 4.1-9, 20) e a vitória sobre os filisteus em Mispa, Ebenézer, a pedra de ajuda porque **“até aqui nos ajudou o Senhor”** (1º Samuel 7.12).

Menos sujeita a impurezas do que o barro e a madeira, dela faziam-se os recipientes para a purificação e as abluções (João 2.6).

Amaldiçoavam-se mortos amontoando-se pedras sobre suas sepulturas (Josué 7.26; 8.29; 2º Samuel 18.17-18).

Em tábuas de pedra escrevera Deus o Seu Decálogo (Êxodo 24.12; Deuteronômio 5.22).

Os nomes das Doze Tribos encontravam-se gravados em duas pedras incrustadas no éfode do sumo sacerdote (Êxodo 28.9).

Um monumento de pedras serviu de testemunho a Deus na terra do Egito (Isaías 19.19-20).

As quatro mesas para o holocausto, no novo Templo, seriam, com medidas estabelecidas, construídas de pedra (Ezequiel 40.42-43).

Impedia a ética tomar **“em penhor as duas mós, nem apenas a de cima, pois se penhoraria, assim, a vida”** (Deuteronômio 24.6).

Prostituíram-se os filhos de Israel com a idolatria dos habitantes de Canaã e não se pejaram de marcar com pedras o seu sincretismo ecumênico (2º Reis 17.10; 23.14).

3)- O próprio Deus, da rocha (*sur*) de Horebe providencia água abundante para o Seu povo sequioso (Êxodo 17.6; Números 20.7-11). Este prodígio da Providência Divina se tornou em motivo de apelo à confiança em Deus (Deuteronômio, 8.15; Salmo 78.15-20; 105.41; 114.8; Isaías 48.21; 1ª Coríntios 10.4).

Porque a rocha é sólida e nela há segurança, metaforiza Deus, a Rocha de Refúgio (2º Samuel 22.2; Salmo 18.2; 27.5; 31.3; 71.3; 95.1; Isaías 17.10; 26.4), a Rocha do Amparo e da Proteção diante dos inimigos (2º Samuel 23.3; Isaías 30.29).

4)- Dada a sua fartura na geografia palestinese e o seu uso na vida do povo, destacou-se, outrossim, na literatura. A Bíblia é a precursora dos poemas modernos sobre a pedra.

Simboliza a inutilidade e a inanidade dos deuses (Jeremias 2.27), a morte e a incapacidade humana de salvação espiritual (Ezequiel 11.19; 36.26).

É figura da opressão e da destruição quando se refere ao **“montão de pedras”** ou ao **“não ficará pedra sobre pedra”** (Jeremias 26.18; Lamentações 3.53; Miquéias 3.12; Isaías 17.11; Marcos 13.2). O extremo da injustiça é denunciado pelas pedras a clamarem (Lucas 19.40). Edificar sobre a pedra é prudência (Mateus 7.24-25). Firmar-se na pedra é lograr fortaleza (Jeremias 5.3; Salmo 40.3; Isaías 50.7). O amontoar pedras para a sepultura denota a leviandade de se construir sobre os bens alheios (2º Samuel 18.17).

Deus gravou a Sua Lei **“não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações”** (2ª Coríntios 3.3).

Embevecia-se Salomão diante de três coisas: **“O caminho da águia no céu, o caminho da cobra na penha, o caminho do navio no meio do mar e o caminho do homem com uma donzela”** (Provérbios 30.19).

5)- No VT encontra-se a figura da pedra que os edificadores rejeitaram e que se tornou cabeça de esquina (Salmo 118.22), figura esta aplicada a Jesus Cristo por Ele próprio (Marcos 12.10), por Pedro (Atos 4.10-12; 1ª Pedro 2.4-8) e por Paulo (Romanos 9.32-33).

A rocha providencial de Horebe de cujas entranhas brotou água, exaltada sobretudo nos Salmos como apelo à confiança em Deus, tipificava a Cristo, segundo Paulo em 1ª Coríntios 10.4: **“E a pedra era Cristo”**.

Da natureza e do cenário das suas regiões, tirou Jesus figuras que O metaforizam: o caminho (João 14.6), a luz (João 8.12), o pastor (João 10.1-16), o pão (João 6.35, 38), a porta das ovelhas (João 10.7), a vida (João 14.6), a videira (João 15.1)... E A PEDRA (Mateus 22.42; Lucas 20.17). **“E sobre esta PEDRA edificarei a Minha Igreja”!!!**

O templo dedicado a Pã, embora erguido sobre uma rocha, fraquejaria aos embates do tempo e desapareceria como todos os seus semelhantes ruíram. A Igreja de Cristo, porque estruturada na ROCHA que é Ele mesmo, jamais se deixará abater sob os vagalhões do inferno.

.oOo.

O TEMPLO, METÁFORA DO

CORPO DE CRISTO

A História do povo hebreu se centraliza no Templo de Jerusalém.

O pensamento de Davi sempre se ocupou de sua construção e em armazenar os materiais necessários e os talentos de prata e ouro (2º Samuel 7.1, 1º Reis 5.3-5; 8.17; 1º Crônicas 22; 28.11-29.9).

Ergueu-o Salomão no Monte Moriá e o dedicou entre solenidades de brilho inextinguível (1º Reis 8).

Saquearam-no e o reduziram a cinzas os caldeus em 587 a. C. (2º Reis 25.8-17) porque o povo o transformara em reduto de Baal.

No desterro babilônico a significação do Templo se tornou decisiva. O profeta Ezequiel, no cativeiro, exalta sua futura restauração arquitetônica e teologiza sua reestrutura cultural. Os profetas Ageu e Zacarias tingem suas páginas com energia semelhante.

Reedificado no reinado de Ciro, dos persas, só conseguiu sua plena exaltação com Herodes, o Grande, o seu último restaurador, já nos albores do NT.

Para Jesus o Templo é uma Realidade crucial. Espiritualizá-lo-á com um novo conteúdo, embora exalte o culto intimista “**em espírito e em verdade**” (João 4.20-24).

Ao tempo dos profetas materializavam a religião atribuindo ao Templo uma garantia absoluta de segurança, apesar dos desmandos morais e espirituais do povo e seus líderes. Esperavam os contemporâneos de Jeremias a salvação definitiva oriunda de maneira mágica do Templo material (Jeremias 7.4).

Tomado de santa cólera, chicote em punho, purifica-o Jesus ao expulsar os mercadores: “**Está escrito: A Minha casa será chamada casa de oração, vós, porém, a transformais em covil de ladrões**” (Mateus 21.12-13).

Mais ainda! Cristo é o próprio Templo!!!

A salvação definitiva jamais procederia do edifício material, mas do Templo, que é o próprio Cristo.

Aquele Templo material, sonho de Davi, construção de Salomão, reedificação de Zorobabel, restauração de Herodes, amor exaltado do povo, aquele Templo material, muitas vezes vilipendiado pela própria herança de Israel, tipificava Cristo.

“**Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei... Ele, porém, se referia ao santuário do Seu corpo**” (João 2.19-22).

João na Nova Jerusalém não viu o Templo, **“porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro”** (Apocalipse 21.22).

Em o NT a imagem da pedra angular e fundamental adquire todo o seu alcance, a sua plenitude no símbolo total: o Templo.

Com efeito, no NT encontram-se três figuras da Igreja: **“Lavoura de Deus”** (1ª Coríntios 3.9), **“Corpo de Cristo”** (Romanos 12.5; Efésios 5.30) e **“Edifício de Deus”** (1ª Coríntios 3.9; 1ª Pedro 2.5; 1ª Timóteo 3.15).

Edifício ou Templo de Deus, a Igreja também é o Corpo de Cristo. São metáforas a nos lembrar quando Jesus falava no Templo do Seu Corpo (João 2.19-22).

À falta de tijolos, hoje conhecidos e usados, naquela época usavam-se outros elementos para a construção das paredes. Nas velhas cidades brasileiras encontram-se prédios feitos com adobe. Na antiguidade, porém, empregava-se comumente a PEDRA. Erguiam-se as paredes em pedras cortadas na forma retangular, como grandes paralelepípedos.

Pedro, em sua Primeira Epístola, compara os crentes em Cristo como **“pedras vivas”**, edificados em casa espiritual sobre Jesus Cristo, **“a pedra principal de esquina, eleita e preciosa”** (2.6).

Se Jesus Se apresenta como Templo e se o NT se utiliza do edifício como metáfora para elucidar o Seu relacionamento com a Igreja, o Seu Corpo, ressalta a urgência do conhecimento dos elementos componentes de um prédio e as suas relações interligantes.

Jesus é o Templo e Corpo. Corpo (a Igreja) composto de muitos membros, dos quais se constitui em Cabeça. A Igreja é o Corpo de Cristo não no sentido de ser Ele o Corpo, mas, em sendo Ele a Sua cabeça, os crentes nEle a formarem os seus muitos membros compondo com Ele (Cabeça) o Corpo.

Jesus Cristo é o Templo, o **“edifício de Deus”**, **“a casa de Deus”**, **“a casa espiritual”**, cujas paredes são edificadas em **“PEDRAS VIVAS”**, os próprios crentes nEle, das quais é Ele o fundamento, a base, a PEDRA.

Todo o edifício, aliás, depende fundamentalmente da base sobre a qual se ergue. Tanto é assim que, quando se racha uma parede, comumente se encontra a causa no alicerce aluído.

A rocha é sempre a base desejável e ideal porque sobre ela podem se assentar, com toda a segurança, os altaneiros prédios. No Rio de Janeiro conheço um grande edifício situado na Rua Benjamin Constant, na Glória, construído sobre a rocha viva. De certo, seus construtores nem se preocuparam com os alicerces por terem-no encontrado pronto a exhibir a máxima solidez.

No versículo 18 da perícopes de Mateus 16.13-19, Jesus Cristo Se apresenta como a Rocha da Sua Igreja – Igreja simbolizada por um edifício, Igreja Seu Corpo. Seu Corpo metaforizado no Templo.

Eis a conclusão lógica e consentânea do simples trabalho de se juntarem os termos ou elementos dessa metáfora. Juntamo-los, aliás, com facilidade, de vez que o próprio Pedro, em sua Primeira Epístola (2.6) ressalta ser Cristo a pedra: **“a pedra principal de esquina, eleita e preciosa”**.

Paulo, outrossim, no contexto da imagem: Igreja – Edifício, lembra a postura dos apóstolos e dos profetas. Os **“concidadãos dos santos”** – as **“pedras vivas”** – são **“EDIFICADOS sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Ele mesmo, Cristo Jesus, a PEDRA ANGULAR; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo EDIFICADOS para habitação no Espírito”** (Efésios 2.20-22).

Paulo une na estruturação do EDIFÍCIO – TEMPLO SANTO – as três imagens que o compõem.

.oOo.

EXEGESE LITERAL DE MATEUS 16.18

Enraizava-se toda a minha fé católica no *“Tu es Petrus et super hanc petram aedificabo Ecclesiam Meam et portae inferi non praevallebunt adversus eam”*.

O seu significado transcendente, também para mim, era a promessa da investidura de Pedro ao máximo cargo de supremo pontífice da Igreja como sua pedra fundamental.

Em maio de 1961, passei a ler a Bíblia com o propósito de nela encontrar lenitivo íntimo naquela hora de indizível sofrimento.

Reconfortava-me o convite de Jesus: **“Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve”** (Mateus 11.28-30).

Prostrava-me, então, diante de uma Sua imagem tentando ir a Jesus através dela. Reclinava minha frente em Seus pés. Encostava-me, à semelhança de João, em seu peito para sentir o pulsar do coração de Cristo.

Deitado, nas intermináveis noites de insônia, concentrava meu pensamento na figura daquela imagem, procurando sentir a presença do Redentor.

Essas palavras de Jesus gravaram-se em meu coração. E o Espírito do Senhor movia-me a perguntar-me a mim próprio: E qual é o jugo de Jesus?

O jugo e o fardo do sacerdócio pesavam sobremaneira. No sacerdócio católico faltava-me paz. E tornara-me padre para obter salvação eterna...

O jugo de Jesus, porém, é suave... E o Seu fardo é leve....

Onde encontrá-los?

O Espírito do Senhor, ainda, impelia-me a procurá-los na Bíblia.

E à luz da Bíblia, a Palavra de Deus, íntimo anavaldado pelos conflitos interiores, os dogmas da minha religião, dentro de minha alma, foram se esfacelando um a um.

Virei, revirei e trevirei os compêndios de dogmática sob o enfoque das Sagradas Escrituras na busca ansiosa de interpretação convinável com os textos bíblicos denunciadores dos enganos da minha crença.

Se logo de início houvesse me dissuadido da legitimidade da autoridade papal escudada em Mateus 16.18, o processo de minha conversão teria sido mais curto.

Quando entro num supermercado e me deparo com aquelas enormes pilhas de latas de ervilhas, de extrato de tomate ou de doces, quais colunas a quase atingirem o teto, lembro-me do meu drama espiritual daqueles meses de confronto dos dogmas romanos com a Palavra de Deus. E penso: se se retirar uma lata da base, num instante, desmontar-se-á toda a coluna multicolorida. E se começar a retirar de cima uma a uma demora-se muito mais.

Se tivesse removido de minhas convicções vaticanas a crença na autoridade do papa, como sucessor de Pedro, instantaneamente desmontar-se-ia aquela estrutura toda.

O último dogma a ser removido de minha fé católica, exceto o da Missa, porém, foi essa da soberania jurisdicional do pontífice, tão incrustado se achava.

O versículo mateano exigiu-me acurados estudos durante aqueles meses de atroz conflito íntimo.

Assustara-me constatar a presença constante do uso da pedra na Bíblia e a sua tipologia e tropologia. Assustara-me ao notar ser no VT a pedra um símbolo de Deus e no NT, de Jesus Cristo.

Tentei, então, desfazer esse susto com o estudo detido, metuculoso, acurado de Mateus 16.18.

Decorei, de tanto repeti-la, a nota explicativa em rodapé da “Concordância dos Santos Evangelhos” (Editora Ave Maria, S. Paulo, 1940), de D. Duarte Leopoldo e Silva, que condensa as explanações dos tratados teológicos sobre o assunto: “A primazia de S. Pedro é aqui estabelecida do modo mais indiscutível; ele é a *pedra* sobre quem assenta todo o edificio da Igreja. Como num edificio não podem subsistir as diversas partes que o compõem sem que descansam sobre os fundamentos, assim na Igreja tudo depende de Pedro e repousa sobre ele, como um edificio sobre a rocha que lhe serve de fundamento”.

O Espírito Santo, porém, continuava a me dirigir. A leitura das explanações dos volumosos compêndios de teologia dogmática, por mais que me empenhasse, não desanuviava de minha mente as sérias e numerosas interrogações.

Na busca de uma exegese literal capaz de tranquilizar minha fé conturbada, então recorri ao texto grego, a língua original do NT.

Confesso sinceramente: tentei acionar todos os dispositivos da sofismática vaticana para reivindicar a sustentação de minha fidelidade ao papa, o sucessor de Pedro, a quem Jesus havia constituído pedra da Sua Igreja.

À falta de material gráfico em grego, no desejo de apresentar os resultados obtidos com aquela exegese literal, valer-me-ei de nossas letras na transcrição do texto registrado em Mateus 16.16-18: *APOKRITHEIS DE SIMON PETROS EIPEN SU EI O CHRISTOS O UIOS TOU THEOU TOU ZONTOS. APOKRITHEIS DE O IESOUS EIPEN AUTO MAKARIOS EI, SIMON BARIONA, OTI SARES KAI AIMA OUK APEKALUPSEN SOI ALL’O PATER MOU O EN TOIS, OURANOIS. KAGO DE*

SOI LEGO OTI SU EI PETROS, KAI EPI TAUTE TE PETRA OIKODOMESOMOU TEN EKKLESIAN, KAI PULAI AIDOU OU KATISCHUSOUSIN AUTES.

1)- Surpreso, notei, ao longo do NT, que o nome do apóstolo da Galiléia, *PETROS*, geralmente aparece determinado pelo artigo. E no v. 18, desta perícopa, o artigo está ausente. É muito relevante este pormenor. O artigo enfatiza.

Observei também, neste v. 18, que o artigo *TÊ*, a preceder o vocábulo *PETRA*, coloca-o em destaque diante do vocábulo *CHRISTOS*. De acordo com a índole do idioma grego, no caso, *TÊ PETRA* é o paralelo uniforme gramatical de *O CHRISTOS*. Revela, pois, que *TÊ PETRA* simboliza, significa, metaforiza *O CHRISTOS*.

2)- Esta minha constatação se confirmou mais ainda ao encontrar sempre o nome *PETROS* aplicado exclusivamente a Simão Barjonas, e o vocábulo *PETRA* sempre referido a Cristo no NT.

Embora entre os dois termos haja semelhança morfológica, por serem cognatos, o *usus loquendi* estabelece notáveis distinções semasiológicas na aplicação dos termos de significação semelhante.

É o caso de *PETROS* e *PETRA*. No grego, *PETRA* não é simplesmente o feminino de *PETROS*, a significar, portanto, a mesma coisa. Distingue-os o *usus loquendi* como termos diversos para nomear objetos bem diferentes.

Consultando-se a *Concordância da Bíblia*, de Strong, verifica-se que Jesus usou nesta passagem duas palavras relacionadas, semelhantes, mas de significado distintamente diferente: *PETROS*, nome próprio do gênero masculino, que significa um pedaço da rocha, e *PETRA*, substantivo comum do gênero feminino, que expressa a rocha sobre a qual edificaria a Sua Igreja.

Essa distinção também a faz o conceituado dicionário de Liddel and Scott (*An Intermediate Greek-English Lexicon* — American Book Company, seventh edition) que dá ao vocábulo *PETRA* o significado de rocha fixa, maciça, recife, rochedo, penhasco etc., e ao nome *PETROS* o sentido de pedra solta, distinta da *PETRA*. E elucida: “Não há exemplo nos bons autores do emprego de *PETRA* no sentido de *PETROS*, isto é, um seixo...”.

John Groves, em seu dicionário, apresenta idêntica diferença semasiológica: “*PETROS*: uma pedra, pedaço de pedra, fragmento da rocha”; “*PETRA*: uma rocha, grande pedra, uma massa de pedra”.

Homero, em sua *Ilíada* (Cânt. VII, 263-266 e Cânt. XVI, 733-739; 770-776) emprega *PETROS* no significado de pedras pequenas, avulsas,

soltas, usadas pelos guerreiros. No Cânt. XVI, 733-739, aliás, relata que “... Pátroclo, ao vê-lo, do carro saltou para o chão ... e colhendo com a destra uma pedra branca pontiaguda, que mal lhe cabia na mão vigorosa, após firmar-se, jogou-a ... o projétil bateu no cocheiro do ínclito Heitor... na testa O atingiu o anguloso projétil...”.

Se Homero, nestas passagens da *Iliada* emprega o vocábulo *PETROS* no sentido de seixo, em sua *Odisséia* (V, 443, por exemplo) emprega *PETRA* com o significado de rocha, ao mencionar um “porto limpo de rochedos”, usa o termo *PETRA*.

Liddel and R. Scott, em seu *Greek English Lexicon*, observam: “Não há um só autor grego de boa nota que haja empregado a palavra *PETRA* no sentido de *PETROS*”.

Em seu *Dicionário Grego-Português* (Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1941), Rudolf Bolting informa-nos sobre a prática, entre os gregos, de um combate chamado *Petrolómenos* (*petro* = pedra e *pólemos* = combate) em que os litigantes se combatiam, atirando-se mutuamente pedras.

Liddel and Scott, em sua obra antes referida, mencionam o *Petrobólos* (*petra* = pedra e *bolos* = atirar, arremessar) que era uma máquina de atirar, arremessar, pedras. Seria uma espécie de canhão em lugar deste, ainda oculto na maldade dos homens sempre prontos a esmagar o rival.

O Dicionário *Manual Griego-Latino-Espanhol de los Padres Escolapios* (Buenos Aires, Editorial Albatros, 1943) diz que os romanos traduziram para o latim o nome *Petrobolos* como “*machina qua saxum emittitur*” (uma máquina com que se arremessam seixos). Assemelhava-se à balista ou catapulta dos romanos.

Conclui-se, por conseguinte, que o vocábulo *PETROS* era empregado entre os gregos com o mesmo significado da palavra latina *saxum* (seixo) entre os romanos. Com efeito, os gregos usavam a *petrobólos* para atirar *PETROS* e os romanos a catapulta ou a balista para arremessar *saxum*.

Em nossa própria língua portuguesa observam-se essas distinções semasiológicas no uso dos vocábulos e, por isso, ninguém diz haver incrustado em seu anel uma rocha de diamante.

3)- Na versão grega do VT de Áquila, o vocábulo *PETRA* é encontrado com o sentido de rocha: a *rocha* em Horebe (Êxodo 17.6); a *penha* onde Moisés contemplou a glória divina (Êxodo 33.22); a *penha* da revelação a Gideão (Juízes 6.21); a *rocha* de Etã (Juízes 15.11); a

penha de Rimom (Juízes 21.13). E *PETROS*, no VT, tem também a significação de seixo, pedra solta, como em Êxodo 4.25 quando se refere ao seixo com que Zípora circuncidou o filho de Moisés.

Em ambos os Testamentos, *PETRA* é um dos nomes-símbolos prediletos de Jeová e de Jesus (2º Samuel 22.2; 1ª Coríntios 10:4, 1ª Pedro 2.8, etc).

Se o vocábulo *LITHOS* (pedra) é usado nos dois sentidos, pois que também é empregado a respeito do Messias (Salmo 118.22, citado por Pedro a respeito de Cristo em Atos 4.11), e é usado ainda em relação a Jesus Cristo (Mateus 21.42; Marcos 12.10; Lucas 20.17; Romanos 9.32,33; 1ª Pedro 2.6), o termo *PETRA* jamais é usado com referência a homem algum. E não haveria de ser empregado uma única vez e exatamente em Mateus 16.18.

Se no v. 18 de Mateus 16 houvesse Jesus dito: *SU EI PETROS, KAI EPI TON LITHON TOUTON OIKODOMESO MOU TEN EKKLESIAN*, naquela circunstância de conflito íntimo, teria eu me firmado mais e mais em minha crença na primazia jurisdicional de Pedro sobre os demais apóstolos por tê-lo constituído Jesus a rocha da Igreja.

Ao conferir a Simão, irmão de André, o nome próprio *PETROS*, Jesus jamais objetivou outorgar-lhe o título histórico de Jeová (*PETRA*), porquanto Pedro é *PETROS* (um seixo, um fragmento da pedreira).

4- O texto grego de Mateus exprimiu o pensamento de Cristo por meio de duas palavras cognatas, semelhantes na forma, mas com significados claramente distintos, porquanto cada um demonstra um sentido particular com aplicação própria.

O irmão de André é Pedro (*PETROS*), um seixo, uma parte solta da rocha, um fragmento. Cristo, sim, é a PEDRA (*PETRA*), a rocha inabalável, fundamental. Pedro participa do fundamento como os demais apóstolos e os profetas (Efésios 2.20).

Em meu raciocínio evidenciou-se a conclusão insofismável: se Mateus, inspirado, ao expressar o pensamento do Divino Fundador da Igreja, não quisesse fazer a distinção entre *PETROS* e *PETRA*, por que não disse logo: Tu és PEDRA e sobre esta PEDRA...?

Se, inspirado, usou os dois vocábulos carregados de notável distinção semasiológica no *usus loquendi*, é mister respeitar-se essa distinção em nome da fidelidade à Palavra de Cristo.

Acresce, outrossim, uma observação importante: se se dá em vernáculo o sentido de um nome próprio de língua diferente, não se faz por outro nome próprio. O nome próprio hebraico “Hamã” significa

“fortaleza” e se entende por este vocábulo, substantivo comum, uma fortaleza e não o nome próprio Fortaleza, capital do Ceará. João (1.42), ao dar no vernáculo grego o significado do nome hebraico, Kephias, não o fez usando o nome próprio *PETRA* = PEDRA ou ROCHA, mas o substantivo comum *PETROS*, seixo, fragmento da rocha, pois, como já verificamos, é este o significado do nome Pedro.

5)- É evidente a distinção na mente mateana grega entre *PETROS*, sobrenome dado ao apóstolo, e *PETRA*, a rocha, sobre a qual edificar-se-ia a Igreja.

O texto grego segue a índole desta língua e, por isso, assim se expressa: *EPI TAUTE TE PETRA* (sobre esta pedra).

Após haver dito: *SU EI PETROS* (tu és Pedro) não diz: *EPI TOUTO TO PETRO* (sobre este Pedro).

Se o texto acata esta distinção feita também pela literatura profana e, em consequência, emprega palavras diferentes, por que nós a rejeitaríamos?

Jesus faz clara e patente a diferença entre as duas palavras. Ao chamar o apóstolo serve-se do nome masculino *PETROS* (seixo, pedra solta) e, para significar a base de Sua Igreja, edificada sobre a estabilidade diante dos vendavais do Mal, utiliza-se do vocábulo feminino *PETRA* que quer dizer rochedo, rocha, cordilheira.

A obviedade do assunto se confirma ao longo do NT, constante em identificar Cristo com a *PETRA*, a rocha inabalável.

Aliás, noutra passagem das Escrituras, em João 1.42, encontra-se declarada esta diferença, quando Jesus asseverou: **“Tu serás chamado Kephias”**.

Em aramaico, em vista da pobreza do idioma falado por Jesus, *Kephias* quer dizer Pedra. A fim de revelar com clareza o pensamento de Jesus, que queria exprimir aquela diferença entre *PETRA* e *PETROS*, o autor INSPIRADO, João, acode: **“que quer dizer Pedro (PETROS)”**.

Se inexistente esta diferença, o texto joânico, de certo, simplesmente ter-se-ia silenciado. Se o autor INSPIRADO do quarto Evangelho faz a distinção, por que rejeitá-la? Só para se acatar as pretensões de uma teologia destinada a endeusar um homem?

João faz a distinção ao esclarecer que aí no caso, Kephias ou Cefas quer dizer *PETROS* (PEDRO) e não *PETRA* (PEDRA), porque *PETRA* é só Jesus Cristo, a única rocha, o indestrutível fundamento capaz de sustentar a Igreja com a qual, prometeu, estaria até ao fim do mundo.

6)- Se pretendesse Jesus, de acordo com a teologia romana, fazer de Pedro a pedra fundamental de Sua Igreja, teria empregado uma linguagem inequívoca para deixar, perfeitamente informados, os Seus discípulos, habituados, como judeus, a identificar a *PETRA* com Deus e Seu Cristo.

Ao invés da distinção clara, que se encontra no versículo grego entre *PETROS* (Pedro) e *PETRA* (Pedra), poderia ter feito como alguns teólogos vaticanos, ardorosos corifeus do papa, na sua obtusão mental, fazem: “Tu és a pedra”, ou “Tu és Pedro e sobre ti edificarei .. .”, ou ainda “Tu és Pedro e sobre este Pedro edificarei a Minha Igreja”.

Então, no grego mateano, nós leríamos: *KAGO DE SOL LEGO OTI SU EI PETROS KAI EPI SOI OIKODOMESO MOU TEN EKKLESIAN* ou *KAGO DE SOI LEGO OTI SU EI PETROS, KAI EPI TOUTO TO PETRO OIKODOMESO MOU TEN EKKLESIAN*.

Apesar de haver afanosamente procurado, jamais encontrei um texto grego que de alguma dessas maneiras apresentasse o versículo 18 de Mateus 16.

É lógica a impossibilidade desse achado! A simples semelhança morfológica entre os vocábulos *PETROS* (Pedro) e *PETRA* (Pedra) não pode autorizar a substituição de um pelo outro. Foi assim, aliás, que João entendeu ao nos apresentar em grego a significação do termo *Kephas*, “**que quer dizer Pedro**” (1.42) e não pedra ou rocha.

7)- Pedro, o protagonista envolvido pela sofismática vaticana, enfim, com a sua autoridade infalível de autor INSPIRADO, sem, contudo, postular a infalibilidade dos moldes *ex-cathedra*, decide o assunto obstaculizando em definitivo as pretensões do papa, que se julga instalado acima de toda craveira humana, ao afirmar sem ambages: “**Chegando-vos para Ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo. Pois isso está na Escritura: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; e quem nela crer não será, de modo algum, envergonhado. Para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade; mas, para os descrentes, a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular e: Pedra de tropeço e rocha de ofensa. São os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram posto**” (1ª Pedro 2.4-8).

Pedro, apóstolo de Jesus Cristo (1ª Pedro 1.1) – se se considerasse revestido do múnus de sumo pontífice a si atribuído pela dogmática romana o teria mencionado – é peremptório. Categórico. Definitivo!

Perante suas declarações, seria ilícito atribuir-lhe o encargo de PEDRA fundamental da Igreja e, caso o fizéssemos, incorreríamos no perigo de tropeçar na palavra.

A definição infalível de Pedro, o apóstolo e autor DIVINAMENTE INSPIRADO desse documento, valoriza, outrossim, o silêncio dos sinóticos Marcos e Lucas que, ao registrarem o mesmo episódio, mencionam só a proclamação de Pedro, omitindo qualquer promessa feita a este apóstolo.

.oOo.

NO FRAGOR DA BATALHA

Sentia soçobrar minha fé vaticana ao embate da lógica bíblica. Disposto a pôr-me sob a sanção das reprimendas do meu bispo, fui procurá-lo. Resvalava à indignância a sua exortação trecheia de observações sobre a sua tarefa específica de construir a Basílica da Senhora Aparecida onerada com as tomadas de preços, as disputas sobre mão-de-obra e o susto diante da alta em aspiral do custo dos materiais.

– “Deixe de ler a Bíblia se não quiser acabar num manicômio” –, concluiu, com um gesto de desdém, S. Excia., como uma sentença inapelável.

Como retornar ao assunto com o meu bispo?

Bati às portas dos conventos a mendigar das freiras suas rezas e seus sacrifícios em favor de minha fé bruxuleante.

Desaparecera o sono dos meus olhos, circundados de profundas olheiras. Em minha cabeça, pensamentos confusos se entrechocavam a noite toda. Os rápidos momentos de sono leve povoavam-se de terríveis pesadelos.

Compulsava, lia, relia o Tratado *DE ROMANO PONTIFICE* desenvolvido em meus compêndios de Teologia Dogmática. A todo

custo, almejava tranquilizar-me e permanecer submisso à autoridade primacial do papa.

Transformei em reza o cânon 218 § 1 do Código de Direito Canônico. De tanto repeti-lo, decorei-o: “*Romanus Pontifex, Beati Petri in primatu successor, habet non solum primatum honoris, sed supremam et plenam potestatem iurisdictionis in universam Ecclesiam tum in rebus quae ad fidem et mores, tum in iis quae ad disciplinam et regimen Ecclesiae per totum orbem diffusae pertinet*” (O Romano Pontífice, sucessor de São Pedro no primado, tem não só o primado de honra, mas a suprema e plena potestade de jurisdição em toda a Igreja tanto nas coisas pertinentes à fé e costumes, como naquelas pertinentes à disciplina e ao governo da Igreja espalhada por todo o mundo).

Viciado pela própria formação clerical em tergiversar diante dos sólidos argumentos da Bíblia, recorria a solércias dialéticas na ânsia de escorar minha fé titubeante.

I

Despertou minha atenção o demonstrativo *TAUTE* (esta), presente no mateano versículo 18. Pressenti nele uma saída daquela depressão espiritual provocada pelas conclusões da análise exegética desenvolvida no capítulo anterior.

Dispensa-se a diversidade de significados entre duas palavras cognatas, quando empregadas numa mesma frase, referindo-se uma à outra por um demonstrativo enfático. Os vocábulos *PETRA* e *PETROS*, cognatos, poderiam ter o mesmo sentido, a mesma significação, porque, entre si relacionados com o demonstrativo *TAUTE*. Então, conclui, PEDRO é a PEDRA da Igreja.

TAUTE trouxera-me um alívio momentâneo. Naquela conjuntura, talvez pelo cansaço físico e mental, este sofisma me facilitou dormir umas três noites, ao embalo da miragem pontificia. Se, na oportunidade, qualquer síncope houvesse me alheado de tudo deixaria-me na segurança desse raciocínio.

Fugaz lenitivo!

Um argumento de clareza Adamantina, contudo, destroçou a minha exegese de *TAUTE*.

O demonstrativo *TAUTE* encontra-se no feminino, ligando-se, portanto, gramatical e logicamente à palavra feminina *PETRA* (pedra) à qual imediatamente antecede. Impossível, também gramaticalmente

considerando-se, relacionar-se um demonstrativo feminino com um vocábulo masculino, pois deve prevalecer a concordância de número e de gênero. *PETROS* (Pedro) é nome masculino e *PETRA* (feminino), portanto, não tem relação com aquele.

Esta observação de ordem gramatical é consentânea com o ensino do texto mateano, porquanto o demonstrativo enfático *TAUTE* (esta) só pode se referir à *PETRA* (pedra) proclamada por Pedro, isto é, **“o Filho de Deus Vivo”**, único capaz, por Sua própria Natureza, de sobrepujar as investidas do inferno, sendo Ele também a **“PEDRA VIVA”**, na observação de Pedro, **“rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa”** (1ª Pedro 2.4).

II

A crença na autoridade pontifícia cristalizara-se em minha alma num longo processo de sedimentação. Jamais deixar-se-ia render sem me exigir proezas de escamoteação do texto sacro, seguidas de retumbantes derrotas diante da evidência da Verdade.

Pôs-se de fora outra vez a cabeça da hidra papal alegando que, se Cristo fosse o antítipo da *PETRA* (Pedra) do registro de Mateus 16.18, não teria Ele usado aí a terceira pessoa: **“e sobre esta Pedra...”**.

Esta nova investida da burlaria vaticana, porém, exigiu-me pouco esforço para superá-la com duas marteladas:

1ª)- Com efeito, à luz da períclope de Mateus 16.13-19, Jesus fez duas solenes perguntas aos Seus discípulos. Visava uma saber o que o povo pensava, dizia, dEle, respondida, aliás, por todos os apóstolos: **“Uns João Batista, outros Elias, e outros Jeremias ou um dos profetas”** (v. 14). Com a segunda pergunta, todavia, objetivava Jesus saber o que os Seus discípulos dEle pensavam: **“E vós, quem dizeis que Eu sou?”** (v. 15).

Não se tratava de um diálogo particular entre Jesus e Pedro. Mas, em uma dinâmica de grupo, pretendia o Senhor levar os Doze à compreensão de Quem era Ele e do sentido espiritual de Sua vinda ao mundo.

Pedro, extrovertido, adiantou-se e, em nome dos outros, representando pois os colegas, proclamou: **“Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo”** (v. 16).

Examinando-se gramaticalmente o relato, nota-se ser Cristo a pessoa que falava, Pedro era a pessoa com quem Cristo falava, e o Filho do Homem a pessoa de Quem se falava.

O demonstrativo *TAUTE* (esta), antecedente à *PETRA* (pedra - **“esta pedra”** (v. 18) - refere-se à pessoa de quem se fala, isto é, à pessoa da qual Cristo e Pedro falavam. A terceira pessoa gramatical.

A resposta de Pedro: **“Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo”** foi diretamente inspirada por Deus. E esse Cristo, nas Sagradas Escrituras, é figurado, representado, simbolizado pela rocha, a pedra inamovível.

Jesus felicitou - **“Bem-aventurado”** - a Pedro pela proclamação inspirada de seus lábios e afirmou: **“Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja”**.

Tomando a Bíblia num TODO, podemos dizer, parafraseando a assertiva do Redentor: Tu és Pedro, um seixo, uma pedra solta, e sobre esta pedra inamovível, esta Rocha inabalável (o Filho de Deus Vivo), que tu, inspirado por Meu Pai, afirmaste que Eu sou, edificarei a Minha Igreja.

Cristo, evidentemente, prometia edificar a Sua Igreja sobre Si próprio.

Esta afirmação de Jesus, aliás, segundo o teor da Bíblia, se sintoniza com Efésios 2.20: **“Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina”**.

Se o Redentor tencionasse, na conformidade com a sofistaria pontifícia, edificar sobre Pedro a Sua Igreja - o que seria discordante de todo o espírito da Bíblia -, se tencionasse Ele edificar a Sua Igreja sobre Pedro, teria dito: Tu és Pedro e sobre ti (*EPI SOI*) edificarei a Minha Igreja. O demonstrativo grego *TAUTE* (esta), porém, revela estar Jesus Cristo Se referindo ao conteúdo da resposta de Pedro: ao Filho de Deus Vivo, rocha inabalável, **“principal pedra de esquina”**.

2ª)- O meu sofisma de que se Cristo fosse a Pedra em Sua afirmação registrada por Mateus 16.18 não poderia ter usado a terceira pessoa, como fez, foi pulverizado com a própria palavra de Cristo.

Nas páginas novotestamentárias encontramos várias vezes a Se apresentar em terceira pessoa. **“Derribai ESTE templo, e em três dias o levantarei”** (João 2.19).

Os judeus daquele tempo, ao ouvirem esta declaração de Jesus Cristo, tomaram-na, como fazem hoje os teólogos romanistas, ao pé da

letra. E nesta interpretação estribadas, duas testemunhas O acusaram perante o sinédrio jerosolimitano: **“Este disse: Posso destruir o santuário de Deus, e reedificá-lo em três dias”** (Mateus 26.61). João, porém, elucida: **“Ele, porém, Se referia ao santuário do Seu corpo”** (2.21).

Em outras Escrituras encontramos o Mestre colocando-Se em terceira pessoa a usar para Si próprio a metáfora da pedra: **“Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto, vos digo que o Reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que Lhe produza os respectivos frutos. Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó”** (Mateus 21.42-44).

Todos os exegetas católicos são unânimes em reconhecer na metáfora: **“sobre esta pedra”**, embora apresentada também em terceira pessoa, o próprio Jesus Cristo.

Perguntava-me, então: Por que, pois, admitir-se conclusão diferente em Mateus 16.18 pelo fato de haver Jesus Se utilizado da terceira pessoa?

Registram, aliás, os Evangelhos em muitas passagens esta maneira *sui generis* de Cristo a Si próprio Se mencionar, qual seja, a de Se apresentar em terceira pessoa.

Quando Ele a Si Se alude com a expressão Filho do Homem, como no caso de Mateus 16.13, acaso não o faz na terceira pessoa?

Efetivamente, aí no v. 13, quando provocou as várias respostas dos Seus discípulos (v.14), designa-Se em terceira pessoa e não em primeira: **“Quem dizem os homens ser o FILHO DO HOMEM?”**

Logo após a confissão de Simão Pedro, ainda em terceira pessoa, referindo-Se a Si afirma: **“Porque o FILHO DO HOMEM há de vir na glória de Seu Pai, com os Seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras. Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o FILHO DO HOMEM no Seu Reino”** (Mateus 16.27-28).

O paralelismo tropológico entre ESTE TEMPLO e ESTA PEDRA é perfeito. Com a metáfora ESTE TEMPLO designava-Se a Si próprio com o templo corporal a ser pela morte destruído e, três dias após, pela Ressurreição, REEDIFICADO. Com a metáfora ESTA PEDRA sobre a

qual despedaçar-se-á quem nela cair, a Si também Se mencionava. Com a metáfora ESTA PEDRA sobre a qual edificaria a Sua Igreja, dentro, pois, da tropologia e da tipologia bíblicas, também a Si próprio Se designava.

III

Náufraga, minha crença na primazia do sucessor de Pedro, em luta pela sua sobrevivência, requintava sofismas.

O Tratado *DE ROMANO PONTIFICE* dos meus compêndios de Teologia Dogmática instigava-me a resistir, oferecendo-me do seu arsenal os últimos cartuchos.

Levantei a seguinte escora: o original de Mateus estava em aramaico e o seu tradutor para o grego escolheu o masculino *PETROS* (Pedro) por melhor se coadunar com o nome de um homem. Se não fosse essa a intenção do tradutor grego, bem poderia ter empregado o nome *PETRA* (pedra), haja vista serem ambos os termos cognatos, terem o mesmo radical.

Então, em Seu idioma aramaico, Jesus teria dito: Tu és Pedra (Kephas) e sobre esta pedra (*Kephas*) edificarei a Minha Igreja.

Onde já se viu, contudo, um homem chamar-se Pedra! Seria objeto de escárnio.

Se procurava torcer e retorcer a Palavra de Deus, o Espírito Santo me iluminava e, com essa Palavra, desmoronavam todos os castelos de sofismas surgidos em minha mente.

Embora em conflito, pude, por graça misericordiosa de Deus, refletir: Mas, o que impediria a Jesus de chamar Simão, o filho de Jonas, de PEDRA se quisesse realmente colacioná-lo no encargo de fundamento da Sua Igreja? Em qualquer idioma (português, grego ou latim), linguisticamente, nada obsta o uso de um nome do gênero FEMININO a denominar uma pessoa do sexo MASCULINO.

Se PEDRA é ROCHA, eu conheço muito cidadão de musculatura vigorosa, barba cerrada no rosto e voz tonitruante, chamado ROCHA, vocábulo do gênero feminino. São essas coisas próprias do patrimônio onomástico das línguas.

A Bíblia é um Livro maravilhoso! Completo. Até para este caso ela nos oferece exemplos. Paulo menciona várias vezes um seu amigo, judeu, chamado ÁQUILA, que quer dizer ÁGUIA, um nome do gênero feminino.

Sobreveio-me ainda outra reflexão: Se o vocábulo masculino *PETROS* (Pedro) fosse mais elegante para se chamar um homem e este nome *PETROS* tivesse idêntica significação de *PETRA* (pedra), por que, então, mudou Jesus a forma na segunda parte da sentença? Por que não repetiu o mesmo nome *PETROS*? Teria usado, portanto, o nome *PETROS* nas duas partes da frase: Tu és Pedro (*PETROS*) e sobre este Pedro (*PETROS*) edificarei a Minha Igreja.

Nada O impediria de assim fazer se Ele não reconhecesse a distinção entre os vocábulos *PETRA* e *PETROS*.

Mas, por que Jesus aceitou essa distinção: “Tu és Pedro (*PETROS*) e sobre esta pedra (*PETRA*) edificarei a minha Igreja”?

Salta aos olhos a evidência. *PETROS*, sobrenome de Simão, designava um indivíduo, enquanto *PETRA* é a metáfora capaz de enfatizar a inabalabilidade do fundamento da Igreja: CRISTO. Depreende-se, outrossim, repita-se, este símbolo da pedra em todo o conteúdo das Sagradas Escrituras, culminando no NT.

Em meu intelecto já se fixara a cristalina e evidente diferença semasiológica entre *PETRA* e *PETROS*. Em resultado desta diferença, Simão de Betsaida é *PETROS* (*SU EI PETROS*, no grego) e a Igreja é edificada sobre Cristo – **“sobre esta pedra”** (*EPI TAUTE TE PETRA*).

IV

– Deixar de confiar no papa? Nunca!!!

Acionava todos os recursos: rezas, penitências, na tentativa desesperadora de salvar minha fé na autoridade primacial do pontífice vaticano. Como se estivesse me afogando em alto mar, agarrava-me a qualquer palha.

– Ah!, se encontrasse algum argumento suficiente para revigorar aquela fé de meses atas, estruturada na interpretação romana de Mateus 16.18! - , com a alma lacerada de conflitos, suspirava.

Repetia, como uma reza, o cânon 218.

Procurava nos compêndios de Teologia do meu seminário algum argumento invulnerável para, de um lance só, destruir todas as conclusões alcançadas contrárias à exegese da sofistaria clerical.

A minha fé no papa, o sucessor de Pedro, cambaleava. Caía. E, cambaleante, se erguia. Erguia-se tropegamente aos acenos de uma miragem. E caía de novo!

Naquelas circunstâncias, o velho orgulho se manifestava. Estertorante, recusava dobrar-se à evidência e apelava ao sofisma.

Discutia comigo mesmo:

– Se Jesus é o FUNDADOR da Igreja: **“EDIFICAREI a Minha Igreja”**, como poderia ser Ele, ao mesmo tempo, o seu FUNDAMENTO, a pedra? CONSTRUTOR E ALICERCE?

Fundamento, a pedra, não poderia ser o fundador ou o edificador ... E se fosse o edificador, o construtor, impossível ser a pedra, o fundamento.

Parecia-me extravagante Jesus Cristo atribuir-Se a Si próprio e simultaneamente, duas imagens tão distintas.

Naquela situação desesperadora de busca de um argumento sólido, sugeri-me esse sofisma a seguinte conclusão: Se Jesus é o construtor, o fundador da Igreja, inconcebível ser também, ao mesmo tempo, o seu fundamento, a pedra.

Logo, a pedra é Pedro: **“Tu és Pedro e sobre esta pedra EDIFICAREI a Minha Igreja”**.

A leitura diuturna do NT embeberava-me da Palavra de Deus. Aflorava-se-me diante de qualquer pensamento a lembrança de uma passagem ou de uma sentença de Jesus.

Os acenos deste sofisma sustentaram de pé minha crença na prioridade jurisdicional de Pedro, apenas por momentos fugazes.

Nos Evangelhos a SUPERPOSIÇÃO DE IMAGENS é de frequência constante.

Em João 10.7, por exemplo, em Sua linguagem metafórica, Jesus Se compara à PORTA: **“Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a PORTA das ovelhas”**. No v. 11, porém, assemelha-Se ao PASTOR: **“Eu sou o bom PASTOR”**.

A adotar-se aquela solércia da dialética papal, como se entenderão estas expressões de Jesus? Se Ele é a PORTA, como ser também, e simultaneamente, o PASTOR?

Entende-se, todavia, a clara linguagem de Jesus. Assemelha-Se Ele à PORTA: **“Eu sou a PORTA”** e compara-Se ao bom PASTOR: **“Eu sou o bom PASTOR”**. Nesta superposição de imagens, própria do estilo literário de muitas obras, aprendemos as preciosas lições sobre a necessidade imprescindível de Cristo para se entrar no Reino dos Céus e sobre a doçura do seu cuidado em favor dos Seus discípulos.

Compara-Se Ele ainda à luz (João 8.12), ao pão (João 6.35,48,51), ao caminho (João 14.6), à videira (João 15.1, 5).

Na Escritura de Mateus 16.18 ocorre, pois, uma superposição de imagens ou figuras literárias.

A admitir-se aquele sofisma sugerido pela cavilosa dialética do meu desespero vaticano, dever-se-ia prestar submissão à coerência. Nessa passagem mateana, com efeito, Pedro, segundo a interpretação clerical, é o FUNDAMENTO e o CLAVICULÁRIO da Igreja. É a PEDRA a quem Cristo confiou as CHAVES. **“Tu és Pedro e sobre esta PEDRA edificarei a minha Igreja... E Eu te darei as CHAVES...”**.

Ora, onde já se viu o alicerce ter as chaves da casa? As chaves se encontram nas portas.

Se Pedro fosse a pedra da Igreja, como deteria nas mãos as suas chaves?

Aterrorizei-me ainda mais quando, a seguir, em Mateus 16.23, presenciei Jesus chamando Pedro de Satanás: **“Para trás de Mim, Satanás, que Me serves de escândalo”**.

A valer o sofisma, Pedro seria ao mesmo tempo: FUNDAMENTO da Igreja, CLAVICULÁRIO e SATANÁS.

Seria essa a Igreja de Cristo?

Além da Bíblia e da História, o clero romano se defronta com a Inteligência, a Razão, como sua grande inimiga...

E o argumento da miragem vaticana se esvaiu e, de novo, minha pobre fé petrina mordeu o pó da inanição.

Maravilhosa é a Palavra de Deus! Esclarece-nos. Orienta-nos na busca sincera da Verdade!

O Espírito de Deus me dirigia pelos caminhos da angústia até Jesus. Desiludido eu da doutrinação romanista, conduzia-me, entre os escombros da minha antiga crença, a Jesus Cristo, o CONSTRUTOR e o FUNDAMENTO da Igreja, simbolizado em magníficas superposições metafóricas sempre comuns na tropologia bíblica, simultaneamente, como FILHO e SENHOR de Davi (Mateus 22.41-46), CORDEIRO de Deus e LEÃO da tribo de Judá (João 1.29,36; Apocalipse 5.5-6), CABEÇA e NOIVO da Igreja (Efésios 1.22; Apocalipse 21.9), SACERDOTE e VÍTIMA (Hebreus 7.27).

V

Dar-se por vencido o orgulho?

A fé papista sedimentara-se em meu íntimo ao longo da infância, do seminário e do exercício sacerdotal. Incrustara-se-me com a

argamassa das teses, provas, interpretações, afirmações, dogmas, definições *ex-cathedra*, rezas, devoções...

Rebelava-se-me o orgulho diante da evidência e dentre os escombros das teses, provas, interpretações, afirmações, dogmas, definições *ex-cathedra*, rezas, devoções..., num revolver pertinaz, perscrutava sofismas.

Ocorreu-me uma “explicação” do nosso antigo professor de dogmática: Cristo é a pedra da Igreja. É o seu fundamento principal. E Pedro também é a pedra. Pedro é o fundamento VISÍVEL.

Elucidou o antigo mestre o seu raciocínio: Assim como Jesus é a luz do mundo, os Seus discípulos devem também ser luz.

Esse argumento é iníquo como uma blasfêmia.

O *processus* da supremacia de Pedro, efetivamente, tudo promove para amolgar os textos sagrados à feição do dogma pontifício ...

O uso da Bíblia nestas condições é um crime de lesa-divindade por ser atentatório à seriedade da Palavra de Deus.

Quando Jesus afirmou: **“Vós sois a luz do mundo”** (Mateus 5.14) dirigiu-Se indistintamente a todos os Seus discípulos. Jamais restringiu ou limitou a prerrogativa de ser luz a um discípulo destacado ou privilegiado. Nesta conformidade, Paulo, em Efésios 5.8, concita a todos: **“Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz”**.

De semelhante maneira, na tipologia bíblica, Cristo é a pedra, a rocha da Igreja, no sentido de fundamento básico. E todos os Seus seguidores também são pedras, levando-se em conta a diferenciação de *PETRA* (rocha) e *PETROS* (seixo). A *PETRA*, o rochedo, é Cristo. As pedras, os seixos, os “pedros”, somos todos os crentes nEle.

“Pedras vivas”, como o próprio pescador de Betsaida nos assemelha: **“E chegando-vos para Ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo. Por isso está na Escritura: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; e quem nela crer não será, de modo algum, envergonhado”** (1ª Pedro 2.4-6).

Presumamos que, para efeito de raciocínio, entretanto, se acontecesse a carência de uma designação específica em relação à PEDRA a tipificar Cristo. Ainda assim a objeção sofisticada não procederá perante a evidente distinção entre Aquele que é a luz como **“Sol da Justiça”**, o foco de luz própria, e os Seus discípulos que, semelhantes

aos planetas e satélites, brilham refletindo a luz irradiada pelo centro luminoso.

Cristo é a **“Luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo”** (João 1.9). É a luz própria, central, divina. O crente é a luz refletida como a dos planetas e dos satélites: resplandece **“como astros no mundo”** (Filipenses 2.15), porque é **“luz no Senhor”** (Efésios 5.8). Recebe a irradiação luminosa dAquele que disse: **“Eu sou a Luz do mundo; quem Me segue não andaré em trevas”** (João 8.12).

Idêntica distinção é nas Escrituras evidente quanto ao tropo da pedra como rocha fundamental e angular aplicada a Cristo e ao da pedra solta, comum, (*petros*) empregada para os discípulos.

.oOo.

NEM O ARAMAICO SALVOU MINHA FÉ NO PRIMADO JURISDICIONAL DE PEDRO

Cristalizara-se em minha estrutura espiritual a fé no pontífice romano, o suposto sucessor de Pedro no primado jurisdicional da Igreja.

Contestada à luz da Palavra de Deus, esborcinara-se em seus alicerces. E caía eu em terror pânico.

Desalentado, procurei um monge do Mosteiro de São Bento, em São Paulo.

Ao contrário do meu afobado bispo, o monge, redondo como uma pipa e rosado como uma maçã, demonstrou-se paciente. Ouviu-me com desvelada atenção.

Franzia a testa recoberta de suor, carregava os sobrolhos, meneava a cabeça, esboçava sorrisos... Transparecia os seus sentimentos diversos provocados pela minha exposição.

Aconselhou-me a rezar o “rosário de Nossa Senhora”. – “Nossa Senhora é o martelo das heresias” – preambulou. Inútil porque há meses evaporara-se minha devoção à Senhora.

– Temos que nos submeter às determinações da Santa Igreja. Embora nossa razão rejeite algum dogma, nossa submissão deve ser incondicional. Se isto é branco e a Santa Igreja diz que é preto, devo-lhe acatar a decisão e renunciar à lógica –, com gesto doutoral de um Aristarco dogmático, sentenciou o beneditino.

Entrecortava suas considerações, a dar-lhes o sabor dos alfarrábios medievais, com frases latinas.

Membra Ecclesiae sunt omnes et soli baptizati, qui profitentur doctrinam Ecclesiae aut auctoritati Ecclesiae se subiciunt. (São membros da Igreja – e com exclusividade – todos os batizados, os que professam a doutrina da Igreja e se submetem à sua autoridade).

– Ora, – interpunha a “menor” do seu argumento. – Ora, a Igreja essencialmente, basicamente, está sobre Pedro. *Ecclesia essentialiter est supra Petrum, secundum promissionem Christi: Tu es Petrus et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam.*

Causava-me certo prazer ouvir o seu latim sonoro e bem pronunciado.

Dentro de sua linha de pensamento amoldado à dialética romanista viciada no *Scriptura ex machina*, o beneditino se esforçava por despertar em mim aquele temor reverencial próprio da sujeição completa e subserviente ao papa.

– *Christus dixit: Si ecclesiam non audierit, sit sicut ethnicus et publicanus* (Cristo disse: se não ouvir a Igreja, seja considerado gentio e publicano).

Às minhas objeções propunha, em tom catedralesco, sofismas. Invencível, destruíam-me eu com a Palavra de Deus. E o monge, arrepiado de *horror sacer*, se esgueirava entre apelos à lembrança dos velhos tempos de fidelidade ao papa.

Os minutos das duas horas de diálogo se evaporaram.

Em suas exortações, ao final da entrevista, recomendando-me voltar, sublinhou um argumento.

– O argumento – dizia ele – capaz de desfazer todas as restrições à primazia de Pedro por ser a pedra da Igreja. Cristo não falava grego. Sua língua era o aramaico. Nesta língua, contudo, não há nenhuma diferença entre os vocábulos PEDRO e PEDRA, pois Kephas ou Cefas é tanto um como outro. O texto original de Mateus, é em aramaico.

Jesus, no caso, teria dito: “Tu és Kephass e sobre esta Kephass edificarei a Minha Igreja”.

Citou-me o paciente apologista pontifício o exemplo da língua francesa em que PIERRE é Pedro e pedra. Lembrou-me também não haver qualquer diferença entre esses dois vocábulos nos idiomas persa, árabe e siríaco.

Encerrara-se o diálogo com o tilintar das campainhas. A regra convocava o meu conselheiro ao cântico das “vésperas.”

Ao chegar em casa coloquei na radiola uma gravação dos monges beneditinos de Erzabtei St. Martin. A melodia do solene cantogregoriano inundou-me a alma... A fé no primado de Pedro, porém, permanecia morta.

Mentalmente repetia a perícopa mateana (16.13-19), frisando o v. 18 onde substituíam os vocábulos Pedro e pedra por Kephass: “Tu és *Kephass* e sobre esta *Kephass* edificarei a Minha Igreja”.

Queria à força da repetição gravar em minha inteligência o valor deste argumento a ver se lograva despertar ou ressuscitar meu acatamento à primazia de Pedro, de quem se considera sucessor legítimo o pontífice do Vaticano.

Por julgar oportuna a recomendação do monge beneditino, resolvi pesquisar a legitimidade do argumento: “Na língua siro-caldaica, que então falavam os judeus, não há diferença de gênero entre o nome próprio PEDRO e o nome comum PEDRA, isto é, *KEPHASS*” .

O texto grego de Mateus, por nós conhecido, é uma tradução desse original aramaico feita depois pelo seu próprio autor, Mateus, ou por qualquer anônimo.

Ao lume desta informação, querem os corifeus papais pôr a salvo a supremacia de Pedro, a pedra, e explicar a ausência do “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja”, nos outros sinóticos. Se só Mateus registra essa palavra de Cristo é por haver somente ele escrito em aramaico ou siro-caldaico, idioma que não sugere nenhuma diferença de significado no vocábulo Kephass.

Se não perscrutasse o arrazoado do beneditino, pensava eu, poderia, no futuro, surgir alguma dúvida. E, estando na refrega, apesar do estrondoso ruir do dogma pontifício em minha fé, resolvi enfrentar a proposição do discípulo de S. Bento.

No seminário católico estuda-se uma matéria chamada Sagrada Escritura. Na extensão de suas teses, dos seus capítulos, estuda-se tudo sobre a Bíblia. Menos a Bíblia.

Recorri, pois, aos seus compêndios.

I

A Pontifícia Comissão Bíblica, em 19 de junho de 1911, estabeleceu que o texto original de Mateus não foi escrito em grego.

Contra essa propositura da Pontifícia Comissão Bíblica levantam-se muitos e ponderáveis embargos:

1)- A Comissão Bíblica, porém, não define se foi escrito em hebraico ou em aramaico. Reconhece, aliás, que não o faz a Tradição (a outra Fonte de Revelação, além da Bíblia, como ensina a teologia romana). A Tradição não determina se Mateus escreveu em hebraico ou se em aramaico, a língua popular nos tempos de Cristo.

2)- Os fragmentos existentes desse suposto original aramaico de Mateus, cognominado “Evangelho segundo os Hebreus”, divergem extraordinariamente do texto grego de Mateus.

3)- Naquela época não havia necessidade de Mateus escrever em aramaico, pois o idioma grego, por ser conhecidíssimo também dos judeus, se prestava perfeitamente para Mateus escrever o Evangelho, embora endereçado aos judeus. Por que haveria Mateus de ser exceção? Aliás, em virtude do conhecimento geral do grego, também entre os judeus, os outros documentos neotestamentários a eles destinados foram escritos em grego, como a Epístola de Tiago às Doze Tribos de Israel, as duas Epístolas de Pedro (conforme admitem também os exegetas católicos) e a Epístola aos Hebreus.

4)- Torna-se impossível uma versão do aramaico diante da identidade de textos comuns aos três Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas).

5)- Entre essas muitas coincidências ocorrem divergências inexplicáveis se o tradutor do suposto texto aramaico para o grego conhecia os dois outros sinóticos. E se a estes ignorava, como se explicam as expressões frequentemente idênticas entre os três?

É a história: se corre o bicho pega e se não foge o bicho come ...

6)- Quando os autores dos Evangelhos citam o VT valem-se do texto hebraico. Mas, Jesus Cristo, em suas mensagens quase sempre cita a Septuaginta, a versão grega do VT. Isto, note-se, também ocorre no Evangelho segundo Mateus, o que nos leva a rejeitar o original

aramaico de Mateus e, conseqüentemente, a admitir o original grego. Se essas citações são extraídas da Septuaginta, logicamente, em grego escreveu Mateus o seu original.

Mais ainda. Se o atual texto grego fosse realmente a tradução do aramaico, por que haveria o tradutor de se valer do texto grego da Septuaginta para as citações feitas por Jesus? Valer-se-ia do texto hebraico, evidentemente.

7)- O texto mateano, aceito como canônico, inclusive pelas exegese e teologia romanas é o grego. Insustentável, portanto, essa assertiva do original aramaico, a cuja existência se erguem intransponíveis óbices.

II

Um suspeito original aramaico de Mateus poderia adotar, em consequência da pobreza dessa língua semítica, o vocábulo *Kephas* para designar indistinta e indiferentemente, *PETROS* e *PETRA*, vocábulos empregados na versão grega.

Se procedente, a alegação do monge beneditino, com suporte na definição da Pontificia Comissão Bíblica, sem quaisquer suspeitas, contra o hipotético documento aramaico, o texto grego de Mateus, universalmente aceito como inspirado e canônico, teríamos *KEPHAS* para se referir indistintamente a *PETROS* e a *PETRA*.

Como resultado, portanto, enunciar-se-ia o v.18 de Mateus16: Tu és *KEPHAS* e sobre esta *KEPHAS*.

Os seguintes embargos, porém, desarticulam essa hipótese:

1)- A identidade morfológica do aramaico entre os vocábulos Pedro e Pedra na homonímia de *Kephas* não impede a distinção semasiológica, isto é, a diferença de significado entre dois termos no *usus loquendi* da língua grega. Se Jesus, pois, não tivesse em mente sustentar esta diversidade, o texto grego de Mateus teria registrado: “Tu és PEDRO e sobre este PEDRO edificarei a Minha Igreja” ou “Tu és PEDRA e sobre esta PEDRA edificarei a Minha Igreja”.

Se o texto grego de Mateus sustenta a diferença é em consequência de uma razão: existe a diversidade de significação entre os dois vocábulos: *PETRA* e *PETROS*.

2)- A distinção é tão patente no texto grego de Mateus e em todo o NT que *PETROS* sempre é atribuído a Simão Barjonas e o vocábulo *PETRA* é sempre atribuído a Jesus Cristo.

Qual a causa desse comportamento semântico se fosse sem importância a diferença de significados?

Respeite-se, portanto, o texto grego de Mateus já que ele, neste assunto especialmente, se harmoniza com todo o NT.

3)- Recorre-se sempre ao original grego do NT quando se quer dirimir dúvidas de exegese.

Com efeito, o Mateus grego, recebido, aliás, pela Igreja Primitiva e sempre aceito como INSPIRADO e CANÔNICO em todas as áreas cristãs e também pelos redutos católicos, inclusive o romano, é que há de interpretar o sentido do HIPOTÉTICO texto aramaico e não este que há de servir de luz na compreensão ou interpretação daquele. Do aramaico, por sinal, inexistente.

4)- Pobre exegese católica que apela para a pobreza do aramaico! Não será a pobreza de vocabulário do aramaico (nem do siríaco, nem do árabe, nem do persa e nem do francês, neste caso) que vá obscurecer ou anular o ensino bíblico evidente e irrefutável de que *PETRA* é Cristo.

5)- Desde os primórdios, desde sempre, os cristãos e os católicos, inclusive os romanos, reconhecem como INSPIRADO e INCONTESTAVELMENTE CANÔNICO o documento grego de Mateus, onde é translúcida a distinção entre *PETROS* e *PETRA*: *SU EI PETROS, KAI EPI TAUTE PETRA...*

Jamais deram os cristãos e os católicos foros de canonicidade a um discutível “Evangelho segundo os Hebreus” de língua aramaica ou a qualquer versão em francês, árabe, persa ou siríaco.

6)- À Bíblia, clava invencível, recorri outra vez. Ela, a Palavra de Deus – **“luz para o meu caminho”** (Salmo 119.105) – deu-me a sentença final. Definitiva. Inapelável. Absolutamente irrefragável!

Ela me ofereceu a interpretação bíblica, divina, do vocábulo Kephias.

Que me importam as interpretações dos monges beneditinos, dos corifeus modernistas, dos cognominados “pais da Igreja”, dos tradutores-traidores incrédulos, dos teólogos vaticanos?

A interpretação divina do nome Kephias foi-me favorecida por João, **“o discípulo a quem Jesus amava”**.

E João escreveu indubitável e incontestavelmente o seu Evangelho em grego.

Jamais papa algum, exegeta algum, “exeingeta” algum, teólogo algum, disse haver também João escrito o quarto Evangelho em aramaico e depois o traduziu para o grego.

A interpretação de João é extraordinária e veio arrasar de uma vez por todas o sofisma construído sobre um discutível documento aramaico de Mateus.

João, divinamente inspirado, dá a causa porque o texto grego mateano substitui o KEPHAS da primeira posição de Mateus 16.18 pelo grego PETROS.

Admitindo-se, à falta daqueles embargos anteriores, admitindo-se haver Jesus Cristo pronunciado em aramaico aquela sentença registrada no v. 18, João DIVINAMENTE INSPIRADO, interpreta decisiva e definitivamente o pensamento de Cristo.

Graças a Deus por nos haver outorgado a Bíblia como única e indefectível Fonte de Sua Revelação, deixando-nos – nós os que temos a ventura de nela crer como Palavra de Deus – deixando-nos imunes de interpretações outras, tendenciosas, interesseiras e urdidadas com o objetivo de levar de roldão no erro os pobres inadvertidos e incautos.

Porque João, em seu Evangelho, cujo original, INCONTROVERSO, foi escrito, indiscutivelmente, em grego, para onde podemos deslocar essa questão filológica, pois a pena de João reconhecidamente foi inspirada pelo Espírito do Senhor, oferece-nos a interpretação do vocábulo *KEPHAS* em consonância, em acordo, em harmonia, em sintonia com aquela distinção de significados de *PETRA* e *PETROS*, de *PETRA* e *PETRUS* verificadas nos textos grego e latino do Evangelho segundo Mateus.

João, em 1.42, dá o significado do nome aramaico *KEPHAS*: *SU KLETHESE KEPHAS (O ERMENEUETAI PETROS)* que Jerônimo na Vulgata traduziu: “*Tu vocaberis Cephas* (quod interpretatur Petrus). E o nosso idioma traduz: **“Serás chamado KEPHAS, que significa Pedro”**. **“Tu serás chamado KEPHAS (que quer dizer Pedro)”**.

O ERMENEUETAI PETROS. Magnífico!!!

João, o discípulo amado, com a luminosa inspiração do Alto, definitivamente decide a questão.

KEPHAS quer dizer Pedro!!!

Eis os escombros do sofisma oriundo da homonímia de Kephass na pobre língua aramaica!

Aliás, se a legítima interpretação de *KEPHAS* fosse Pedra, jamais perderia João essa oportunidade para informar, como quer a capciosa exegese romana, significar *PETRA* o nome próprio *KEPHAS*.

Ao constatar a distinção estabelecida por inspiração do Espírito de Deus, tornou-se-me evidente que Mateus, ao empregar a palavra *PETRA*

na frase: “... e sobre esta **PEDRA...**” indicou a exatidão, precisou o significado e o valor desse termo *PETRA*, distinguindo-o, por conseguinte, do nome próprio *PETROS*.

O texto de João é inspirado. É canônico. Reconhecem-no os próprios hierarcas romanos. Reconhecem haver sido o seu original escrito na língua grega. Ao lume desses reconhecimentos da religião à qual, como padre, servia, por conseguinte, nenhuma dúvida poder-me-ia sobrevir quanto a esses valiosos pormenores.

Com a definição do quarto Evangelho falece-me o direito de substituir *PETROS* por *PETRA*, embora fantasie de legítimo um argumento baseado na pobreza do aramaico, a mais pobre e menos desenvolvida de todas as línguas semíticas.

Além disso, a própria semântica da nossa língua portuguesa reconhece aplicações insubstituíveis em palavras sinônimas, como é o caso de *PEDRA* e *ROCHA*. Seria cômico um enfatado bispo romano chegar numa joalheria e pedir uma *ROCHA* de ametista para incrustar no seu episcopal anel de ouro. Imagine-se uma jovem a pedir ao seu noivo uma aliança de *ROCHAS* de brilhante.

Prevedo em Sua infinita presciência, a deturpação de Sua Palavra por parte dos sofistas hierarcas, o Senhor inspirou o Seu servo a nos legar a Sua interpretação do vocábulo *KEPHAS* a fim de nos salvaguardar da hierofantolatria.

Voltei a procurar o beneditino redondo e rosado. Ao perceber-me irreduzível, o seu tranquilo acolhimento, transformou-se em pressa.

Garantiu-me suas rezas, depois de, preocupado com o relógio, ouvir-me. Sem recomendar-me outro retorno, atarantado, escondeu-se atrás da enorme e pesada porta de seu mosteiro, símbolo da sua escravidão ao papa.

.oOo.

O INCONSISTENTE SUPORTE DA TRADIÇÃO

Na dimensão da teologia romana, salienta-se a Tradição como Fonte de Revelação Divina superior à Bíblia.

O Concílio de Trento define a TRADIÇÃO como o “conjunto de doutrinas reveladas referentes à Fé e à Moral, não consignadas nas Escrituras Sagradas, mas oralmente transmitidas por Deus à Igreja” (Sessão IV, de 8 de Abril de 1546).

“A Sagrada Tradição”, afirma o Concílio Ecumênico Vaticano II através de sua Constituição Dogmática *Dei Verbum* § 9, “a Sagrada Tradição transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a Palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos para que, sob a luz do Espírito de Verdade, eles, em sua pregação, fielmente, a conservem, exponham e difundam”.

Em sua sessão IV, o Concílio de Trento guindasteou à categoria de dogma a Tradição como fonte de fé cristã. E o Concílio Vaticano I estabelece: “*Fide divina et catholica ea omnia credenda sunt, quae in Verbo Dei scripto vel TRADITO continentur et ab Ecclesia... tamquam divinitus revelata credenda proponuntur*”.

A Tradição, nos horizontes romanistas, é Fonte de Revelação mais ampla, mais completa do que a Bíblia porque muitos dogmas romanos não contidos nas Escrituras o são na Tradição, como, por exemplo, a perpétua virgindade de Maria, o serem os sacramentos em número de sete, o batismo infantil e por ablução ou aspersão, o purgatório, a assunção corporal de Maria. E tantos outros.

É mais clara por ser norma objetiva da interpretação das Escrituras como sublinha o Concílio Ecumênico Vaticano II no documento acima mencionado: “Pela mesma Tradição . . . as próprias Sagradas Escrituras são nela cada vez melhor compreendidas e se fazem sem cessar atuantes” (§ 8).

Também nesta declaração o Concílio Vaticano II se harmoniza com o Concílio Ecumênico Vaticano I, do século passado, o qual encampou a profissão de fé do papa Pio IV: “*Nos idem decretum renovantes hanc illius mentem esse declaramus, ut in rebus lidei et morum ad aedificationem doctrinae christianae pertinentium IS PRO VERO SENSU S. SCRIPTURAE HABENDUS SIT, QUEM TENUIT ET TENET S. MA TER ECCLESIA, CUIUS EST IUDICARE DE VERO SENSU ET INTERPRETATIONE SANCTARUM SCRIPTURARUM; atque ideo nemini licere contra hunc sensum aut etiam contra unanimum consensum Patrum ipsam Scripturam Sacram interpretari*” (D. 1788).

O Concílio de Trento, por seu turno, anatematizava os que queriam interpretar a Sagrada Escritura contra o unânime consenso dos Pais da Igreja. *“Sacrossanta Synodus ... decernit, ut nemo suae prudentiae innixus, is rebus fidei et morum ad aedificationem doctrinae christianae pertinentium, Sacram Scripturam ac suos sensus detorquens, contra eum sensum, quem tenuit et tenet S. Mater Ecclesia, CUIUS EST IUDICARE DE VERO SENSU ET INTERPRETATIONE SCRIPTURARUM SANCTARUM, aut etiam contra unanimum consensum Patrum, ipsam Scripturam Sacram interpretari audeat”* (D. 786). “O Sacrossanto Sínodo... estabelece (define), para que ninguém, movido pela sua própria competência em coisas referentes à Fê e aos costumes pertencentes à edificação da doutrina cristã, torça para seu modo de entender a Sagrada Escritura, contrariando o sentido aceito pela Santa Madre Igreja, a quem cabe julgar o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das Sagradas Escrituras ou contrariando o unânime consenso dos padres”.

Com efeito, a patrística, isto é, o conjunto dos chamados Pais da Igreja, ou escritores eclesiásticos antigos, é o primeiro órgão da Tradição.

São eles os oráculos dessa Fonte de Revelação.

A teologia da Idade Média encampada, aliás, pelos Concílios Ecumênicos de Trento, do Vaticano I e do Vaticano II, impingiu a tese de que o consenso (harmonia acordo) unânime desses “pais” se constitui em legítima revelação.

Essa harmonia, esse acordo geral, essa concordância, esse consenso, enfim, entre os “pais da Igreja” sobre um ponto doutrinário é imprescindível e fundamental na Tradição.

À luz da dogmática romana, pois, quando inexistente esse consenso sobre determinado assunto, a Tradição deixa de se definir.

Já com a minha fé no primado de Pedro completamente vencida, tentei ainda recuperá-la recorrendo à Tradição consubstanciada, segundo os Concílios Tridentino e Vaticano I, na unanimidade dos “pais da Igreja” sobre esse assunto básico da teologia clerical.

Vali-me, pois, em primeiro lugar do manual de Teologia Dogmática, onde estudei durante o seminário. Surpreso e um tanto desapontado, verifiquei nas vinte páginas que trata do primado jurisdicional por Cristo atribuído a Pedro a ausência completa de nomes de “pais da Igreja”. Nenhum sequer! Nem como ilustração!

O meu velho compêndio desapontou-me.

Recorri a outros. E todos eles, embora se estendam longamente na tentativa de provar a tese, deixam de recorrer à Tradição, a Fonte de Revelação mais completa, mais clara e atual.

Junglas, por exemplo, em seu *Katholische Glaubenslehre* (I Teil: *Die Lehre von der Kirche*), se sai esgueirando: “As fontes das eras mais primitivas na História da Igreja são demasiado escassas”.

É espantosamente doloroso para os teólogos-historiadores católicos romanos chegar a essa conclusão, levando-se em conta as alterações desses textos postas em prática no afã de se conseguir subsídios para todas as teses da dogmática vaticana, inclusive a do primado jurisdicional de Pedro em decorrência do “*Tu es Petrus...*” Essa luta atingiu o auge com a Bula “*Inter Multiplices*”, produzida nas retortas da alquimia do 5º Concílio de Latrão, em sua 10ª sessão, aos 28 de abril de 1515, sob o pontificado de Leão X.

Aos “santos padres” atribuíram-se obras espúrias carentes de um autor. Adulteraram-se com interpolações muitos textos. Deixaram-se de incluir obras de retratação escritas em idade provecta por “santos padres” conscientes dos enganos da mocidade.

Passagens inteiras foram retiradas por contrariarem pretensões da hierarquia clerical.

Os Índices Expurgatórios autorizados pelo 5º Concílio de Latrão, já com o advento da imprensa, adulteraram, mutilaram, interpolaram textos incontáveis dos cognominados “pais da Igreja”.

A tudo se recorreu na ânsia de se obter o almejado consenso unânime desses escritores.

O livro **O VATICANO E A BÍBLIA**, de minha lavra, analisa extensamente e à saciedade esse assunto.

O arcebispo Kenrich, de S. Luiz, nos EUA (H.W. Dearden, “*Modern Romanism Examined*”, 4.a Edição, pág. 14) foi procurar na patrística a unanimidade dos “pais da Igreja” quanto à interpretação de Mateus 16.18. Vasculhou a obra “*PATROLOGIAE CURSUS COMPLETUS*”, de Jaime Paulo Migne, composta de duas séries: a dos padres latinos com 217 volumes *in folio* e a dos gregos, com 162. Ao todo 379 volumes *in folio*.

E chegou à seguinte e dolorosa conclusão: de tantos “pais da Igreja” apenas 77 se manifestaram sobre o versículo-base da construção dogmática de Roma. E desses poucos, 44 reconheceram ser a fé que Pedro confessara a rocha sobre a qual Jesus Cristo estabeleceu a Sua Igreja. Dezesseis julgaram ser o próprio Cristo a rocha e 17 somente

concordaram com as idéias vaticanas de que Pedro é a pedra fundamental da Igreja.

Num total de 77, apenas 17, ou sejam 22% estiveram do lado da teologia papal e 60, isto é, 78% sustentaram ponto de vista contrário.

Se se tratasse de uma pesquisa levada a efeito por um protestante, poria minhas dúvidas. Que dúvidas, porém, poderia levantar eu, sendo um arcebispo católico romano o pesquisador?

Launoy (*Epist.* VII, Genebra, 1731, vol. V, pt 2, pág. 99) teve idêntica pachorra de virar e revirar a patrística com o mesmo propósito do arcebispo de S. Luiz e chegou a resultado absolutamente igual em números. E Launoy é também católico “apostólico” romano e doutor em teologia pela Universidade da Sorbona.

Esses poucos “pais da Igreja” (os 17), embora aceitem ser Pedro a pedra da Igreja, jamais se referem ao bispo de Roma, como sucessor de Pedro e, portanto, constituído pedra da Igreja. Se aceitam este privilégio ou encargo para a pessoa de Pedro, restringem-no à pessoa do pescador da Galiléia.

Na oportunidade do Concílio Vaticano I, em 1870, quando se tornaram acesos os debates sobre a proclamação do dogma da primazia jurisdicional do papa e sua conseqüente infalibilidade, Langen, em seu livro *EL DOGMA DEL VATICANO*, salienta que nenhum dos “santos padres” interpretou o “esta pedra” como um cargo particular e especial conferido a Pedro com poderes de transmiti-lo. Em sua *QUAESTIO* se revela concorde com Langen o bispo Ketteler.

O célebre bispo alemão Doellinger, ardoroso em seus combates ao protestantismo e a Lutero, acérrimo defensor do papado, na última etapa de sua vida, reagiu vigorosamente à tese da primazia de jurisdição do papa e de sua infalibilidade. Por haver se levantado contra os intentos do Concílio Vaticano I, o papa Pio IX o excomungou, esquecendo-se de toda a sua luta anterior contra os protestantes. “Quantos padres se ocuparam desta passagem!”, exclamava ao se referir a Mateus 16.18. “Contudo, nenhum daqueles que possuímos os comentários (Orígenes, Crisóstomo, Hilário, Agostinho, Cirilo, Teodoreto) afirmou sequer uma sílaba sobre o primado de Roma como conseqüência da missão dada a Pedro e das promessas que recebeu”.

Dentre os “santos padres” avulta Crisóstomo, o “boca de ouro” pela sua eloquência. Em sua *LIII Homilia* sobre Mateus 16.18 se pronuncia: “Sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja, isto é, sobre a fé da confissão”. E em sua *Homilia LIV*, declara: “Jesus não disse que

edificaria a Sua Igreja sobre Pedro, porque Ele não edificou Sua Igreja sobre um homem, mas sobre a fé. Que significa, então, “sobre esta pedra”? Significa: Sobre a confissão contida em suas palavras. E “Eu te digo que tu és Pedro... Minha Igreja”. SOBRE ESTA PEDRA, isto é, sobre a fé contida em tua confissão”.

Concordam com esta interpretação de Crisóstomo o bispo romano, Felix III, em sua *Epístola aos Bispos da Espanha*, Gregório I, na sua *Epístola 33 à rainha Teodelina*; Cirilo de Alexandria em seu *Lib. VI sobre Isaías – oração II*; Hilário, em seu *De Trinitate*, Lib. V.

Cirilo, em sua obra *De Trinitate*, Lib. IV, diz: “Creio que pelo termo pedra deveis entender a fé inabalável dos apóstolos”.

Hilário, bispo de Poitiers, em seu *De Trinitate*, Lib. II, assevera: “A pedra é a abençoada e a única pedra da fé confessada pela boca de S. Pedro”. E no Lib. VI: “É sobre esta pedra da confissão de fé que a Igreja é edificada”.

Em seu *Comentário sobre Mateus*, Lib. VI, Jerônimo é explícito: “Deus fundou a Sua Igreja sobre esta pedra, e é desta pedra que o apóstolo Pedro recebeu o nome”.

Ainda adolescente, entusiasmei-me por Agostinho de Hipona. Li-lhe “*As Confissões*”. De Papini li a sua biografia. Durante o meu curso de teologia na Faculdade Teológica da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo li todas as suas obras e, por não poder adquiri-las, copiei em manuscrito, muitos de seus sermões.

Meu entusiasmo pelo bispo de Hipona era tamanho que nos meus artigos para jornais, acobertava-me sob o pseudônimo de Augustinus.

A patrística falhara também nesta derradeira tentativa de resgatar minha fé no papa. Eis a conclusão de minhas buscas!

Agostinho (354-430) sepultara com as suas declarações toda a possibilidade de encontrar na patrística argumentos para a minha fé na primazia de Pedro como pedra fundamental da Igreja. A palavra do bispo de Hipona foi decisiva para mim naquele transe.

Agostinho que secretariou o Concílio de Milevis quando este promulgou o decreto: “Quem desejar apelar para os de além-mar (referindo-se ao bispo de Roma) não deverá ser aceito por ninguém na África para a comunhão”, Agostinho, em seu *COMENTÁRIO SOBRE O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO* (In *Trat. N° 124*), afirma: “Toda a sorte de provações, semelhantes aos aguaceiros, às inundações, às tempestades, não cessam de assaltar a Igreja universal, sem jamais a destruírem, porque ela está fundada sobre a PEDRA. Daí Pedro derivou o seu nome;

pois, não é da palavra PEDRO que se deriva a palavra PEDRA, mas, ao contrário, da palavra PEDRA é que se deriva o nome de PEDRO, assim como o nome de CRISTO não se deriva da palavra CRISTÃO, mas, ao contrário, CRISTÃO vem de CRISTO. O Salvador disse: “E sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja” depois que Pedro dissera: “Vós sois o Cristo, o Filho do Deus Vivente”. E, na verdade, a PEDRA É CRISTO e o próprio Pedro foi edificado sobre este fundamento.

No seu *Sermão LXXVI*, enfatiza: “Pedra, *PETRA*, é radical, e Pedro, *PETRUS*, deriva-se de *PETRA*, e não, *PETRA* de *PETRUS*; assim como CRISTO não vem de CRISTÃO, mas, CRISTÃO de CRISTO. Então disse-lhe o Senhor: “Tu és Pedro, *PETRUS*, e sobre esta PEDRA que tens confessado, sobre esta PEDRA que tens conhecido, exclamando: “Vós sois o Cristo, o Filho do Deus Vivente”, Eu edificarei a Minha Igreja. Em outros termos: Eu edificarei a Minha Igreja sobre MIM, que sou o Filho do Deus Vivente; Eu te edificarei sobre Mim e não Eu sobre ti”.

Em seu *TRATADO II SOBRE A I JOÃO*, insiste: “O que significam as palavras: edificarei a Minha Igreja sobre esta pedra? SOBRE ESTA FÉ, sobre aquilo que disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivente”.

No seu *XIII Sermão*, repete: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra (*PETRA*) que confessaste, sobre esta pedra que conheceste, dizendo: “Tu és o Cristo o Filho do Deus Vivente”, edificarei a Minha Igreja – sobre Mim mesmo, que sou o Filho do Deus Vivente. Edificá-la-ei sobre Mim e não sobre ti”.

Depois de convertido a Jesus Cristo, em certos aspectos continuou a admirar a obra literária de Agostinho, sobretudo as suas *RETRATAÇÕES*.

Com efeito, no fim de sua vida, sob esse título, escreveu um tratado destinado a corrigir os próprios erros espalhados em suas obras.

De certa feita, ensinara que no texto de Mateus 16.18 se deveria entender pela PEDRA a pessoa do próprio Pedro. Em suas *RETRATAÇÕES*, corrige: “Em certo passo, disse eu, do apóstolo S. Pedro, que a Igreja fora fundada sobre ele, como sobre uma pedra, sentido esse que celebra mui espalhado hino do bem-aventurado Ambrósio, nestes versos do canto do galo:

*“Hoc ipsa petra Ecclesiae
Canente culpam diluet...”*

Mas, lembro-me de que, depois, e por muitas vezes, tenho explicado esta sentença do Salvador: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja”, neste sentido: que a PEDRA é Aquele que Pedro tinha confessado quando disse: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivente”. Assim foi que Pedro, derivando o seu nome desta PEDRA, figurava a pessoa da Igreja que sobre ela foi edificada e que recebeu as chaves do Reino dos Céus. Com efeito, não diz Ele: Tu és a pedra (PETRA), mas, tu és Pedro (PETRUS); porque a PEDRA era o Cristo e Simão, tendo-O confessado, como toda a Igreja O confessa, foi por isso chamado Pedro. Que escolha o leitor destas duas interpretações a que lhe parecer mais provável”.

Admirável Agostinho! Facilita-nos o livre exame!

“Harum autem duarum sententiarum, quae sit probabilior, eligat lector”.

.oOo.

UBI PETRUS IBI ECCLESIA? OU UBI CHRISTUS IBI ECCLESIA?

UBI PETRUS IBI ECCLESIA! Onde está Pedro aí está a Igreja, eis a arrogante ambição vaticana.

UBI CHRISTUS IBI ECCLESIA! Onde está Cristo aí está a Igreja, eis o luminoso ensino do Evangelho (Mateus 18.20).

* * *

Na pena de Paulo Apóstolo a Igreja se assemelha à “**casa de Deus**” (1ª Timóteo 3.15), ao “**edifício de Deus**” (1ª Coríntios 3.9). E Pedro compara-a à “**casa espiritual**” (1ª Pedro 2.5).

Na casa ou edifício de Deus e casa espiritual, à Igreja, construída por Cristo, é indispensável o suporte basilar.

E, de fato, a primeira tarefa ao se construir qualquer edifício é a de se examinar o terreno, avaliando-lhe as condições, em vista da

estrutura da construção projetada, a fim de se deliberar sobre os seus alicerces.

Se o arquiteto encontrar no solo uma rocha, excelente! A estrutura do prédio será solidíssima.

Se, porém, encontrar um terreno movediço, pantanoso, a perícia deverá superar essas deficiências.

Da solidez dos alicerces, sejam estes a rocha viva ou sejam construídos em pedras criteriosamente dispostas nas valas abertas pelas ferramentas, depende a segurança do edifício.

Neste último caso, isto é, quando se há de mister a construção de alicerces com pedras sábia e criteriosamente dispostas em valas rasgadas no solo, a chamada pedra de esquina, ou pedra angular, é de suma importância e merece, por isso, todos os cuidados.

Na época em que examinava as Escrituras e me enredara em sérios conflitos íntimos, construía eu um grande templo em Guaratinguetá.

Rasgara-se a terra e abriram-se fundas valas. Escolheram-se as pedras maiores destinando-as aos cantos ou esquinas dos alicerces. A segurança daquela obra dependeria da solidez dos seus alicerces. Estes, contudo, somente seriam firmes se as pedras das esquinas ou dos cantos fossem suficientes e fortes para amarrá-los.

O emprego do ferro e do cimento na técnica moderna da construção não dispensa este cuidado. Os arquitetos, com ferro, cimento e pedras britadas, por conseguinte, fazem nos cantos dos alicerces verdadeiras e inabaláveis pedras de esquina.

Na tropologia e na tipologia bíblica encontram-se aquela ROCHA e estas pedras de esquina.

Mateus 16.18 apresenta-nos a *PETRA*, a rocha. A Primeira Epístola de Pedro (2.6), a pedra de esquina.

A pedra, a rocha, e a pedra de esquina metaforizam o quê? Ou quem?

A teologia romana, blasonando invulnerabilidade, assevera ser o apóstolo Pedro, o personagem tipificado pela rocha, a *PETRA*, porquanto ambiciona soberanizá-lo como fundamento da Igreja de Cristo. Pedro é a PEDRA: **“Tu és Pedro e sobre esta PEDRA edificarei a Minha Igreja”**, sentencia com ares de inapelabilidade o exegeta vaticano.

Escuda-se, por acaso, na verdade esta assertiva? Será consentânea com a boa hermenêutica?

Afinal, o que é hermenêutica?

É a arte ou a ciência de entender livros sagrados ou leis antigas. E, por extensão, obras literárias.

Toda a tarefa estabelece regras próprias. A cozinha tem as suas normas. O esporte, em cada uma de suas modalidades, requer o cumprimento de suas regras características.

a)- As regras de hermenêutica exigem encontrar-se o significado dos termos da passagem bíblica. Se forem diversos os significados, então, é necessário verificar-se qual deles é o exigido pela frase toda ou versículo.

b)- De acordo com a criteriosa hermenêutica, quando for indefinida a significação dentro do mesmo versículo ou da mesma frase, deve-se aceitar a significação requerida pelo contexto. Na eventualidade de duas ou mais significações da metáfora ocorre idêntica exigência.

c)- Se persistir a insatisfação ou a dúvida, procure-se o real significado em passagens afins ou paralelas. É questão de lógica!

d)- Se forem insuficientes as passagens afins, deve-se escolher dentre as duas ou mais significações da metáfora aquela que for harmônica e concorde com o teor geral do livro.

e)- E, em último caso, se no final de toda essa pesquisa, concluir-se pela possibilidade de outro sentido na metáfora, o bom-senso manda aceitar-se a significação capaz de reunir o maior número de condições favoráveis.

A arte de interpretação dispensa qualquer autoridade externa, embora se arrogue com o título de magistério eclesiástico revestido com o ambicionado carisma da infalibilidade.

II

Praticadas essas singelas regras da hermenêutica, deparar-nos-emos com o legítimo sentido da metáfora PETRA de Mateus 16.18, o FUNDAMENTO da Igreja.

1)- Dentro do próprio versículo mateano, à luz da exegese literal, conforme examinamos no capítulo 10 deste livro, cumpre-se a primeira regra de hermenêutica. A PETRA tipifica Cristo. Cristo é a Rocha da Igreja. O seu FUNDAMENTO inabalável.

Se, porventura, persistissem dúvidas – isto não ocorre porque a exegese literal elucida plenamente a metáfora – se, porventura, persistissem dúvidas, recorrer-se-ia à segunda regra.

Recorramos, contudo, à orientação da segunda regra e evidenciar-se-á sob outro ângulo a falsidade da interpretação clerical esculpida por soléncias dialéticas.

2)- Na busca de compreensão de um tropo ou figura, ou de um texto, a sensata hermenêutica estabelece o princípio de interpretá-lo à luz do contexto.

Em que contexto pronunciou Jesus a frase: **“Tu és Pedro e sobre esta PEDRA edificarei a Minha Igreja”?**

Acaso dentro desse contexto se infere haver Jesus prometido, com a metáfora da pedra, instalar o Seu discípulo extrovertido como fundamento da Sua Igreja?

Com a violenta morte de João Batista, o precursor (Mateus 14.1-12), surgiram dúvidas quanto aos Seus ensinamentos, pondo, evidentemente, em xeque a messianidade de Jesus Cristo. Os ataques dos judeus, que não sabiam conhecer os sinais dos tempos (Mateus 16.3), e o fato de Jesus esquivar-se de estabelecer um reino terrestre moveram a muitos de Seus discípulos a abandoná-lo (João 6.15,66). Consideraram-no um fantasma os próprios Doze (Mateus 14.16). Tinha-o Herodes por João ressuscitado. Divergiam as opiniões a Seu respeito...

Aproximava-se, outrossim, a Sua Hora. Deveria, pois, preparar os Seus apóstolos e proporcionar-lhes o ensejo de Lhe demonstrarem fé como Messias.

É neste contexto das opiniões mais contraditórias sobre Jesus Cristo e da urgência de preparar os Doze que aconteceu o episódio de Cesaréia de Filipos (Mateus 16.13-18).

Quis o Mestre testar os Seus discípulos ao lhes lançar a pergunta: **“Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?”** (v. 13).

Por discrição e por respeito ao Mestre lembraram as opiniões correntes menos chocantes: **“Uns João Batista, outros Elias, e outros Jeremias ou um dos profetas”** (v. 14).

A seguir, quis, sem rodeios, saber o que dEle pensavam os Doze: **“Vós, Quem dizeis que Eu sou?”** (v. 15).

Pedro, com seu temperamento extrovertido, Pedro, loquaz e espontâneo, respondeu: **“Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo”** (v. 16).

A seguinte observação é importante: ambas as perguntas feitas aos discípulos visavam saber Quem era o Cristo. Envolviam o Mestre. E exclusivamente o Mestre.

Jesus confirmou a resposta de Simão, filho de Jonas, lembrando-lhe, contudo, a Sua procedência. Vinha da revelação do Pai (v. 17).

Toda a cena objetiva focar a Cristo e revigorar nos Doze a fé nEle.

Eis o contexto da proclamação de Jesus: **“Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”** (v. 18).

E, dentro desse contexto de avaliação de Sua Pessoa, de Sua Messianidade, de Sua Filiação Divina, **“começou Jesus Cristo a mostrar a Seus discípulos que Lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia”** (v. 21).

A Sua Igreja, a comunidade dos Seus seguidores, substituiria o povo judeu, falido na missão estabelecida por Deus. Esta Igreja, contudo, sofreria os embates do inferno. Estruturada nEle, o seu fundamento, a Igreja não se deixaria prevalecer.

Prevaleceriam os embates se o fundamento fosse frágil.

Se Pedro fosse a pedra, pobre Igreja! No instante mesmo de Jesus prometer a sua edificação, já estaria sendo vencida, pois Pedro, chamando o Mestre de parte, **“começou a repreendê-lo”** por haver anunciado a Sua Morte (v. 22). Ao que, veemente, retrucou-lhe Jesus: **“Arreda, Satanás! Tu és para Mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens”** (v. 23).

E prosseguiu o Senhor a falar-lhes da renúncia e dos sofrimentos requeridos para os Seus seguidores (vv. 24-28).

A Transfiguração, ocorrida seis dias depois, pode ser envolvida no mesmo contexto de avaliação de Jesus Cristo, quando se repetiu o anúncio da Morte do Filho do Homem (Mateus 17.1-13).

Evidencia-nos o contexto duas conclusões:

PRIMEIRA: - O personagem central é Jesus Cristo!

Jesus Cristo discutido por Herodes. Jesus Cristo abandonado por muitos de Seus discípulos. Jesus Cristo confundido pelo povo. Jesus Cristo considerado fantasma pelos Doze.

O personagem central é Jesus Cristo!

Jesus Cristo, o Filho do Homem. Jesus Cristo, o Filho de Deus Vivo.

Jesus Cristo a exigir capacidade de renúncia e de sofrimento para quem quiser segui-lo. Jesus Cristo, o Juiz cercado da glória do Pai e acompanhado dos anjos. Jesus Cristo transfigurado. Jesus Cristo a Quem se deve ouvir. Jesus Cristo, o Construtor da Igreja.

Da Sua Igreja.

Por que haveria de ser Pedro o fundamento da Igreja?

O contexto, evidentemente, desaponta a solércia vaticana em sua exegese claudicante e astuciosa.

SEGUNDA: - Pedro, o instrumento do Pai para a proclamação da gloriosa verdade sobre Cristo: **“Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo”** (v. 16), Pedro se ofusca. Ofusca-se Pedro porque a sua fragilidade e a sua limitação o impediram de, por si próprio, confessar a Cristo como o Filho de Deus Vivo.

Cai dentro de sua pessoal realidade por não compreender **“as coisas de Deus, mas só as que são dos homens”** (Mateus 16.23), mesmo diante da majestade de Cristo transfigurado quando **“não sabia o que dizia”** (Marcos 9.6).

Jesus qualificara-o de Satanás por servir-Lhe de escândalo.

Como a Pedro se faria a promessa de ser constituído o fundamento, a pedra, da Igreja?

Pedro, na força de sua carne e do seu sangue; Pedro, petulante ao repreender o Mestre; Pedro, contrário à soberana missão de Jesus; Pedro, escândalo para Cristo; Pedro, ignorante das coisas de Deus; Pedro, ignorante de suas próprias palavras; Pedro, Satanás... terá condições de ser o fundamento da Igreja de Cristo, contra a qual jamais prevalecerão as portas do inferno?

Quando muito poderia o Barjonas ser fundagem de alguma sociedade humana.

Ao lume do contexto – graças a Deus! – a *PETRA* tipifica Jesus Cristo.

3)- Isentos de quaisquer dúvidas de vez que à luz das duas primeiras regras de hermenêutica sagrada, evidencia-se ser Jesus Cristo a *PETRA*, o fundamento da Igreja, no desejo de demonstrar a vacuidade total do doutrinário católico lastreado na incoerência de sofismas, enalteceremos Jesus Cristo como a *ROCHA* da Igreja também em decorrência do terceiro princípio de hermenêutica.

Recorramos, portanto, às passagens afins. Verifiquemos se nas Sagradas Escrituras há outras referências sobre a metáfora da pedra e o seu significado nessas passagens onde se encontram.

A Palestina é o país das pedras e as pedras, em sua simbologia, são tão constantes na sua religião que se poderia falar em “teologia da pedra”, como se verificou no capítulo 8 deste livro.

A abundância de passagens bíblicas onde surge a PEDRA como tipo de Deus e de Jesus Cristo é tamanha que já revela todo o teor sobre o assunto.

Em vista dessa constatação – evidenciada outra vez ao longo desta exposição – aplicaremos simultaneamente o terceiro e quarto princípios da hermenêutica.

Deu-nos Jesus grande exemplo do emprego destas regras quando interpelou os dois discípulos-viajantes de Emaús.

Apesar de terem ouvido dos lábios do Mestre os anúncios de Sua Morte, conservavam os olhos fechados (Lucas 24.16).

Omitindo aqueles avisos, o Redentor demonstrou-lhes a conveniência dos Seus padecimentos (Lucas 24.26).

Citou, porventura, apenas um versículo isolado? Não!

Como bom hermeneuta, porém, **“começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a Seu respeito constava em todas as Escrituras”** (Lucas 24.27).

Seguiremos portanto, o exemplo de Cristo ao interpretar a Bíblia, tomando-a em um TODO, como nos recomendam a terceira e a quarta regras da hermenêutica, ao analisarmos o significado bíblico de *PETRA*, rocha, ou pedra de esquina.

a)- Ao se revoltarem os israelitas por causa da falta d'água no deserto onde peregrinavam, Deus disse a Moisés: **“Passa adiante do povo e toma contigo alguns dos anciãos de Israel, leva contigo em mão o bordão com que feriste o rio e vai. Eis que estarei ali diante de ti sobre a rocha em Horebe; ferirás a rocha, e dela sairá água, e o povo beberá”** (Êxodo 17.5-6).

A própria Bíblia nos elucida sobre esta metáfora dando-nos o seu significado, através de Paulo: **“Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés. Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo”** (1ª Coríntios 10.1-4).

“E a pedra era Cristo”!

Já no tempo do êxodo israelita a pedra era Cristo!

b)- Em Gênesis 49.24, Deus é tipificado como a **“pedra de Israel”**. **“O Senhor é a minha rocha... o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio”**, exclamava Davi (2º Samuel 22.2-3). **“O Senhor é a minha**

rocha, a minha cidadela, o meu libertador” (Salmo 18.2). **“Por que Tu és a minha rocha e a minha fortaleza”** (Salmo 31.3;71.3). Convidava o salmista: **“Vinde, cantemos ao Senhor, com júbilo, celebremos o Rochedo da nossa salvação”** (Salmo 95.1).

Através de Isaías, Deus repreende Damasco e Efraim por terem-no abandonado: **“Porquanto te esqueceste do Deus da tua salvação, e não te lembraste da Rocha da tua fortaleza”** (Isaías 17.10).

“O Senhor Deus é uma rocha eterna” (Isaías 26.4).

Anunciando a libertação do povo do cativo babilônico, Isaías exclamava: **“Não, não há outra Rocha que eu conheça”** (Isaías 44.8).

Ao longo do VT, Deus, o Senhor, é metaforizado com a ROCHA.

Nem Moisés, nem Abraão, nenhum dos patriarcas, nem Davi, nem Salomão, nem Samuel, nenhum dos juizes, nenhum dos reis, nem Elias, nem Isaías, nem Jeremias, nenhum dos profetas... Ninguém é figurado pela pedra, a rocha.

Esse Deus – a rocha do Seu povo – promete estabelecer a pedra em Sião (Isaías 28.16), símbolo do Messias. **“Eis que Eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge”**.

c)- Prevendo, na Sua Presciência, a rejeição de Cristo, o Senhor afirmou:

“Mas será pedra de tropeço e rocha de ofensa às duas casas de Israel” (Isaías 8:14). Mas essa **“pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular”** (Salmo 118.22).

O fundamento da nova Sião é Jesus Cristo!

Rejeitaram-no os edificadores de Israel. Constituiu-o o Senhor pedra, fundamento, da Igreja.

Cristo é o antítipo dessa pedra rejeitada.

Reconhece-o Ele próprio em Sua parábola dos maus lavradores registrada pelos três sinóticos (Mateus 21.33-46; Marcos 12.1-12; Lucas 20.9-18). Diante dos judeus enfurecidos, apresenta-se como aquela PEDRA prometida, embora rejeitada, para ser fundamento: **“Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos?”** (Mateus 21.42).

“Mas Ele fitando-os”, ressalta Lucas 20.17-18, **“disse: Que quer dizer, pois, o que está escrito: A pedra, que os construtores rejeitaram, esta veio a ser feita a principal pedra, angular? Todo o**

que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó”.

À vista desta Escritura vem-nos à mente Daniel 2.34-35 quando o profeta, ao interpretar o sonho da estátua para o rei Nabucodonosor, diz: **“Quando estavas olhando, uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou. Então, foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a palha das eiras no estio, e o vento os levou, e deles não se viram mais vestígios. Mas a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha, que encheu toda a terra”.**

Se Jesus aplica a Si a figura da pedra desprezada, Paulo, em sua Epístola aos Romanos, o seu documento em que exalta a justificação pela fé, com propósito idêntico ao de Jesus, elucida que os de Israel, que buscavam a lei (v. 32), **“tropeçaram na pedra de tropeço; como está escrito: Eis que Eu ponho em Sião uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido”** (9.32-33).

E o próprio Pedro, ao invés de reconhecer-se tipificado na PEDRA, como desejaria o vaticанизmo, identifica-a com Cristo. E isto perante o sínédrio, a alta cúpula religiosa de Jerusalém.

“Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular” (Atos 4.11).

Na sua Primeira Epístola, Pedro outra vez, identifica a pedra rejeitada com Cristo, a pedra viva, a principal de esquina no suporte da casa espiritual. **“Chegando-vos para Ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo... Para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade, mas, para os descrentes, é a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular e pedra de tropeço e rocha de ofensa. São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos”** (1ª Pedro 2.4-5, 7-8).

As abundantes passagens paralelas e todo o conteúdo do NT proclamam Cristo como a ROCHA, a PEDRA PRINCIPAL, a PEDRA ANGULAR.

Afigura-se descabida e incoerente ao bom-senso e a todas as regras de hermenêutica a ambição romanista de estabelecer sobre Pedro o fundamento da Igreja.

Por que princípio de lógica seria desprezado na compreensão de Mateus 16.18 todo o teor do ensino bíblico em relação ao simbolismo da pedra?

Ilógica, pois, a necessidade de outra rocha no alicerce da Igreja.

d)- Se inspirado, outrossim, atendeu Paulo a sensata norma hermeneuta quando escreveu: **“Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo”** (1ª Coríntios 3.11).

Esta declaração solene de Paulo Apóstolo foi feita numa conjuntura assaz difícil e, por isso, importante, da Igreja em Corinto.

Com efeito, dentre os graves problemas a conturbar essa comunidade, sobressaía-se a disputa entre os rivais partidos internos, verdadeiros cismas (1ª Coríntios 1.12).

As contendas radicalizavam as posições: uns partidários de Paulo; outros, de Apolo; outros, de Kephias; outros, de Cristo (1ª Coríntios 1.12).

Os partidários de Kephias, de certo eram os judaizantes ou legalistas (Gálatas 2.11-14), enfatuados na divulgação de sua tese defensora da necessidade da prática de obras, além da fé em Jesus Cristo, para a salvação do pecador. Agressivos, infiltravam-se entre as Igrejas a disseminar o anti-evangelho.

Convicto em sua decisão de não agradar aos homens por ser servo de Cristo (Gálatas 1.10), nada lhe significava pessoalmente a presença de partidários seus. Repele-os com energia (1ª Coríntios 1.13-15).

E, com vigor, combate essas dissensões intestinas.

Servo fiel, pode declarar: **“Porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus”** (Atos 20.27). Não seria, portanto, agora a vez de deixar de anunciar e de defender a autoridade de Simão, filho de Jonas, se nele reconhecesse qualquer primazia na qualidade de PEDRA da Igreja.

Teria proclamado: *Ubi Petrus ibi Ecclesia!*

Se Pedro, contudo, nem se credenciara a ser chefe de um partido interno numa igreja local, como poderia ser reconhecido fundamento, a pedra da Igreja, sobre a qual lhe caberia o primado jurisdicional?

Repele o Apóstolo esse espírito partidário, próprio de crenças carnais. Ninguém há de se gloriar nos homens. Ninguém se glorie em

Paulo. Ninguém se glorie em Apolo. Ninguém se glorie em Kephias (1ª Coríntios 3.21-22). **“Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor”** (1ª Coríntios 1.31). Glorie-se no Senhor Jesus Cristo, o fundamento da Igreja.

“Ninguém pode pôr outro fundamento”!

“Não, não há outra Rocha que eu conheça” (Isaías 44.:8).

Nem Paulo, nem Apolo e nem *Kephias* podem ocupar o lugar de Cristo como suporte fundamental da Igreja. Neste encargo Cristo é único. E dispensa um vigário!

Os faccionários da fé vaticana invocam o cardeal Belarmino e asseveram: “Na verdade Cristo é o fundamento primário da Igreja, mas Pedro é o fundamento da Igreja no lugar de Cristo, como Seu vigário, pelo que se deve dizer ter a Igreja sido imediata e literalmente edificada sobre Pedro” (*De Romano Pontifice Lib. 1, cap. X*).

Pedro, na conformidade de Belarmino, o polemista romano, cujos ensinamentos os compêndios de dogmática exibem, Pedro é o fundamento vicário.

Ora, Paulo é explícito: **“Ninguém pode por outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo”**. Ele é o fundamento primário, único e insubstituível.

Se houvesse a distinção belarminiana, Jesus Cristo, ao se referir ao suporte de Sua Igreja, ter-se-ia mencionado como fundamento PRIMÁRIO. Quando, pois, disse Ele: **“E sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja”**, referiu-se a Si próprio como fundamento PRIMÁRIO, segundo reconhece Belarmino.

Se Pedro fosse o fundamento vicário da Igreja seria absurdo Cristo, ao falar na única vez sobre a edificação de Sua Igreja (Mateus 16.18), deixasse de fazer referência ao fundamento PRIMÁRIO.

Falaria, então, apenas sobre o SECUNDÁRIO ou VICÁRIO? Teria marginalizado o ESSENCIAL?

Paulo, também em 1ª Coríntios 3.11, elucida o sentido genuíno de Mateus 16.18.

O texto de Paulo, por demais cristalino, se sintoniza com a metáfora de Mateus 16.18. Excluem ambos toda e qualquer possibilidade de um fundamento VICÁRIO ou VISÍVEL da Igreja.

Cristo é o fundamento! *THEMELIOS!!!*

Da Igreja é Ele a única rocha! *PETRA!!!*

“Não, não há outra rocha que eu conheça” (Isaías 44.8).

Deus pôs “**todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, O deu à Igreja, a qual é o Seu Corpo, a plenitude dAquele que a tudo enche em todas as coisas**” (Efésios 1.22-23).

“**Ele é a Cabeça do Corpo, da Igreja. Ele é o princípio, o primogênito dentre os mortos, PARA QUE EM TUDO TENHA A PREEMINÊNCIA**” (Colossenses 1.18).

Onde, portanto, está Cristo, eis aí a Igreja. ***Ubi Christus ibi Ecclesia!!!***

.oOo.

PEDRO, FUNDAMENTO DA IGREJA

Requinta-se em solércias sofisticas a teologia romana. Com um forjado fundamento, fantasia o seu Tratado *DE ROMANO PONTIFICE*, embora sacrifique a lógica, a exegese, a hermenêutica e as prerrogativas inalienáveis de Jesus Cristo.

Em sua estrutura Cristo se reduz a um pretexto, porquanto culmina com este enunciado: a primordialidade jurisdicional do pontífice romano. **SÓ POR SI**, representa o sinal característico **SUFICIENTE** para se poder diferenciar a verdadeira Igreja das seitas heréticas e cismáticas. *Vera Christi Ecclesia etiamnunc perdurat et usque ad finem mundi perdurabit, in eaque Petri primatus perpetuetur oportet. Sola Ecclesia romano-catholica obedit, ac semper obediat, episcopo romano tamquam Petri successori. Sola Ecclesia romano catholica, ergo est vera Christi Ecclesia. Omnes alii coetus christiani non sunt de domo Christi, quia non aedificati super unicum fundamentum a Christo positum; non sequuntur illum, cui Christus commisit totum suum gregem pascendum.*

Para chegar a essas conclusões fantásticas impõem-se malabarismos de exímio acrobata na arte de tergiversar com a Palavra de Deus.

Reconhece a sofismática vaticana ser Cristo Jesus a pedra fundamental, invisível, sobre cuja firmeza e inamobilidade se ergue a Igreja. Por fiança divina, entretanto, Simão da Galiléia se constitui em PEDRA VISÍVEL, EXTERNA, VICÁRIA.

Sob o aspecto da visibilidade, da externidade e da vicariedade, considera-se Pedro o fundamento secundário. Secundário, porém, não menos inamovível e iniludível.

Visível e externo por ser a Igreja também uma sociedade visível e externa a requerer um poder supremo visível e externo. E VICÁRIO por fazer as vezes de Cristo. Em consequência, a sua secundariedade não lhe desmerece a primazia e a preeminência. Soberanizado é ele o primicério.

A teologia vaticana é perita em se esgueirar entre as subtilezas dos sofismas quando acicatada pela evidência bíblica e pela lógica do raciocínio.

Quando se lhe contesta, por exemplo, a tese da mediação universal de Maria neste último Concílio proclamada Mãe da Igreja, com a Escritura de 1ª Timóteo 2.5-6: **“Porquanto há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o Qual a Si mesmo Se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em todos os tempos”**, tenta refugiar-se sob os anteparos de uma ilógica dialética. Empenha-se por livrar-se da clareza do ensino bíblico alegando significar aquele: **“UM SÓ”**, o principal, como se único fosse sinônimo de principal, admitindo, pois, a parceria de uma secundária, porém, imprescindível Mediadora.

Os esgrimistas sofismadores leriam o texto paulino assim: “Porque há um Deus, e um PRINCIPAL Mediador entre Deus e os homens...”

Alegaremos, todavia, argumentos e embargos de terceiros ao articulado vaticano.

1)- Se a perícopete mateana de 16.13-19 é a vítima da ilógica exegese, dela nos valem no intuito de outra vez, sublinhar-lhe a pureza e exaltar-lhe a verdade.

Registra ela o único pronunciamento de Cristo quanto à fundação de Sua Igreja: **“Edificarei a Minha Igreja”**. Seria descabida inversão de valores se Cristo, após a confissão de Simão Barjonas: **“Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo”**, aludisse apenas ao fundamento secundário.

2)- Paulo Apóstolo, em Efésios 2.20-22, fala-nos do fundamento secundário da Igreja: **“Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual**

todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós justamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito”.

Com esta perícopos interpomos embargos de terceiros contra a tese vaticana que intenta atribuir a Pedro, com EXCLUSIVIDADE, a incumbência de fundamento secundário da Igreja

O vocábulo secundário aqui é tomado na sua genuína significação. É o que se segue ao principal, ao primário. Rejeitamos, pela ilegitimidade, os forçados e supostos sinônimos: visível, externo, vicário.

Outorgar-se a Pedro a EXCLUSIVIDADE na fundamentação secundária da Igreja é causar danos a terceiros, isto é, aos demais apóstolos e aos profetas.

Aliás nesta Escritura paulina encontra-se o elemento que completa a figura com que é comparada a Igreja, qual seja a “**casa de Deus**” (1ª Timóteo 3.15), ou “**casa espiritual de Deus**” (1ª Pedro 2.5), ou “**edifício de Deus**” (1ª Coríntios 3.9).

a)- Com efeito, em Mateus 16.18, encontra-se a PETRA, a Rocha, a metaforizar Cristo, o Filho de Deus Vivo, o fundamento primacial da Igreja. Em 1ª Pedro 2.4-10, e passagens afins, depara-se esse mesmo fundamento primário tipificado na “**pedra principal de esquina**”.

b)- Pedro assemelha os crentes, os que compõem o edifício espiritual, com as “**pedras vivas**”, as quais unidas a Cristo, a ROCHA, formando a Igreja, dEle recebem vitalidade. Recorda-nos esta figura o tropo da videira, da qual Cristo é o tronco e os crentes são as varas, os sarmentos, a Ele unidos, de Quem obtêm a seiva vital.

c)- Impossível ao alicerce estruturar-se apenas em pedras de esquina. Estas se completam com outras pedras que, ao longo da fundação, compõem todo o alicerce do edifício. Constituem, pois, o fundamento secundário da Igreja. São aquele “**fundamento dos apóstolos e dos profetas**” aludido por Paulo em Efésios 2.20.

Ao mencionar o “**fundamento dos apóstolos e dos profetas**”, – sublinhe-se – Paulo, com solenidade, define Jesus Cristo como “**a principal pedra angular**” porque jamais pretenderia responsabilizar-se por alguma brecha que, de longe, facilitasse as ambições pontificias. Fazem parte deste fundamento os apóstolos e os profetas. Os Doze: Pedro, Tiago, João, André, Paulo ... E os profetas: Moisés, Elias, Eliseu, Isaías, Jeremias, Daniel ...

Apóstolos e profetas, órgãos da Revelação Divina, hoje consubstanciada nas Sagradas Escrituras, a Bíblia.

Sim, na Bíblia encontra-se a “**doutrina dos apóstolos**” (Atos 2.42) e a mensagem divina dos profetas, desde Moisés (Deuteronômio 34.10), o escritor do Pentatêuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) até Zacarias, até João Batista, o maior deles (Lucas 7.28), o derradeiro dos profetas por lhe caber a honra de, ao anunciar a próxima vinda do Messias, indicá-lo já presente como Cordeiro de Deus (João 1.15-36).

O “**fundamento dos apóstolos e dos profetas**”, portanto, se consubstancia – identifica-se – com a Bíblia.

A Bíblia, a exclusiva Fonte de Revelação Divina é o fundamento secundário da Igreja. E Jesus Cristo, “**a principal pedra angular**”, é o seu fundamento por excelência.

Onde, pois, a exclusividade para Pedro?

Pedro, é, sim, um dos participantes do fundamento secundário da Igreja, por ser, como apóstolo, órgão, instrumento, da Revelação Divina.

Pedro, por conseguinte, não é exclusivo fundamento secundário. Todos os apóstolos, os Doze, compõem esse fundamento. Paulo, dentre eles, também participa desse fundamento secundário e até afirma: “**Em nada fui inferior a esses tais apóstolos**” (2ª Coríntios 12.11).

3)- Apocalipse 21 descreve a magnificência da Jerusalém Celeste e no v. 14 destaca: “**A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos de Cristo**”.

Já dissera o Mestre: “**Em verdade vos digo que vós, os que Me seguistes, quando na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da Sua Glória, também vos assentareis em doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel**” (Mateus 19.28).

Nem no Céu se vislumbra um lugar especial para Pedro!

Aos apóstolos promete Cristo doze tronos, um para cada um. Omite quaisquer distorções. Se destinasse um mais elevado para Pedro, tê-lo-ia dito.

Nos Céus há quem seja grande e há quem seja menor (Mateus 5.19). Se Pedro fosse destacado como o primaz dentre os colegas, conservar-se-ia no Céu essa postura, porquanto aos apóstolos no Céu é reservada uma posição especial como especial foi a posição deles neste mundo. Os galardões são diversos e distinguem os salvos. Como fundamento destacado da Igreja, lá nos Céus, de certo, Pedro usufruiria também de especial regalia, de especiais galardões.

Os teólogos romanos apregoam, aliás, que o prêmio da glória é proporcionado à graça. Os distinguidos na graça, por eles

correspondida, no Céu distinguir-se-ão com os galardões da bem-aventurança. Ora, se Pedro houvesse sido aqui na terra singularizado com regalias especiais e exclusivas sobre os demais colegas, evidentemente, nos Céus seria destacado. Teria um trono singular. Seu nome se inscreveria em lugar distinto dos demais nomes.

4)- A segurança do edifício procede da solidez do seu fundamento, dos seus alicerces, amarrados nas pedras de esquina. A firmeza da Igreja, o edifício construído pelo próprio Cristo, se baseia no Filho de Deus. Base divina, espiritual, inamovível, inabalável, indefectível.

Fora de Cristo os homens se firmam na areia. Mas Ele é o fundamento doutrinar de Sua Igreja e lhe oferece absoluta segurança. **“Todo aquele que vem a Mim, e ouve as Minhas Palavras, e as pratica, Eu vos mostrarei a quem é semelhante. É semelhante a um homem que, edificando uma casa, cavou, abriu profunda vala, e lançou o alicerce sobre a rocha; e, vindo a enchente, arrojou-se o rio contra aquela casa e não a pôde abalar, por ter sido bem construída”** (Lucas 6.47-48).

“Sem Mim nada podeis fazer” (João 15.5), proclamou Jesus. Embora fisicamente afastado deste mundo porque Seu Corpo está à direita do Pai, Ele está na Sua Igreja conforme a Sua própria promessa: **“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em Meu Nome, ali estou no meio deles”** (Mateus 18.20).

A teologia vaticana exalta-se em expressões superlativas: *Ubi Petrus ibi Ecclesia!* no intuito de magnificar a preeminência de Pedro como o seu fundamento.

Pobre Igreja essa! Edificada sobre um homem. O pó. A areia. Sobre a fraqueza!

“Maldito o homem que confia no homem” (Jeremias 17.5).

Infeliz igreja por confiar no homem!

Jesus chamou Pedro de Satanás (Mateus 16.23).

Pedro! Pobre Pedro! Satanás!!! Escândalo para o próprio Cristo. Ignorante das coisas de Deus!

Dentre os Doze, que, com os profetas, fazem o fundamento secundário da Igreja, revelou-se Pedro de uma fragilidade extrema. Por três vezes nega o Mestre no momento crucial de Sua Vida!

Imergir-se-ia na torrente do mal e sua fé ter-se-ia desfalecido se não lhe valesse a intercessão constante de Cristo (Lucas 22.31-32).

Essa intercessão, todavia, não se sobressai como privilégio singular de Pedro porque Cristo, Sumo Sacerdote, intercede constantemente por todo o Seu povo (Hebreus 7.25; Romanos 8.34).

A intercessão de Jesus é proporcional às necessidades dos Seus discípulos.

Pedro, o mais tentado, o mais frágil, precisou de mais constante intercessão de Cristo.

Tão frágil o pobre Pedro que, cheio do Espírito Santo e em pleno ministério apostólico, resvalou da **“Verdade do Evangelho”**, recebendo, em consequência, séria reprimenda de Paulo (Gálatas 2.11).

Toda essa fragilidade jamais poderia se constituir em fundamento destacado, singularizado da Igreja.

5)- Na convicção desta sua fragilidade e nos horizontes luminosos da Verdade, o pescador de Betsaida proclama: **“Este Jesus é a pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular. E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”** (Atos 4.11-12).

Voltado para Cristo, convida: **“Chegando-vos para Ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Cristo Jesus. Pois isto está na Escritura: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa, e quem nela crer não será, de modo algum, envergonhado. Para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade, mas, para os descrentes, a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular e: Pedra de tropeço e rocha de ofensa. São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos. Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes dAquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado, misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia”** (1ª Pedro 2.4-10).

Nenhum destaque para a sua frágil pessoa!

Se se reconhece simples presbítero com os presbíteros (1ª Pedro 5.1), nivela-se também com os seus colegas no grupo dos Doze.

.oOo.

O PODER JURISDICCIONAL REVELADO NO SIMBOLISMO DAS CHAVES

Pedra da Igreja, Pedro, segundo a sofismática vaticana, há de se investir no múnus da primazia, da prioridade, da supremacia jurisdiccional, da preeminência absoluta a fim de se desincumbir do pastoreio do Rebanho de Cristo. Como primicério compete-lhe a autoridade primacial de chefe supremo e máximo hierarca.

Preexcelso no Colégio Apostólico, preemina sobre toda a Igreja. A Igreja Militante. A Igreja Padecente. E a Igreja Triunfante.

O exercício de sua soberana jurisdição sobre toda a Igreja só se efetiva com eficácia por lhe caber o poder simbolizado nas CHAVES: **“Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos Céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos Céus”** (Mateus 16.19).

Como vigário visível de Cristo invisível pertence-lhe por direito aquele poder próprio de Cristo, cujas vezes faz. *Potestas vicarii correspondet potestati illius, cuius vices gerit.*

Sucessor de Pedro, o romano pontífice, como claviculário, goza, pois, do supremo poder sobre toda a Igreja. Poder episcopal, imediato, universal, ordinário, soberano e pleno (capítulo 3 deste livro).

Sobre a Igreja Militante, estabelecendo dogmas e artigos de fé, determinando preceitos, legiferando, excomungando, gerindo os bens eclesiásticos.

“A locução “ligar” e “desligar” significa não só proibir e permitir, mas ainda condenar e absolver. É outro modo figurado com que Jesus promete a Pedro o poder supremo na Igreja, com referência particular ao poder legislativo e coercitivo” (D. Duarte Leopoldo e Silva, *Concordância dos Santos Evangelhos*, S.Paulo, *in loco* Mateus 16.19).

Sobre a Igreja Padecente administrando o tesouro das indulgências em benefício ou em prejuízo das almas do purgatório.

Sobre a Igreja Triunfante instituindo ou revogando solenidades litúrgicas, canonizando “santos”, abrindo-a ou fechando-a consoante a sujeição por parte dos fiéis às suas normas.

E sobre o próprio Deus, que deve se conformar e se submeter às suas infalíveis decisões.

Removido o suporte básico do Tratado *DE ROMANO PONTIFICE* da dogmática católica estruturado na ilógica interpretação da *PETRA* como Pedro, removido esse suporte, quais nuvens esgarçadas pela brisa, diluem-se da metáfora das CHAVES todas aspirações vaticanas.

Falsus in uno, falsus in omnibus! Falso numa só coisa, falso em todas!

Falso o Tratado *DE ROMANO PONTIFICE* na esdrúxula interpretação da *PETRA*, esboroa-se todo o seu arrazoado sobre a suprema e exclusiva autoridade jurisdicional do papa, quimérico sucessor de Pedro.

Na perícope de Mateus 16.13-19 aparecem duas metáforas: a da pedra e a das CHAVES.

Entendendo a teologia romana ser Pedro a pedra fundamental da Igreja, a quem, por conseguinte, toca a primazia de jurisdição, as CHAVES, estampadas, como emblema na auri-branca bandeira pontificia, tipificam o soberano poder outorgado a aquele apóstolo.

Em sendo Simão da Galiléia a pedra fundamental da Igreja, também é o depositário de suas chaves e árbitro para ligar e desligar: **“o que ligares na terra terá sido ligado nos Céus, e o que desligares na terra terá sido desligado nos Céus”**.

Com efeito, conforme aquela doutrinária, entregar a alguém as chaves da casa ou da cidade significa conferir-lhe o máximo poder sobre essa casa ou sobre essa cidade. *Tradere alicui claves vel domus vel urbis ex usu profano et sacro significat DARE EI SUPREMACI POTESTATEM in illa domo vel urbe*. Ao vencedor, no passado, entregavam-se as chaves da cidade vencida em sinal de vassalagem.

O senhor, ao entregar as chaves de sua casa a um procurador, outorga-lhe, para administrá-la, plenos poderes vicários. A fazer as vezes do senhor, torna-se esse procurador em supremo ecônomo — *“tanquam supremus oeconomus domini vices gerens”*.

O Pontifício Instituto Bíblico de Roma, ao atender orientações do Concílio Ecumênico Vaticano II registradas sobretudo na sua

Constituição Dogmática *Dei Verbum*, através das Edições Paulinas (S. Paulo, Brasil), em 1967, lançou a BÍBLIA SAGRADA, “tradução dos textos originais”. “Cabe aos sagrados pastores (os bispos), depositários da doutrina apostólica”, adverte a *Dei Verbum* (§ 25), “educar oportunamente os fiéis que lhes forem confiados para o correto uso dos livros divinos, sobretudo do NT e dos Evangelhos, por meio de versões dos textos sagrados acompanhadas das explicações necessárias e realmente suficientes (...) façam-se edições da Sagrada Escritura munidas de apropriadas anotações, para uso também dos não cristãos e adaptadas à situação deles; e tanto pastores de almas [os bispos] como os cristãos de qualquer condição inteligentemente tratem de difundi-las de todos os modos”.

Ora bem, ao comentar em rodapé o texto focado, essa versão da BÍBLIA SAGRADA, atendendo as determinações conciliares, assevera: “Na linguagem escriturística, dar a alguém as CHAVES de uma cidade ou de uma casa, bem como na antiguidade e mesmo em nossos dias, quer dizer conferir-lhe o supremo poder. É esta outra imagem que Jesus usa para prometer a Pedro o primado da Igreja”.

* * *

Aos conhecedores das táticas clericais não causam espécie a sintonia e a sincronia da doutrinação e da exegese vaticanas ante e pós-Concílio.

Limitou-se o Concílio Ecumênico Vaticano II a dar uma caiação na velha e cediça estrutura de sua dogmática pertinazmente oposta à Palavra de Deus.

Minha fé na autoridade pontifícia, como decorrente da suprema jurisdição de Pedro, ao estudar eu o simbolismo da **PETRA**, se desvanecera por completo. O exame da figura das CHAVES, porém, reforçou minha convicção da Soberania de Jesus Cristo em Sua Igreja e reavivou em meu íntimo a urgência de se proclamar a Verdade do Evangelho, fazendo-se assim, uso das chaves da pregação aos ouvidos dos pecadores. **“A fé é pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus”**. *Fides ex auditui, auditus autem per Verbum Dei* (Romanos 10.17).

Ao entregar a Pedro, como Seu Vigário, as chaves do Seu Reino, cometeu-lhe Cristo a verdadeira e legítima autoridade de procurador em Sua Igreja, proclama o articulado romano. Essa autoridade é máxima por incluir o poder de admitir na Igreja e dela excluir, o de suprema administração e disposição dos bens, na conformidade da promessa de

Jesus: **“o que ligares na terra terá sido ligado nos Céus, e o que desligares na terra, terá sido desligado nos Céus”**.

Portanto, foi prometida a Pedro, independente de qualquer homem, a jurisdição na Igreja universal. *Ergo promittitur Petro iurisdictio in universam Ecclesiam, ab omni homine independens.*

A metáfora das CHAVES, por conseguinte, explicita a soberana autoridade de Pedro e dos seus sucessores na Igreja, implícita, aliás, na metáfora da PEDRA. Pelo fato de ser Pedro o fundamento da Igreja, são-lhe atribuídos sobre ela plenos poderes. Se, por virtude própria e pessoal, Cristo é o fundamento principal da Igreja, e se, por vontade do mesmo Cristo, Pedro também é o seu fundamento verdadeiro, Cristo Jesus, em tendo, outrossim, por virtude própria e pessoal, as CHAVES do Reino, ao ascender aos Céus quis outorgá-las a Pedro a fim de usá-las em Nome e em lugar dEle. *Sicut Christus est fundamentum principale et virtute propria tale, et tamen Simoni datur ut sit verum fundamentum Ecclesiae virtute Christi, sic Christus etiam virtute propria et principale habet claves Regni Coelorum, attamen ascensurus in coelum eas tradere voluit Petro exercendas nomine et vice Christi.*

A nota apostada pelo arcebispo Duarte Leopoldo e Silva a Mateus 16.19 em sua *Concordância dos Santos Evangelhos* (“Ave Maria” – S. Paulo, 1940) pode ser perfeitamente subscrita pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, quando elucida: “As palavras LIGAR e DESLIGAR são sinônimas de ABRIR e FECHAR, porque os antigos abriam ou fechavam as portas ligando ou desligando a tranca que lhes servia de segurança. As chaves do Céu simbolizam os poderes conferidos ao chefe da Igreja. Sem a intervenção de Pedro, único depositário das chaves do Reino dos Céus, ninguém poderá salvar-se”.

A teologia vaticana observa que o poder de ligar e desligar se refere a vínculos, não físicos, mas morais. Ligar, portanto, significa preceituar, vetar, impelir por obrigação religiosa. DESLIGAR quer dizer permitir, liberar de um vínculo religioso. São dois vocábulos a expressar o exercício do poder das chaves. Trata-se, portanto, de uma verdadeira e autêntica jurisdição.

Em decorrência dessa interpretação, como clavífero do Céu, o papa impôs *sub gravi* a assistência à missa dominical, a confissão de pecados ao sacerdote ao menos uma vez cada ano, a comunhão eucarística no tempo pascal, a abstinência de carne em determinados dias do ano e tantas outras coisas. No passado, *sub gravi*, vetava a cremação, hoje liberada.

O exercício da suprema autoridade implica em ligar e desligar com leis, preceitos e penas. A lei impõe a obrigação do seu cumprimento e toda a obrigação ou dever envolve a consciência.

Com a figura das chaves, Cristo prometeu a Pedro, o Seu plenipotenciário, a *plenitude*, a *completitude* do poder supremo, postando-se Deus, às suas ordens a confirmar-lhe e ratificar-lhe as decisões irreformáveis, “**e TUDO o que ligares na terra SERÁ LIGADO nos Céus, e TUDO o que desligares na terra SERÁ DESLIGADO nos Céus**”. Transforma-se o Céu numa província da jurisdição papal.

O soberano poder das chaves é independente e está acima de quaisquer outros poderes humanos. Pedro ligando, nenhum outro poderá desligar. Pedro desligando, ninguém poderá ligar.

Poder efficientíssimo, portanto. Efficientíssimo por ser confirmado e sancionado por Deus.

E ainda universalíssimo por não se balizar em quaisquer limites, porquanto se estende a todos os setores da religião: à fé, à moral, à disciplina, aos costumes, às pessoas, às coisas.

É, outrossim, um poder supremo a envolver a capacidade de legiferar, de abolir, de proibir, de permitir, de julgar, de infligir penas, castigar delitos.

As decisões de Pedro e seus sucessores são, pois, autoritativas e jurídicas. Engendram o direito e estabelecem o dever.

Irrevogáveis diante de qualquer potestade terrena, são inapeláveis.

Admirável teologia! Uma cornucópia de sofismas.

De uma simples metáfora, a força do *Scriptura ex machina*, extrai uma espetacular e fantasmagórica utopia.

Depois do catecismo, naquele distante domingo, cheguei até ao campo para apreciar os homens montando uma série de peças. Senti-me defraudado diante da bombástica propaganda espalhada na cidade. Que coisa mais esquisita! Nada vi digno de nota.

À noite, encerrada a quermesse, acompanhado de meus pais, voltei. Apertado entre grande multidão e mergulhado nas trevas, só me lembrava das montagens simples e insignificantes observadas naquela tarde.

À hora aprazada, todavia, iniciou-se o espetáculo pirotécnico sob intensíssima chuva de estrelas e o ribombar dos tonitroantes morteiros. Nunca vi coisa tão linda! Aquela cascata de luzes multicoloridas a se erguer nos ares. Aquele ofuscante e policrômico altar do santo padroeiro...

Como se consegue tanta beleza com uma contagem simples, – raciocinava embevecido.

A teologia romana é como a pirotécnica. Fogos de artifício... Magníficos, mas irreais. Fantasmagóricos. Transitórios na sua fugacidade.

Sérios obstáculos se postam defronte da doutrinação papal a lhe esbarrandar a petulância.

1)- O mais elementar princípio de hermenêutica estabelece a compreensão de um texto de acordo com o contexto e com as passagens paralelas. Ora, essa norma esbarra a arrancada vaticana na construção do castelo-de-cartas pontifício projetada sobre um termo simbólico isolado.

É contra, ainda, o senso comum o recorrer-se à Tradição, absolutamente alheia à obra literária da Bíblia, como faz, na emergência de ser desmascarada, por meio de notas explicativas apostas abaixo de Mateus 16.19, a versão divulgada pela Editora “Ave Maria” (S. Paulo, 1962), quando assevera: “A Tradição católica sempre viu nesta promessa [a da entrega das chaves] a soberana autoridade conferida ao príncipe dos apóstolos e aos seus sucessores”.

Esse recurso é desmoralizante e contrário à boa e honesta hermenêutica apesar de frequente nos meandros da teologia pontifícia.

2)- Frustradas as pretensões papais em decorrência do meticuloso exame exegético de Mateus 16.18, em capítulos precedentes feito, segue-se o esboroar-se da interpretação vaticana da metáfora das chaves. *Falsus in uno, falsus in omnibus!*

3)- A raciocinar-se de acordo com a hipótese da dogmática romana criar-se-ia uma extravagante jurisprudência.

Ai das nações se se entregasse o poder soberano aos mordomos dos palácios presidenciais só porque são seus claviculários.

Ai das propriedades e das instituições cujas chaves a alguém fossem confiadas.

A visitantes ilustres, por deferência especial, entregam-se as chaves da cidade. A preponderar o arrazoado papal gozariam eles de plena autoridade e legislariam, e coagiriam, e castigariam ...

4)- O símbolo das chaves e o do LIGAR e DESLIGAR é tipicamente semítico. Nos países do Oriente Médio, ainda hoje, homens circulam pelas ruas tendo um par de grandes chaves presas por um cordão penduradas dos dois lados dos ombros. São chefes de família a demonstrar a sua autoridade.

Isaiás 22. 22 registra esse costume quando, ao exaltar Eliaquim, o Senhor diz: **“E porei a chave da casa de Davi sobre o seu ombro, e abrirá, e ninguém fechará, e fechará, e ninguém abrirá”**.

Recorde-se, outrossim, permanecer Ele presente em Espírito na Sua Igreja. **“E eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos”** (Mateus 28.20). **“E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre”** (João 14.16).

No sentido de soberania suprema as chaves permanecem em Suas mãos, conforme Apocalipse 3.7: **“Isto diz o Santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fecha, e que fecha, e ninguém abrirá”**.

As chaves continuam nas mãos de Cristo significando a Sua Soberania absoluta sobre a Igreja. Se continuam em Suas mãos, essa autoridade é intransferível. Não foi outorgada a Pedro e a seus hipotéticos sucessores.

5)- As chaves, no caso do rei, indicam soberania. Pode ele, evidentemente, entregá-las a algum súdito, como mordomo. A este cabe usá-las conforme a vontade do seu amo e abrir as portas a quem devem ser abertas.

Se Jesus é o Soberano da Sua Igreja, compete-lhe determinar a aqueles a quem confia suas chaves como usá-las.

Os Seus mordomos, quais mandatários, agirão de conformidade com as instruções recebidas e as condições estabelecidas. **“Se vós PERMANECERDES na Minha Palavra, verdadeiramente sereis Meus discípulos”**, enfatizou Jesus Cristo em João 8.31.

Ora, a permanência em Sua Palavra é a condição irrefragável do discipulado, da mordomia no uso das chaves.

Escapando-se ou desviando-se da Palavra de Cristo, torna-se infiel o mordomo e incapaz de continuar no uso das chaves.

A teologia romana quer ver em Pedro o claviculário do Reino dos Céus neste mundo, enquanto Cristo dele está ausente.

Ascendido aos Céus, Cristo deixou esta terra e, por isso, confiou a Pedro, como Seu vigário, insiste a petrologia, a incumbência de usar as chaves com as Suas mesmas atribuições, com todo o poder e soberania. Como aos mordomos, na ausência do amo, cabe administrar, governar, inspecionar e gerir os negócios do reino, também na Igreja, o Reino visível de Cristo neste mundo, a Pedro, como Seu vigário, compete

governar com soberano poder e suprema autoridade, exigindo submissão e vassalagem.

Exorbita, já se constata, a teologia pontifícia e claudica em sua comparação donde exaure ilegítimas e ilógicas conclusões. Cristo continua presente em Sua Igreja, embora Seu Corpo esteja à direita do Pai. Se a qualquer rei falta a capacidade da presença real quando fisicamente ausente, com Jesus Cristo esta limitação é impossível. No Céu, à destra do Pai, é Ele a Cabeça de Sua Igreja neste mundo peregrinante.

Recorde-se, outrossim, permanecer Ele presente em Espírito na sua Igreja. **“Estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos”** (Mateus 28.20). **“E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre”** (João 14.16).

Em consequência, as chaves da suprema autoridade continuam em Suas poderosas mãos: **“Isto diz o santo, o verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abrirá”** (Apocalipse 3.7).

6)- Prometeu Jesus a Pedro (Mateus 16.19) as chaves do REINO DOS CÉUS e não da Igreja.

À luz das Sagradas Escrituras, embora contrariando outra teimosia vaticana, Reino dos Céus ou Reino de Deus e Igreja são coisas totalmente diversas.

O Reino dos Céus ou Reino de Deus de forma alguma é sinônimo de Igreja.

Primeiro, porque reino é um designativo monárquico e Igreja, por ser assembleia congregacional, é termo democrático.

A perícopes de Mateus 16.13-19, apesar das metáforas: **“Edificarei a Minha Igreja”** e **“Eu te darei as chaves do Reino dos Céus”**, não identifica Igreja e Reino, pois as figuras: **“portas”** e **“chaves”** não identificam Igreja, Inferno e Reino. Com efeito, **“edificar”** é um verbo aplicado ao construtor de um prédio. Mas, o termo **“chaves”** é de edifício. Os termos **“Igreja”** e **“Inferno”** serão idênticos por haver Jesus usado **“edificarei”** e **“portas”** no v. 18?

Como podem, pois, ser idênticos o Reino e a Igreja somente por haver Jesus usado a figura de **“edificar”** no v. 18 e de **“chaves”** no v. 19?

Qual será, pois, o significado do Reino dos Céus? É a íntima soberania de Jesus, como Salvador e Rei, nas almas regeneradas e na

sua vida pessoal e coletiva. E nele se entra somente pelo novo nascimento.

Em sendo assim, qual seria a ingerência de Pedro ou do papa no Reino dos Céus?

7)- Nem sempre existiu neste mundo a Igreja, porquanto Cristo foi Quem a fundou após um período de preparação: **“EDIFICAREI a Minha Igreja”** (Mateus 16.18). Note-se o tempo futuro do verbo edificar. O fato registrado por Mateus 16.13-19, sucedeu antes de existir a Igreja.

O Reino dos Céus ou o Reino de Deus, sim, já existia. Eis, pois, outro motivo a elucidar a diferença entre o Reino e a Igreja.

Se a Igreja passou a existir depois do Reino dos Céus, quem usou as suas chaves antes de Pedro, se se acreditar na sofismática vaticana?

Aos fariseus e doutores da Lei haviam sido entregues as chaves do Reino.

Usavam-nas, porém, tão mal que foram severamente incriminados por Jesus Cristo: **“Ai de vós, interpretes da Lei. Porque tomastes a chave da ciência; contudo, vós mesmos não entrastes, e impedistes os que estavam entrando”** (Lucas 11:52). **“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o Reino dos Céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando”** (Mateu 23.13).

Efetivamente, tocava, antes da Igreja, aos fariseus e aos doutores da Lei o uso dessas chaves do Reino dos Céus. E eles, os ocupantes da cadeira de Moisés, falharam quanto ao uso das chaves, símbolo da sua incumbência de ensinar ao povo os caminhos do Senhor.

Vergastou-lhe correndo o risco de escandalizá-lo (Mateus 15.12) a inépcia o Salvador e os recriminou por haverem adulterado, com o mau uso das chaves, a Verdade da Revelação Divina: **“E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição (...) E em vão Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens”** (Mateus 15.6-9).

A chave da ciência por Cristo referida em Lucas 11.52 era a incumbência outorgada aos escribas e fariseus, os doutores da Lei, de ensinar ao povo a Verdade Revelada contida nos Livros do VT por eles guardados. Enaltece-lhes, aliás, Paulo essa vantagem: **“Muita, sob todos os aspectos. Principalmente porque aos judeus foram confiados os oráculos de Deus”** (Romanos 3.2).

Blasonava-se o doutor da Lei por se ter na conta de **“guia de cegos”, “luz dos que estão em trevas”, “instruidor dos néscios”** (Romanos 2.19-20). E Jesus o chama de cego (Mateus 15.14).

Falharam os fariseus no exercício de sua missão de, como clavígeros do Reino dos Céus, ensinar o povo e, por isso, Jesus Cristo os chamou de **“insensatos e cegos”** (Mateus 23.17). Conservavam os oráculos divinos, mas, por causa do seu apego à tradição por eles engendrada, ocultavam e adulteravam a Sagrada Revelação, exatamente como hoje fazem os hierarcas do Vaticano.

A admitir-se, todavia, a interpretação forçada do símbolo das chaves apresentada por Roma, há de se atribuir aos fariseus e doutores da Lei de então a mesma soberana autoridade dentro do Reino de Deus. Então, naqueles dias, embora Jesus fisicamente presente neste mundo, os supremos magistrados do Seu Reino eram os fariseus, acre e acerbamente censurados pelo Salvador como **“hipócritas”** (Mateus 23.13-15), **“sepulcros caiados”** (Mateus 23.27), **“serpentes, raças de víboras”** e dignos **“da condenação do inferno”** (Mateus 23.33).

Consideravam-se os donos do Reino dos Céus, cujas chaves em suas mãos ineptas estavam, e dos homens fechavam as suas portas (Mateus 23.13), deturpando com as suas tradições a genuinidade da Palavra de Deus (Mateus 15.6-9). **“E nem vós entráis nem deixáis entrar aos que estão entrando”** (Mateus 23.13). Por isso, **“receberão maior condenação”** (Lucas 20.47), sentenciou Jesus.

A dogmática vaticana ao pretender, pois, a perpetuidade do supremo poder na Igreja para Pedro e seus supostos sucessores, esbarra com o enorme problema da transitoriedade do poder das chaves nas mãos dos fariseus. Se eles correspondessem a contento à sua missão, teriam, por certo, continuado como claviculários do Reino dos Céus,

Repugna à sã razão admitir-se a presença desses clavígeros, no conceito vaticano, detentores do poder soberano no Reino de Deus só porque enfeixam nas mãos as suas chaves, estando presente na terra o Filho de Deus Vivo.

Cai em contradição essa dogmática quando supõe haver Cristo entregue as chaves do Seu Reino a Pedro para exercitar a suprema jurisdição depois de Sua volta para os Céus. Se, de fato, as chaves metaforizassem esse poder absoluto, estando presente na terra, tê-las-ia Cristo retirado das mãos dos doutores da Lei.

Repugna, ainda, à sã razão o admitir-se tamanho poder nas mãos de pessoas tão indignas. Poderiam acaso ser plenipotenciários do Reino dos Céus aqueles “**sepulcros caiados**”, “**hipócritas**”, “**dignos do inferno**” porque deturpadores e corruptores da Palavra de Deus?

Se, como propala o Vaticano, por ter Pedro as chaves do Reino dos Céus, todas as leis e decretos por ele promulgados, todas as ordens disciplinares por ele estabelecidas, todas as corrupções e adulterações da Palavra de Deus, são sancionadas e ratificadas no Céu, por que Jesus recriminaria os fariseus até então claviculários do Reino de Deus por haverem praticado toda a sorte de adulterações da Revelação Divina exatamente em nome da Tradição? Por que, ao invés de recriminá-los com objurgatórias tão pesadas, não lhes sancionou Jesus Cristo os ensinamentos?

Querer encontrar na metáfora das chaves, simples instrumentos de ação, a doutrina engendrada por Roma, é exorbitar os limites do emblema.

8)- Na sua fixação em Pedro a dogmática romana sobre a sua interpretação das metáforas da pedra e das chaves, isoladas de todo o contexto das Escrituras, ergue o seu Tratado *DE ROMANO PONTIFICE*. E quando advertida sobre passagens afins dos seus textos isolados, forja, além de recorrer à Tradição, como faziam, de resto, os doutores da Lei, um emaranhado de sofismas. Ao invés de teologia, dever-se-ia, por isso, chamar a sua doutrinária de sofismática.

Ao leitor sincero da Bíblia, porém, escusa-se, neste assunto, de muito trabalho porque ainda no Evangelho segundo Mateus, dois capítulos à frente do registro da promessa da outorga das chaves ao pescador de Betsaida, encontra-se idêntica promessa feita com idênticas palavras e pelo próprio Jesus a todos os Seus discípulos. E para significar esta extensão da mesma promessa a todos, o Senhor se utiliza do plural. Se houvesse Ele usado o singular, por certo a sofismática pontificia asseveraria haver Cristo repetido exclusivamente para Pedro, na presença dos condiscípulos, a promessa a ele – e somente a ele – feita antes.

Esse plural embaraça essa aspiração!

Ora, em Mateus 18.15-22, o Salvador concerta com os Seus discípulos sobre a atitude a tomar-se no caso de algum membro da Igreja pecar.

“Se teu irmão pecar contra ti, vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma

ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar também ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus. Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por Meu Pai, que está nos céus. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em Meu Nome, ali estou no meio deles. Então Pedro, aproximando-se, Lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mateus 18.15-22).

No afã da recuperação do pecador, ao lume das orientações do Mestre, devem-se tomar algumas medidas.

A primeira é a do aconselhamento feito em particular por quem foi ofendido. **“Se teu irmão pecar contra ti, vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão”** (v. 15).

No versículo seguinte, Jesus sugere outra medida, no caso da pertinácia do irmão infrator: **“Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça”**.

A terceira medida é a de se informar à Igreja – **“e, se ele não os atender, dize-o à igreja”** (v. 17), – caso persista a teimosia.

A medida posterior é a da exclusão do seio da Igreja, se falharem os recursos anteriores. **“E, se recusar também ouvir a Igreja, considera-o como gentio e publicano”** (v. 17).

Sem essa, porém, de se identificar a Igreja com uma hierarquia clerical, porque igreja é a comunidade dos crentes. Com efeito, a primeira advertência deve ser feita a sós; a segunda, na presença de duas ou três pessoas; e a terceira, perante toda a comunidade.

“Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos Céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos Céus” (v. 18).

E nesta última hipótese, a da eliminação da comunidade eclesial do irmão pecador, o Céu o considera eliminado da Igreja terrena. Como também no caso do arrependimento e do conseqüente perdão o Céu reconhecerá igualmente.

Cabe, pois, aos discípulos de Cristo – e, indistintamente, a todo o discípulo de Cristo – a incumbência de pregar o arrependimento, que, se aceito pelo pecador, será ratificado no Céu com a sua salvação e se rejeitado será também sancionado no Céu com a sua condenação.

As chaves, portanto, metaforizam a missão da se pregar a Revelação Divina como ocorria no passado com os fariseus. Anularam eles a eficácia dos seus ensinamentos porque deturparam com as suas tradições a Palavra de Deus (Mateus 15.6-9).

Ao retirar as chaves das mãos dos doutores da Lei, entregando-as aos Seus discípulos, quis Jesus enfatizar a Grande Comissão em Sua Igreja, qual seja a de pregar o Evangelho a toda criatura.

É um poder magnífico que de todos os discípulos faz administradores do Reino, consoante o Apóstolo: **“Cristo nos deu o ministério da reconciliação”** (2ª Coríntios 5.18), para abrirem e fecharem suas portas aos homens, conforme aceitam ou rejeitam estes a palavra de perdão e reconciliação de que todos os discípulos são depositários.

Em consequência, ao se examinar o livro dos Atos dos Apóstolos, constata-se o ardor deles no se desincumbirem desta tarefa.

Insista-se na verificação do fato irretorquível de haver outorgado a todos os Seus discípulos de todos os tempos as chaves do Reino dos Céus. Por isso, Jesus disse a Pedro individualmente: **“O que ligares na terra terá sido ligado nos Céus, e o que desligares na terra terá sido desligado nos Céus”** (Mateus 16.19) e a TODOS os Seus discípulos, indistinta e igualmente, asseverou: **“Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos Céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos Céus”** (Mateus 18.18).

Onde, pois, o privilégio exclusivo de Pedro?

9)- Em Cesaréia de Filipe, é verdade, Cristo, após a solene confissão do apóstolo: **“Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo”** (Mateus 16.16), declara ser Ele, Jesus Cristo, a pedra, o fundamento da Sua Igreja e lhe confere a missão de proclamar o Evangelho para o crescimento da mesma Igreja: **“Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos Céus; e o que desligares na terra, terá sido desligado nos Céus”** (Mateus 16.19).

Concedeu-lhe Cristo o insigne privilégio de abrir para os judeus e para os gentios as portas do Reino dos Céus.

Com efeito, no dia de Pentecostes, imediatamente depois da descida do Espírito Santo, Pedro faz uso das chaves ao proclamar a

Verdade do Evangelho (Atos 2.14-36). Compungiram-se os ouvintes em seus corações e perguntaram: **“Que faremos, varões irmãos?”**. Ao que lhes retrucou o pregador, ainda no uso das chaves: **“Arrependei-vos, e cada um seja batizado em Nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados”** (Atos 2.37-38). **“Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados”** (Atos 2.41).

De certo cumpriu-se a Promessa de Jesus, pois o Céu há de haver ratificado a decisão daqueles ouvintes aceitando-lhes o arrependimento e sua integração em seu seio, há de haver sancionado o seu recebimento pelo batismo na comunidade eclesial.

O privilegiado Pedro fez uso das chaves com muito êxito porque o entendeu de acordo com a mente de Cristo.

Abrindo o Reino dos Céus aos judeus, foi-lhe facultado o privilégio de abri-lo para os gentios também quando usou das mesmas chaves ao proclamar a Verdade do Evangelho ao centurião Cornélio: **“DEle [Jesus] todos os profetas dão testemunho de que, por meio do Seu Nome, todo aquele que nEle crê recebe remissão de pecados”** (Atos 10.43).

Pela pregação do Evangelho as portas do Céu se abriram igualmente para os gentios.

10)- A sofismática vaticana quer ver Pedro sempre guindado ao primeiro posto com a intenção de justificar-lhe uma primazia. Quer vê-lo como o primeiro a pregar o Evangelho aos gentios.

O primeiro, contudo, a pregar o Evangelho aos gentios foi Filipe.

Filipe nem apóstolo era, mas um diácono.

No ideal de usar as chaves do Reino dos Céus a abrir suas portas aos pecadores anunciando-lhes o Evangelho, enquanto os apóstolos permaneciam em Jerusalém (Atos 8.1), Filipe desceu a Samaria (Atos 8.5), onde exerceu notável ministério. Nessa oportunidade, impulsionado pelo Senhor tomou o caminho que desce de Jerusalém para Gaza, em cuja viagem encontrou-se com um etíope, mordomo-mor da rainha Candace e, utilizando-se das chaves do Reino dos Céus, anunciou-lhe a Verdade do Evangelho e o batizou, integrando-o na Igreja de Cristo (Atos 8.26-40).

Os discípulos do Senhor naqueles gloriosos primórdios, aliás, se inflamavam de paixão por pregar as Boas Novas de Salvação que, acicatados pela fúria das perseguições, entraram em Antioquia, onde grande número de gentios creu e se converteu (Atos 11.21). Pelo poder das chaves abertas foram para muitos as portas do Reino dos Céus **“e muita gente se uniu ao Senhor”** (Atos 11.24).

Evidentemente muitos não criam, embora ouvissem também a Palavra do Evangelho. Para estes se lhes fechavam as portas do Reino.

11)- Restringe-se o uso das CHAVES à pregação do Evangelho. Para quem o aceita abrir-se-lhe-ão as portas do Céu. E para quem o rejeita, fechar-se-lhe-ão.

Em Atos dos Apóstolos, a História do Cristianismo Apostólico, surge Pedro a usar a chave da ciência proclamando a Verdade do Evangelho.

Simplemente isso, como qualquer condiscípulo seu, apóstolo ou não. Em Pedro nada de autoridade suprema. Nenhuma atitude de legislador. Nenhuma inspeção do trabalho alheio. Nenhuma plenitude de poder soberano. Em Pedro nem vislumbre sequer de plenipotenciário.

Filipe é orientado pelo Espírito do Senhor a abordar o eunuco (Atos 8.29). Por toda a parte, sem orientação de Pedro, iam **“os que andavam dispersos, anunciando a Palavra”** (Atos 8.4). Diáconos foram nomeados sem a sua anuência específica (Atos 6.1-6) Integrou-se Paulo no apostolado sem a sua nomeação e prescindiu da imposição de suas mãos (Atos 9.17; Gálatas 1.12). Nomearam-se obreiros da Causa Santa e investiram-se em seus cargos sem a sua intervenção (Atos 13.2-3.); 18.24-28). Convocou-se uma Assembléia em Jerusalém sem a sua ingerência e nem lhe coube presidi-la (Atos 15.11, 34). Humildemente obedeceu quando o enviaram a Samaria (Atos 8.14). Asperamente repreendeu-o Paulo por haver procedido de maneira repreensível (Gálatas 2.11-14).

Paulo, o seu admoestador, ao invés de se considerar seu subordinado como lhe competiria caso o julgasse detentor do supremo poderio, declarou: **“Suponho em nada ter sido inferior a esses tais apóstolos”** (2ª Coríntios 11.5).

.oOo.

“TU SERÁS CHAMADO *KEPHAS*”

A perícopre de Mateus 16.17-19 patenteia, segundo o Tratado *DE ROMANO PONTIFICE*, a promessa da investidura do pescador de Betsaida, como pedra fundamental, no múnus da primordialidade jurisdicional da Igreja. Esta interpretação se confirma com o episódio do primeiro encontro de Simão Barjonas com Jesus, quando Este lhe propõe a mudança do seu nome.

Obstina-se a teologia pós-conciliar na sustentação do cediço articulado papal e enlaça na trama dos seus sofismas os velhos disparates.

A “BÍBLIA SAGRADA”, cuja “tradução dos textos originais, com notas, dirigida pelo Pontificio Instituto Bíblico de Roma”, elaborada durante o Concílio Vaticano II, embandeirado com propósitos de radicais reformas, e distribuída pelas Edições Paulinas (S. Paulo, 1967), a “BÍBLIA SAGRADA” nos ouropéis de suas notas explicativas sintetiza o arrazoado papista quando comenta João 1.42: “Pode-se notar pela narração evangélica que Jesus reconhece, por ciência divina, o nome do irmão de André, e, em previsão do cargo de chefe da Igreja, de que o havia de investir, preanunciou-lhe o nome que lhe daria: CEFAS, que em aramaico SIGNIFICA PEDRA (ou rochedo), donde o nome próprio Pedro”.

A dialética vaticana é bem articulada em suas soléncias. Sincronizada com a anterior, em Mateus 16.18-19, a “BÍBLIA SAGRADA” apresenta a seguinte nota de esclarecimento: “TU ÉS PEDRO: Jesus dá a Simão, um nome novo, do qual lhe falara já no primeiro encontro com ele (João 1.42; Marcos 3.16), Pedro, em aramaico, *Kephas* (rocha, pedra), que foi traduzido *PETROS* para o grego e *Petrus* para o latim. E SOBRE ESTA PEDRA EDIFICAREI A MINHA IGREJA: Pedro é o alicerce da IGREJA; firme, indestrutível, como a rocha granítica”.

Arraigada em meu íntimo por uma verdadeira sedimentação resultante dos longos anos de estudos sobre a matéria e fervorosas práticas devocionais na intenção do papa, naqueles meses de indizíveis sofrimentos íntimos, quando a Palavra de Deus já operava em minha alma a demolição das convicções católicas, não seriam alguns desapontamentos os responsáveis pelo abalo de uma estrutura sacerdotal vigorosamente solidificada.

Quantas vezes amaldiçoei aquele instante inicial de meus estudos das Sagradas Escrituras!

Previendo o desastre fatal da antiga crença e do acendrado amor ao papa, queria agora abandonar a sua leitura. Mas como?

Um poder irresistível vencia todas as minhas promessas nesse sentido.

Lia e relia o NT. Em português, em castelhano, em francês, em latim, em italiano. Recorria ao grego.

Sublinhava. Anotava. Comparava. Raciocinava. Refletia!

Mergulhava-me em desespero ao verificar as conclusões contrárias à doutrina relativa ao romano pontífice.

Valia-me dos compêndios de teologia católica. Esquadrinhava-os. Em seus sofismas buscava interpor recursos às luminosas argumentações da Palavra de Deus.

Santo Deus, quanto desespero!

E hoje fico a pensar e a me perguntar: por que Deus me permitiu tantas amarguras? Por que me permitiu andar errante pelos tetricos labirintos da sofismática vaticana? Por que não me propiciou uma conversão instantânea?

A teologia do meu sacerdócio ensinara-me que Jesus Cristo havia, tendo em vista cometê-lo no primado de jurisdição, mudado o nome de Simão para o de Pedro. E, na sua solércia dialética, arrola João 1.41-42: **“Ele [André] achou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo) e o levou a Jesus. Olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, o filho de João; TU SERÁS CHAMADO CEFAS (que quer dizer Pedro)”**. E em Marcos 3.16: **“Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro”**.

Essa teologia se singulariza em retirar um versículo do seu contexto e do teor geral da Bíblia para amalgamá-lo ao seu arrazoado. É useira e vezeira também em isolar apenas um hemistíquio, apesar do outro lhe embaraçar a fantasia.

Aí no passo transcrito fechou os olhos para aquele entre parêntesis: **“(que quer dizer Pedro)”**, no intento de focar apenas o: **“Tu serás chamado Cefas”**, sublinhando-o com vigor na ânsia de escorar o seu argumento da mudança do nome de Simão para o de Pedro. E tergiversa: “Na Bíblia deparam-se mudanças de nomes de pessoas ao elevá-las Deus a postos de chefia entre os eleitos, como ocorreu com Abraão e Israel. Ao convocar Simão para investidura tão elevada, mudou-lhe Jesus o nome: **“Tu és Pedro”**, cumprindo; então, a Sua palavra registrada em João 1.42: **“Tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)”**.

Dogmatiza o romanismo do Vaticano II, conforme se verifica nas notas explicativas apostas em rodapé da “BÍBLIA SAGRADA”, no objetivo de sustentar a autoridade jurisdicional do papa: “Jesus, conforme prometera anteriormente, muda o nome de Simão para o de Pedro no instante de sua solene proclamação da Divindade do Mestre: **“Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo”** (Mateus 16.16).

Surgia-me este argumento como um possível ancoradouro onde pudesse refazer a estabilidade de minhas combatidas convicções.

Agarrei-me a ele e, no desejo de tê-lo completamente esclarecido, passei a estudá-lo à luz das Sagradas Escrituras.

Desvaneceu-me, todavia, a esperança a Palavra de Deus. Sua clareza, também a respeito deste assunto, pulveriza este elemento da estrutura pontifícia.

A interpretação vaticana de Marcos 3.16 e João 1.42 em face do NT é ilógica.

Cristo não mudou o nome de Simão Barjonas. Acrescentou-lhe o sobrenome Pedro.

O pe. Antonio Pereira de Figueiredo traduz Lucas 6.13: “E, quando foi dia, chamou os Seus discípulos, e escolheu de entre eles doze, que chamou apóstolos, a saber: Simão, a quem deu o SOBRENOME DE PEDRO”.

O estudo deste assunto demonstrou-me a falsidade da tese romana com os seguintes argumentos:

1)- A “BÍBLIA SAGRADA” do Pontificio Instituto Bíblico de Roma, na pertinácia de imolar a Verdade com o fim de justificar biblicamente as suas ambições, além dos disparates das notas explicativas, traduziu João 1.42: “Tu és Simão, o filho de João; chamar-te-ás Cefas, que significa PEDRA”.

O original grego assim se expressa: *ERMENEUE! AI PIETROS* (que significa PEDRO). PEDRO! Não PEDRA!!!

A troca de uma letra só desfigura todo o sentido do texto.

Se lança mão de semelhante recurso confessa o seu desespero de causa.

Aliás, defender uma causa indefensável é motivo de desalento.

2)- Quando se troca ou muda uma coisa por outra é lógico e evidente o desaparecimento da primeira, da anterior.

Se, de fato, houvesse Jesus mudado o nome de Simão para o de Pedro, é claro que o nome Simão teria desaparecido e o apóstolo passar-

se-ia a chamar sempre e somente Pedro. Aí, portanto, teria ocorrido a mudança de nome.

Ora, isto não se deu, porquanto o próprio Jesus Cristo continuou a chamá-lo também de Simão. Seguiram-lhe o exemplo neste particular os demais apóstolos. E o próprio pescador galileu continuou a usar o seu antigo nome de Simão.

a)- Continuou Jesus a chamá-lo de Simão:

Em Mateus 17.25, diz: **“Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra imposto ou tributo: dos seus filhos ou dos estrangeiros?”**.

Durante a Sua Agonia, em Getsêmani, pergunta o Salvador: **“Simão, tu dormes?”** (Marcos 14.37).

Note-se o fato de haver sido Marcos, o intérprete e o secretário-amanuense de Pedro ao escrever o seu Evangelho, quem registrou essa palavra de Jesus. O apóstolo, então, foi quem lhe transmitiu esse informe.

É, outrossim, notável a perícopos de Lucas 22.31-32, arrolada pela sofistaria vaticana dentre os elementos estruturais de sua teologia sobre o primado pontifício, onde Jesus chama o Seu discípulo repetidamente de Simão: **“Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos circundar como trigo”**.

Na Escritura, onde o romanismo supõe ver a colação do primado, Jesus também, nas três perguntas, chama-o de Simão. E a fim de assinalá-lo bem, chama-o de Simão, filho de Jonas: **“Simão, filho de João, amas-Me?”** (João 21.15-17).

Se lhe houvesse mudado o nome, e o quisesse caracterizar nesta oportunidade, por certo, se agora lembrasse o seu nome anterior, teria dito: **“Simão, que agora te chamas Pedro, amas-Me?”**

Mas, depois de haver prometido dar-lhe um sobrenome (João 1.42) e da ocasião em que anunciou a edificação de Sua Igreja quando o chamou de Pedro, nunca mais o Redentor o chamou de Pedro? Chamou-o, sim. Uma única vez conforme registra Lucas 22.34. E foi quando o discípulo lhe garantira e lhe jurara fidelidade até a morte: **“Afirmando-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que Me conheces, antes que o galo cante”**.

Que irrisão! A única vez que o Mestre o chama de Pedro, após aquelas duas anteriores é para lhe avisar de sua traição. Se Pedro é rocha, que rocha fragilíssima...

b)- Os discípulos, de maneira semelhante, continuaram a chamar o companheiro também de Simão Pedro. Pelo nome e pelo sobrenome!

João, ao relatar a pesca miraculosa no mar de Tiberíades, após a Ressurreição, repete: **“Estavam juntos SIMÃO PEDRO, Tomé... Disse-lhes SIMÃO PEDRO... Quando, pois, SIMÃO PEDRO ouviu que era o Senhor... Entrou SIMÃO PEDRO no barco. Depois de terem comido, perguntou Jesus a SIMÃO PEDRO...”** (João 21.2,3,7,11,15).

Tiago, a presidir a Assembléia de Jerusalém, igualmente o chama de Simão: **“SIMÃO relatou como primeiramente Deus visitou os gentios”** (Atos 15.14).

Nem o chama de SIMÃO PEDRO. É Simão e só!!!

c)- E o próprio apóstolo continuou a se identificar como SIMÃO PEDRO haja vista o começo de sua segunda Epístola: **“SIMÃO PEDRO, servo e apóstolo de Jesus Cristo...”** (1:1).

Vale, outrossim, lembrar o episódio de sua prestação de contas relativa ao batismo de Cornélio, quando, ao invés de arrogar para si o nome de Pedro, repete a palavra do anjo ao centurião: **“Envia a Jope e manda chamar a SIMÃO, por sobrenome PEDRO”** (Atos 11.13).

Em consequência deste sofisma da “mudança” do nome de Simão para o de Pedro é que o papa muda o seu nome. O atual se chamava João Batista Montini e passou a se denominar Paulo VI. Em todos os seus documentos só assina este último nome. Ninguém o chama de papa Montini. Este costume está em bases falsas porque Simão Barjonas mesmo reconheceu que Jesus lhe havia simplesmente acrescentado um sobrenome.

3)- No ímpeto de enlaçar no enredo dos seus sofismas passagens bíblicas isoladas, lembra a teologia vaticana a circunstância de haver Deus mudado o nome de alguns personagens, como o de Abrão e Sarai.

Examinando-se o contexto das Escrituras notificadoras do fato dessas mudanças onomásticas, constata-se o propósito de Deus. Ou acontecem como sinais de promessas e pactos do Senhor, como no caso de Abraão, ou como indicações de uma mudança de vida, como no caso de Mateus, ou como símbolo de caráter como quando Jesus cognomina João e Tiago de **“filhos do trovão”** (Marcos 3.17), ou, ainda, como um convite à mudança de caráter como quando dá o sobrenome Pedro a Simão.

A Abrão muda-lhe Deus o nome para Abraão no propósito de lhe significar o concerto pelo qual o faria pai de uma multidão de nações.

“Abrão já não será o teu nome, e sim Abraão; porque por pai de numerosas nações te constituí” (Gênesis 17.5).

À sua esposa, Sarai, também o Senhor muda o nome para Sara: **“A Sarai, tua mulher, já não lhe chamarás Sarai, porém Sara”** (Gênesis 17.15) e desde então esta mulher é sempre chamada de Sara como o seu marido, de Abraão. Houve mudança de nomes no sentido de substituição.

A dogmática romana alega que Deus mudara o nome do irmão de André da Galiléia como o de Abraão por haver a ambos atribuído posições de chefes entre o Seu povo.

A alegação é falha, porquanto outros grandes chefes foram convocados, como Moisés, e nem por isso tiveram os seus nomes substituídos. Recorde-se ainda que Abraão, o pai dos crentes, jamais tipificou Pedro.

4)- É destacada a postura de Abraão, o **“pai da multidão de nações”** (Gênesis 17.5). Se houvesse Jesus conferido a Pedro o encargo de fundamento de Sua Igreja, como ambiciona o Vaticano, a sua posição seria muito mais importante do que a de Abraão.

Ora bem, se ao mudar o nome de Abrão para Abraão, Deus Se utilizou de expressões solenes (Gênesis 17.5), como ainda aconteceu no caso de Sara (Gênesis 17.15) por que Jesus não haveria de ser categórico, claro e solene no caso de Pedro?

Leia-se o verso 5 de Gênesis 17 acima transcrito. Coteje-se com João 1.42: **“E, olhando Jesus para ele, disse: tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)”**.

A par da solenidade do texto de Gênesis, sublinha-se o propósito da mudança do nome de Abraão: **“porque por pai de multidão de nações te constituí”**. E isto não ocorre em João 1.42 e nem em Mateus 16.18.

Sobre o caso de Abraão ninguém discute. Por que tamanha relutância por parte da exegese vaticana quanto à aceitação do SOBRENOME Pedro (e não mudança de nome) conferido pelo Mestre ao filho de Jonas?

5)- Havia entre os judeus o costume de se dar às pessoas outro nome ou apelido. A Urias deu-se o apelido de **“o heteu”** (2º Samuel 11.3). A Doegue, o de **“o edomita”** (1º Samuel 22.:22). A Nabal, o de **“o carmelita”** (1º Samuel 27.3). No NT encontramos repetido o fato. Tomé é cognominado de **“Dídimo”** (João 11.16;20.24). Os filhos de Zebedeu,

Tiago e João, de **“Boanerges”**, isto é, **“filhos do trovão”** (Marcos 3:17). **“Lebeu apelidado Tadeu”** (Mateus 10.3).

6)- Confrontando-se os textos de João 1.42: **“Tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)”** e o de Mateus 4.18: **“Simão, chamado Pedro”** com o texto de João 20.24: **“Tomé, um dos Doze, chamado Dídimo”** – à luz da perfeita consonância dessas Escrituras – conclui-se haver Cristo simplesmente acrescentado um sobrenome a Simão como, de resto, aconteceu a Tomé.

Ninguém de são raciocínio afirma haver Tomé deixado de ser designado de Tomé para passar a ser Dídimo. Foi sempre Tomé, com o sobrenome ou apelido de Dídimo.

É nessa conformidade, pois, a ocorrência em Atos dos Apóstolos do esclarecimento: **“Simão, QUE TEM POR SOBRENOME PEDRO”** (Atos 10:5,18,32;1 1.13).

7)- Admita-se, com a intenção de se argumentar, haver sucedido a mudança do nome do apóstolo como fantasia o Vaticano, isto é, haver Jesus substituído o nome de Simão pelo de Pedro e que, de então por diante, nunca mais houvesse sido chamado senão pelo nome de Pedro. Nem assim favoreceria a tese papal da soberania desse discípulo, porquanto chamar *PETROS* a Simão não equivale a chamá-lo de PEDRA FUNDAMENTAL da Igreja, tendo-se em mente a distinção entre *PETRA* e *PETROS*. Pedras vivas na construção da Igreja de Cristo são todos os crentes.

E jamais a fragilidade do impulsivo filho de Jonas poderia ser posta como sustentáculo de uma obra indefectível como a Igreja.

8)- Em João 1.42, o Mestre empregou o vocábulo *KEPHAS* com o sentido de ROCHA ou com o de SEIXO, PEDRA SOLTA?

Os sagrados escritores entendem haver Jesus usado-o no sentido geral de SEIXO ou PEDRA SOLTA. João, aliás, traduziu-o por este significado ao nos informar que *Kephas* quer dizer PEDRO, *PETROS* (João 1.42). Se o Redentor houvesse tomado esse vocábulo *Kephas* por PEDRA, por que João o escritor divinamente inspirado do quarto Evangelho, asseverou significar *PETROS*?

Note-se o pormenor de jamais haver qualquer escritor sacro aplicado a Jesus Cristo o nome *PETROS*, mas exclusivamente o termo *PETRA*, Rocha.

Entre as palavras *PETRA* e *PETROS* o NT, portanto, conserva a mesma distinção sustentada pelo grego clássico.

Rui por terra a disparatada interpretação vaticana ao atribuir ao irmão de André uma mudança de seu nome na utópica ideia de investi-lo no encargo de primicério na Igreja por ser dela a pedra fundamental.

9)- Ao mudar o nome de Abrão para Abraão, teve o Senhor um objetivo: **“porque por pai da multidão de nações te constituí”** (Gênesis 17.5). Deve, portanto, haver uma razão ao dar Jesus a Simão o sobrenome Pedro, excluindo-se, por absurda e por absoluta impossibilidade, a da primazia jurisdicional ou mesmo honorífica sobre os discípulos e demais apóstolos. Em capítulo posterior verificaremos a igualdade entre todos sempre realçada pelo Mestre e a ausência completa de qualquer incidente com o qual se poderia depreender a pré-excelência jurisdicional do apóstolo Simão nos primórdios da Igreja. Naqueles tempos, ao contrário, havia verdadeira repulsa à pretensão de qualquer primazia, comprovada, aliás, pelo protesto de João contra Diótrefes (3ª João 9).

Excluída, portanto, essa hipótese de qualquer primazia pelas razões acima e de modo sucinto aludidos, qual teria sido o motivo para ser a Simão atribuído o cognome de Pedro?

Ao descrever João a cena de André a apresentar seu mano Simão a Jesus, assinala o pormenor de haver o Salvador olhado para ele: **“E, Jesus olhando para ele...”** (João 1.42). O verbo grego empregado aqui e traduzido por OLHAR significa olhar atenta e profundamente, observar detidamente.

É o mesmo verbo usado por João quando informa no v. 36 haver João Batista visto Jesus passar. Ocorre, ainda, em Marcos 10.21 em relação ao olhar fixado penetrantemente por Jesus naquele jovem rico: **“E Jesus, fitando-o, o amou...”**. Utiliza-se dele também Lucas ao referir-se ao olhar triste de Jesus posto em Simão depois de suas três negações: **“Voltando-Se o Senhor, fixou os olhos em Pedro”** (22:61).

Os sagrados escritores entendem haver Jesus usado-o no sentido geral de SEIXO ou PEDRA SOLTA. João, aliás, traduziu-o por este significado ao nos informar que *Kephas* quer dizer PEDRO, *PETROS* (João 1.42). Se o Redentor houvesse tomado esse vocábulo *Kephas* por PEDRA, por que João o escritor divinamente inspirado do quarto Evangelho, asseverou significar *PETROS*?

Note-se o pormenor de jamais haver qualquer escritor sacro aplicado a Jesus Cristo o nome *PETROS*, mas exclusivamente o termo *PETRA*, Rocha.

Entre as palavras PETRA e PETROS o NT, portanto, conserva a mesma distinção sustentada pelo grego clássico.

Rui por terra a disparatada interpretação vaticana ao atribuir ao irmão de André uma mudança de seu nome na utópica idéia de investi-lo no encargo de primicério na Igreja por ser dela a pedra fundamental.

9)- Ao mudar o nome de Abrão para Abraão, teve o Senhor um objetivo: **“porque por pai da multidão de nações te constituí”** (Gênesis 17.5). Deve, portanto, haver uma razão ao dar Jesus a Simão o sobrenome Pedro, excluindo-se, por absurda e por absoluta impossibilidade, a da primazia jurisdicional ou mesmo honorífica sobre os discípulos e demais apóstolos. Em capítulo posterior verificaremos a igualdade entre todos sempre realçada pelo Mestre e a ausência completa de qualquer incidente com o qual se poderia depreender a pré-excelência jurisdicional do apóstolo Simão nos primórdios da Igreja. Naqueles tempos, ao contrário, havia verdadeira repulsa à pretensão de qualquer primazia, comprovada, aliás, pelo protesto de João contra Diótrefes (3ª João 9).

Excluída, portanto, essa hipótese de qualquer primazia pelas razões acima e de modo sucinto aludidos, qual teria sido o motivo para ser a Simão atribuído o cognome de Pedro?

Ao descrever João a cena de André a apresentar seu mano Simão a Jesus, assinala o pormenor de haver o Salvador olhado para ele: **“E, Jesus olhando para ele...”** (João 1.42). O verbo grego empregado aqui e traduzido por OLHAR significa olhar atenta e profundamente, observar detidamente.

É o mesmo verbo usado por João quando informa no v. 36 haver João Batista visto Jesus passar. Ocorre, ainda, em Marcos 10.21 em relação ao olhar fixado penetrantemente por Jesus naquele jovem rico: **“E Jesus, fitando-o, o amou...”**. Utiliza-se dele também Lucas ao referir-se ao olhar triste de Jesus posto em Simão depois de suas três negações: **“Voltando-Se o Senhor, fixou os olhos em Pedro”** (22:61).

E como teria sido penetrante, profundo, envolvente, o olhar do Mestre sobre o jovem rico! Ao olhá-lo, amou-o! (Marcos 10.21).

E os dois olhares sobre o impetuoso e inconstante galileu Simão? O olhar após as suas negações foi de misericórdia intensa e de severa advertência. Olhar profundo de exortação ao reconhecimento de sua fragilidade.

O olhar penetrante do primeiro encontro foi perscrutador, analisador.

O nome Simão se relaciona com o vocábulo hebreu “shama”: ouvir. Simão é ouvinte. Identifica-se este nome com o caráter cheio de arranques impulsivos do filho de Jonas da Galiléia. Perscrutando-o, reconhecia Jesus toda a fragilidade de Simão, o “ouvinte”, o teimoso em ouvir apenas, sem, contudo, praticar a Palavra do Salvador.

Penetrou-lhe Jesus a alma. Viu-lhe a inconstância do caráter. Impulsivo, voluntarioso, arrojado, mas volúvel, fraco e covarde. Ouvinte. E só ouvinte!

O sobrenome Pedro sempre lembraria ao apóstolo a necessidade de, além de ouvir, praticar a Palavra de Deus para ser **“semelhante ao homem que, edificando uma casa, cavou, abriu profunda vala e lançou o alicerce sobre a rocha; e, vindo a enchente, arrojou-se o rio contra aquela casa e não a pôde abalar, por ter sido bem construída”** (Lucas 6.48).

Jesus não o queria simples ouvinte **“semelhante ao homem que edificou uma casa sobre a terra sem alicerces, e, arrojando-se o rio contra ela, logo desabou; e aconteceu que foi grande a ruína daquela casa”** (Lucas 6.49).

O aspecto positivo do seu caráter poderia, contudo, servir-lhe na Causa. Cognomina-o PEDRO, PETROS, e o elege participe do grupo dos Doze. Pedro a ser integrado na construção da Sua Igreja, ao lado das tantas outras pedras dispostas em ordem estrutural e cimentadas na PETRA, a Rocha Eterna, Jesus Cristo.

.oOo.

“O PRIMEIRO SIMÃO, CHAMADO PEDRO”

É evidente fato de, invariavelmente, vir em primeiro lugar o nome de Simão Pedro nas quatro relações dos Doze.

Esta constatação, da mesma forma, é arrolada no articulado de ouropéis da dialética vaticana ao tentar confirmar a sua tese da promessa a Pedro a um primado jurisdicional registrada por Mateus 16.18.

Verifiquei os compêndios de dogmática pressurosos em sublinhar este pormenor da presença do nome do pescador de Betsaida no primeiro lugar no catálogo dos apóstolos como indício seguro de sua autoridade proeminente sobre os demais.

Eis as quatro perícopes também responsáveis pelo meu dilacerante conflito íntimo durante a minha procura da Verdade:

* Mateus 10.24: **“Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem O traiu”.**

* Marcos 3.16-19: **“Eis os doze que designou: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer: filhos do trovão; André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem O traiu”.**

* Lucas 6.14-16: **“Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor”.**

* Atos 1.13: **“Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelote, e Judas, filho de Tiago”.**

Averigua-se, sublinham os tratados de dogmática, um certo critério nesses elencos em decorrência do seguinte:

a)- Nessas listas verificam-se três grupos de quatro nomes cada e nenhum troca o seu lugar com qualquer outro, isto é, nenhum nome é deslocado de um grupo para outro.

b)- Em cada grupo o mesmo apóstolo ocupa invariavelmente o primeiro lugar, embora os outros nomes variem de posição dentro do mesmo grupo. Assim Tiago, filho de Alfeu, vem mencionado no primeiro lugar do terceiro grupo nas quatro listas; Filipe, no primeiro lugar do segundo grupo; e Simão Pedro, no primeiro lugar do primeiro grupo.

c)- Judas Iscariotes, o traidor, está sempre em derradeiro lugar do catálogo.

d)- E Simão Pedro, em todas as quatro listas, ocupa o primeiro lugar. De fato, a verificação procede. A conclusão favorável a uma autoridade primacial de Pedro, porém, escapa à Verdade.

Em meu íntimo, naquela circunstância de conflito doutrinário, essa constatação bradava em prol da primazia jurisdicional do irmão de André. Afigurava-se-me ela um argumento definitivo a derrubar todas as minhas anteriores conclusões contrárias à dogmática do Tratado *DE ROMANO PONTIFICE*.

À luz desses catálogos reflorescia minha antiga crença naquela primazia justificada pelo: *Tu es Petrus e super hanc Petram aedificabo Ecclesiam Meam*.

Uma semana inteira de lenitivo propiciou-me o argumento da primazia petrina sob o enfoque das quatro listas.

Banhado por essa paz interior lia o NT com enlevo espiritual.

O Espírito do Senhor, contudo, prosseguia a Sua obra de me convencer do pecado da idolatria papal. Em Sua infinita misericórdia, o Senhor me indicou passagens do NT onde pudesse encontrar esclarecimentos.

Embora recalcitrasse, a Verdade Neotestamentária me provou dever-se o fato da invariabilidade da presença de Pedro em primeiro lugar nos quatro elencos dos apóstolos à circunstância de haver sido ele, na ordem cronológica, o primeiro a ser chamado por Jesus Cristo o Seu apóstolo.

Com efeito, nos Evangelhos se distinguem os três fatos seguintes:

1)- Os discípulos de João Batista: André, seu irmão Simão, Filipe e Natanael, todos de Betsaida, deixam o precursor para seguir a Jesus Cristo.

“No dia seguinte, estava João outra vez na companhia de dois dos seus discípulos e, vendo Jesus passar, disse: Eis o Cordeiro de Deus! Os dois discípulos, ouvindo-o dizer isto, seguiram Jesus. E Jesus, voltando-Se e vendo que O seguiam, disse-lhes: Que buscais? Disseram-lhe: Rabi (que quer dizer Mestre), onde assistes? Respondeu-lhe: Vinde e vede. Foram, pois, e viram onde Jesus estava morando; e ficaram com Ele aquele dia, sendo mais ou menos a hora décima. Era André, o irmão de Simão Pedro, um dos dois que tinham ouvido o testemunho de João e seguido Jesus. Ele achou primeiro o seu próprio irmão Simão, a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo), e o levou a Jesus. Olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro). No dia imediato, resolveu Jesus partir para a Galiléia e encontrou Filipe, a quem disse: Segue-Me. Ora, Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro. Filipe encontrou

Natanael e disse-lhe: Achamos Aquela de Quem Moisés escreveu na lei, e a Quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José” (João 1.35-45).

2)- O outro fato é o da convocação de Simão Pedro, seu irmão André, Tiago e João a fim de se prepararem para a pesca de almas.

Descrevem-na Mateus 4.18-22, Marcos 1.16-20 e Lucas 5:1-11.

“Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens. Então, eles deixaram imediatamente as redes e O seguiram. Passando adiante, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco em companhia de seu pai, consertando as redes; e chamou-os. Então, eles, no mesmo instante, deixando o barco e seu pai, O seguiram” (Mateus 4.18-22).

“Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores. Disse-lhes Jesus: Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens. Então, eles deixaram imediatamente as redes e O seguiram. Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes. E logo os chamou. Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus” (Marcos 1.16-20).

“Aconteceu que, ao apertá-lo a multidão para ouvir a palavra de Deus, estava Ele junto ao lago de Genesaré; e viu dois barcos junto à praia do lago; mas os pescadores, havendo desembarcado, lavavam as redes. Entrando em um dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia; e, assentando-Se, ensinava no barco as multidões. Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo, e lançai as vossas redes para pescar. Respondeu-Lhe Simão: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sob Tua palavra lançarei as redes. Isto fazendo, apanharam grande quantidade de peixes; e rompiam-se-lhes as redes. Então, fizeram sinais aos companheiros do outro barco, para que fossem ajudá-los. E foram e encheram ambos os barcos, a ponto de quase irem a pique. Vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-Te de mim, porque sou pecador. Pois, à vista da pesca que fizeram, a admiração se apoderou dele e de todos os seus companheiros, bem como de

Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram seus sócios. Disse Jesus a Simão: Não temas; doravante serás pescador de homens. E, arrastando eles os barcos sobre a praia, deixando tudo, O seguiram” (Lucas 5.1-11).

Diante dos relatos de João (1.35-45) e dos três sinóticos (Mateus 4.18-22, Marcos 1:16-20 e Lucas 5.1-11), verificamos o seguinte:

a)- Trata-se de dois episódios diferentes. O relatado por João 1. 35-45 aconteceu em Betânia além do Jordão (João 1.23,43), a oriente, na Judéia, a poucos quilômetros do Mar Morto e o registrado pelos Sinóticos (Mateus 4.18-22; Marcos 1.16-20 e Lucas 5.1-11) na Galiléia, junto do mar. Além dos locais diferentes, os personagens também são em parte diferentes a comprovar a distinção dos fatos. No registro de João comparecem André, Simão Pedro, Filipe e Natanael. Os Sinóticos mencionam: Simão, André, João e Tiago, filhos de Zebedeu. Ainda outro destaque: estes Sinóticos nem se referem ao Batista, enquanto João o focaliza a clamar: **“Eis o Cordeiro de Deus!”**

Segundo os Sinóticos, os discípulos se encontravam pescando. E no relato joanino eram eles ainda discípulos do Precursor.

A cena anotada por João se deu logo no início do Ministério de Jesus Cristo e a relatada por Mateus, Marcos e Lucas já em época mais avançada.

São, por conseguinte, fatos completamente diversos. Diferentes no local, no tempo e no conteúdo.

O quarto Evangelho registra o afastamento do discipulado de João Batista por parte de André, seu irmão Simão, Filipe e Natanael para seguir a Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus. E os Evangelhos matearino, marciano e lucano registram a chamada à preparação para o apostolado.

b)- É notável nos relatos sinóticos a disposição de Jesus no sentido de separar logo os partícipes do grupo especial dos Doze. Dirigiu-Se à praia com o objetivo de lá encontrá-los e convocá-los.

c)- Os textos sinóticos oferecem-nos uma ordem na convocação: Simão, André, Tiago e João.

A ordem onomástica de Mateus é repetida por Marcos e Lucas. O primeiro a ser convocado é Simão Pedro. E, dos dois filhos de Zebedeu, Tiago vem antes de João.

Torna-se evidente, portanto, o motivo porque os quatro catálogos dos nomes dos apóstolos fazem constar em primeiro lugar o nome de Simão Pedro. As relações onomásticas constantes nos Sinóticos se

constituem neste motivo: a Simão Pedro coube apenas uma prioridade cronológica.

d)- É digna de enfático destaque a seguinte constatação: esses quatro convocados nas praias do Mar da Galiléia (Simão Pedro, André, Tiago e João) são exatamente os integrantes do primeiro grupo dos quatro catálogos dos apóstolos.

3) - O último dos três fatos referentes ao nosso assunto; é o da investidura no apostolado. Descrevem-na os três Sinóticos: Mateus 10.1-42; Marcos 3.13-19 e Lucas 6.12-16.

Dentre o grupo dos Seus seguidores habituais, alguns já se encontravam em condições de especial adesão e de comunidade com o Mestre.

Lembra Lucas (v. 12) a retirada de Jesus para o monte, como fizera antes de iniciar a Sua Vida Pública, **“a fim de orar, e passou a noite orando a Deus. E, quando amanheceu, chamou a Si os Seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos”** (Lucas 6.12-13).

Marcos frisa a escolha voluntária por parte de Jesus: **“e chamou para Si os que Ele quis”** (3.13).

Estende-se Mateus em registrar a incumbência dos Doze, as normas e os riscos da sua tarefa.

O local do episódio, as circunstâncias e o conteúdo dos três registros sinóticos revelam ser este acontecimento totalmente diverso dos dois anteriores.

Neles se encontraria o catálogo onomástico dos Doze discípulos eleitos para o apostolado.

Ao lume desses informes do NT impossível aceitar-se a interpretação vaticana em favor da primazia jurisdicional de Pedro como decorrência de se achar o seu nome em primeiro lugar nas listas onomásticas dos Doze.

Este fato se deve, repita-se, à circunstância de haver sido Pedro chamado por primeiro para a missão apostólica.

Se o irmão de André, nas quatro relações dos apóstolos ocupa o primeiro lugar, em outras oportunidades importantíssimas o seu nome nem sempre é mencionado nessa posição.

a)- Se lhe competisse a primazia de jurisdição na Igreja, teria sido o primeiro a ver Jesus Cristo Ressuscitado e lhe caberia a incumbência de levar aos demais a alvissareira notícia.

b) - O anjo anunciador da Ressurreição desconhecia essa pretendida autoridade de Simão. No seu recado inclui os discípulos antes de Pedro. Disse às mulheres: **“Ide, dizei a Seus discípulos e a Pedro, que Ele vai adiante de vós para a Galiléia; lá O vereis, como Ele vos disse”** (Marcos 16.7).

E por que o anjo se referiu especificamente ao apóstolo?

Ora, pelo motivo de haver ele negado o Mestre e Este queria propiciar-lhe a oportunidade de reconciliação.

c)- Se Cristo Ressuscitado desconhecia a suprema magistratura do pescador de Betsaida e, por isso, recusou-lhe a primazia de vê-lo ressurreto; se o anjo proclamador do glorioso evento antepôs-lhe os discípulos; Paulo, da mesma forma, ignorava essa autoridade. Com efeito, em sua lista, põe Cefas em segundo lugar e o nivela entre os considerados colunas da Igreja em Jerusalém: **“E quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé a destra de comunhão”** (Gálatas 2.9).

Qual martelo (Jeremias 23.29) a Palavra de Deus se encarregou de pulverizar mais este suporte da minha crença clerical na apregoada e infundada autoridade petrina.

.oOo.

A INVESTIDURA DE PEDRO NO PRIMADO DA IGREJA

Três perícopes embasam o *processus* da dogmática pontificia: Mateus 16.13-19, onde Roma supõe encontrar a promessa do primado jurisdicional da Igreja em favor do filho de Jonas de Betsaida; Lucas 22.31-32, quando, ao significar a finalidade dessa incumbência, a confirma; e João 21.15-17, a ocorrência da investidura efetiva do pescador galileu no exercício da primazia suprema.

A dialética vaticana articula esses textos, entrosando-os com sofismas até às culminâncias da colação de Pedro no supremo poder da Igreja.

Post Resurrectionem Suam Christus, é a solene assertiva romana, contulit Petro primatum iurisdictionis in universam Ecclesiam.

O Concílio Ecumênico Vaticano I, em 1870, no seu máximo documento, a Constituição Dogmática *DE ECCLESIA CHRISTI*, proclama: *Petro contulit Iesus post Suam Resurrectionem summi pastoris et rectoris iurisdictionem in totum suum ovile dicens: “Pasce agnos meos”, “Pasce oves meas”* (João 21.15). E o Concílio Vaticano II, sintonizado com a velha sofistaria insta: “... e o [a Pedro] constituiu Pastor de todo o Seu rebanho (João 21.15)” ... *eunque Pastorem totius sui gregis constituit.*

Constituiu-se-nos objeto de exame minucioso, ao longo de vários capítulos, a escritura mateana.

A nos valermos do aforisma: *Falsus in uno, falsus in omnibus* (o que é falso numa coisa ou num ponto, é falso em tudo), daríamos por arrematada nossa tarefa de contestar as pretensões vaticanas.

Propomo-nos, contudo, dissecar toda a trama da sofismática do Tratado *DE ROMANO PONTIFICE*, porquanto, à luz das Sagradas Escrituras, postulamos a soberania, a proeminência, a suprema jurisdição e a exclusiva primazia de Jesus Cristo sobre a Sua Igreja. De Jesus Cristo, a Quem devemos, com exclusividade, completa vassalagem, como membros – “**pedras vivas**” (1ª Pedro 2.15) – de Sua Igreja. “**NÃO, NÃO HA OUTRA ROCHA QUE EU CONHEÇA**” (Isaiás 44.8).

Propomo-nos expor a pasmosa vulnerabilidade do articulado vaticano. E nessa arrancada examinaremos as perícopes lucana e joânica.

Faz-se mister, portanto, conhecermos as posições adversárias. Suas pretensões. Os trâmites de sua dialética. Os seus subterfúgios. Os seus meandros. Os seus desvios. Tudo na ânsia incontida de guindastear, qual ícaro insaciável, à supremacia da Igreja, o bispo de Roma, suposto continuador de César nos domínios da consciência.

Em vão labutaram a noite inteira. Ao clarear da manhã, porém, aparece Jesus aos discípulos extenuados e propicia-lhes miraculosa pesca abundante. “**E já era esta a terceira vez que Jesus Se manifestava aos discípulos, depois de ressuscitado dentre os mortos**” (João 21.14).

O autor sacro, em sequência, pormenoriza o diálogo entre Jesus e Pedro: “**Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-Me mais do que estes outros? Ele**

respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Ele lhe disse: Apascenta os Meus cordeiros. Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu Me amas? Ele Lhe respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as Minhas ovelhas. Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu Me amas? Pedro entristeceu-se por Ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu Me amas? E respondeu-Lhe: Senhor, Tu sabes todas as coisas, Tu sabes que eu Te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as Minha ovelhas” (João 21.15-17).

Quando de sua retirada do círculo dos discípulos do Batista para segui-LO, dá Jesus a Simão o sobrenome de Pedro, *PETROS* (Cefas), emblema da incumbência soberana na qual seria investido. Prevê Jesus Cristo os embates que a Sua Igreja enfrentaria, História em fora, na sustentação de sua própria existência, de sua unidade, de sua constituição e de sua autoridade. Por antecipação, vê conjurarem-se contra ela todas as hostes do Mal, as apostasias, os cismas, as heresias, as defecções. E, para prevenir a sua derrocada, promete, em Cesaréia de Filipe, constituir-lhe na pessoa de Pedro, *PETROS* (Cefas), a pedra, a rocha inabalável a suportar os vagalhões de todas as tempestades.

E agora, após a Sua ressurreição, às vésperas de ascender aos Céus, cumpre a Sua promessa do registro de Mateus 16.18-19, e investe Pedro no supremo cargo pontifical, entregando-lhe a jurisdição de supremo pastor: **“Apascenta os Meus cordeiros. Apascenta as Minhas ovelhas”** *Pasce agnos Meos. Pasce oves Meas.*

Pedro – e somente Pedro – foi encarregado, como plenipotenciário, de pastorear o Rebanho de Cristo, autoridade essa outorgada sem quaisquer restrições.

A exposição bombástica do Vaticano pretende encontrar nas palavras do Redentor dois aspectos:

1)- Por elas ao apóstolo confere Jesus uma verdadeira, real e legítima jurisdição.

Ao lume desta exorbitante assertiva, requinta sofismas.

a)- Trata-se, evidentemente, de uma metáfora, reconhece o exegeta pontifício, pois há de se entender os vocábulos: OVELHAS e CORDEIROS como figuras ou símbolos das pessoas integrantes na comunidade cristã, a Igreja.

Pastorear essa comunidade é regê-la. *Iam vero pascere talem coetum est eum regere.*

Ao bom pastor cabe providenciar em favor do seu rebanho boas pastagens, defendê-lo dos inimigos, mantê-lo em unidade, preservar a sua integridade, reconduzindo as ovelhas tresmalhadas. Se estas tarefas competem ao pastor da comunidade religiosa, ele só as executará se revestido de jurisdição, de autoridade. *Sicut enim boni pastoris est providere gregi de pascuis bonis, eum defendere ab inimicis, errantes reducere, totum gregem in unitate continere etc, sic etiam pastor coetus religiosi erga membra huius coetus se gerere debet, quod non potest sine iurisdictione.*

b)- O símbolo do pastor é típico no Oriente Médio por ser o pastoreio um trabalho comuníssimo. É do hábito de Homero chamar os reis de pastores dos povos.

Aliás, o verbo APASCENTAR em grego significa também GOVERNAR ou REGER. Na tropologia bíblica é figura muito comum quando o seu objeto são os homens a fim de significar o reger ou o governar com autoridade. Por isso os chefes do povo, os juizes e os reis, são cognominados de pastores. Através do profeta Natã, lembra Deus a Davi o haver ordenado aos juizes de Israel o encargo de apascentar o seu povo (1º Crônicas 17.6). A Davi é recordado: **“Tu apascentarás o Meu povo de Israel, e serás chefe sobre Israel”** (2º Samuel 5.2). Em Jeremias 2.8 verificamos serem pastores os príncipes do povo. De Ciro, o rei persa, diz o Senhor: **“É Meu pastor, e cumprirá tudo o que Me apraz”** (Isaias 44.28). O próprio Deus nas Escrituras é intitulado Pastor do Seu rebanho Israel: **“Ó Pastor de Israel”** (Salmos 80.1). E quem desconhece o Salmo 23 assim iniciado: **“O Senhor é o meu Pastor”**?

Aduzir-se-iam muitas citações bíblicas deste teor.

c)- Também Jesus Cristo é o Bom Pastor! (João 10.1).

A ascender proximamente aos Céus, quis confiar a Pedro o Seu Rebanho a ser integrado por judeus e gentios.

Cristo permanece como Sumo Pastor, mas apascenta as Suas ovelhas da terra através do Seu vigário visível. O primeiro aspecto notado pelos exegetas de Roma é o da vicariedade de Pedro. *Christus ipse manet quidem Pastor SUMMUS, sed pascet oves Suas per Suum vicarium visibilem in hac terra degentem.*

2)- O outro aspecto encontrado pelo Vaticano nas palavras de Cristo registradas na perícopes em tela é a revelação da SUPREMA e UNIVERSAL jurisdição conferida a Pedro. Trata-se, pois, também da SUPREMACIA e da UNIVERSALIDADE daquele poder. Em Seu diálogo com o filho de Jonas, Cristo Se referiu a todo o Rebanho, como se infere

de Suas palavras: “**Apascenta os Meus cordeiros. Apascenta as Minhas ovelhas**”, isto é, todos os Seus fiéis.

O frade Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, em nota aposta sob essa Escritura em sua tradução da Bíblia, assim explica: “APASCENTAI MINHAS OVELHAS – O Salvador havia prometido a S. Pedro a supremacia espiritual (Mateus 16.19) e cumpre aqui Sua promessa, encarregando-o de apascentar todas as Suas ovelhas sem exceção; por conseguinte, todo o Seu Rebanho, quer dizer, toda a Sua Igreja; porque os *pastores ou os bispos são representados pelas ovelhas, e todos os outros fiéis pelos cordeiros*”.

O jesuíta W. Devivier, em seu “*Cours d’Apologetique Chretienne*”, alvo das mais lisongeiros apreciações de revistas de conceito internacional como a *Civiltá Cattolica*, a *Bibliographie Catholique*, o *Polybiblion*, o *Precis Historique*, à pág. 352, se expressa nos seguintes termos: “Ao designar o Senhor a Igreja sob a figura de um rebanho, distingue expressamente no rebanho os *cordeiros* e as *ovelhas*, indicando pela primeira palavra os simples fiéis e pela segunda os que dão a geração à vida espiritual das almas e as devem guiar e prover de alimento, isto é, os bispos e sacerdotes. E por isso, é que a Pedro, como guia de *todo o rebanho* lhe confere Jesus Cristo um poder maior, o primado de jurisdição”. Invoca, para arrematar suas assertivas, a palavra de Bossuet: “Todos ficaram submetidos às chaves dadas a Pedro, todos, reis e vassallos, pastores e rebanho. A Pedro é que primeiro se manda amar mais que os mais apóstolos e se manda depois apascentar e governar a todos, cordeiros e ovelhas, filhos e mães; e até os próprios pastores, os quais, se são pastores em relação aos fiéis, são ovelhas com relação a Pedro”.

O Concílio Ecumênico Vaticano II, em sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium* ratifica essa exegese quando, no § 22, enuncia: “Permanece íntegro o poder primacial do Papa sobre todos, quer Pastores (bispos) quer fiéis. Pois o Romano Pontífice, em virtude do seu múnus de Vigário de Cristo e Pastor de toda a Igreja, possui na Igreja poder pleno, supremo e universal (...). O Senhor colocou apenas Pedro como pedra e guarda-chaves da Igreja (Mateus 18.19) e o constituiu Pastor de todo o Seu Rebanho (João 21.15)” *Huiusque integre manente potestate primatus in omnes sive pastores sive fideles. Romanus enim Pontifex habet in Ecclesiam, vi muneris sui, Vicarii scilicet Christi et totius Ecclesiae pastoris, plenam, supremam et universalem potestatem, quam semper libere exercere valet (...)* Dominus unum Simonem ut petram et

clavigerum Ecclesiae posuit (Mt. 16.18-19), eumque pastorem totius sui gregis constituit (Jo.21,15).

II

Todo esse arrazoado se dilui ao lume da Bíblia. Revela esta a utopia das pretensões pontificias.

1)- A quem ler com isenção de ânimo o capítulo 21 do Evangelho segundo João se evidencia a inconsistência da tese vaticana e se revela exuberante o amor de Jesus Cristo na restauração do Seu discípulo.

Noutra circunstância, em tempos passados, junto ao Lago de Genesaré encontrou-Se o Senhor com Simão. Ocupou-lhe o barco para falar à multidão. Mandou-lhe lançar as redes e o pescador, desapontado com o insucesso de toda uma noite de trabalho, observou: “**Nada apanhamos**”. Revelando, todavia, a sua confiança, se dispõe: “**Mas, sobre Tua palavra, lançarei a rede**” (Lucas 5.5).

Deu-se o prodígio. A colheita de peixes excedeu toda expectativa a ponto de correrem as redes o risco de se romperem. Acorreram os companheiros a ajudar com outro barco. E tanto encheram de pescado ambos os barcos que ameaçavam ir a pique. “**Vendo isto Simão Pedro, prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-Te de mim, porque sou pecador**” (Lucas 5.8). Apoderara-se dele e de seus companheiros grande espanto. A Simão neste instante solene afirmou Jesus: “**Não temas; doravante serás pescador de homens. E, arrastando os barcos para a praia, deixando tudo, O seguiram**” (Lucas 5.10-11).

Deixaram tudo... Pedro, Tiago e João (estes dois últimos, filhos de Zebedeu) e André, irmão do primeiro, conforme nota Mateus 4.18, abandonaram tudo para seguir o Mestre. As redes. Os barcos. E também a grande quantidade de peixes colhidos na portentosa pescaria...

E Simão Pedro presenciou a cura miraculosa de tantos enfermos: leprosos, paralíticos, cegos... Maravilhou-se ante a ressurreição de mortos e a multiplicação de pães. Assistiu acontecerem, pelo poder de Jesus, prodígios inauditos com os elementos da natureza.

Ouviu pregações do Mestre. Apreciou os Seus ensinamentos que às multidões causavam admiração “**porquanto ensinava como tendo autoridade**” (Mateus 7.28-29).

Arrepiou-se ao ouvir-Lhe pesadíssimas e contundentes objurgatórias contra a liderança religiosa de sua terra.

Pasmou-se diante da Sua magnífica Transfiguração, que o deixou tão atônito a ponto de não saber o que dizia (Marcos 9.6).

Seguiu o Mestre diuturnamente. Queria-O sempre triunfante e repelia a idéia de vê-LO padecer: **“Tem compaixão de Ti, Senhor; isso de modo algum Te acontecerá”** (Mateus 16.22).

Jesus, em Sua profunda psicologia, conhecia o Seu discípulo em cujo caso, da mesma maneira, se aplicava a observação de João 2.25: **“E não precisava de que alguém Lhe desse testemunho a respeito do homem, porque Ele mesmo sabia o que era a natureza humana”**.

2)- Depois da última páscoa, encerrada sob densas nuvens de tristeza em consequência das informações precisas de Jesus a respeito da iminência dos Seus sofrimentos e da Sua Morte, prevendo o fracasso do irmão de André, disse-lhe: **“Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos. Ele, porém respondeu: Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão como para a morte. Mas Jesus lhe disse: Afirmando-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que Me conheces, antes que o galo cante”** (Lucas 22.31-34).

Apesar dos seus protestos de fidelidade, Pedro nem uma hora pudera velar com Cristo (Mateus 26.40). Aqueles olhos que tantas vezes se maravilharam diante dos prodígios do Mestre, agora se carregavam de sono.

Inflamara-se de brios no instante da prisão de Jesus em Getsêmani e, no ímpeto de defendê-LO, saca da espada e amputa a orelha do servo do sumo sacerdote (Lucas 22.50).

Recordara-se por certo de seu propósito de estar ao lado de Jesus em qualquer conjuntura.

Detido o Redentor, Pedro reincide na sua fraqueza e passa a segui-LO de longe (Lucas 22.54).

Por João levado, ingressou no palácio do sumo sacerdote (João 8.15-16), onde começou o processo de julgamento de Cristo. E Pedro, então, teve o desprazer de ser abordado pela porteira: **“Não és tu também um dos discípulos deste homem?”** E negou! **“Não sou”** (João 18.17).

No desejo de se aquentar, aproximou-se do fogo e, para ostentar segurança de si, achegou-se aos que ao redor se encontravam. Ouviram

a interpelação da criada e repetem-na: **“Não te vi eu no jardim com Ele?”** Ele negou, e disse: **“Não sou”** (João 18:26). E negou com juramento! (Mateus 26.72).

Na terceira investida a queda de Simão Pedro é mais grave. **“Verdadeiramente, és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia”**, acusaram-no (Mateus 26.73).

Aí o apóstolo, que havia horas antes prometido fidelidade a Jesus, dizendo: **“Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo Te negarei”** (Mateus 26.35), aí o apóstolo que havia horas antes prometido fidelidade a Jesus Cristo **“começou a praguejar e a jurar, dizendo: Não conheço esse homem”** (Mateus 26.74). **“E imediatamente cantou o galo”** (Mateus 26.74).

Lucas 22.61 registra a cena tocante: **“Então, voltando-Se o Senhor, fixou os olhos em Pedro, e Pedro se lembrou da palavra do Senhor, como lhe dissera: Hoje, três vezes Me negarás, antes de cantar o galo. Então, Pedro, saindo dali, chorou amargamente”** (Lucas 22.62).

O olhar misericordioso envolvera o apóstolo fraco e o levava às lágrimas da dor íntima por haver praticado a ignóbil ação.

Pode-se imaginar o seu terrível conflito interior naquelas longas horas do restante do julgamento, da caminhada ao Gólgota, da crucifixão, da morte e sepultura de Jesus. Suas ardentes e amargas lágrimas, porém, não o reabilitaram diante de si próprio. A vergonha de si espicaçava-lhe a consciência. Por isso, abandonou o cenário desses acontecimentos.

Onde estivera enquanto as mulheres dedicadas e João lá se postaram no cimo do Calvário junto á cruz? (João 19.25-26).

3)- Suas lágrimas doridas não o reabilitaram nem diante de sua consciência, nem diante de seus companheiros e muito menos diante de Jesus Cristo.

De Deus separa o pecado quem o comete – **“escondeu-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus”** (Gênesis 3.8). **“Tive medo... e me escondi”**, alegou Adão (Gênesis 3.10).

Deus, na Sua infinita misericórdia, contudo, quer restabelecer a comunhão da criatura para com Ele. **“E chamou o Senhor Deus ao homem, e lhe perguntou: Onde estás?”** (Gênesis 3.9).

A soberana missão de Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, é, com a Sua Morte, possibilitar o reatamento das relações entre o pecador e Deus.

Jesus Cristo **“veio buscar e salvar o que se havia perdido”** (Lucas 19.10). É o Bom Pastor a dar **“a Sua Vida pelas ovelhas”** (João 10.11) e vai em procura da transviada até encontrá-la e, pondo-a aos ombros, feliz, leva-a de novo ao aprisco e se rejubila por havê-la resgatado da perdição (Lucas 15.4-6).

Na oração pelos Seus discípulos, suplicara: **“Pai Santo, guarda-os em Teu Nome, que Me deste... Quando Eu estava com eles, guardava-os em Teu Nome, que Me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura”** (João 17.11-12).

“Nenhum deles se perdeu...”

Para que Pedro não se perdesse, Jesus, o Bom Pastor, logo ao ressuscitar, procurou reabilitá-lo e reintegrá-lo no apostolado. O anjo anunciador da ressurreição através das mulheres prestimosas em ungir o Divino Corpo, envia-lhe o recado: **“Ide, dizei a Seus discípulos, e a Pedro, que Ele vai adiante de vós para a Galiléia; lá O vereis, como Ele vos disse”** (Marcos 16.7).

Esplende nestas palavras a grande preocupação de Jesus no sentido de recuperar o discípulo decaído. Todas as circunstâncias do cenário criado pela fraqueza do filho de Jonas e a misericórdia do Redentor anulam as pretensões do Vaticano recalcitrante em ver neste recado um indício da primazia de Pedro. Aliás, é oportuna a observação do fato de haver o Senhor ressuscitado dado a Maria Madalena a primazia de vê-lo antes de qualquer discípulo (Marcos 16.9). Se Cristo houvesse atribuído este privilégio a Pedro, então, sim, o Vaticano enfundar-se-ia de petulância...

Na tarde daquele domingo, ainda na Judéia, o Ressuscitado aparecera aos discípulos refugiados numa casa de portas fechadas com medo dos judeus (João 20.19) e aos discípulos, outra vez, quando abordou Tomé, nesta oportunidade presente (João 20.29).

Concluído o ciclo das festas pascais, voltaram os apóstolos para a Galiléia, onde se sentiriam mais ao abrigo das insídias dos judeus e onde aguardariam outra aparição do Ressuscitado.

O recado de Jesus a Pedro de que o veria na Galiléia, de certo, não se constituíra numa reabilitação do apóstolo. Esta, evidentemente, também não ocorreu no encontro de Cristo com os discípulos em Jerusalém quando, com medo dos judeus, se reuniam de portas fechadas e nem no encontro de oito dias depois quando da repreensão a Tomé.

III

E aquele Simão que, de certa feita, tudo abandonara para seguir o Mestre (Lucas 5.11) e que nunca mais se envolvera com negócios terrenos no propósito de se dedicar exclusivamente à obra do Reino (2ª Timóteo 2.4), agora, ainda sob a pressão de sua consciência intranquila como resultado de sua covardia no palácio do sumo sacerdote, assim numa recusa daquele propósito de serviço integral, retorna à faina de pescador: **“Vou pescar”** (João 21.3).

E, ao despontar da alva, após uma noite inteira de insano trabalho, nada colheram. Então, chegaram à margem para desembarcar.

Enquanto se aproximavam, entre a bruma, divisaram na praia um vulto. Talvez fosse um revendedor que lhes quisesse comprar o pescado. Ao se aproximarem mais daquele vulto, ergueu-se a voz: **“Filhos, tendes aí alguma coisa de comer?”** (João 21.5).

A pergunta souou como um gracejo pelo fracasso do empreendimento e com azedume foi recebida. E da barca, como um grito seco, irreplicável, estrondeou um “Não!” A tréplica, porém, veio. O homem envolto na bruma da madrugada gritou de novo: **“Lançai a rede à direita do barco e achareis”** (João 21.6).

A memória do pobre Pedro permanecia fixada no seu gesto de covardia quando negara o Mestre. Ensimesmado em sua mágoa, agora renovada com a inutilidade de uma noite de trabalho, nem as circunstâncias de tamanha semelhança o fizeram recordar do ocorrido em Genesaré.

Naquela ocasião, fora pronto em exclamar: **“Sobre a Tua palavra, lançarei a rede”** (Lucas 5.5). Agora, nem a Jesus reconhece naquele estranho postado na praia a sugerir que lancem **“a rede à direita do barco”**.

Atenderam os pescadores insones a sugestão, impelidos por motivos humanos e como uma última tentativa da madrugada. Se aquele estranho fosse um revendedor, certamente, tinha experiência de pescaria e talvez notara indicações valiosas em algum sinal, aparentemente insignificante, da superfície da água.

Lançaram a rede conforme indicara o desconhecido, **“e já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes”** (João 21.6).

Na experiência anterior, comovido, Pedro arrojara-se aos pés do Mestre, clamando: **“Senhor, retira-Te de mim, porque sou pecador”** (Lucas 5.8). Agora, o prodígio não lhe propicia distinguir naquele vulto a pessoa do Redentor.

E João, o discípulo a quem Jesus amava, teve a primazia de reconhecê-lo: **“É o Senhor”** (João 21.7).

Nem assim Pedro O reconheceu. Foi preciso aproximar-se junto dEle a constatar a magnífica realidade da presença de Jesus.

Então, todo azafamado sobe à barca, puxa as redes e toca a recolher os 153 grandes peixes. A barca, as redes, os peixes que tempos antes havia abandonado por se propor a seguir o Mestre.

A misericórdia de Jesus, porém, quer reintegrar na Obra o desditoso discípulo. O discípulo teimosamente fixado no intento de desertar.

Jesus, o Bom Pastor, não se deixa vencer por tanta relutância...

Lamenta-se muitas vezes o pecador. Não lamenta ele a ofensa contra Deus assacada com o seu pecado. Lamenta-se a si próprio! Lamenta a vergonha íntima resultante de sua má ação. Lamenta o sentir-se humilhado, inferiorizado, diante de si mesmo.

E este lamentar e estas lágrimas não movem ao arrependimento. Esta **“tristeza opera a morte”**, enquanto **“a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação”** (2ª Coríntios 7.10).

As lágrimas de Pedro operavam-lhe o abandono do ministério, do Apostolado, da Causa de Jesus...

Nesta batalha entre a misericórdia de Jesus e o recalçar, a teimosia, do discípulo covarde, a grande vitória será do Redentor.

O Divino Taumaturgo, entrementes, providenciara um fogo aceso e pão. É sempre assim! Para salvar o pecador obstinado, Jesus Se abaixa. Rebaixa-Se. Nivelá-Se.

“Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar” (João 21.10).

“Que acabastes de apanhar...” Mas, Jesus, acaso não serão eles resultado do Teu magnífico poder? Tu os consideras frutos dos esforços dos discípulos? **“Que acabastes de apanhar...”**

Quanta misericórdia! Quanto desejo de reabilitar!

“Vinde, comei!” (João 21.12).

Todos se convenceram da adorável presença do Mestre. Por que, então, perguntar? (João 21.12).

Quando se está convencido, inúteis se tornam as perguntas.

Preparada a refeição! Pronto o cenário! O cenário espiritual para o diálogo com Simão.

Porque para esse diálogo viera o Mestre. Diálogo, aliás, prometido (Marcos 16.7). O diálogo da reabilitação.

Jesus não era nenhum fantasma, mas esplêndida realidade. Comera também.

IV

E aconteceu o diálogo, que se reparte em três partes:

1)- **“Simão, filho de João, amas-Me mais do que estes? Ele respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Ele lhe disse: Apascenta os Meus cordeiros”** (João 21.15).

Em três aspectos enfocaremos esta primeira parte:

a)- **“Amas-Me mais do que estes?”**, é a pergunta do Salvador a fim de avivar a mente do Seu discípulo quanto à sua empáfia ao pretender sobressair-se aos companheiros: **“Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim”** (Mateus 26.33). O seu temperamento levava-o a querer ser sempre mais do que os outros, apesar de suas pobres e limitadas qualidades.

Assim fazendo, desejava Jesus, o Divino Psicólogo, mover o apóstolo a se render diante da evidência de sua fragilidade. Simão Pedro entendeu perfeitamente, porquanto a sua resposta, sem se comparar aos outros, como fizera dias anteriores supondo-se mais capaz, a sua resposta se resumiu: **“Tu sabes que Te amo”**.

b)- **“Amas-Me?”** - AGAPAS ME.

“Tu sabes que Te amo” - PHILO SE.

Entre os dois verbos gregos (AGAPAO e PHILEO), o da pergunta de Jesus e o da resposta de Simão, medeia uma profunda diferença, haja vista o da pergunta denotar AMOR PROFUNDO, INTENSO. E o da resposta, uma simples amizade.

Jerônimo, aliás, ao traduzir este passo do grego para o latim, em sua Vulgata, porque também no latim os verbos são diferentes, com conotações próprias e distinguem os significados, Jerônimo assim fez: *“Simon Joannis, diligis Me plus his? Dicit ei: Etiam, Domine, Tu scis quia amo Te”*.

DILIGERE, em latim, demonstra amor profundo, intenso, enquanto *AMARE*, um simples amor de amizade.

Em português, se levássemos em conta essa distinção, traduziríamos da seguinte maneira: **“Amas-Me?”** “Sim, Senhor, Tu sabes que Te quero bem”. “Que Te tenho amizade”.

É Pedro a se colocar diante de si mesmo e a se restringir às suas próprias limitações.

Para lhe evitar a empáfia, tão de acordo com o seu temperamento impetuoso, quando O confessara como **“o Cristo, o Filho de Deus Vivo”**, Jesus o alertara: **“Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas Meu Pai que está anos céus”** (Mateus 16.17).

c)- **“Apascenta os Meus cordeiros”**. É o convite para o discípulo reintegrar-se em Sua Obra.

Para se servir a Cristo é preciso grande disponibilidade que nos faz humildes e verdadeiros diante de nós mesmos no reconhecimento de nossas limitações. Esta postura interior nos coloca numa atitude de contínua dependência do Poder e da Misericórdia do Senhor.

Enquadrado na sua própria e pessoal realidade, Simão, poderia ser capacitado a prosseguir na tarefa para a qual, junto do Lago de Genesaré, fora convocado.

2)-Salienta-se a segunda parte do diálogo pela repetição da pergunta anterior: **“Simão, filho de João, tu me amas?”**, estando, contudo, ausente a expressão comparativa: **“mais do que estes?”**

O misericordioso Jesus leva o pecador a reconhecer a extensão de sua iniquidade, mas nunca o deprime e o arrasa.

Entendera já o pobre discípulo residir um dos seus males no desejo de superioridade perante os demais.

A sofismática pontifícia, se quisesse encontrar a realidade objetiva dos fatos, jamais buscaria nesta períclope uma utópica investidura de Pedro numa suprema posição de mando na Igreja. É tudo bem ao contrário! O apóstolo impetuoso fora levado por Jesus a reintegrar-se na sua própria pessoal realidade de homem carregado de limitações e fraquezas.

3)-A última parte do diálogo se constitui da mesma pergunta assim apresentada: **“Simão, filho de João, tu me amas?”** *“PHILEIS ME”* - **“Tu Me queres bem? “Tens-Me amizade?”**

Agora Jesus repete pela terceira vez a mesma pergunta utilizando - Se do mesmo verbo empregado pelo Seu interlocutor nas duas respostas precedentes. Chegara Pedro aos limites de sua pessoal realidade.

E diz o texto que **“Pedro entristeceu-te”** por lhe ter dito terceira vez: **“Amas-Me?”** (João 21.17).

A tríplice pergunta lhe recordava o doloroso fato da sua tríplice negação.

Nota Agostinho de Hipona que “se depois da Ressurreição o [a Pedro] interroga nosso Salvador, não o faz por ignorar a sinceridade do amor que lhe votava Pedro; mas quis que, por confessar-Lhe três vezes esse amor, apagasse a tríplice negação a que seu medo o conduzira” (*Sermo CXXXVI*, 3).

Movido de grande bazófia, clamara Simão: **“Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o seras para mim”** (Mateus 26.33).

Ao que lhe retrucou Jesus: **“Em verdade, te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, tu Me negarás três vezes”** (Mateus 26.34).

Negara-O perante os homens!

De certo, agora a insistência do Mestre recordava-lhe a Sua palavra: **“Aquele que Me negar diante dos homens, também Eu o negarei diante de Meu Pai, que está nos céus”** (Mateus 10.33).

A sua tristeza anterior era segundo o mundo porque provinha do seu sentimento de inferioridade diante de si próprio, o que desesperava o seu orgulho.

Agora a sua tristeza é segundo Deus porque reconhece haver, ao negar a Cristo, ofendido ao Mestre e demonstrado o seu nenhum amor a Ele. Reabilitado neste amor, entristece-se e se arrepende e pode asseverar: **“Senhor, Tu sabes todas as coisas, Tu sabes que eu Te amo”** (João 21.17).

Convocando-o a reintegrar-se no ministério de Sua Causa, ao invés de lhe propor altos postos de supremacia em Sua Igreja, contrariando a exegese claudicante do Vaticano que isto pretende, fala-lhe Jesus de padecimentos: **“Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queiras. Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus”** (João 21. 18-19).

Enfim, encerra Jesus o diálogo: **“Segue-Me”** (João 21.19).

Convocado, às margens de Genesaré, a seguir o Mestre, abandonara Pedro o seu barco e as suas redes. Pecando, ao negá-lo, afasta-se do serviço do Senhor e retorna às redes e ao barco.

Restaurado pelo arrependimento porque a misericórdia de Cristo com tanta insistência o perseguiu, segue-O novamente.

Eis os fatos a se concatenarem na luminosa lição do amor de Cristo à procura do pecador. Os fatos a se concatenarem na apresentação de um Pedro tão limitado, tão sujeito à iniquidade, como qualquer um.

Onde, pois, à luz desses episódios, à luz desse diálogo, a investidura de Pedro numa primazia jurisdicional?

V

Desenvolvidas estas reflexões, destacaremos alguns pontos denunciadores da ilogicidade e da ilegitimidade das pretensões do Vaticano quanto à supremacia jurisdicional de Pedro, origem, como se apregoa, da suprema autoridade do papa.

“Romanus Pontifex, Bexiti Petri in primatu sucessor, habet non solum primatum honoris, sed supremam et plenam potestatem iurisdictionis in universam Ecclesiam tum in rebus quae ad fidem et mores, tum in iis quae ad disciplinam et regimen Ecclesiae e per totum orbem diffusae pertinent” (Codex Iuris Canonici, 218 § 1).

1)- A perícopa João 21.15-17 lembra a metáfora registrada em João 10:11-16, onde Jesus Se apresenta como o Bom Pastor, cujo Rebanho é a Sua Igreja.

Nessa metáfora encontram-se dois termos típicos: o pastor e o rebanho.

O pastor tipifica Jesus Cristo. E o rebanho, a Igreja.

Ressalta-se nela a estreita e íntima unidade entre ambos os termos: o pastor e o rebanho, com o intuito evidente de enfatizar a estreita e íntima UNIDADE entre Cristo e a Sua Igreja.

Esta, a Igreja, é de Cristo. Exclusivamente dEle.

É tão estreita essa UNIDADE que, no desejo de sublinhá-la, o NT assemelha a Igreja ao Corpo do qual Jesus Cristo é a Cabeça.

“Ainda tenho outras ovelhas, que não são deste aprisco”, lembrou o Redentor, “a Mim Me convém conduzi-las; elas ouvirão a Minha voz; então haverá um rebanho e um Pastor” (João 10.16).

Quais seriam essas **“outras ovelhas”**, ainda alheias ao Seu aprisco?

As provenientes dos gentios, porque o Seu Rebanho, a Igreja, constituir-se-ia de judeus e de gentios, sem quaisquer barreiras a separá-los.

Escrevendo aos crentes gentios de Éfeso, Paulo se refere a esta integração de ambos os povos (judeus e gentios) na mesma comunidade, no mesmo rebanho.

“Naquele tempo, estáveis sem Cristo,... mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo Sangue de Cristo. Porque Ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um” (Efésios 2.12-14).

Se as atividades de Pedro se orientaram para o apostolado da circuncisão (dos judeus) e as de Paulo para o dos gentios (Gálatas 2.8), o Rebanho é um só, único, com um só e mesmo Pastor.

Ora, a metáfora inutiliza o arrazoado do Vaticano porque Jesus é, de modo absoluto, o Pastor do Seu Rebanho.

Com que razão insiste o Vaticano na finalidade da ação ecumenista quanto à união de todos num só rebanho se ele quer dois pastores supremos? Jesus no Céu, pastor do rebanho celestial, e Pedro na terra, pastor supremo do rebanho peregrino neste mundo.

Apascentar o rebanho de Cristo, em conformidade com o teor neotestamentário, é ministério dos presbíteros, sem qualquer destaque de primazia jurisdicional para nenhum deles.

O único e exclusivo primaz é Jesus Cristo, o Pastor do Seu Rebanho.

Ao lume de João 21.15-17, portanto, nenhum indício sequer de um outro pastor revestido de autoridade suprema no governo da Igreja.

2)- Simão Pedro, aliás, entendeu ser Jesus Cristo o Pastor e Bispo das almas (1ª Pedro 2.25), O SUMO PASTOR (1ª Pedro 5.4).

Jamais arrogou para si uma autoridade soberana diante dos presbíteros com os quais, de resto, se nivelou: **“Rogo aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles...”** (1ª Pedro 5.1).

Os esgrimidores sofistas a serviço de Roma alegam que neste passo de sua carta, Pedro se demonstra o supremo hierarca porque, se não o fosse, como se explicaria a sua admoestação para os presbíteros. Ao se pôr em nível de igualdade com eles: **“eu, presbítero como eles”**, afirmam, que o faz induzido por humildade e por método didático.

Se valesse o argumento da teologia vaticana, Paulo se destacaria por uma autoridade muito maior, porquanto, muito mais e mais

extensamente exortou os presbíteros (1ª Timóteo 3.1-7; 5.17-22; Tito 1.6-9), apresentando, inclusive, as suas qualificações.

3)- É verdade que na tropologia bíblica o verbo APASCENTAR, *POIMAINO*, significa também reger ou governar com autoridade, como no caso dos juízes e reis de Israel. Mas, transferir esse significado também para Pedro e para os ministros do Evangelho é dar um salto muito grande. Só o fato de ser Jesus Cristo o SUMO PASTOR exclui a possibilidade de outro sumo pastor. No caso da Igreja, a ninguém foi outorgada a incumbência do governo máximo com a atribuição da primazia jurisdicional.

Exorbita, pois, a teologia romana ao atribuir a Pedro a soberana autoridade na Igreja porque Jesus o mandou apascentar os Seus cordeiros e as Suas ovelhas.

Se assistisse razão à dogmática vaticana, os presbíteros da Igreja em Éfeso teriam também autoridade suprema porque aplicar-se-lhes-ia igualmente o significado exorbitante do verbo apascentar. Com efeito, recomendou-lhes Paulo: **“Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue”** (Atos 20.28).

Esta recomendação de Paulo é idêntica à recomendação de Cristo a Simão. Então, se a recomendação do Redentor a Pedro o constituísse chefe supremo, também os presbíteros de Éfeso se tornaram chefes supremos da Igreja.

E qual seria, neste caso, a autoridade de Paulo já que faz tão importante exortação?

A teologia vaticana rejeita esta conclusão. Em consequência, se lhe sobra um resquício de bom-senso, há de convir que as palavras de Jesus a Pedro não o investiram no primado jurisdicional da Igreja. Aliás, este apóstolo ignorava esta primazia, pois sempre se nivelou com os demais colegas presbíteros: **“Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero com eles...”** (1ª Pedro 5.1).

Assim como competia aos presbíteros (pastores ou bispos) em Éfeso velar pelo rebanho, superintendendo-o, cabia a Pedro idêntica tarefa. E todos eles, no desempenho do seu múnus pastoral sujeitos e subordinados diretamente ao SUMO PASTOR (1ª Pedro 5.4) da Igreja.

Ainda, se no caso de se entender no verbo APASCENTAR, *POIMAINO*, aplicado aos presbíteros (pastores ou bispos) o sentido de governar com máxima autoridade aplicado aos reis, o próprio Pedro

teria constituído a todos os seus companheiros de ministério pastoral essa suprema autoridade.

Em sua Primeira Carta, efetivamente, afirma: **“Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada: pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor Se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória”** (1ª Pedro 5.1-4).

A ser coerente com o significado de APASCENTAR que a sofistaria pontificia atribuiu ao pescador galileu, deveria reconhecer também que todos os presbíteros, porque todos APASCENTAM o Rebanho de Deus, estariam empossados de máxima jurisdição. Cada presbítero, portanto, seria um governo absoluto do Rebanho de Deus.

Contrariando, porém, a esdrúxula interpretação vaticana do verbo APASCENTAR quando alude ao Rebanho de Deus, Pedro elucida nesse passo de sua Epístola qual o verdadeiro significado desse verbo quando empregado com referência às ovelhas de Cristo.

Apascentar é ter cuidado delas. Cuidado isento da força e da torpe ganância.

Apascentar é não ter domínio sobre a herança de Deus.

Os reis, ao apascentarem os seus súditos, usam da força coercitiva e têm domínio sobre eles. Este modo de apascentar, porém, escapa dos métodos próprios do pastoreio das almas.

Já se verifica, pois, que o significado do verbo APASCENTAR, segundo a mente do NT, quando relacionado com as ovelhas de Cristo, é bem outro. Ao recomendar a Pedro o APASCENTAR de Suas ovelhas e dos Seus cordeiros, por conseguinte, não lhe outorgou Jesus Cristo qualquer poder especial ou qualquer primazia de jurisdição sobre eles.

Nem se diga ser especial o caso de Simão, alegando-se haver ele sido colacionado de autoridade soberana acima dos demais presbíteros porque nesse tópico de sua Carta mesmo, a demonstrar o exercício de sua máxima autoridade, é enfático: **“ADMOESTO** – Versão Corrigida”, haja vista admoestar querer dizer: advertir com severidade, repreender. E Pedro só faria isso por reconhecer- se superior a eles.

Se válida esta assertiva, Paulo Apóstolo desfrutaria também de idêntica superioridade, pois aos presbíteros de Éfeso, após recomendar-lhes o cuidado sobre o Rebanho, afirmou: **“Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, não cessei, noite e dia, de ADMOESTAR com lágrimas a cada um de vós”** (Atos 20.31). Aos coríntios escrevia: “Escrevo estas coisas... para vos ADMOESTAR como filhos amados” (1ª Coríntios 4.14). Aos tessalonicenses, falando de algum desobediente à sua orientação, recomendava **“ADMOESTAI-O como irmão”** (2ª Tessalonicenses 3.15 - Corrigida).

4)- A dialética pontifícia lançou-se à aventura de transformar Pedro no detentor da autoridade máxima da Igreja de Cristo. Ela o quer guindasteado à suprema primazia sobre todo o Rebanho de Deus. Sobre os simples fiéis, sobre os demais apóstolos e sobre todos os presbíteros (bispos ou pastores).

Em João 21.15-17 quer encontrar justificativa para o seu sonho mirabolante de soberanizar o humilde pescador galileu e se apóia nos vocábulos: “CORDEIROS” e “OVELHAS”. Nos CORDEIROS vê a multidão dos fiéis. E nas OVELHAS, os outros apóstolos e os bispos, seus sucessores.

Insiste, ao notar nessa escritura, haver Jesus mencionado o vocábulo “CORDEIROS” apenas uma vez e duas vezes o termo “OVELHAS”, obstina em ver nisso uma ênfase por parte do Salvador quanto à autoridade do filho de João sobre toda a hierarquia eclesiástica.

Onde, porém, em toda a Bíblia esse sentido para o vocábulo OVELHA?

As ovelhas seriam os pastores? E os pastores, ovelhas simultaneamente?

Pastores em suas circunscrições eclesiásticas? E ovelhas do pontífice?

Em toda a Bíblia – e particularizando o NT – jamais se encontra essa sinonímia para a palavra OVELHA.

Aliás, como a OVELHAS referiu-se Jesus aos gentios (João 10.16). A todos os Seus chamou-os de **“Minhas OVELHAS”**, as quais conhece e das quais é conhecido (João 10.14).

Sim! De Jesus, com exclusividade, são OVELHAS os presbíteros?

“Nosso Senhor Jesus Cristo, Grande Pastor das OVELHAS”
(Hebreus 13.20).

Habitualmente, quando empregava estas figuras em referência aos Seus seguidores, preferia o termo OVELHA.

O vocábulo CORDEIRO usou-o apenas em duas oportunidades: em João 21.15 e em Lucas 10.3 quando explicou aos Setenta discípulos a sua missão **“Ide; eis que Eu vos mando como CORDEIROS ao meio de lobos”**.

O NT prefere reservar o vocábulo “CORDEIRO” para Jesus tipificado pelo cordeiro oferecido nos sacrifícios da Velha Dispensação.

5)- A teologia romana, no afã de conseguir sofismas favoráveis à sua inglória tese, lembra o confronto levantado por Jesus: **“Amas-Me mais do que estes?”** (João 21.15), alegando Sua intenção de destacar Pedro dentre os demais.

A evidência, contudo, afasta-se dos intentos vaticanos.

Com as suas três negações, Simão desonrara o seu próprio nome perante os discípulos. E agora o Mestre desejava reabilitá-lo também perante eles.

Na noite em que Jesus fora entregue, rompante, Pedro bradara: **“Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim”** (Mateus 26.34).

Simão quis ser superior em coragem aos seus companheiros e protestou heroísmo apesar do fracasso dos outros.

O Barjonas, na noite fatídica, confessara ao Mestre o seu amor único.

Fracassara e, por três vezes, negara-O.

Agora, é evidente, Jesus, com o desejo de pô-lo humilde diante dos outros, pergunta-lhe: **“Amas-Me mais do que estes?”** Ao que o apóstolo obtempera: **“Sim, Senhor; Tu sabes que Te amo”** (João 21:15).

Humilhado, o pescador de Tiberíades, confessa o seu amor, mas sem arrogância e sem se confrontar com os seus companheiros.

6)- Entre as perícopes: Mateus 16.13-19 e João 21.15-17, no articulado de sua claudicante exegese, a doutrinação vaticana, como texto de ligação, encaixa Lucas 22.31-34: **“Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos”**.

a)- Nesta passagem, Roma vê um preâmbulo de João 21.15-17 e sublinha a oração de Jesus em favor do discípulo arrogante: **“Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça”**.

Intenta exaltar Simão por haver sido objeto especial da oração e dos cuidados de Cristo, por se constituir, assevera, o soberano pastor do Seu Rebanho.

Esta conclusão exorbita do texto.

Jesus – é evidente – rogara por Pedro porque, na Sua Onisciência, sabia de suas negações. Embora cirandado como trigo por Satanás, Pedro arrepender-se-ia e se reintegraria no ministério, tendo, por conseguinte, um destino bem diverso do de Judas. É a eficácia da oração de Cristo em favor dos fracos dispostos ao arrependimento.

A nossa segurança – a segurança de todos os crentes – está na eficácia da oração do Senhor.

Nenhum privilégio especial e particular em prol de Pedro. O ministério intercessório do Salvador abrange a todos os Seus. **“É por eles que Eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que Me deste, porque são Teus; ora, todas as Minhas coisas são Tuas, e as Tuas coisas são Minhas; e, neles, Eu sou glorificado. Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que Eu vou para junto de Ti. Pai santo, guarda-os em Teu Nome, que Me deste, para que eles sejam um, assim como nós”** (João 17.9-11).

O ministério sacerdotal intercessório de Cristo em benefício dos Seus discípulos é contínuo. Prolongar-se-á até ao fim da Dispensação da Igreja, porquanto à direita do Pai, no Céu, prossegue, solícito, Sua imparcial missão de nosso intercessor. **“Este”,** declara Paulo aos Hebreus, **“no entanto, porque continua para sempre, tem o Seu sacerdócio imutável. Por isso, também pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”** (Hebreus 7.24-25).

Quanto mais fraco é o discípulo mais se credencia à eficácia da missão sacerdotal do Redentor, o nosso Advogado, consoante a afirmação de 1ª João 2.1-2: **“Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e Ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro”**.

Nenhum privilégio individualmente reservado a Pedro, pois, pelo fato de por ele orar Jesus. Bem ao contrário! Significa a informação do Redentor considerá-lo tão fraco como qualquer outro discípulo. Esta consideração, de resto, se enfatiza pela circunstância de, também, neste

passo, chamá-lo Jesus de **“Simão, Simão!”** ao invés de chamá-lo de “Pedro”.

Ressalte-se ainda a mesma observação quanto à perícopa de João 21.15-17, onde o fraco discípulo é também chamado de **“Simão, filho de Jonas”**.

b)- Destaca ainda a teologia papal desta passagem, preâmbulo de João 21.15-17, um argumento em prol da supremacia de Pedro a garantir-lhe, outrossim, a infalibilidade no magistério, baseado na ordem de Cristo: **“Tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos”** (Lucas 22.32), relacionando-a com **“Apascenta os Meus cordeiros”, “apascenta as Minhas ovelhas”** (João 21.15-17). Se, por ordem de Cristo, compete a Pedro confirmar os seus irmãos ou apascentar os cordeiros e as ovelhas, segue-se uma ascendência, uma primazia deste apóstolo sobre os demais, conclui a burlaria papal. Como se apenas a Pedro coubesse a missão de confirmar.

Nesse caso, a Paulo caberia igual posição, pois em Listra, Icônio e Antioquia CONFIRMARA **“os ânimos dos discípulos exortando-os a permanecer na fé”** (Atos 14.22).

No começo de sua segunda expedição missionária **“passou pela Síria e Cilícia, CONFIRMANDO as Igrejas”** (Atos 15.41). E aos hebreus pergunta: **“Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois CONFIRMADA pelos que a ouviram?”** (Hebreus 2.3).

Se Jesus ordena a Pedro confirmar os seus irmãos, o mesmo ordena ao anjo da Igreja de Sardos: **“Sê vigilante e CONFIRMA o restante, que estava para morrer”** (Apocalipse 3.2 - Corrigida).

A todo o discípulo de Cristo – e não somente a Pedro como um privilégio pessoal e exclusivo – a todo o discípulo de Cristo cabe, pelo testemunho da palavra e pelo exemplo da conduta, CONFIRMAR diante dos condiscípulos e do mundo o Evangelho.

.oOo.

ONDE A PRIMAZIA DE PEDRO ENTRE OS DOZE?

À dialética construída sobre ilógicas e esdrúxulas interpretações das três perícopes: Mateus 16.13-19; Lucas 22.31-34 e João 21.15-17, além da “mudança” do nome de Simão para o de Pedro e a posição de destaque em primeiro lugar nos catálogos dos apóstolos, a burlaria romanista acrescenta outros malabarismos na busca de confirmação de uma primazia petrina. Esforça-se por encontrar uma honra especial tributada por Cristo ao antigo pescador da Galileia e em Sua maneira de agir para com ele em várias circunstâncias.

Segundo a sofismática papal revelam deferência especial de Cristo a Simão Pedro – o que, no contexto do Tratado *DE ROMANO PONTIFICE*, se ilumina de inestimável valor – os seguintes incidentes:

* Quando ia a Cafarnaum, Jesus Cristo costumava hospedar-se em casa de Pedro. *In domo Petri habitare SOLET Christus quando manet in urbe Capharnaum* (Lucas 4.38).

* Utiliza-Se da barca de Pedro para pregar. *E Petro navicula docet* (Lucas 5.3).

* Com vigor incumbe a Pedro de ser pescador de homens. *Petro POTISSIMUM commendat piscationem hominum* (Lucas 5.10).

* Por Si e por Pedro paga o tributo com a moeda miraculosamente colhida. *Pro Se et Petro staterem miraculo paratum solvit* (Mateus 17.26).

* Provavelmente lavou na Ceia por primeiro os pés de Pedro. *Petri pedes in Coena probabiliter primo abluit* (João 13.6).

* Em favor de Pedro ora especialmente para não desfalecer na fé. *Specialiter orat pro Petro ut in fide non deficiat* (Lucas 22.32).

* Prediz a morte especial e violenta de Pedro. *Petri specialem mortem violentam praedicat* (João 21.18).

*A Pedro ordena que, ao Seu encontro, ande sobre as águas. *Petrum iussit secum ambulare super aquas* (Mateus 14.29).

* Quando escolhe os três para algum trabalho especial ou para um privilégio particular, Pedro sempre se inclui. *Ubi elegit tres ad specialem munus vel privilegium, inter hos semper erat Petrus*. Com Tiago e João testemunhou a ressurreição da filha de Jairo (Marcos 5.37), a transfiguração (Marcos 9.1-2) e a agonia no horto (Marcos 14.33).

* A mensagem da ressurreição a Pedro é dirigida especialmente a ele sozinho e a ele diante dos demais apóstolos aparece o Senhor ressurreto. *Ressurrectionem Suam Petro specialiter nuntiandam curavit et Petro seorsim et ante alios apostolos Redivivus apparet Christus* (Marcos 16.7; Lucas 24.34; 1ª Coríntios 15.5).

I

À primeira vista essa enxurrada de sofismas pode impressionar a pessoa pouco afeita às Escrituras. Pormenorizando-os, contudo, evidencia-se a sua inconsistência.

Todas as escoras fabricadas pela exegese vaticana no anseio de confirmar através de uma suposta honra especial de Cristo atribuída a Simão – *ex speciale honore ei a Christo praestito confirmatur* – o primado jurisdicional de Simão Barjonas, todas essas escoras ruem entre os escombros da sofismática erguida sobre bases falsas da ilógica interpretação de Mateus 16.13-19; Lucas 22.31-34 e João 21.15-17.

Assiste-nos o direito, de resto, de pulverizar cada uma dessas escoras porque fecharemos todas as brechas possíveis e imagináveis por onde pretender possa a doutrinária romanista destilar suas heresias.

1)- De certa feita, relata Lucas (4.38), “**deixando Ele a sinagoga, foi para a casa de Simão**”, cuja sogra se encontrava “**com febre muito alta**”.

Observa Marcos (1.29) a companhia de Tiago e João e menciona André como também participante da casa, além de Simão. “**E, saindo eles da sinagoga, foram com Tiago e João, diretamente para a casa de Simão e André**”.

a)- A dialética papal quer ver no fato de Jesus ter ido uma vez à casa de Simão, e para curar a enferma, um costume, um hábito por parte do Mestre de frequentar aquele lar. Só uma vez Jesus foi à casa de Simão! Os Evangelhos omitem outras visitas. Tê-la-ia o Mestre repetido? E se houvesse lá entrado mais de uma vez, duas ou três, ter-se-ia criado o hábito? O costume?

Só porque Jesus foi uma vez à casa de Simão, há de se inferir o exercício de um costume?

b)- Segundo Marcos a casa também era de André. Por conseguinte, se fosse o caso, a honra seria também de André.

c)- Evidencia-se nos relatos sinóticos do incidente o propósito específico em lá ir, qual seja o de curar a febril mulher e não o desejo de exaltar qualquer um dos Seus discípulos.

d)- Entrou Jesus também em tantas outras casas. Na de Lázaro, Marta e Maria por mais de uma ocasião (Lucas 10.38-42; João 11.1-45; Mateus 21.17). Na de Mateus a fim de participar de um banquete

(Lucas 5.29). Na de Jairo (Lucas 8.51). Na de Zaqueu (Lucas 19.1-10). Na de Simão, o leproso (Mateus 26.6).

Se fora à casa de Pedro e André e na de Jairo lá entrara com o objetivo determinado de curar uma senhora e ressuscitar uma criança. Nas casas de Mateus e de Zaqueu entrara especificamente por causa dos seus donos.

Sem dúvida, é inaudito o privilégio de todos esses por haverem recebido visita de tamanha honra. A ocorrência da visita de Jesus à casa dos dois filhos de João, Simão e André, contudo, não se constitui em indício de primazia em favor de Pedro.

2)- É fato verídico haver Cristo ocupado a barca de Simão Pedro para ensinar a multidão postada na praia de Genesaré (Lucas 5.1-3).

Os outros dois sinóticos relatam este episódio de maneira mais sucinta, omitindo o fato da pesca e o espanto de Pedro. Sublinham, sim, a vocação dos quatro discípulos para o apostolado: **“Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens”** (Mateus 4.19; Marcos 1.17). Se André e Simão foram prontos em deixar o barco e as redes, Tiago e João, além das redes e o barco, deixaram também o pai (Mateus 4.22; Marcos 1.20).

O apelo de Cristo, portanto, foi com o mesmo empenho, para missão idêntica, e indistintamente para os quatro.

4)- O arrazoado bombástico da teologia clerical fascinada com a miragem de basear a reminiscência do imperialismo romano erguido sobre um papa- césar, envolve também o seguinte fato registrado com exclusividade pelo primeiro sinótico, no intento de exaltar uma ambicionada primazia de Barjonas.

“Tendo eles chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam o imposto das duas dracmas e perguntaram: Não paga o vosso Mestre as duas dracmas? Sim, respondeu ele. Ao entrar Pedro em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra impostos ou tributo: dos seus filhos ou dos estranhos? Respondendo Pedro: Dos estranhos, Jesus lhe disse: Logo, estão isentos os filhos. Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que físgar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o e entrega-lhes por Mim e por ti” (Mateus 17.24-27).

Concatenemos os fatos do contexto onde se encaixa o incidente registrado por Mateus.

Após a cura do jovem lunático (Mateus 17.14-23; Marcos 9.14-29; Lucas 9.37-45), quando fracassaram os apóstolos por causa de sua fé apoucada (Mateus 17.20), andava o Senhor **“pela Galileia, e não queria que ninguém o soubesse, porque ensinava os Seus discípulos”** (Marcos 9.30-31).

Desta feita, reservava-Se Ele à formação espiritual do Seu grupo, excluindo do seu programa a pregação às turbas.

Fala-lhes outra vez dos Seus padecimentos e da Sua Morte (Mateus 17.22-23). Recrimina-lhes a discussão sobre quem seria o maior (Marcos 9.33-37). E chega a Cafarnaum (Mateus 17.24).

Notado o seu regresso à cidade, os cobradores de impostos se apresentaram a saber se Jesus já havia pago o tributo destinado ao Templo.

Na verdade, obrigavam-se todos os israelitas adultos a pagar anualmente para a manutenção do Templo meio siclo de prata, equivalente a duas dracmas. Esta coleta se fazia comumente antes da Páscoa. Nas regiões distantes, contudo, adiava-se esta tarefa até ao Pentecostes e à Festa dos Tabernáculos.

Absorvido em Suas atividades ministeriais, por muito tempo, ausentara-Se o Mestre de Cafarnaum. Com o Seu regresso, nesta oportunidade, vieram cobrar-Lhe a contribuição.

Encontrava-Se Jesus recolhido no interior de Sua casa, enquanto Pedro, muito conhecido, pois ali sempre residira e a sua antiga profissão de pescador o levava a ter um grande relacionamento, de certo, do lado de fora, conversava, dando notícias dos episódios da viagem recém concluída. Entrementes, abordaram-no os cobradores, aliás, de maneira assaz grosseira: **“Não paga o vosso Mestre as duas dracmas?”**

Conservavam-se ressentidos com Jesus, que, antes de Sua partida, recriminara Cafarnaum, impenitente e cética apesar dos prodígios entre o povo realizados pelo Divino Taumaturgo: **“Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo”** (Mateus 11.23-24).

Se os portentos ocorridos dentro dos limites de sua cidade não sensibilizavam aqueles corações empedernidos, acaso comover-se-iam com o relatório do irmão de André?

Melindrados, ensimesmaram-se. Pouco se lhes davam as multiplicações dos pães, a cura da filha da cananéia, a caminhada do Mestre sobre as águas revoltas do mar, a viagem a Cesaréia de Filipos, a cura do lunático e do cego de Betsaida, a libertação do endemoninhado gadareno, a morte violenta de João Batista, a ressurreição do filho da viúva de Naim e da filha de Jairo.

Tantas maravilhas... Mas, e as duas dracmas?

Queriam espicaçar o Mestre. Desmoralizá-lo ante os ouvintes de Simão Pedro: Faz tudo isso, mas **“o vosso Mestre não paga as duas dracmas?”**

A resposta lacônica do interrogado se reduziu a um seco: “Sim!”

E, ao entrar em casa a fim de notificar a Jesus sobre aquela cobrança, o Senhor Se antecipa e oferece aos Seus discípulos uma magnífica lição de dependência completa da Providência Divina enaltecida no Sermão do Monte (Mateus 6.25-34) e aos Seus adversários mais um exemplo do Seu poder: **“Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra impostos ou tributo: dos seus filhos ou dos estranhos? Respondendo Pedro: Dos estranhos, Jesus lhe disse-lhe: Logo, estão isentos os filhos. Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que fígar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o e entrega-lhes por Mim e por ti”** (Mateus 17.25-27).

Deste episódio, portanto, escapam quaisquer indícios de um reconhecimento por parte daqueles azedos cobradores da primazia jurisdicional do discípulo morador de Cafarnaum.

Pelo motivo de haver Jesus propiciado ao Seu discípulo a obtenção prodigiosa também do seu tributo, não significa qualquer intenção de Sua parte no sentido de induzir os cobradores à observação de algum primado na pessoa de Pedro. Aliás, outras manifestações de deferência teve Jesus para com os outros discípulos (Lucas 24.13-35; João 19.26-27; 20.27), sem com isso sugerir a viabilidade da supremacia de quem quer que fosse.

5)- Os advogados de uma causa fracassada se arriscam a ridículas incongruências e à extrema cegueira.

Nem por sombra se pode notar no relato de João 13.4-10 haver Cristo lavado os pés de Simão Pedro antes de qualquer outro discípulo. É absurdo esforço clerical: *Petri pedes in coena probabiliter primo abluit.*

Com efeito, assim decorre o registro pormenorizado: Jesus **“levantou-Se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma**

toalha, cingiu-Se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido”.

Destarte, quando já se iniciara a operação de lavar os pés dos Seus discípulos chegara a vez de Simão, disse este, com a sua habitual e característica impetuosidade, a Jesus Cristo: **“Senhor, Tu me lavas os pés a mim?”**

Repreendido pelo Mestre, retruca-Lhe o discípulo rompante: **“Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça”.**

A passagem, isto sim, demonstra outra vez o temperamento arrebatado de Barjonas e revela ainda uma vez a paciência de Jesus para com ele.

Onde, pois, qualquer insinuação de Jesus no sentido de superpôr Simão pescador?

Até nas reprimendas do Redentor ao discípulo impetuoso e extrovertido quer encontrar a dialética papal indícios donde se infiram argumentos favoráveis à sua miragem.

6)- E gozaria Pedro de uma preeminência incontestável por Lhe haver Cristo predito a morte violenta? *Petri specialem mortem violentam praedicit*, apregoa o Tratado *DE ROMANO PONTIFICE*.

a)- O prognóstico de padecimentos feito por Jesus Cristo atinge a todos os Seus seguidores.

“Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que Eu vos disse: Não é o servo maior do que seu senhor. Se Me perseguiram a Mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram a Minha palavra, também guardarão a vossa. Tudo isso, porém, vos farão por causa do Meu Nome, porquanto não conhecem Aquele que Me enviou” (João 15.19-21). **“Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do Meu Nome”** (Mateus 24.9). **“Quando vos levarem às sinagogas e perante os governadores e as autoridades...”** (Lucas 12.11).

Tamanhas torturas, no entanto, constituir-se-ão um motivo de felicidade exuberante e plena: **“Bem-aventurados sois quando, por Minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem, e mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós”** (Mateus 5.11-12).

b)- A dialética vaticana, contudo, afirma ser Pedro destacado com uma predição particular, especial. Singularizou-lhe Jesus a morte violenta.

De fato, em João 21.18-19, revela-lhe Cristo os padecimentos futuros: **“Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queres. Disse isto para significar com que gênero de morte havia de glorificar a Deus”**.

Se este vaticínio envolvesse alguma honra a ser atribuída a Pedro no caso de desfrutar alguma supremacia entre os discípulos, caberia a Paulo semelhante posto, haja vista haverem-lhe sido também previstos atrozes sofrimentos.

A Ananias, receoso de receber Saulo de Tarso por estar informado sobre a sua ferocidade na perseguição aos crentes – **“quantos males tem feito aos Teus santos em Jerusalém”** (Atos 9.13), clamava – diz o Senhor: **“Vai, porque este é para Mim um instrumento escolhido para levar o Meu Nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; pois Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo Meu Nome”** (Atos 9.15-16).

Posteriormente, o Senhor cumpriu a Sua Palavra e mostrou ao Apóstolo o quanto deveria padecer. Apesar dos conselhos em contrário, dispôs-se ir a Jerusalém: **“E agora, constrangido em meu espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá, senão que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que me esperam cadeias e tribulações”** (Atos 20.22-23).

Do profeta Ágabo serviu-Se o Senhor a fim de revelar-lhe os indizíveis sofrimentos a suportar em futuro bem próximo: **“E, vindo [Ágabo] ter conosco, tomando o cinto de Paulo, ligando com ele os próprios pés e mãos, disse: Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus, em Jerusalém, farão ao dono deste cinto e o entregarão nas mãos dos gentios”** (Atos 21.11).

7)- É admirável a psicologia de Jesus Cristo! Vê em Simão o retrato da maioria dos Seus discípulos. Inconstantes. Fracos. Arrebatados. Dirigidos pelas suas volúveis emoções. Cheios de bons propósitos quando oram e de lentidão na hora de agir. Confiantes em alguns rápidos instantes e desalentados na prova....

Ofato extraordinário de andar Simão sobre as águas, ao invés de demonstrar, como pretende a teologia romana, o interesse de Cristo em

distingui-lo como primaz revestido de autoridade superior, no conjunto das atitudes do filho de João e dos prodígios com ele sucedidos, outra vez demonstra a sua fraqueza e a sua fé mesquinha.

O primeiro sinótico (Mateus 14.22-33) é o mais extenso e o mais metucioso nos informes do fato. Após a primeira multiplicação dos pães, ordenou o Mestre aos Seus discípulos atravessassem o Mar da Galiléia para a Betsaida. Sobrevindo a noite, encrespavam-se, açoitadas pelo vento impetuoso e contrário, as águas. Foi-lhes o Mestre em socorro, caminhando por sobre as ondas encapeladas. Atemorizados, tomaram-nO os discípulos como um fantasma. **“E, tomados de medo, gritaram”** (v. 26). **“Jesus imediatamente lhes disse: Tende bom ânimo! Sou Eu. Não temais!”** (v. 27).

O extrovertido Pedro duvidou da palavra do Mestre. Quis uma prova concreta. Um sinal! **“Se és Tu, Senhor, manda-me ir contigo por sobre das águas”** (v. 28).

Atendeu-lhe Jesus o pedido desabusado: **“Vem”** (v.29). **“Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus. Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor!”** (vv. 29-30).

Pobre Pedro! Frágil seixo! Dá-lhe Jesus o sinal de Sua Onipotência na qual descansar deveriam os discípulos quando em tormenta, e Simão Pedro ainda duvida.

Falta-lhe fé e corre o perigo de submergir.

Recalcitra na incredulidade e não consegue recobrar a fé.

Estende-lhe Jesus a mão. Segura-o. E o repreende ainda outra vez: **“Homem de pequena fé, por que duvidaste?”** (v. 31).

Este homem – o retrato do Homem – constituir-se-á em rocha da Igreja? Em sua autoridade primacial?

Impossível!!! A Igreja é Obra Divina. Jamais poderia estar ao talante de Simão Pedro, tão volúvel como a inconstância constante das ondas do mar.

8)- No *processus* da dialética petrina recorre o Tratado *DE ROMANO PONTIFICE* à escolha de três discípulos como testemunhas da transfiguração, da ressurreição da filha de Jairo e da agonia no Getsêmani.

a)- Se o Barjonas é testemunha desses três acontecimentos, Tiago e João também o são. Qual a vantagem, pois, favorável a Pedro?

Se daí se deduzisse qualquer autoridade primacial, esta competiria aos três.

b)- Se o pormenor de mencionarem os sinóticos o nome de Pedro antes dos dois outros denotasse a primazia desse discípulo sobre os demais, Paulo Apóstolo tê-la-ia desconsiderado, porquanto, ao mencionar os mesmos três em Gálatas 2.9, coloca Pedro em segundo lugar.

c)- Proverbializara-se a rompância de Simão, irmão de André, cujas atitudes se deixavam marcar pela leviandade. Marcos, o seu amanuense, observa que **“não sabia o que dizer”** quando da transfiguração (9:6). Se Jesus, no Horto das Oliveiras, repreende os três, Marcos assinala uma repreensão direta a Pedro, que protestara, momentos antes, absoluta e irrestrita fidelidade ao Mestre, a despeito de outros O abandonarem: **“Simão, tu dormes? Não pudeste vigiar nem uma hora?”** (Marcos 14.37).

Salta aos olhos de qualquer observador a constatação da fraqueza de Pedro e não da sua suposta primazia, nestas oportunidades, embora, em nível de igualdade, participe do restrito grupo dos três.

9)- Se Jesus ressuscitado apareceu a Simão quando estava só (Lucas 24.34; 1ª Coríntios 15.5) e também com ele dialogou perante os seis outros discípulos (João 21.15-17), foi na deliberação de reabilitá-lo, conforme já verificamos, e não no intuito de apoiar qualquer preeminência do fraco apóstolo como ambiciosamente quer o vaticanismo.

a) - À luz dos informes neotestamentários, as aparições do Ressuscitado se deram na seguinte ordem:

* A Maria Madalena (Marcos 16.9),

* Aos discípulos de Emáus (Lucas 24.13-35),

* A Pedro (Lucas 24.34; 1ª Coríntios 15.5),

* A dez apóstolos reunidos (Marcos 16.14; Lucas 24.36-53; João 20.19-23; 1ª Coríntios 15.5),

* Aos onze juntos, incluindo-se Tomé (João 20.24-29; 1ª Coríntios 15.7),

* Aos sete discípulos na praia do Mar de Tiberíades (João 21:1-23),

* Em um monte da Galiléia aos onze (Mateus 28.16-20; Marcos 16.15-19),

* A Tiago, o menor (1ª Coríntios 15.7),

* A mais de 500 irmãos juntos (1ª Coríntios 15.6) e

* A Paulo mui posteriormente (1ª Coríntios 15.8; Atos 9.4-5; 22.7-8; 26.13-15).

Informam-nos ainda os Atos que aos apóstolos, “**depois de ter padecido, Se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias**” (Atos 1.3; Atos 13.31).

b)- Perante essa sequência das aparições de Cristo ressurreto, constata-se ser Maria Madalena a grande privilegiada de tê-lo visto primeiro. Se em tudo Pedro houvesse sido o primeiro, ainda assim, se fosse o caso, a Madalena caberia a preeminência por haver ela gozado da mais excelente prioridade, a de, em primeiro lugar, contemplar o Senhor ressuscitado. Por mais que se afobe e lute a sofistaria papal, jamais conseguirá retirar dela esta ventura, transferindo-a para o pescador galileu.

c)- A Simão Pedro não coube a honra nem de vê-lo em segundo lugar. Esta tocou aos dois discípulos viajantes de Emaus, alheios do grupo dos Doze (Lucas 24.18,33).

d)- Só depois de haverem-no visto Maria Madalena e os dois viajantes de Emaús, que Ele apareceu a Pedro.

Observe-se, contudo, o laconismo desta informação de Lucas 24.34 e de 1ª Coríntios 15.5.

Jesus Se preocupava em reabilitar Pedro, a quem no palácio do sumo sacerdote lançara aquele penetrante olhar, e, por isso, Se lhe apresenta vivo a fim de despertar nele confiança em Sua misericórdia.

Se esta aparição a Pedro denotasse qualquer indício de reconhecimento por parte de Cristo na autoridade do apóstolo a teriam registrado os escritores sagrados com minúcias e extensão, como, de resto, sucede no histórico pormenorizado do episódio de Emaus.

II

1)- De inefáveis e inauditos privilégios cumulou o Senhor ao filho de João.

Distinguiu-o com o sobrenome Pedro (João 1.42) porque ao discípulo de Cristo não basta constituir-se em Simão, um simples “ouvinte”, mas é chamado a ser “**pedra viva**” da “**casa espiritual**”: a Igreja (1ª Pedro 2.4). Distinguiu-o com o sobrenome Pedro, como pedras são todos os salvos e partícipes da Igreja.

Distinguiu-o o Senhor ao vocacioná-lo à pesca de homens (Lucas 5.10), como aos seus companheiros e a tantos, ao longo dos séculos tem convocado.

Distinguiu-o o Senhor com a Sua ida à casa dele quando lhe curou a sogra enferma (Lucas 4.38-39), como a tantos outros favoreceu com semelhante bênção de cura.

Distinguiu-o o Senhor permitindo-lhe que caminhasse sobre as ondas tempestuosas (Mateus 14.29), como a tantos outros propiciou bênçãos de Seus prodígios.

Singularizou-o o Senhor com especial inspiração na oportunidade da proclamação em Cesareia de Filipos: **“Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo”**; quando Jesus lhe lembrou: **“Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e e sangue que to revelaram, mas Meu Pai que está nos céus”**. E prometeu sobre Si próprio, qual Rocha inabalável, edificar a Sua Igreja, sendo dela, qual **“pedra viva”**, o discípulo pregoeiro de Sua origem divina, também participante: **“Também Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a Minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”** (Mateus 16.16-18).

Distinguiu-o o Senhor ao investi-lo na incumbência de usar as chaves do Reino dos Céus, proclamando a Verdade do Evangelho para o arrependimento dos pecadores (Mateus 16.19; Atos 2.14-38), como a todos os Seus discípulos atribuíra tarefa idêntica (Mateus 18.18).

Distinguiu-o o Senhor como partícipe do restrito grupo dos três, tendo assim a ventura de assistir à ressurreição da filha de Jairo (Lucas 8.49-52; Marcos 5.36-39), a Sua gloriosa transfiguração (Mateus 17.1-9; Marcos 9.2-9; Lucas 9.28-36) e a Sua dolorosíssima agonia (Mateus 26.36-46; Marcos 14.32-42).

Privilegiou-o o Senhor com a graça de ainda uma vez mais, enquanto muitos se retiravam da presença do Mestre, exclamar: **“Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras de vida eterna; e nós temos crido e conhecido que Tu és o Cristo, o Filho de Deus”** (João 6.68,69), como a outros oferecera semelhante oportunidade de confessá-lo Filho de Deus, como a Natanael que disse: **“Mestre, Tu és o Filho de Deus, Tu és o Rei de Israel!”** (João 1.49) e a Nicodemos que afirmou: **“Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que Tu fazes, se Deus não estiver com ele”** (João 3.2).

Distinguiu-o o Senhor ao orar por ele (Lucas 22.31), como também em favor dos outros orou e, sentado à direita do Pai, intercede.

Cumulou o Senhor a Pedro com inefáveis bênçãos... Essa distinção, todavia, não significa exclusividade, pois com bênçãos semelhantes favoreceu a tantos.

2)- Simão Pedro é enfocado nos Evangelhos por ser o símbolo do Homem. Símbolo da sua inconstância. Da sua fragilidade. Do seu entusiasmo passageiro. Da sua rompância ridícula. Dá sua extrovertidade. Da sua virtude epidermial. Da sua infidelidade. Da sua preguiça. Da sua tibieza. Da sua reincidência nos mesmos erros tantas vezes deplorados. Do seu orgulho desmedido. Da sua “pouquidade” em crer.

Simão Pedro é o Homem. Homem-pecador!

Dos Doze, Pedro é o mais focalizado nos Evangelhos. Por ser ele o superior? O primicério entre os demais?

Não!!!

Nem por desfrutar ele de uma primazia de honra!

Pedro é, sim, destacado dentre os Doze como o retrato do Homem.

Do Homem que reafirma os mesmos bons propósitos e reincide nas mesmas transgressões. Do Homem que confessa a Sua fê e recai na incredulidade.

Do Homem que jura fidelidade e se esboroa na vergonha da traição.

Do Homem procurado pela misericórdia divina e sempre de coração recalitrante e obstinado.

Do Homem perdulário da Graça de Deus.

Pedro, perdulário da Graça, é o Homem-símbolo. Símbolo acabado do pobre Homem...

Ávido de um sinal do Seu Poder, clama a Jesus quando sobre as águas turbulentas andava: **“Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre das águas”**. Contemplado com o sinal, descrê do poder do Mestre e tem medo, e ao soçobrar, clama: **“Salva-me, Senhor!”** (Mateus 14.28, 30). Quer o sinal. Tem-no. Duvida. Descrê do poder do Mestre, que o recrimina: **“Homem de pequena fé, por que duvidaste?”**.

Perdulário da Graça, Pedro, o Homem-símbolo, presencia a transfiguração de Jesus Cristo. Propõe erigir três cabanas: uma para Cristo, outra para Moisés e outra para Elias, nivelando-os a todos no mesmo pé de igualdade, ao se esquecer da toda-suficiência do Redentor. Tamanha tolice afirmara, que Marcos, o seu amanuense, salienta: **“Não sabia o que dizer”** (Marcos 9.6).

Perdulário da Graça, Pedro, Homem-símbolo, ao contemplar os prodígios do Mestre, ao invés de mais nele confiar, pede-Lhe que dele Se afaste. Se, como pecador, tem o direito à misericórdia de Jesus, rejeita a benevolência do Salvador (Lucas 5.8).

Perdulário da Graça, Pedro, o Homem-símbolo, tranca o seu coração e se torna insensível aos sinais do poder do Mestre e O censura: **“Mestre, as multidões Te apertam e Te oprimem, e dizes: Quem Me tocou?”** (Lucas 8.45).

Perdulário da Graça, Pedro, o Homem-símbolo, rompante rejeita, o gesto de Amor de Jesus ao lavar os pés dos discípulos: **“Senhor, Tu me lavas os pés a mim?”** Repreendido como ignorante, insiste na sua pertinácia: **“Nunca me lavarás os pés”**. E, diante da iminência de ser rejeitado, exagerado, quer que Jesus lhe dê um banho (João 13.6, 8).

Perdulário da Graça, Pedro, o Homem-símbolo, provocado pela pergunta de Jesus: **“E vós, Quem dizeis que Eu sou?”**, adianta-se: **“Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo”** (Mateus 16.16). É o auge de sua correspondência à Graça. Dali a instantes aqueles lábios, donde jorrara a admirável proclamação, despejam repreensões contra Jesus por haver informado aos discípulos sobre os Seus sofrimentos e a Sua Morte. E, como resultado, o Redentor, que há pouco o chamara **“Bem-aventurado”**, agora o recrimina como Satanás e o afasta de Si por Lhe servir de escândalo e por não compreender as coisas de Deus (Mateus 16.22-23).

Perdulário da Graça, Pedro, o Homem-símbolo, caracteriza-se pelos seus altos e baixos. Quando Jesus Se apresenta auto-suficiente e Se dispõe a dispensar também a companhia dos Doze: **“Quereis vós também retirar-vos?”**, respondeu-Lhe: **“Senhor, para quem iremos nós? Tu tens palavras de vida eterna. E nós temos crido e conhecido que Tu és o Cristo, o Filho de Deus”** (João 6.67-69). Noutra circunstância, num instante de decisão de fidelidade, mais confiante em suas energias próprias ao Se referir à aproximação da Sua hora, categórico, afirma a Jesus: **“Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim... Ainda que me seja necessário morrer contigo, de modo nenhum Te negarei”** (Mateus 26.33, 35). **“Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão como para a morte”** (Lucas 22.33). **“Por Ti darei a própria vida”** (João 13.37).

Pobre Pedro, Homem-símbolo! A sua depressão espiritual aconteceu logo a seguir. Ao Mestre protestara fidelidade até à morte e se deixa vencer pelo sono enquanto Jesus agoniza. **“Simão, dormes?”**

(Marcos 14.37). **“Então, nem uma hora pudeste velar comigo?”**
(Mateus 26.40).

É a instabilidade do caráter do Homem. Nos instantes de arrebatamento espiritual promete vigilância e se compromete a ser fiel com Deus. Na vivência do cotidiano, dorme numa criminosa indiferença.

Prendem o Filho de Deus. E outro gesto destemperado de Pedro: Saca da espada e fere um da soldadesca.

Irá reabilitar-se de sua sonolência?

Conduzem o Nazareno ao palácio arquissacerdotal. Segue-O Pedro de longe (Mateus 26.58).

João o conduz ao interior da luxuosa casa. O discípulo amado quer seguir de perto o iníquo julgamento. E Pedro se mistura, para despistar, com a criadagem.

Observa-o uma fâmula e o denuncia: **“Também tu estavas com Jesus, o galileu. Ele, porém, o negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes”** (Mateus 26.69-70). Aborda-o outra criada, a quem retruca: **“Não conheço tal homem”** (Mateus 26.72).

Constatam o seu sotaque galileu e o identificam, por isso, como seguidor do Acusado e o perdulário Pedro, agora completamente comprometido com as más companhias da soldadesca postada ao redor do fogo, **“a praguejar e a jurar”**, assevera: **“Não conheço esse homem”** (Mateus 26.74).

Olha-o Jesus. E Simão vai chorar. Mas vai chorar longe de Cristo. O valente Pedro desaparece nas trevas da noite, levando trevas de angústia em seu íntimo em conflito.

Em conflito como a sua personalidade. Personalidade de conflitos. Conflitos de altos e baixos. De rompância e de depressões...

As mulheres galgaram a colina do deicídio. Corajosas e fortes. João lá estava.

E Pedro?

Pedro, o Homem-símbolo, se constitui, à luz dos Evangelhos, em primaz, em figura proeminente.

Proeminente em que?

Em fragilidade... Em inconstância...

Pedro é um caos. Cai, levanta-se; erra, arrepende-se e chora; reincide nas mesmas quedas e nos mesmos erros e volve às mesmas lágrimas.

Sim, os Evangelhos focalizam o personagem Simão Pedro e o constituem em parâmetro da nossa pobre fragilidade.

Desde que Cristo não quis Se ausentar dele (Lucas 5.8), Pedro, ao fugir do Calvário, se afasta de Cristo.

Se houvesse algum dos Doze em condições de ocupar uma primazia, pelo menos a de honra, este seria João. E não Pedro!

João, o “**discípulo a quem Jesus amava**” (João 13.23).

João, cuja fronte reclinou sobre o peito de Jesus (João 13.23).

João, a quem o próprio Pedro pede que pergunte ao Mestre quem seria o traidor (João 13.24).

João, que acompanhou o Réu Divino em todos os tranSES da Sua Paixão (João 19.26).

João, o autor do quarto Evangelho, verdadeiro monumento de teologia, além de três cartas e o Apocalipse.

João, a cuja guarda Jesus entregou Sua mãe (João 19.26-27) porque os outros filhos dela eram incréus (João 7.5).

Nem a João e nem a ninguém, contudo, cabe honra alguma. Só a Cristo Jesus, a ROCHA da Igreja, compete toda honra, toda glória e todo poder. “**Àquele que nos ama, e, pelo Seu sangue, nos livrou dos nossos pecados, e nos constituiu reino e sacerdotes para o Seu Deus e Pai, a Ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!**” (Apocalipse 1.5-6). “**Digno é o Cordeiro que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor**” (Apocalipse 5.12).

III

A nenhum dos Seus discípulos Jesus Cristo prometeu e investiu em honra e poder sobre os demais ou sobre a Sua Igreja, da qual é Ele o Único Fundamento BÁSICO (1ª Coríntios 3.11).

Ao lume dos Evangelhos, constata-se – isto sim! – agir Cristo de modo a sufocar qualquer ambição de superioridade por parte de algum deles.

Em quatro tópicos, pois, examinaremos esta matéria:

- 1)- Estabeleceu Jesus absoluta igualdade entre todos os discípulos;
- 2)- Exclui totalmente qualquer idéia de primado ou supereminência entre eles;
- 3)- Os próprios apóstolos jamais distinguiram em Simão Pedro um superior hierárquico; e
- 4)- Nem este jamais se considerou superior àqueles.

1)- ESTABELECEU JESUS ABSOLUTA IGUALDADE ENTRE TODOS OS DISCÍPULOS

a)- Ao eleger Jesus os Doze “**deu-lhes autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades. Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão: Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano: Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem O traiu. A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidades de samaritanos; mas, de preferência, procurai a ovelhas perdidas da casa de Israel; e, à medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus. Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai. Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento. E, em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes. Ao entrardes na casa, saudai-a; se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, torne para vós outros a vossa paz. Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade. Eis que Eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas...**” (Mateus 10.1-16).

O segundo Sinótico, porém, resume a missão dos Doze nas seguintes palavras. “**Então, designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar e a exercer a autoridade de expelir demônios**” (Marcos 3.14-15).

Lucas (6.12-16), porém, se restringe a relacionar os Doze sem se referir à missão deles. Só em 9.1-6 sublinha a missão dos Doze: “**Tendo Jesus convocado os doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para efetuarem curas. Também os enviou a pregarem o reino de Deus e a curar enfermos. E disse-lhes: Nada leveis para o caminho: nem bordão, nem alforje, nem pão, nem**

dinheiro; nem deveis ter duas túnicas. Na casa em que entrardes, ali permaneci e dali saireis. E onde quer que não vos receberem, ao sairdes daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés em testemunho contra eles. Então, saindo, percorriam todas as aldeias, anunciando o Evangelho e efetuando curas por toda parte”.

Nenhum destaque sobre qualquer superioridade de Pedro.

Acontece, outrossim, haverem sido outorgadas essas atribuições também ao grupo dos Setenta discípulos.

Com efeito, Lucas 10.1-16 apresenta os poderes a eles dados por Cristo. Poderes, aliás, iguais aos dos Doze: **“Depois disto, designou o Senhor outros setenta; e os enviou de dois em dois, para que O precedessem em cada cidade e lugar aonde Ele estava para ir. E lhes fez a seguinte advertência: A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a Sua seara. Ide! Eis que Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos. Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias; e a ninguém saudeis pelo caminho. Ao entrardes numa casa, dizei antes de tudo: Paz seja nesta casa! Se houver ali um filho da paz, repousará sobre ele a vossa paz; se não houver, ela voltará sobre vós. Permaneci na mesma casa, comendo e bebendo do que eles tiverem; porque digno é o trabalhador do seu salário. Não andeis a mudar de casa em casa. Quando entrardes numa cidade e ali vos receberem, comei do que vos for oferecido. Curai os enfermos que nela houver e anunciai-lhes: A vós outros está próximo o reino de Deus. Quando, porém, entrardes numa cidade e não vos receberem, sai pela ruas e clamai: Até o pó da vossa cidade, que se nos apegou aos pés, sacudimos contra vós outros. Não obstante, sabeis que está próximo o reino de Deus. Digo-vos que, naquele dia, haverá menos rigor para Sodoma do que para aquela cidade. Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom, se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido, assentadas em pano de saco e cinza. Contudo, no Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras. Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno. Quem vos der ouvidos, ouve-Me a Mim; e quem vos rejeitar a Mim Me rejeita; quem, porém, Me rejeitar rejeita Aquele que Me enviou”** (Lucas 10.1-16).

É ainda relevante o registro lucano sobre os sucessos resultantes destas declarações do Senhor: **“Então voltaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo Teu Nome! Mas Ele lhes disse: Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago. Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo, e nada, absolutamente, vos causará dano. Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus. Naquela hora, exultou Jesus no Espírito Santo e exclamou: Graças Te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do Teu agrado. Tudo Me foi entregue por Meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar. E, voltando-Se para os Seus discípulos, disse-lhes particularmente: Bem-aventurados os vossos olhos que vêem as coisas que vós vedes. Pois Eu vos afirmo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvís e não o ouviram”** (Lucas 10.17-24).

Onde, pois, a superioridade entre os dois grupos? O dos Doze e o dos Setenta?

Lucas, em Atos 5.12, nota: **“Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos”**.

Não se reduzia este privilégio ao grupo dos Doze, porque Estêvão, **“cheio de fé e de poder”**, sem ser do grupo dos Doze e nem do grupo dos Setenta, **“fazia prodígios e grandes sinais entre o povo”** (Atos 6.8). Filipe, também, não era apóstolo e nem do círculo dos Setenta participava, e fazia sinais e prodígios: **“As multidões atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava. Pois os espíritos imundos de muitos possessos saíam gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados”** (Atos 8.6-7).

Se os apóstolos pregavam, todos os discípulos igualmente pregavam. Aliás, enquanto aqueles permaneciam em Jerusalém, estes se espalhavam pela Samaria anunciando a Palavra (Atos 8.1-14).

Onde, pois, algum vislumbre da superioridade de Pedro? Onde uma casta clerical?

b)- Na oportunidade de Sua ascensão, ao Se despedir, Jesus, em palavras de grande relevo, dirige-Se aos apóstolos e aos discípulos de

todos os tempos: **“Toda a autoridade Me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em Nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século”** (Mateus 28.18-20).

Seria ocasião de ressaltar, caso houvesse, a proeminência de Pedro ou de qualquer outro apóstolo. A nenhum deles, contudo, atribui poder especial. Nenhuma prerrogativa, nenhuma distinção a quem quer que seja. Nem sequer vislumbre de jurisdição.

Em um só nível de igualdade a todos é proclamada a Grande Comissão.

“Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura”, são as palavras com as quais Marcos (16.15) registra a Grande Incumbência.

O ministério da reconciliação a todos indistintamente é atribuído sem quaisquer mostras de primazia ou hierarquia.

João, outrossim, registra as determinações deste ministério: **“Paz seja convosco! Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio. E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos”** (20.21-23), cujo sentido Lucas elucida: **“E que em Seu Nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém”** (Lucas 24.47).

À luz das derradeiras palavras de Jesus, dando aos Seus discípulos Suas últimas instruções, verifica-se total e absoluta igualdade de poder e ministério para todos indistintamente. Poder e ministério outorgados a Pedro da mesma maneira que a outros.

Se este apóstolo gozasse de alguma primazia, teria sido agora na despedida, uma excelente oportunidade de Jesus mencioná-la, porquanto, durante a Sua Vida terrena jamais a ela Se referiu e no grupo dos Doze jamais Simão se salientou como autoridade primacial.

2)- JESUS, OUTROSSIM, EXCLUIU TOTALMENTE QUALQUER IDEIA DE PRIMADO OU SUPEREMINÊNCIA ENTRE OS DISCIPULOS.

Dirigindo-Se-lhes estabeleceu a norma: **“Se teu irmão pecar contra ti, vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano”** (Mateus 18.15-17).

Se o antigo pescador da Galiléia usufruisse de alguma primazia, por certo, Jesus tê-la-ia mencionado e recomendado que a ele e aos seus sucessores se recorresse na conjuntura apresentada.

Ao contrário disso, porém, Pedro também foi posto sob a jurisdição da Igreja, a comunidade dos crentes, para, em casos de ofensas pessoais, a ela recorrer, submetendo-se ao seu julgamento.

É de se notar ainda a interferência de Pedro com uma daquelas suas infantis perguntas enquanto sobre o assunto discorria Jesus: **“Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?”** (Mateus 18.21).

Se a Pedro houvesse sido conferida a superioridade primacial da Igreja, Cristo jamais deixaria de aqui mencioná-la, ainda mais com esta intervenção do discípulo que O não deixaria Se esquecer de fazê-lo.

Depois da transfiguração e da cura do rapaz lunático, já nos últimos dias do Seu ministério na Galiléia, conquanto receassem os discípulos interrogá-LO sobre as predições de Seus sofrimentos, ininteligíveis para eles, discutiam pelo caminho a respeito de quem dentre eles seria o maior.

Foi sempre assim. Quando os homens se agrupam em sociedade – e somos por natureza gregários – lá surge a ambição de alguém.

Alguém ansioso por se projetar, mandar e desfrutar de preeminência.

Interrogados, envergonham-se. E se calam. Assentando-Se, então, chamou Jesus os Doze, e disse-lhes: **“Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos. Trazendo uma criança, colocou-a no meio deles e, tomando-a nos braços, disse-lhes: Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em Meu Nome, a Mim Me recebe; e qualquer que a Mim Me receber, não recebe a Mim, mas ao que Me enviou”** (Marcos 9.35-37).

A talho veio a Palavra de Jesus quando os discípulos queriam levar a Igreja em conta de qualquer outra organização, onde os homens disputam posições e destaque.

Entre os discípulos de Cristo deve haver a supremacia da humildade?

A caminho de Jerusalém – e é Mateus 20.17-28 que nos conta – quando outra vez falava-lhes de Sua paixão e morte, dEle aproximou-Se a mãe de João e Tiago por estes estimulada, fazendo-Lhe um tolo pedido: **“Manda que no Teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à Tua direita, e o outro à Tua esquerda”** (Mateus 20.1).

Naquela pretensiosa mulher também se enraizara o sonho de um messianismo político e ambicionava ver os seus filhos guindados aos mais altos postos quando ele se instalasse.

Repreendeu-a o Mestre: **“Não sabeis o que pedis”** (v.22).

Indignaram-se também os outros Dez contra os dois irmãos quando aquilo ouviram (v. 24). O próprio Simão Pedro, por conseguinte, se revoltou. E teria lembrado, pois sempre explodia o seu ímpeto sem medir as palavras, a supremacia a ele concedida, na hipótese desta haver-lhe realmente sido outorgada.

E se Cristo lhe houvesse reservado este posto, certamente, tê-lo-ia mencionado à mãe ambiciosa.

Suas Palavras, no entanto, ecoaram diferentes: **“Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que Eu estou para beber? Responderam-Lhe: Podemos. Então, lhes disse: Bebereis o Meu cálice; mas o assentar-se à Minha direita e à Minha esquerda não Me compete concedê-lo; é, porém, para aqueles a quem está preparado por Meu Pai”**.

E, aproveitando a oportunidade da indignação dos Dez, ao contrário de exaltar qualquer espírito de superioridade entre eles, declara: **“Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos”** (Mateus 20.25-28).

Lucas lembra outro incidente sobre a ambiciosa busca de primazia sucedido durante a ceia da última Páscoa, quando houve entre eles contenda **“sobre qual deles parecia ser o maior”** (22.24).

Àqueles homens, obcecados por posições de mando, ao invés de aludir a qualquer suposta primazia prometida ao irmão de André, o

Mestre, outra vez ainda, é categórico: **“Os reis dos povos dominam sobre eles, e os que exercem autoridade são chamados benfeitores. Mas vós não sois assim; pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve. Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura, não é quem está à mesa? Pois, no meio de vós, Eu sou como quem serve”** (Lucas 22.25-27).

Proclama Jesus a soberania da humildade e do serviço desprendido ao próximo, ao irmão.

Em Suas objurgatórias contra os escribas e fariseus, abre um parêntese e Se dirige aos discípulos: **“Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos. A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, Aquele que está nos céus. Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo. Mas o maior dentre vós será vosso servo. Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado”** (Mateus 23.8-12).

* * *

“A ninguém na terra chameis vosso Pai...”

O vocábulo *PAPA* significa pai. O termo *PADRE*, que procede do latino *PATER, PATRIS*, igualmente quer dizer pai.

Ao pontífice vaticano chamam-no – e ele assim se intitula – de papa e santo padre.

E o mandamento de Jesus?

* * *

São conceitos aqueles repetidos pelo Mestre com o fito de remover do espírito dos Seus seguidores quaisquer interesses de mando e de supremacia. Todos sempre deverão se nivelar no mesmo espírito de humildade e de serviço.

Faltou à Igreja Apostólica um chefe humano. Governou-a diretamente, como Vigário de Cristo, o Espírito Santo.

E assim deve ser até ao fim dos tempos.

3)- OS APÓSTOLOS, POR SEU TURNO, JAMAIS RECONHECERAM EM PEDRO UM SUPERIOR HIERÁRQUICO

Não obstante haver sido o primeiro a ser convocado para o apostolado, escusado é procurar-se nos Evangelhos argumentos e fatos abonadores de sua primazia entre os Doze.

A própria doutrinação vaticana, desconsolada, reconhece a ausência do exercício da jurisdição por parte do filho de Jonas durante a vida terrena de Jesus Cristo.

a)- Com efeito, enquanto os cobradores de impostos, em Cafarnaum, pelas razões já expostas procuraram a Pedro a fim de receberem eles as duas dracmas destinadas ao Templo, os gregos ansiosos por ver Jesus, valeram-se da interferência de Filipe (João 12.20-21).

Se aqueles se mobilizavam em busca da solução de um problema material, estes anelavam uma satisfação espiritual. Reconhecendo em Pedro uma autoridade dentre os discípulos, tê-lo-iam procurado. Note-se, ainda, o pormenor de haver Filipe confabulado com André (João 12.22), sem procurar o irmão deste.

b)- Ao longo dos Evangelhos nem uma vez sequer encontra-se qualquer dos apóstolos a se valer dos bons ofícios de Simão de Betsaida diante do Mestre. O Barjonas, sim, valeu-se de João quando quis informar-se a respeito do traidor (João 13.24).

c)- Ao mencionar os graus do ministério estabelecido na Igreja e os vários dons nela exercidos, Paulo não se refere ao primado de Pedro ou ao seu pontificado. Nem faz alusão a qualquer cargo de magistratura suprema ou de supremacia jurisdicional no seio da Igreja, a não ser à de Jesus Cristo.

“A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. Porventura, são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres?” (1^a Coríntios 12.28-29).

E em Efésios 4.11: **“E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e doutores”**.

É relevante notar-se a presença do advérbio **“PRIMEIRAMENTE”** anteposto a **“apóstolos”**. O Tratado *DE ROMANO PONTIFICE* tanto alarde em seu arrazoado sofismático faz na circunstância de vir em primeiro lugar mencionado o nome de Pedro nos elencos dos apóstolos e da referência mateana: **“O primeiro, Simão, chamado Pedro”** (Mateus

10.2) – as razões desse pormenor já se constituíram em objeto de exame em capítulo anterior – mas aquele Tratado romanista fecha os olhos a esta notável observação de Paulo e ao advérbio “**PRIMEIRAMENTE**” constante na perícopa de 1ª Coríntios 12.28-29 acima transcrita.

Se Paulo admitisse um primado de jurisdição na Igreja, investido na pessoa de Pedro, tê-lo-ia seguramente declarado, haja vista empenhar-se em anunciar todo o conselho de Deus (Atos 20.27).

Quando no capítulo seguinte examinaremos a suposta primazia de Pedro na Igreja Primitiva, estender-nos-emos sobre o assunto, apesar de nos darmos por satisfeitos à saciedade com as duas declarações paulinas.

4)- E NEM PEDRO JAMAIS SE CONSIDEROU SUPERIOR AOS DISCÍPULOS

a)- Pouco antes de sua morte, escreveu Simão a sua Segunda Epístola, onde nem de longe se vislumbra a supremacia como chefe da Igreja, de que lhe querem empossar as pretensões vaticanas. Caso acontecesse, em seu conteúdo constariam orientações sobre a sua sucessão e recomendações concernentes à obediência aos seus sucessores.

b)- Isenta destes assuntos, a Epístola reflete a convicção do autor quanto à sua igualdade perante todos os discípulos de Cristo e quanto à linha do seu constante comportamento de jamais aceitar vassalagem e submissão ou demonstração de subserviência. No caso de Cornélio, por exemplo, quando este se prostrou a seus pés, ergueu-o clamando: “**Ergue-te, que eu também sou homem**” (Atos 10.26).

c)- Interpelado sobre o seu comportamento para com o gentio-centurião da coorte chamada italiana sediada em Cesaréia, em cuja residência entrara e com quem comera numa flagrante transgressão da lei, que vedava aos judeus estas atitudes, Pedro não apelou para a sua soberana autoridade e nem se aproveitou da ocasião para legislar a respeito da matéria, mas, com humildade e espírito de companheirismo, prestou contas aos seus interlocutores de seus atos, fazendo-lhes uma exposição por ordem e referindo-lhes, outrossim, a especial revelação recebida do Espírito Santo, o legítimo Vigário de Cristo no governo da Igreja (Atos 11.1-18).

d)- Suas declarações sobre o reconhecer-se em o mesmo nível de igualdade com os seus companheiros são peremptórias.

“Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda participante da glória que há de ser revelada: Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho” (1ª Pedro 5.1-3).

Reconhece-se presbítero como os demais presbíteros. Não se distingue com qualquer ambicionada superioridade. Não se intitula papa ou sumo pontífice.

Aos seus companheiros de presbiterato recomenda que, como ele, se abstenham de TER DOMÍNIO sobre o rebanho.

Pedro, em parte alguma, nem nos seus discursos registrados em Atos dos Apóstolos e nem em suas duas Epístolas, menciona os títulos e as funções a ele atribuídas pela burlaria vaticana.

.oOo.

E A PRIMAZIA DE PEDRO NA IGREJA APOSTÓLICA?

Depois dos diálogos com aquele monge beneditino escandalizado com as minhas objeções contra a suprema prelatura de Simão Pedro, entrevistei um clérigo jesuíta, antigo colega de ginásio, professor no Colégio S. Luís, em S. Paulo.

Havendo-lhe exposto os meus argumentos, desenvolvidos em capítulos anteriores, contrários ao articulado Vaticano, ansioso em montar à base de alguns incidentes relacionados com aquele apóstolo um silogismo capaz de confirmar a primazia petrina, o meu antigo discípulo e agora jesuíta se deu por vencido.

Impossível, contudo, calar-se à evidência da Verdade e submeter-se-lhe à lógica. E, como bom jesuíta, habituado a esgrimir sofismas, saiu-se com a seguinte explicação: De fato, durante a vida terrena de

Jesus Cristo, o apóstolo Pedro não podia exercer a supremacia jurisdicional na Igreja. Cristo, ainda em carne neste mundo, era o seu único e natural primaz.

Rememorando as três perícopes (Mateus 16.:13-19; Lucas 22.:31-32 e João 21.15-17) e, envenenado pelas interpretações ilógicas, absurdas e esdrúxulas aviadas nas retortas da alquimia pontificia, o clérigo loiolista firmara-se cegamente no dogma vaticano da promessa e da investidura de Barjonas, como plenipotenciário de Cristo, na suprema jurisdição da Igreja.

Asseverava-me ele a circunstância da dificuldade de entendimento por parte dos discípulos quanto a vários ensinamentos do Mestre e, de modo particular, quanto aos do nosso assunto. Além disso, afirmava o jesuíta, todos eles almejavam esse primado. Esta ambição motivou várias disputas e discussões entre eles, inclusive durante a ceia da última Páscoa do Redentor. Não haviam compreendido ainda a grande verdade da suprema primazia de Pedro por não terem até então sido iluminados e esclarecidos pelo Espírito Santo.

Acontecido o Seu derramamento no dia do Pentecostes, entre eles já deixou de haver aquelas contendidas sobre qual deles seria o maior e todos se submeteram ao grande chefe. Os apóstolos e os crentes todos, num só coração e numa só alma, sob o poder absoluto e máximo de Pedro, integravam a Igreja.

Se Pedro, por conseguinte, não exercera o seu primado durante a vida terrena de Jesus Cristo, na Igreja Apostólica a sua preeminência é incontestável, concluía o jesuíta.

Afinado ao diapásão do Tratado *DE ROMANO PONTIFICE*, enfatizava uma confirmação do exercício do primado jurisdicional de Simão Pedro sobre a Igreja Primitiva no comportamento do próprio filho de João e na sujeição de todos os discípulos a ele.

É Pedro quem sempre preside e fala em nome de todos. No cenáculo. Na eleição de Matias. No dia de Pentecostes. *Semper praesidet Petrus et omnium nomine loquitur.*

* É ele quem elege um apóstolo em lugar de Judas.

* É ele quem batiza os primeiros judeus.

* É ele quem, à frente do Colégio Apostólico, perante o Sinédrio – *coram principibus et senioribus iudaeorum* – advoga a honra dos seus companheiros e proclama a glória do Nome de Jesus.

* E Pedro quem, por primeiro, anuncia o Evangelho aos gentios e os batiza. *Primus Evangelium annuntiat gentibus.*

* É ele quem opera o primeiro milagre em confirmação da fé. *Miracula patrat primus.*

* É ele quem, por primeiro, inflige terríveis castigos aos primeiros violadores dos bens eclesiásticos. *Primus et solus iudicat et omnium nomine punit Ananiam et Saphiram.*

* É ele o primeiro a repreender o primeiro simoníaco.

* É ele o primeiro a ser encarcerado.

* É ele o primeiro a propor uma definição na Assembléia de Jerusalém por ele presidida. *Primus definitionem proponit in Concilio Hierosolymitano.*

* No cumprimento de sua autoridade, é ele quem visita as Igrejas e as confirma. *Universas ecclesias visitat et confirmat.*

Haec porro bmnia, praesertim SIMUL SUMPTA, indicia sunt haud obscura peculiaris Petri excellentiae ab omnibus agnitae, a Christo nempe, ab apostolis et ab ipso Petro, ideoque plane confirmant supradicta de primatu, convencido e arrogante conclui e sentencia o Tratado DE ROMANO PONTIFICE.

A sequência dos episódios acima enfileirados, segundo a dialética vaticana, evidencia uma cabal confirmação do ministério de supremo hierarca exercido por Pedro. Cada um de per si desses fatos já proclama a sua autoridade. E tomados todos em conjunto?

Essa catadupa de primeiro... primeiro... primeiro.., pode impressionar os menos avisados e os leitores superficiais dos Atos dos Apóstolos, a História da Igreja Apostólica.

Verificando-se com um pouco de atenção, constatar-se-á, porém, a fragilidade do sofisma.

E o meu pobre amigo jesuíta, ao final dos nossos diálogos, sem mais condições e possibilidades de restaurar minha vencida fé na primazia soberana de Simão, quedou-se embasbacado e mudo perante minha refutação concatenada à luz dos próprios informes dos Atos dos Apóstolos.

I

1)- Teria sido o primeiro a batizar os judeus?

A natureza extrovertida e impulsiva de Pedro o fez envolver-se em muitos acontecimentos do Ministério Público de Jesus Cristo. Esta impulsividade, condicionando-o a pouco refletir, levava-o a contradizer o Mestre, a falar sem pensar e a tomar iniciativas com prontidão.

É ele o retrato do comum dos homens!

Se, ao tempo de Jesus, o seu temperamento arrebatado o colocara muitas vezes em destaque, dizendo coisas sensatas ou necedades após a ascensão do Senhor, continuou a se manifestar de modo semelhante, sempre impulsionado pela sua extrovertidade.

Deus, magnânimo, em Sua Causa Se utiliza do homem segundo o caráter de cada um, exigindo, é evidente, eliminar as arestas. Destarte, no dia do Pentecostes, Simão empregou as chaves confiadas por Jesus aos discípulos a fim de abrir aos judeus a porta do conhecimento referente às condições para o ingresso no Reino dos Céus e se tornarem em consequência seus concidadãos (Atos 2.14-47).

O texto, contudo, não afirma ser Pedro o primeiro a batizar os judeus e assim, aliás, se pronuncia: **“Os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil almas”** (Atos 2.41).

Inexiste, portanto, qualquer sinal de haver sido Pedro o primeiro a batizar. Todos os apóstolos e discípulos presentes empenharam-se no batismo de três mil pessoas.

Os discípulos também. E por que não? Ou a administração do batismo se restringia à alçada exclusiva dos apóstolos? Filipe, um simples discípulo, batizou o eunuco (Atos 8.38).

Impossível naquela circunstância do Pentecostes, todos falarem simultaneamente. Pedro tomou a iniciativa. Terminada a mensagem, ninguém se prosternou diante dele, mas dirigiram-se indistintamente a Pedro e aos demais apóstolos perguntando-lhes: **“Que faremos, IRMÃOS?”** (Atos 2.37).

IRMÃOS! Abordaram a uma IRMANDADE, numa perfeita compreensão democrática.

2)- A dialética vaticana interessada em sublinhar a autoridade do antigo pescador da Galileia atribui-lhe a iniciativa da eleição de Matias.

Nada, porém, mais contrário ao relato do episódio.

a)- No cenáculo, onde se reuniram os apóstolos, as mulheres, incluindo-se Maria mãe de Jesus, os irmãos dEste (Mateus 13:55) e cerca de 120 discípulos (Atos 1:13-45), para aguardar a Promessa do Derramamento do Espírito Santo, a UNANIMIDADE entre todos caracterizava o ambiente, conforme observa o escritor sacro: **“Todos estes perseveravam unânimes em oração”** (Atos 1.14; 2:1, 46).

Alheio daquele ambiente qualquer vislumbre da supremacia de Pedro a presidir a comunidade, como quer a interpretação sofismática do clero.

b)- Nesse clima de fraternal unanimidade, evocando profecias (Salmos 69.25; 109.8), Simão recorda à congregação a necessidade de se designar um deles para o lugar de Judas, como testemunha da ressurreição de Cristo. **“Naqueles dias, levantando-se Pedro no meio dos irmãos (ora, compunha-se a assembleia de umas cento e vinte pessoas) e disse: Irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam Jesus, porque ele era contado entre nós e teve parte neste ministério... Porque está escrito no Livro dos Salmos: Fique deserta a sua morada; e não haja quem nela habite; e: Tome outro o seu encargo. É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nos, começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levado às alturas, um destes se torne testemunha conosco da Sua ressurreição”**.

Diante da palavra do apóstolo, com unanimidade, a congregação assim reagiu: **“Então propuseram dois: José, chamado Barsabás, cognominado Justo, e Matias. E, orando, disseram: Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual destes dois tens escolhido para preencher a vaga neste ministério e apostolado, do qual Judas se transviou, indo para o seu próprio lugar. E os lançaram em sortes, vindo a sorte recair sobre Matias, sendo-lhe, então, votado lugar com os onze apóstolos”** (Atos 1.15-26).

Pedro, constata-se ao lume do texto, tomou simplesmente a iniciativa de apresentar o problema. A comunidade, todavia, decidiu o assunto: **“E por voto comum foi [Matias] contado com os onze apóstolos”** (v.26 - Corrigida).

Onde Pedro, no uso de sua autoridade, nomeando Matias?

c)- No v. 21 a expressão: **“É NECESSÁRIO”**, ao contrário da pretensão vaticana, não sugere a idéia do exercício da autoridade de Simão como se estivesse a mandar, a impor, a ordenar. Na língua original, o grego, está: *EDEI*, que Jerónimo na Vulgata traduziu por *OPORTET*.

O verbo *DEO*, nesse passo empregado, significa: SER NECESSÁRIO no sentido de SER CONVENIENTE, CONVIR, SER PRÓPRIO.

A necessidade ou a conveniência referida pelo orador é quanto ao cumprimento das Escrituras lembradas. Não se trata de SER NECESSÁRIO porque ele ordena, manda, determina ou impõe.

Era necessário que outro ocupasse o lugar de Judas porque era necessário que se cumprissem as Escrituras. **“Porque está escrito no Livro dos Salmos: Fique deserta a sua morada; e não haja quem nela habite; e Tome outro o seu encargo. É necessário, pois que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós, um destes se torne testemunha da Sua ressurreição”** (v. 20-22).

Deve-se notar aquele termo conclusivo: **“POIS”**.

Qual, então, foi a postura do apóstolo a exercitar uma suprema autoridade jurisdicional? Nenhuma!

Sua atuação ou iniciativa limitou-se a lembrar aos discípulos a NECESSIDADE do cumprimento da profecia quanto à escolha de outro apóstolo.

Porventura estará mandando, impondo, demonstrando autoridade a empregada doméstica quando diz à patroa: É NECESSÁRIO comprar feijão...; ou quando o filho diz ao pai: É NECESSÁRIO que me compre os cadernos?

d)- A escolha de apóstolos, parece-me, à luz de Marcos 3.13: **“E chamou para Si os que Ele quis”**, compete exclusiva e diretamente a Jesus Cristo.

Será que a atitude de Pedro conferia com a Vontade do Senhor? Por mais minuciosa haja sido minha busca, não topei nenhuma referência à delegação de poderes, por parte de Jesus, atribuindo a Simão Pedro o poder de designar outro apóstolo no lugar de Judas.

Terá sido por Deus aceita esta escolha? Não terá sido a iniciativa de Pedro precipitação apenas? Terão os Céus sancionado a sua proposta?

Vasculhem-se todos os capítulos e todos os versículos dos Atos dos Apóstolos e de todas as Epístolas e também de todo o Apocalipse à procura de Matias. Jamais será encontrado. O seu nome aparece somente nestes dois versos (23 e 26) do capítulo 1 de Atos.

Reconheça-se a ausência completa dos nomes de outros apóstolos nesses livros neotestamentários a não ser em Atos 1.13. Mas, no capítulo 9.1-31 de Atos encontramos a conversão, em circunstâncias especialíssimas, de Paulo e a promessa de sua escolha para o apostolado. Em Romanos 1.1, ele próprio se reconhece, de resto,

“**chamado para apóstolo**”. Em Gálatas 1.1, lembra a sua chamada ser direta de Jesus Cristo: “**Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que O ressuscitou dentre os mortos**”. De Jesus, enfatiza em Gálatas 1.11-12, recebeu o Evangelho: “**Por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo**”. Ele também é testemunha da Sua ressurreição porquanto ele também viu o Senhor ressuscitado (1ª Coríntios 15.4-8, 15).

Na hipótese da aceitação do apostolado de Matias e na evidência da escolha de Paulo diretamente feita por Cristo teríamos treze apóstolos ao invés de doze.

Então, qual é a legítima eleição?

Qual resposta nos sugere a dialética pontificia?

3)- No seu pomposo arrazoado, a teologia romana vê a prioridade de Pedro revelada também nas prisões em sua presença diante do Sinédrio.

Vã esperança essa!

Analisemos as três prisões do apóstolo.

PRIMEIRA:- Não aconteceu esta como castigo infligido pelas autoridades sinedritas. Mas, para um interrogatório.

Doeram-se muito os sacerdotes e os saduceus (Atos 4.2) ao notarem o ímpeto da pregação de Pedro e João no Templo (Atos 4.1) após a cura do paraplético postado à porta Formosa a mendigar (Atos 3.1-12). “**E os prenderam, recolhendo-os ao cárcere até ao dia seguinte, pois já era tarde**” (Atos 4.3). Na manhã posterior, reunia-se o Sinédrio sob a presidência de Anás, o sumo sacerdote. Interrogados, deu-se por satisfeito o soberano hierarca hierosolimitano e, advertindo-os a não falarem e nem ensinarem mais no Nome de Jesus, liberou-os (Atos 4.1-23).

Simão, nessa circunstância, não estava sozinho. Acompanhava-o João. Se aquele pregou, este também o fez. Ambos, pois, advogaram a Causa do Nome de Jesus Cristo: “**Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos**” (Atos 4.19-20). E nenhum deles advogou a honra dos seus companheiros.

As autoridades sinedritas não detiveram os dois para interrogá-los por supo-los superiores na Igreja, mas porque, em seguida à cura do

paralítico, alvoroçaram o povo anunciando Jesus Cristo crucificado dias antes.

SEGUNDA:- A outra prisão atingiu a todos os apóstolos, inclusive Pedro. O sumo sacerdote e os saduceus, movidos de inveja, “**prenderam os apóstolos e os recolheram à prisão pública. Mas, de noite, um anjo do Senhor abriu as portas do cárcere e, conduzindo-os para fora, lhes disse: Ide e, apresentando-vos no templo, dizei ao povo todas as palavras desta Vida**” (Atos 15.18-20). Atendendo, outrossim, a ordem do anjo do Senhor, voltaram a pregar no Templo, enquanto, estupefata, a guarda da cadeia informava a ausência dos detidos, apesar de continuar fechado o cárcere. Debatiam o assunto as autoridades sinedritas e de alguém recebiam a informação: “**Eis que os homens que recolhestes no cárcere estão no templo ensinando o povo**”. (v. 25). O capitão da guarda, coadjuvado pelos subalternos, trouxe todos à presença do sumo sacerdote. Repreendidos, “**Pedro e os demais apóstolos disseram: Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens**” (Atos 5.29).

Nenhuma superioridade de Simão se denota aí. Todos os apóstolos estiveram encarcerados e a todos o anjo do Senhor libertou. E todos se dispuseram a continuar em obediência a Deus.

Se o nome de Pedro aí é mencionado, decorre de seu temperamento extrovertido que o move a falar, não significando, portanto, haja ele se arrogado no dever de advogar, como superior de todos, a honra dos companheiros.

TERCEIRA:- A terceira prisão do discípulo arrebatado e falante é mencionada no capítulo 12 dos Atos dos Apóstolos. Antes de considerá-la mais detidamente por haver atingido somente a Pedro, transcreveremos o seu registro.

“**Por aquele tempo [após a conversão de Cornélio], mandou o rei Herodes prender alguns da igreja para os maltratar, fazendo passar a fio de espada a Tiago, irmão de João. Vendo ser isto agradável aos judeus, prosseguiu, prendendo também a Pedro. E eram os dias dos pães asmos. Tendo-o feito prender, lançou-o no cárcere, entregando-o a quatro escoltas de quatro soldados cada uma, para o guardarem, tencionando apresentá-lo ao povo depois da Páscoa. Pedro, pois, estava guardado no cárcere; mas havia oração incessante a Deus por parte da igreja a favor dele. Quando Herodes estava para apresentá-lo, naquela mesma noite, Pedro dormia entre dois soldados, acorrentado com duas cadeias, e sentinelas à porta**

guardavam o cárcere. Eis, porém, que sobreveio um anjo do Senhor, e uma luz iluminou a prisão; e, tocando ele o lado de Pedro, o despertou dizendo: Levanta-te depressa! Então, as cadeias caíram-lhe das mãos. Disse-lhe o anjo: Cinge-te e calça as sandálias. E ele assim o fez. Disse-lhe mais: Põe a capa e segue-me. Então, saindo, o seguia, não sabendo que era real o que se fazia por meio do anjo; parecia-lhe, antes, uma visão. Depois de terem passado a primeira e a segunda sentinela, chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade, o qual se lhes abriu automaticamente; e, saindo, enveredaram por uma rua, e logo adiante o anjo se apartou dele. Então, Pedro, caindo em si, disse: Agora, sei, verdadeiramente, que o Senhor enviou o Seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de toda a expectativa do povo judaico” (Atos 12.1-11).

O episódio alerta a nossa atenção para os seguintes pontos:

a)- Pedro se identificara estreitamente com a igualdade do ministério evangelístico que nem os de fora o distinguiam como chefe.

b)- Se a sua prisão denotasse ser ele reconhecido pelas autoridades como o principal, o tirano Herodes, de certo, tê-lo-ia sumariamente sacrificado. Se o incidente da prisão de Pedro revelasse a sua primazia, então, Tiago seria mais do que primaz, pois foi vítima de morte violenta, ao fio de espada, pena muito mais grave do que a sofrida pelo irmão de André.

c)- Se por três vezes, Pedro foi preso: uma, com João; outra, junto com todos os apóstolos; e uma apenas, sozinho, Tiago foi logo morto. E o protomártir, isto é, o PRIMEIRO a sacrificar sua vida pelo Evangelho foi Estêvão, um dos diáconos (Atos 6.8-7.60).

d)- A oração da Igreja em favor do apóstolo detido após o assassinio de Tiago demonstra a natural preocupação dos crentes por ele, sem denotar sua supremacia sobre o rebanho de Cristo. Se Paulo se recomendava às orações da Igreja (1ª Tessalonicenses 5.25; Efésios 6.19), fazia-o desprovido de pretensões de superioridade.

e)- Na transfiguração o extrovertido Pedro **“não sabia o que dizia”** (Marcos 9.6). Ocorre-lhe agora outro momento de ignorância. **“E não sabendo que era real o que se fazia por meio do anjo; parecia-lhe, antes, uma visão”** (Atos 12.9).

Só reconheceu a realidade quando já estava posto na rua (v. 11). Sempre o coração duro para entender as coisas de Deus.

f)- Com o relato deste acontecimento, Atos dos Apóstolos encerram suas referências ao discípulo teimoso: “**E saindo, partiu para outro lugar**” (v. 17), omitindo-se de mencionar qual lugar.

Inconcebível o pretender-se encontrar nesta observação de Atos qualquer cuidado em ocultar o local onde se homiziara o apóstolo com o fim de preservá-lo das represálias do tirano, ávido de agarrá-lo outra vez.

O livro foi escrito uns 30 anos depois, quando já morto estava Herodes e não havia mais perigo algum, caso se registrasse o seu esconderijo ou o seu seguinte domicílio.

Se se houvesse encaminhado a Roma, Atos dos Apóstolos tê-lo-iam informado por envolver assunto de magna importância qual seria a instalação do episcopado petrino naquela cidade, tão fundamental para o estabelecimento da primazia jurisdicional de sua Igreja, como deseja o Tratado *DE ROMANO PONTIFICE*.

4)- A prioridade em pregar o Evangelho aos gentios também não é de Pedro. Se lhe coube o privilégio de proclamá-lo em Pentecostes, ele não se renovou quanto aos gentios.

Os prosélitos provenientes de várias partes, inclusive de Roma, mencionados em Atos 2.9-11, são pessoas ligadas ao judaísmo e faziam, portanto, parte da “**casa de Israel**”, observação esta aceita pela exegese romanista. O sermão de Pedro de certo foi pronunciado em aramaico, língua por todos os presentes entendida.

Foram eles a Jerusalém participar da festa judaica do Pentecostes.

Ao se ler o livro dos Atos dos Apóstolos pode-se ter a impressão inverossímil de que os fatos nele contidos se sucederam seguida e imediatamente dentro de poucos dias ou de poucos meses.

Lucas, o seu autor, anota apenas os episódios mais destacados acontecidos através de muitos anos. Aí por uns 30 anos.

O fato onde o vaticanismo quer encontrar Simão por primeiro a anunciar o Evangelho aos gentios é o da conversão de “**Cornélio, centurião da Coorte chamada italiana**” (Atos 10.1).

O apóstolo anunciou a Cornélio de Cesaréia, o gentio, a salvação em Cristo, somente depois da conversão de Paulo, que deve ter-se dado em 36. Por volta de 39, Paulo se dirigiu a Tarso (Ato 9.30). Por certo passaram-se desde o Pentecostes uns 6 ou 7 anos até quando Pedro se entrevistou com Cornélio.

Ora, muito antes de Cornélio havia sido evangelizado o gentio eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes. Quem lhe

pregara o Evangelho não foi Pedro e nem algum outro apóstolo. Foi Filipe, um dos seis constituídos para servir às mesas (Atos 8.26-38), que ainda o batizou (v. 38). E a quantos gentios da Samaria foi pelos **“que andavam dispersos”** (Atos 8.4) pregado o Evangelho! E muito antes de tê-lo feito Pedro a Cornélio.

Durante aqueles 6 ou 7 anos, Simão da Galiléia, sujeito aos seus escrúpulos nacionalistas, restringira o seu ministério ao círculo dos judeus.

No intuito de arrancá-lo desse exclusivismo, Deus lhe concedeu uma visão especial. Pobre Pedro! Para a sua mente, o Evangelho restringir-se-ia aos judeus. Resumir-se-ia a uma seita judaica. Se fosse investido de um múnus universal, Pedro não se circunscreveria tantos anos a um ministério entre os de sua raça apenas.

“Vai com eles, não duvidando”, ordenou-lhe o Espírito do Senhor. O seu coração se preparara com a visão do grande lençol (Atos 10.10-17). Então, sem ser o primeiro também neste caso, se foi aos gentios.

Tão arraigada, incrustada, em seu íntimo a idéia de uma missão restrita aos hebreus que foi necessária a especial interferência do Espírito Santo a demovê-lo dessa convicção e levá-lo ao gentio Cornélio.

5)- Em todas as suas atividades querem os apologistas papais ver em Simão Pedro o PRIMEIRO. O PRIMICÉRIO!

E, categóricos, sustentam: foi o primeiro a, em confirmação da fé, operar milagres. Em abono da assertiva invocam a cura do paralítico-mendigo postado à porta Formosa do Templo (Atos 3.1-10).

Alegam igualmente o prestígio popular de Pedro, em consequência dos seus muitos prodígios, inclusive por sua sombra.

Vamos por partes!

A)- É o apóstolo mencionado o primeiro a fazer milagres? E em confirmação da fé?

Dois erros se verificam na breve assertiva vaticana.

Leiamos o texto de At. 3:1-10: **“Pedro e João subiam ao templo para a oração da hora nona. Era levado um homem, coxo de nascença, o qual punham diariamente à porta do templo chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam. Vendo ele a Pedro e João, que iam entrar no templo, implorava que lhe dessem uma esmola. Pedro, fitando-o, juntamente com João, disse: Olha para nós. Ele os olhava atentamente, esperando receber alguma coisa. Pedro, porém, lhe disse: Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: Em Nome de Jesus Cristo, o Nazareno,**

anda! E, tomando-o pela mão direita, o levantou; imediatamente, os seus pés e tornozelos se firmaram; de um salto se pôs em pé, passou a andar e entrou com eles no templo, saltando e louvando a Deus. Viu-o todo o povo a andar e a louvar a Deus, e reconheceram ser ele o mesmo que esmolava, assentado à Porta Formosa do templo; e se encheram de admiração e assombro por isso que lhe acontecera”.

PRIMEIRO ERRO:- Este milagre foi o primeiro.

O texto não confirma essa conclusão.

a)- Desde os primórdios do ministério de Jesus Cristo, os apóstolos e os outros discípulos realizaram milagres e prodígios. Aliás, convocaram Jesus também para essa tarefa (Mateus 10.1, 8; Lucas 9.1, 6; 10.9).

Realizaram, como resultado, maravilhosos sinais. **“Expeliam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, unguindo-os com óleo”** (Marcos 6.13). **“Regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo Teu Nome!”** (Lucas 10.17).

Quantos milagres e portentos realizados pelos apóstolos e discípulos antes deste da cura do paralítico da porta Formosa do Templo feito sob a instrumentalidade de Simão, filho de João!

b)- Esta cura maravilhosa, todavia, não foi também o primeiro milagre realizado após o Pentecostes, nos dias iniciais da Igreja. Com efeito, os apóstolos, antes deste, já faziam muitos deles. **“E muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos”** (Atos 2.43).

O OUTRO ERRO:- Pedro fez este milagre da cura do paralítico EM CONFIRMAÇÃO DA SUA FÊ.

O texto também não afirma isso. Aliás, o apóstolo não exigiu do enfermo qualquer declaração de fé. Pedia ele esmola aos dois companheiros de ministério evangélico. Cruzaram-se os olhares e o mendigo à espera de receber deles alguma coisa. Observou-lhe Simão nada possuir para lhe dar. E disse-lhe: **“Em Nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda”** (v. 6). Tomou-o pela mão e o varão pôs-se de pé. O apóstolo nem o convidou a crer em Jesus Cristo.

Em seu sermão aos espectadores atônitos, Simão Pedro declarou que foi Jesus, sim, quem confirmou àquele homem na fé em Seu próprio Nome: **“Pela fé em o Nome de Jesus, é que esse mesmo Nome fortaleceu a este homem que agora vedes e reconheceis; sim,**

a fé que vem por meio de Jesus deu a este saúde perfeita na presença de todos vós” (v. 16).

B)- O prestígio popular de Pedro procedia dos seus muitos milagres porque até à sua sombra aconteciam?

a)- Se através de Pedro muitos sinais se faziam, este privilégio, porém, não lhe era exclusivo. Basta recordar-se o v. 43 de Atos 2, há pouco transcrito: **“E em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos”**.

Em Atos 5.12 idêntica observação se repete: “Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos”.

Todos os apóstolos, portanto, desfrutavam do magnífico privilégio.

Filipe, simples diácono, estranho, portanto, ao círculo dos Doze, também gozava de semelhante poder e grande prestígio. Os seus sinais, as expulsões de espíritos imundos, as curas de enfermos (Atos 8.7), atraíam a atenção do povo para a mensagem do Evangelho (Atos 8.6).

b)- A sofistaria pontifícia, contudo, no intento de sublinhar um possível e exclusivo prestígio de Simão entre o povo, enfoca o v. 15 de Atos 5.

“A ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra se projetasse nalguns deles”.

Este texto é a versão da Vulgata feita por Matos Soares.

O latim de Jerônimo na Vulgata assim se expressa: *“Ita ut in plateas ejicirent infirmos, et ponerent in lectulis ac grabatis, ut, veniente Petro, saltem umbra illius obumbraret quemquam illorum, et liberarentur ab infirmitatibus suis”*.

O clérigo Antonio Pereira de Figueiredo, em sua versão da Bíblia, seguiu ao pé da letra a Vulgata: “De maneira que traziam os doentes para as ruas e os punham em leitos e enxergões, a fim de que, ao passar Pedro, cobrisse sequer a sua sombra alguns deles, e ficassem livres das suas enfermidades”.

O frade Damião Klein OFM diz ser o seu Novo Testamento (Salvador, Bahia, 1929), “texto latino e tradução portuguesa segundo o texto original, com anotações”. E da seguinte maneira traduziu para o nosso vernáculo o versículo em exame: “Aconteceu que trouxessem os doentes para as ruas, pondo-os em leitos e enxergões, a fim de que, ao passar Pedro, cobrisse ao menos a sua sombra alguns deles, (e ficassem livres das suas enfermidades)”.

Estes parênteses a cercarem as últimas palavras do versículo têm um propósito. É o de chamar a atenção do leitor à incerteza do frade tradutor quanto à legitimidade e à autenticidade da expressão colcheteada.

Com efeito, o texto grego assim se pronuncia: *OSTE KAI EIS TAS PLATEIAS EKPHEREIN TOUS ASTHENEIS KAI TITHENAI EPI KLINARION KAI E SKIA EPISKIASE TINI AUTON*".

Constata-se a ausência da expressão: "E FICASSEM LIVRES DAS SUAS ENFERMIDADES". Ela foi interpolada.

Sobradas razões assistem a João Ferreira de Almeida, ao traduzir, há 300 anos, esse texto assim: "**De sorte que transportavam os enfermos para as ruas e os punham em leitos e em camilhas para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles**".

Os exegetas vaticanos – exeingetas – contestavam João Ferreira de Almeida por ser protestante e se firmavam no latim da Vulgata no anseio de sustentar a sua burla.

Ultimamente, contudo, esta posição se tornou impossível haja vista o empenho da crítica bíblica.

O então jesuíta Humberto Rohden foi o primeiro a abandonar a expressão entrecolcheteada pelo frade Klein, preferindo ser fiel ao grego, embora as cismas da hierarquia quanto à sua ortodoxia vaticana se confirmassem posteriormente na ocasião de seu afastamento das hostes clericais. "A ponto de trazerem os doentes para as ruas, estendidos em leitos e macas, para que, ao passar Pedro, cobrisse ao menos sua sombra alguns deles".

Nestes últimos anos, pressionada pela crítica bíblica, a sofismática pontifícia foi forçada nas versões mais recentes a abandonar a interpolação, que até em passado recente, enchia a boca dos clérigos, cuja voz se impostava na defesa do espetacular prestígio popular de Pedro, cuja sombra era milagrosa.

A Editora "Ave Maria" Ltda. (S. Paulo, 1962) lançou uma versão portuguesa da Bíblia, lembrando ser "tradução dos originais hebraico, aramaico e grego, mediante a versão francesa dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico de S. Paulo" e, expungida da interpolação, apresenta o nosso versículo: "De maneira que traziam os doentes para as ruas e punham-nos em leitos e padiolas, a fim de que, quando Pedro passasse, ao menos a sua sombra cobrisse alguns deles".

Igual atitude assumiu o Pontifício Instituto Bíblico de Roma com a sua versão divulgada no Brasil pelas Edições Paulinas (S. Paulo, 1967): “A tal ponto que traziam os doentes até para as praças, e os colocavam em enxergas e em catres, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra cobrisse alguns deles”.

Suponhamos, só para efeito de raciocínio, miracular os doentes a sombra de Pedro. Nem assim se encontrariam base e argumento em prol da supremacia jurisdicional desse apóstolo.

Paulo desfrutava, outrossim, de excepcionais poderes. E as Escrituras a eles referentes jamais sofreram quaisquer interpolações e sobre elas jamais a crítica levantou dúvidas. **“E Deus, pelas mãos de Paulo, fazia milagres extraordinários, a ponto de levarem aos enfermos lenços e aventais de seu uso pessoal, diante dos quais as enfermidades fugiam das suas vítimas, e os espíritos malignos se retiravam”** (Atos 19.11-12).

No contexto das alegações pró supremacia de Pedro na Igreja Apostólica, os corifeus do pontificado papal incluem a passagem de Atos 5.1-11 e afirmam haver sido aquele apóstolo o primeiro a infligir castigos aos violadores dos bens eclesiásticos.

Eis a perícopre: **“Certo homem, chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade, mas, em acordo com sua mulher, reteve parte do preço e, levando o restante, depositou-o aos pés dos apóstolos. Então, disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus. Ouvindo estas palavras, Ananias caiu e expirou, sobrevivendo grande temor a todos os ouvintes. Levantando-se os moços, cobriram-lhe o corpo e, levando-o o sepultaram. Quase três horas depois, entrou a mulher de Ananias, não sabendo o que ocorrera. Então, Pedro, dirigindo-se a ela, perguntou-lhe: Dize-me, vendestes por tanto aquela terra? Ela respondeu: Sim, por tanto. Tornou-lhe Pedro: Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão. No mesmo instante, caiu ela aos pés de Pedro e expirou. Entrando os moços, acharam-na morta e, levando-a, sepultaram-na junto do marido. E sobreveio grande**

temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos”.

Constata-se mediante a leitura dessa Escritura, a improcedência das pretensões da teologia romana. E por três razões:

PRIMEIRA:- Porque não foi Pedro a cominar castigos contra Ananias e Safira.

A Ananias, mediante três perguntas e uma afirmação, adverte de sua falta: **“Ananias, por que encheu Satanás o teu coração para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus”** (vv. 3-4).

Ao ouvir estas palavras, desprovidas de quaisquer ameaças, expirou o mentiroso.

À mulher do morto o apóstolo também adverte, após vê-la relutante na mentira: **“Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão”** (v. 9).

Pedro não infligiu castigo algum. Ele não disse: Mentiram e agora irão morrer como pena.

Verificou como Deus castigara – Deus, sim, foi Quem cominou o terrível castigo – Ananias e informou a Safira que o mesmo lhe sucederia.

SEGUNDA:- Porque Ananias e Safira não dilapidaram bem eclesiástico algum. A propriedade pertencia-lhes e dela poderiam fazer o que bem entendessem. O pecado deles foi o de mentira, consoante, com toda a clareza, informa o texto.

E se, porventura, houvesse Pedro infligido o castigo contra aquele casal de mentirosos, inferir-se-ia daí qualquer indício do uso da autoridade jurisdicional daquele apóstolo?

Evidentemente que não!

Jamais Simão galileu usou sequer o seu cargo de simples apóstolo para castigar qualquer pessoa.

TERCEIRA:- Paulo, por sua vez, em certa ocasião, usou de sua autoridade missionária para castigar Elimas, o encantador, cuja maléfica atuação dificultava o procônsul Sérgio Paulo abraçar a fé. **“Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, fixando nele os olhos, disse: Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter**

os retos caminhos do Senhor? Pois, agora, eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego; não vendo o sol por algum tempo. No mesmo instante, caiu sobre ele névoa e escuridade, e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão” (Atos 13.9-11).

O primeiro, portanto, a infligir, na Igreja Apostólica, castigo contra perturbadores dos caminhos do Senhor foi Paulo e não Pedro.

E nem por isso se defende a hipótese de qualquer cometimento jurisdicional de Paulo sobre a Igreja.

7)- Pedro o primeiro a repreender o primeiro simoníaco?

Quanta força fazem os corifeus da autoridade pontifícia! Com tamanho ardor se afanam em sofismar no propósito de encontrar Pedro como primeiro em tudo.

Vamos à passagem referente ao fato: **“Vendo, porém, Simão que, pelo fato de imporem os apóstolos as mãos, era concedido o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro, propondo: Concedei-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo. Pedro, porém, lhe respondeu: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir, por meio dele, o dom de Deus. Não tens parte nem sorte neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, da tua maldade e roga ao Senhor; talvez te seja perdoado o intento do coração; pois vejo que estás em fel de amargura e laço de iniquidade. Respondendo, porém, Simão lhes pediu: Rogai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes sobrevenha a mim”** (Atos 8.18-24).

No caso de haver Pedro, como querem os propagandistas vaticanos, cominado com terríveis castigos a Ananias e Safira, por que aqui toma outra atitude para com Simão? Acaso o pecado deste é menos grave? Sua pretensão é uma atrevida proposta no sentido de mercantilizar os dons sobrenaturais.

Deste Simão procede o vocábulo simonia, que é o pecado de se transacionarem por dinheiro os bens espirituais.

Se Simão é o primeiro simoníaco, Pedro, ao repreendê-lo, foi o primeiro, naturalmente, a tomar esta atitude. Acaso isto envolve algum exercício de suprema jurisdição? Então, os helenistas queixosos por verem suas viúvas preteridas no ministério quotidiano (Atos 6.1), gozavam de autoridade sobre a Igreja.

Estêvão, o diácono, nesse caso, desfrutaria também de suprema jurisdição.

Por três vezes envolvido fora Pedro pelas autoridades por ser ele pregador de Jesus Cristo. Embora nessas oportunidades anunciasse o Evangelho, em nenhuma delas, contudo, repreendeu ou objurgou diretamente os sinédritas.

O primeiro a fazer isso, e antes de Pedro advertir a Simão mágico, foi Estêvão.

O primeiro a objurgar com extremo rigor e palavras candentes – não a um pobre mágico qualquer – ao Sinédrio, o grande Conselho de Jerusalém, foi Estêvão. **“Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis. Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos, vós que recebestes a Lei por ministério dos anjos, e não a guardastes”** (Atos 7.51-53).

8)- *Universas Ecclesias visitat et confirmat!*

No desempenho de sua soberana autoridade, Pedro visita todas as Igrejas e as confirma.

Eis o enunciado pontifício! E no desejo de oferecer base das Sagradas Escrituras em prol desta assertiva, os vaticanos invocam Atos 9.32: **“Passando Pedro por toda parte, desceu também aos santos que habitavam em Lida”**.

Estas viagens do antigo pescador galileu são também irrelevantes na tentativa papal, porque Filipe, antes dele, a caminho de Cesaréia, **“passando além, evangelizava todas as cidades até chegar a Cesareia (Atos 8.40).”**

Informa-nos o v. 32 sobre a passagem do apóstolo: **“POR TODA PARTE”** em sua jornada a Lida, mas não nos diz absolutamente nada a respeito de suas visitas e cuidados em confirmar Igrejas.

Se em Atos dos Apóstolos nenhuma informação existe sobre as visitas feitas por Pedro às Igrejas com o objetivo de confirmá-las, contrariando assim a rompância pontifícia, encontram-se, contudo, notícias sobre esse trabalho de confirmar Igrejas feito por Paulo.

De volta para Listra, e Icônio, e Antioquia, ao sair de Derbe, ia **“CONFIRMANDO os ânimos dos discípulos, exortando-os a permanecer na fé”** (Atos 14.22 - Corrigida). As comunidades dos discípulos, cujos ânimos o Apóstolo confirmava, se denominam Igrejas...

“E passou [Paulo] pela Síria e Cilícia, confirmando as Igrejas”
(Atos 15.41).

Judas chamado Barsabás, e Silas, ao entregarem em Antioquia da Síria a carta elaborada na Assembléia de Jerusalém (Atos 15.23-29), **“exortaram e CONFIRMARAM os irmãos com muitas palavras”** (Atos 15:32 - Corrigida).

E sem serem eles apóstolos!

Lá em Lucas 22.31-34, Jesus notificara Simão a respeito da tentação de Satanás contra ele e a Sua oração a fim de mantê-lo na fé. Recomendou-lhe, outrossim, que, restaurado, confirmasse os irmãos.

Ora, o Barjonas de certo ficou sem entender a recomendação do Mestre, pois em todos os tópicos a ele referentes registrados em Atos, nenhuma indicação há de havê-la executado. Em suas duas Cartas há exortações, saudações, votos de paz, recomendações de cuidado diante dos falsos mestres... Nada, porém, absolutamente nada a mencionar um ministério de confirmar discípulos ou Igrejas.

Ele exorta e reconhece que os discípulos já estão confirmados. **“Por esta razão, sempre estarei pronto para trazer-vos lembrados acerca destas coisas, embora estejais certos da verdade já presente convosco e nela confirmados”** (2ª Pedro 1.12).

Se estão já confirmados, nada há mais a fazer...

9)- O apogeu deste capítulo do Tratado *DE ROMANO PONTIFICE*, que busca em vários fatos nos quais a pessoa de Simão Pedro fora envolvida uma confirmação do exercício de sua primazia jurisdicional na Igreja Apostólica, reside na presença do filho de João na Assembléia de Jerusalém. Aquele Tratado quer encontrá-lo na presidência do Concílio Hierosolimitano, vendo nele o primeiro a propor uma definição quanto ao momentoso assunto da obrigatoriedade da circuncisão dos gentios convertidos. *Primus definitionem proponit in Concilio Hierosolymitano.*

Ao enfoque do histórico da Assembléia (Atos 15.1-34) chega-se, contudo à conclusão oposta ao espalhafatoso sofisma.

“Alguns indivíduos que desceram da Judéia ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos. Tendo havido, da parte de Paulo e Barnabé, contenda e não pequena discussão com eles, resolveram que esses dois e alguns outros dentre eles subissem a Jerusalém, aos apóstolos e presbíteros, com respeito a esta questão. Enviados, pois, e até certo ponto acompanhados pela igreja, atravessaram as

províncias de Fenícia e Samaria e, narrando a conversão dos gentios, causaram grande alegria a todos os irmãos. Tendo eles chegado a Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros e relataram tudo o que Deus fizera com eles. Insurgiram-se, entretanto, alguns da seita dos fariseus que haviam crido, dizendo: É necessário circuncidá-los e determinar-lhes que observem a lei de Moisés. Então, se reuniram os apóstolos e os presbíteros para examinar a questão. Havendo grande debate, Pedro tomou a palavra e lhes disse: Irmãos, vós sabeis que, desde há muito, Deus me escolheu dentre vós para que, por meu intermédio, ouvissem os gentios a palavra do Evangelho e cressem. Ora, Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, concedendo o Espírito Santo a eles, como também a nós nos concedera. E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé o coração. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós? Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram. E toda a multidão silenciou, passando a ouvir a Barnabé e a Paulo, que contavam quantos sinais e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios” (Atos 15.1-12).

E, havendo-se eles calado, tomou Tiago a palavra, resumiu o assunto já plenamente debatido e propôs: **“Pelo que, julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus, mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, bem como das relações sexuais ilícitas, da carne de animais sufocados e do sangue. Porque Moisés tem, em cada cidade, desde tempos antigos, os que o pregam nas sinagogas, onde é lido todos os sábados. Então, pareceu bem aos apóstolos e aos presbíteros, com toda a igreja, tendo elegido homens dentre eles, enviá-los, juntamente com Paulo e Barnabé, a Antioquia: foram Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens notáveis entre os irmãos”** (Atos 15.19-23).

Escreveu-se, nessa conformidade, uma carta historiando a assembléia e expondo as suas resoluções (vv. 23-29).

À luz da perícopre são cristalinas, claras e evidentes as seguintes conclusões discordantes da ambição romana:

a)- Pedro absolutamente não convocou o Concílio. Mas **“RESOLVEU-SE que Paulo e Barnabé, e alguns dentre eles”** (v.2 -

Corrigida) fossem a Jerusalém em consequência da forte reação (“**não pequena discussão e contenda**”- v. 2) de ambos contra os judaizantes.

A resolução de se realizar a Assembléia partiu, portanto, da Igreja em Antioquia.

Definitivamente, pois, é falsa a alegação de a haver, como papa, convocado o apóstolo Pedro a assembléia.

b)- Em chegando à capital judaica, “**foram recebidos pela Igreja e pelos apóstolos e presbíteros**” (v. 4). A atuação de Pedro foi simultânea com os demais apóstolos e com os anciãos ou presbíteros.

c)- Democraticamente congregaram-se todos: Igrejas [a de Antioquia – v.3 – e a de Jerusalém – v.4 – , os apóstolos e os anciões (ou presbíteros)]. Ausente, portanto, a primazia de quem quer que fosse. O regime democrático da Assembléia se caracteriza, outrossim, pela “**grande contenda**” (v. 7) havida.

d)- Pedro, que não convocou o Concílio, também não foi o primeiro a fazer uso da palavra. Com efeito, os visitantes “**lhes anunciaram quão grandes coisas Deus tinha feito com eles**” (v. 4). Contestaram-nos os judaizantes, isto é, os promotores da exigência, além da fé em Cristo, da circuncisão e da observância da Lei de Moisés por parte dos gentios convertidos. Em virtude do choque de idéias houve a “**grande contenda**” (v.7).

e)- Os apóstolos e os anciãos (presbíteros) se reuniram com o fim de considerar o assunto (v. 6), sem a interferência de qualquer primazia jurisdicional.

f)- No meio da contenda aconteceu também a voz de Pedro. Este, aliás, só se manifestou após os irmãos e os “**da seita dos fariseus que tinham crido**”, os quais falaram e debateram à vontade.

g)- Tendo ouvido os depoimentos de Paulo e Barnabé (v. 12) CALARAM-SE numa atitude de assentimento, de anuência, quando Tiago, um presbítero da Igreja em Jerusalém, tomou a palavra.

h)- Em suas considerações, Pedro lembra o pormenor de ter falado o Evangelho aos gentios, mas omite qualquer referência a uma primazia jurisdicional sobre a Igreja. Se fosse ele investido nesta incumbência, tê-la-ia mencionado e feito valer.

i)- Tiago, bispo (presbítero) em Jerusalém, na qualidade de moderador da Assembléia, em seu arrazoado chama o filho de João simplesmente de Simão, omitindo-lhe o sobrenome Pedro (v. 14).

j)- Tiago, como moderador, constituiu-se em presidente do Concílio, como se constata de sua alocução em que tece um comentário

ao discurso de Simão confrontando-o “**com as palavras dos profetas**” (v. 15), resume o seu papel de autêntico presidente diante da maneira como a sua orientação foi acatada: “**então pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos, com toda a Igreja**” (v. 22). Constata-se, outrossim, pelo seu *veredictum*: “**Pelo que julgo que não se deve...**” (v. 19) e por haver sido a sua palavra orientadora a última, a do encerramento.

k)- Na Assembléia a figura de Tiago se sobrepõe à de Pedro ao ponto de Lucas, o autor dos Atos dos Apóstolos, ao longo do seu relato, dedicar-lhe 9 versículos (de 13 a 21) e a Simão apenas 5 (de 7 a 11).

l)- A orientação de Tiago, democraticamente acatada por todos, foi posta em execução, abstendo-se de qualquer interferência especial de Pedro (v. 22).

m)- Simão Pedro, presente ao Concílio, não o presidiu, não o abriu e nem o encerrou. Nos concílios do romanismo é da alçada exclusiva do papa o convocá-los, o presidi-los, o encerrá-los e o sancionar-lhes as resoluções.

n)- Tiago, a figura de maior destaque pelas razões já expostas, foi quem o encerrou.

o)- A carta foi escrita pelos apóstolos, anciãos (presbíteros) e pelos irmãos por intermédio de Judas Barsabás e Silas (vv. 22, 23).

p)- É relevante o início desta carta: “**Os irmãos, tanto os apóstolos como os presbíteros...**” (v. 23).

Ausente, portanto, qualquer alusão a Pedro.

Sabe-se que todos os documentos emanados dos concílios romanos somente se tornam válidos e infalíveis após o *veredictum* do papa. Se Pedro se absteve de cancelar a carta da Assembléia Hierosolimitana e se, assim mesmo foi aceita, há de se concluir pela completa ausência de autoridade singular na pessoa desse apóstolo e pela falta de reconhecimento do seu sumo-pontificado.

q)- “**Pareceu-nos bem...**” (v. 25), afirmam, na Epístola, os apóstolos, os anciãos e os irmãos. Eis outra demonstração do espírito democrático reinante na Assembléia, totalmente alheio a qualquer primazia jurisdicional ou proeminência de Simão.

Embora o Tratado *DE ROMANO PONTIFICE* recorra ao Concílio de Jerusalém no intento de ver nele indícios confirmantes do exercício da autoridade de Pedro na Igreja Apostólica, a HISTÓRIA do catolicismo, à vista de todas as observações acima desenvolvidas, se recusa a enumerá-lo, como o primeiro da série dos seus concílios ecumênicos, reservando este posto ao de Niceia (ano 325).

II

Evidencia-nos o exame dos Atos dos Apóstolos estar completamente enganada a dialética católico-romana.

Pedro não foi o primeiro a batizar judeus.

Pedro não foi o primeiro a pregar o Evangelho aos gentios e nem a batizá-los.

Pedro não foi o primeiro a repreender.

Pedro não foi o primeiro mártir.

Pedro não esteve à frente dos discípulos no cenáculo. Não elegeu Matias como substituto de Judas Iscariotes. Não foi o único a ser encarcerado. Não confirmou Igrejas. Não convocou e nem presidiu o Concílio de Jerusalém.

Se pregou em Pentecostes é porque alguém teria de fazê-lo. E foi Pedro, e em consequência do seu temperamento extrovertido, sempre pronto a tomar iniciativas, certas ou erradas.

Se tomou esta iniciativa certa, de outras muitas vezes tomou-as erradas e duramente foi censurado pelo Mestre.

Aquele acentuado espírito de ganância na busca de primazia recriminado por Jesus, ocorreu também na Igreja Apostólica.

Pronta e viva, porém, se deu a sua repressão. João censurou Diótrefes, “**que gosta de exercer a primazia entre eles**” (3ª João 9). Pedro aconselha os seus companheiros presbíteros a cuidarem do rebanho de Deus, não POR FORÇA, nem como TENDO DOMÍNIO sobre essa herança (1ª Pedro 5.1-3).

Se houvesse naqueles primórdios a necessidade da obediência e da sujeição a um proeminente, a um pontífice, dito tê-lo-iam os Atos dos Apóstolos e as Cartas Apostólicas.

Em suas duas Epístolas Pedro se identifica como “**apóstolo de Jesus Cristo**” (1ª Pedro 1.1), como presbítero (1ª Pedro 5:1), como “**servo e apóstolo de Jesus Cristo**” (2ª Pedro 1.1).

Se sumo pontífice fosse, teria o dever de se impor como tal a fim de ser obedecido, pois tratar-se-ia de assunto de máxima relevância. Teria o dever de esclarecer tudo a respeito de sua autoridade.

E nada lhe seria mais fácil por ser consentâneo com o seu temperamento impulsivo, sempre disposto a tomar iniciativas.

Ter-se-ia, porventura, omitido Paulo Apóstolo, ao máximo empenhado em anunciar todo o conselho de Deus? (Atos 20.27).

Com certeza absoluta a Igreja Apostólica desconhece a presença de um supremo hierarca ou pontífice sumo.

1)- Se nenhuma ascendência Pedro teve na escolha de Matias para ocupar o lugar do Iscariotes no Apostolado, ficou, outrossim, de fora quando da designação dos sete primeiros diáconos.

Tratou-se da solução de um problema muito grave nos primeiros dias da Igreja Apostólica, ainda circunscrita aos limites de Jerusalém.

Unânimes todos viviam até então (Atos 2.44-47). Crescendo o número dos discípulos, os gregos murmuravam contra os hebreus, porque as suas viúvas pobres eram preteridas no ministério quotidiano (Atos 6.1).

Esses gregos (ou helenistas ou judeus da Diáspora) mencionados são os judeus nascidos em terras estrangeiras, cuja língua habitual era o grego. Daí assim serem chamados.

Em seus primeiros dias, já da Igreja participavam esses judeus da Diáspora ou gregos, pois muitos deles se converteram em Pentecostes (Atos 2.9-11).

A velha rivalidade entre os dois ramos do judaísmo, os da Palestina e os da Diáspora, passados os dias de enlevo pentecostal, eclodiu no meio dos cristãos. Os palestineses desprezavam as viúvas dos gregos. E estes se queixavam daqueles.

Na qualidade de sumo pontífice, de maioral, deveria Pedro assumir o comando da situação e apaziguar os ânimos, propondo-lhes solução adequada, pois todos permaneciam ainda em Jerusalém, sob suas vistas pontificais.

Se no cenáculo se deu pressa em tomar a iniciativa com o fim de se cumprirem as Escrituras com o preenchimento da vaga do Iscariotes, eis o momento de fazer valer a sua autoridade.

O assunto de tamanha gravidade a ameaçar a fraternidade cristã – fraternidade essa, motivo de belo testemunho para o povo (Atos 2.47) – mereceria a ação rápida e definitiva do chefe máximo, do apóstolo em cujas mãos se enfeixava a supremacia jurisdicional.

A gravidade do assunto se sobreleva também pela solenidade do proceder dos apóstolos. **“Então os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço”** (Atos 6.2-3).

Verifica-se a gravidade do assunto pelas seguintes razões, além da já mencionada, qual seja a da quebra do espírito de fraternidade:

a)- Os Doze convocaram a multidão dos discípulos, superior à casa dos oito mil (Atos 2.41; 4.4). Para um assunto de menor monta dispensar-se-ia a convocação de tanto povo.

b)- Exigiam-se dos varões a serem escolhidos excelentes qualidades: boa reputação, plenitude do Espírito Santo e sabedoria. As grandes incumbências requerem homens gabaritados com grandes qualidades.

c)- Os próprios apóstolos sublinharam a importância do assunto: **“Este importante negócio”** (v. 3 - Corrigida).

Pedro, cujo nome nem é mencionado no relato do episódio, caso fosse o líder jamais se omitiria. E Lucas, um meticoloso escritor, tê-lo-ia registrado.

Nesse passo escriturístico, todavia, espelha outra vez o espírito democrático reinante na comunidade primitiva dos crentes em Jesus Cristo.

Demonstra-nos ainda essa passagem como exerciam os apóstolos, que não se constituíam numa oligarquia, o seu ministério: **“Não é razoável que nós abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas”** (v. 2); **“mas, nós nos consagraremos à oração e ao ministério da Palavra”** (Atos 6.4).

2)- O presbítero responsável pela liderança da Igreja em Jerusalém foi **“Tiago, irmão do Senhor”** (Gálatas 1.19).

Reconhece-o investido nesse múnus o apóstolo Simão ao mandar, na oportunidade de sua partida (Atos 12.17), avisá-lo de sua libertação miraculosa.

Ao examinarmos os lances da Assembléia de Jerusalém, encontramos-lo no exercício dessa incumbência (Atos 15.13-21) e nessa postura encontrou-o Paulo (Gálatas 2.9-12).

Considere-se a observação paulina em Gálatas 2.9 ao mencionar os três: Tiago, Cefas e João. O Apóstolo destaca em primeiro lugar a Tiago por ser um bispo da Igreja em Jerusalém.

Lucas, ao relatar uma outra chegada de Paulo, quando preso, à capital judaica, informa-nos que no dia imediato à sua chegada, o Apóstolo entrou em casa de Tiago e relatou-lhe por miúdo o que por seu ministério Deus fizera entre os gentios (Atos 21.29).

Se o episcopado de Tiago, o **“irmão do Senhor”**(Gálatas 1.19), na Igreja da capital hierosolimitana, era reconhecido, por que deixaria de

ser reconhecida, respeitada e acatada igualmente a supremacia de Pedro? Por que se omitiria o reconhecimento do seu episcopado à frente dessa Igreja? A explicação é evidente: Simão, filho de João, jamais desempenhou quaisquer funções de bispo da Igreja hierosolimitana e nunca exerceu supremacia alguma sobre o rebanho universal de Deus.

3)- Elaboraram-se e executaram-se programas de expansão da Igreja por meio da evangelização, como ocorreu na Igreja em Antioquia da Síria (Atos 13.1-3), abstendo-se da presença, da anuência, do conhecimento, da aprovação e até das sugestões de Simão Pedro.

Nos capítulos 2 e 3 de Apocalipse encontram-se sete cartas às sete Igrejas da Ásia. Em todas elas Jesus menciona aspectos positivos e aspectos negativos de cada uma dessas comunidades.

Ora, se Pedro fosse por Ele designado o Seu supremo mandatário, Cristo teria incluído esse desrespeito, essa falta de vassalagem ao Seu plenipotenciário em Suas censuras às sete Igrejas, pois para nada consultavam e em nada demonstravam submissão a Pedro e aos seus sucessores.

João escreveu o Apocalipse por volta do ano 100. Consoante as pretensões papais, pelo sólio de Pedro já teriam se passado três outros papas. Nesse caso, eles, de certo, teriam admoestado essas Igrejas e Jesus, ao recriminá-las, teria Se referido a esse pormenor com o fim de imprimir nos Seus discípulos uma maior necessidade de se acatar a autoridade dos sucessores do irmão de André. E na hipótese de haverem estes se omitido no cumprimento do seu dever de admoestá-las, por certo, o Senhor também a isso teria Se referido por se tratar de assunto de suma importância.

Os teólogos romanos, no intuito de exaltar a supremacia da Igreja de Roma sobre as demais, vêem na carta de Clemente (o terceiro papa, segundo eles) aos coríntios, em que os exorta por causa de suas internas dissensões, uma prova de exercício de jurisdição por parte do bispo da Capital do Império.

Tornar-se-ia evidente esse exercício se as sete Igrejas da Ásia houvessem sido advertidas pelo sucessor de Pedro. E por que Jesus, na hipótese da omissão desse sucessor mais empenhado com os coríntios, não lhe cometeu a autoria dessas cartas? Se Jesus em pessoa manda João escrevê-las, há de se concluir pela inexistência dessa autoridade do bispo de Roma, o qual não é sucessor de Pedro.

4)- Pedro jamais mandou!

Ao contrário! Mandaram-no. E obedeceu.

O martírio de Estêvão assanhou o ódio contra a Igreja em Jerusalém. **“E todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judeia e da Samaria”** (Atos 8.1).

“Entrementes, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a Palavra” (Atos 8.4). Filipe, um dos sete (Atos 6:5), desceu a Samaria. Ouviram-lhe as mensagens as multidões. Batizavam-se tanto homens como mulheres. **“Ouvindo os apóstolos, que estavam em Jerusalém, que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João”** (Atos 8.14).

“Cum autem audissent Apostoli, qui erant Jerosolymis quod recepisset Samaria Verbum Dei, MISERUNT ad eos Petrum et Joannern”, diz-nos o latim da Vulgata, que o pe. Antonio Pereira de Figueiredo traduziu: “Os apóstolos, porém, que se achavam em Jerusalém, tendo ouvido que Samaria recebera a Palavra de Deus, MANDARAM-LHES lá a Pedro e a João”.

Em João 13.16, Jesus asseverou: **“Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que o seu senhor, NEM O ENVIADO, MAIOR DO QUE AQUELE QUE O ENVIOU”**.

A maior do silogismo é posta por Jesus Cristo. A menor, por Lucas em Atos 8.14, ao nos informar o fato de haver Pedro sido enviado pelos apóstolos a Samaria. Logo – eis a conclusão irretorquível! – logo, Pedro não era superior aos e entre os apóstolos.

Este versículo 14 causa terror pânico à teologia vaticana e, por isso, engendra tantos sofismas no empenho de se desembaraçar dele. Tentam inclusive, suavizar o significado do verbo ENVIAR.

“EN VIA-SE, aconselhando”, alega o Tratado *DE ROMANO PONTIFICE*. O filho pode enviar ou mandar sua mãe ao médico, aconselhando-a a buscar recursos quando enferma.

“EN VIA-SE, suplicando”, alega ainda aquele Tratado. O cidadão pode enviar ou mandar o delegado de polícia, suplicando-lhe falar ao seu vizinho criador de problemas.

E conclui o Tratado: Nos dois casos, ENVIAR não significa que o enviado seja subalterno diante de quem o envia. Não se infere dessas duas aplicações do verbo ENVIAR nenhuma relação de superioridade entre quem envia (o filho e o cidadão) e o enviado (a mãe e o delegado).

Os apóstolos, sofismam os corifeus da suposta primazia pontifícia, ENVIARAM Pedro, suplicando-lhe ir a Samaria para, com a sua autoridade máxima, receber no seio da Igreja aqueles novos crentes. Esquecem-se que haviam já sido batizados por Filipe e, como resultado,

faziam parte da Igreja (Atos 8.12). Além disso, em quantas outras regiões, crentes foram agregados à Igreja sem a interferência de Pedro?

O verbo ENVIAR, no caso vertente, teimam os corifeus romanistas, não foi empregado no sentido de ORDENAR. E entre ENVIAR e ORDENAR se estabelece uma grande diferença porque ORDENAR é determinar como fazem os senhores e superiores. Ora isto, dizem, não aconteceu entre os apóstolos e Pedro.

Aliás, o verbo MANDAR dá impressão de ORDENAR, enquanto ENVIAR tem uma conotação mais suave. Se Antonio Pereira de Figueiredo e Matos Soares, apegados à letra da Vulgata, traduziram o seu *MISERUNT* por MANDAR, os mais modernos tradutores católicos, como o frade Damião Klein, Humberto Rohden, o Centro Católico Bíblico de S. Paulo e o Pontifício Instituto Bíblico de Roma, verteram-no por ENVIARAM.

A língua do NT é a grega. A ela, por conseguinte, recorreremos no afã de dirimir a questão.

Lucas empregou aí no v.14 o verbo *APOSTELLO* e Jerônimo na Vulgata o seu correspondente latino *MITTERE*. Ao verificarmos, por conseguinte, no NT qual o sentido desse verbo, teremos a solução do problema.

Em outras palavras; o *usus loquendi* do NT nos esclarecerá qual o legítimo sentido ou o verdadeiro significado do verbo *APOSTELLO* empregado por Lucas em Atos 8.14.

Muitas vezes Jesus Se utilizou deste verbo *APOSTELLO*, aliás empregado 128 vezes ao longo das páginas neotestamentárias com a significação de ENVIAR, MANDAR.

Empregou-o para dizer que Deus O ENVIARA. Aos Setenta discípulos afirmava: **“Quem vos ouve a vós, a Mim Me ouve; e quem vos rejeita a vós, a Mim Me rejeita; e, quem a Mim Me rejeita, rejeita Aquele que Me ENVIU”**.

“Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em Meu Nome, a Mim Me recebe; e qualquer que a Mim Me receber, não recebe a Mim, mas ao que Me ENVIU” (Marcos 9.37; Mateus 10.40).

Empregou-o para dizer que ENVIAVA os Seus apóstolos. **“Quando vos MANDEI sem bolsa, sem alforge e sem sandálias, faltou-vos, porventura, alguma coisa?”** (Lucas 22.35; Mateus 10.5, 16).

Empregou-o para dizer que outros ENVIARAM guardas ou servos. **“No tempo da colheita, ENVIU um servo aos lavradores”** (Marcos 12.2; Marcos 6.7; Mateus 21.36).

Empregou-o para dizer que ENVIA anjos. “**E Ele ENVIARÁ os Seus anjos com grande clangor de trombeta**” (Mateus 24.31; Marcos 13.27).

Salta aos olhos, portanto, o sentido de ENVIAR usado por Jesus. Ou de MANDAR.

Como servo é Ele ENVIADO ou MANDADO por Deus. MANDOU Ele os Seus apóstolos e discípulos. MANDOU Seus mensageiros. MANDARÁ os Seus anjos. Os servos foram MANDADOS.

Jesus MANDOU com autoridade reconhecida.

Pois bem, em todos estes casos, na língua grega, a original do NT, o verbo empregado é *APOSTELLO*, o mesmo encontrado em Atos 8.14.

Se em todos os casos nunca ele quer dizer: ENVIAR ACONSELHANDO ou ENVIAR SUPLICANDO, por que terá um destes sentidos só em Atos 8.14?

Se sempre significa ORDENAR, MANDAR, nesta Escritura não se constituirá em exceção com outro sentido.

Aliás, outra compreensão de *APOSTELLO* em Atos 8.14 é alheia ao sentido do versículo e aberraria da própria situação. Os apóstolos não enviaram aconselhando ou suplicando a Pedro. Enviaram-no ordenando. Seria ridículo estarem eles a aconselhar ou a suplicar a Pedro que fosse a Samaria.

Atender essa ordem deve ter sido um motivo de júbilo para ele com a oportunidade de atender ao mandato de Jesus: “*Ide, ensinai todas as nações*” (Mateus 28.19).

Seriam ainda uns desarrazoados os apóstolos se, apesar de reconhecerem em Simão o sumo pontífice, o detentor da maior autoridade sobre eles, o enviassem às regiões samaritanas.

Ao enviá-lo, contudo, demonstram reconhecê-lo despido de qualquer superioridade. E, em acatar a ordem, reconheceu-se Pedro sem credenciais de qualquer primazia ou proeminência.

5)- Há em Atos dos Apóstolos um outro acontecimento notável a envolver Simão Pedro, demonstrando a sua postura de completo nivelamento com todos os discípulos. O seu registro abrange todo o capítulo 10 de 48 versículos e mais 18 versículos do capítulo seguinte.

A Cornélio, “**centurião da coorte chamada Italiana, piedoso e temente a Deus e que fazia muitas esmolas ao povo**” (10:1-2), concedeu o Senhor uma visão e ordenou enviasse mensageiros a Jope a chamar a “**Simão, que tem por sobrenome Pedro**” (10.5; 10.18, 32; 11.13). Entrementes, sobreveio ao apóstolo um arrebatamento de

sentidos. No êxtase viu **“o Céu aberto e, descendo um objeto como se fosse um grande lençol, o qual era baixado à terra pelas quatro pontas, contendo toda sorte de quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu. E ouviu-se uma voz que se dirigia a ele: Levanta-te, Pedro! Mata e come. Mas Pedro replicou: De modo nenhum, Senhor! Porque jamais comi coisa alguma comum e imunda. Segunda vez, a voz lhe falou: Ao que Deus purificou não consideres comum. Sucedeu isto por três vezes, e, logo, aquele objeto foi recolhido ao céu. Enquanto Pedro estava perplexo sobre qual seria o significado da visão, eis que os homens enviados da parte de Cornélio. Tendo perguntado pela casa de Simão, pararam junto à porta; e, chamando-o, indagavam se estava ali hospedado Simão, por sobrenome Pedro. Enquanto meditava Pedro acerca da visão, disse-lhe o Espírito: Estão aí dois homens que te procuram; levanta-te, pois, desce e vai com eles, nada duvidando; porque Eu os enviei”** (10.11-20).

Seguido de alguns irmãos de Jope, Simão os acompanhou até à casa de Cornélio, onde o aguardavam também parentes e amigos do centurião. **“Aconteceu que, indo Pedro a entrar, lhe saiu Cornélio ao encontro e, prostrando-se-lhe aos pés, o adorou. Mas, Pedro o levantou, dizendo: Ergue-te-te, que eu também sou homem”** (10:25-26).

Narrou-lhes o apóstolo a sua visão para justificar sua presença na casa de incircuncisos e lhes anunciou a salvação por meio de Jesus Cristo. Sobre todo o auditório derramou-se o Espírito Santo e todos foram batizados em Nome do Senhor.

Ao regressar, **“Simão, que tem por sobrenome Pedro”** (10.5, 18, 32; 11.13), a Jerusalém, os discípulos hebreus, informados do sucedido, exigiram-lhe uma explicação **“dizendo: Entraste em casa de homens incircuncisos e comeste com eles”**.

Sem se furtar à explicação, pois reconhecia-se em igualdade com todos os irmãos, **“passou a fazer-lhes uma exposição por ordem”** (11.4). Narrou-lhes pormenorizadamente a visão, a determinação do Espírito Santo para que fosse à casa do centurião de Cesaréia e o sucedido lá.

A valorizar definitivamente a sua atitude e no interesse de prevenir quaisquer recriminações, salientou: **“Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós, no principio. Então, me lembrei da palavra do Senhor, quando disse:**

João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo. Pois, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?” (11.15-17).

Dentre as muitas passagens da Bíblia que, se pudessem, os clérigos as arrancariam, esta é uma. Ela confirma a condição de completo nivelamento de Pedro dentro da comunidade dos irmãos.

Sublinhemos alguns dados confirmantes desta assertiva consentânea com o teor de todo o NT:

a)- Alheia a Simão a idéia de ser ele o pastor universal, porquanto considerava imundos os gentios de quem detestava aproximar-se, apesar de haver verificado *in loco* os resultados da evangelização feita por Filipe em Samaria (Atos 8.1-25).

Este fato da conversão de Cornélio ocorrera pelo menos 6 ou 7 anos após o Pentecostes. E durante todo esse tempo limitara o seu ministério aos judeus, o seu campo específico de trabalho.

Esta limitação arraigara-se tanto em seu íntimo que lhe impedia compreender a visão do grande lençol. Quando os enviados do centurião chegaram a fim de levá-lo, persistia em suas dúvidas (10.17). O recalcitrante pescador de Tiberíades não havia ainda, 6 ou 7 anos após, entendido a ordem de Jesus: **“Apascenta as Minhas ovelhas”, “apascenta os Meus cordeiros”** no sentido de uma primazia jurisdicional universal...

Manifestou-se, por isso, a intervenção direta do Espírito Santo: **“Levanta-te, pois, desce e vai com eles, NADA DUVIDANDO, porque Eu os enviei”** (10.20).

Em casa do centurião apresentou suas explicações sobre a sua presença ali. Continuava preso à idéia da limitação de suas atividades entre os judeus. **“Mas Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo”, esclarecia depois** (10.28).

b)- Por que, há de se perguntar, Deus permitiu exatamente a Simão Pedro essa circunstância especial enriquecida de uma visão particular? Por que a nenhum outro apóstolo, como João, por exemplo? Este cuidado com Barjonas não implicaria em algum propósito especial?

Sim, envolve um objetivo particular de Deus, disposto, em Sua misericórdia, a sustentar o pobre discípulo sempre recalcitrante, procrastinador e agarrado aos seus preconceitos.

Enfocaram-no os Evangelhos como homem-símbolo e Lucas, na sua História da Igreja Apostólica, conserva esse objetivo a nos levar as preciosas lições de Jesus Cristo a fim de que, esclarecidos, nos mantenhamos firmes na fé.

Enviado a Samaria pelos apóstolos presenciara serem também os gentios capazes de participar da Igreja. Deveria, pois, ter reconhecido que a muralha da separação entre hebreus e gentios havia sido desfeita e que dos dois povos Deus fizera um só.

Recalcitrava, porém. E seu mau testemunho poderia afetar outros.

No desejo, portanto, de esclarecer de uma vez por todas o Seu discípulo teimoso, Deus permitiu-lhe a visão do grande lençol e a tarefa específica de levar a Cornélio a mensagem do Evangelho.

De temperamento teimoso, Simão, no futuro, tornará a recalcitrar e, dissimulando, sucumbirá outra vez quando em Antioquia se tornou repreensível por desprezar os gentios (Gálatas 2.11-14).

c)- Ao sair a receber o enviado de Deus, Cornélio se prostrou aos seus pés. Soergueu-o o apóstolo dizendo: **“Ergue-te, que eu também sou homem”** (10.26).

O centurião da coorte Italiana era **“piedoso e temente a Deus”** (10.2). Difícil, pois, entender-se neste gesto alguma intenção idolátrica da parte dele, como no caso dos licaônios com Paulo e Barnabé (Atos 14.12).

Cornélio reconhecia em Simão um enviado especial de Deus, previamente anunciado (10.5). Neste gesto religioso, o apóstolo reconheceu a espontaneidade respeitosa de uma alma a distinguir o servo de Deus.

Delicado e enérgico, recusou essa manifestação: **“Ergue-te, que eu também sou homem”** (10.26).

Apesar do seu ministério, da especial visão há pouco recebida, a Palavra direta do Senhor, Simão, ao invés de se considerar um ente superior aos demais, revestido de qualquer proeminência e dotado do dom da infalibilidade, conserva-se no lugar de homem comum.

d)- Na expectativa de críticas, consigo levou testemunhas: **“Alguns irmãos de Joje”** (10.23), **“seis”** (11.12). Se se considerasse autoridade suprema dispensaria, é evidente, esta medida de prudência, pois sua palavra deveria ser acatada. E se os discípulos o entendessem investido no múnus de supremo pontífice, submissos, se furtariam a quaisquer críticas.

e)- As críticas, porque o seu primado nem suspeitado era, surgiram da parte dos cristãos judeus quando do seu regresso a Jerusalém. **“Entraste em casa de homens incircuncisos, e comeste com eles”** (11.3).

Se hoje um católico levanta censuras ao papa, procede como mau católico. E “sua santidade” jamais se dedigna a dar explicações. Exemplo disso temos no polémico tema da limitação da natalidade. O pontífice estabeleceu a doutrina e pronto! Os católicos discordantes são desobedientes e sujeitos às penas previstas no Código de Direito Canônico.

Pedro, ao invés de recriminar a atitude daqueles crentes hierosolimitanos, obtemperante, esclareceu-lhes os motivos de sua ação. Prescindiu assumir a responsabilidade pessoal do ato atribuindo-lha ao Espírito Santo (11:12), em Quem reconhecia o verdadeiro dirigente da Igreja.

Se a verdadeira Igreja é a estruturada em Pedro, como quer a doutrinária vaticana, onde se encontrava ela naqueles primórdios? Pedro e os outros discípulos desconheciam o estabelecimento de uma autoridade primacial. Desconheciam a instituição de um primaz com as prerrogativas de jurisdição universal.

É que a verdadeira Igreja está estruturada em Jesus Cristo, a Rocha, cujo Vigário é o Espírito Santo.

.oOo.

PEDRO E PAULO: QUAL O MAIOR?

A Simão Barjonas atribuiu Jesus o sobrenome **“Cefas, que quer dizer Pedro”** (João 1.42; Atos 10.5, 18, 32; 11.13).

A Simão, irmão de André, já crente no Mestre desde que de João Batista ouvira ser Ele o Cordeiro de Deus (João 1:35-42). Jesus, por primeiro na ordem cronológica, chamou a segui-lo, dedicando-lhe tempo integral na preparação para o apostolado (Lucas 5.1-11).

Em casa de Simão Pedro entrara Jesus e curara-lhe a sogra (Lucas 4.38-39).

A Pedro permitiu andar sobre as águas empoladas do mar e o amparou com as mãos porque a sua falta de fé o fazia soçobrar (Mateus 14.23-33).

Proclamou Pedro reconhecer em Jesus o Cristo, o Filho de Deus Vivo (Mateus 16.16). Confiante em seu Mestre, exclamou: “**Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras de vida eterna**” (João 6.68).

Presenciou Barjonas, ao lado de João e Tiago, a transfiguração (Mateus 17.1-9).

Simão foi quem colheu o peixe de cuja boca saíram as duas dracmas prodigiosas para o tributo do Templo (Mateus 17.24-27).

Assistiu em companhia de Tiago e João, como um privilegiado, a ressurreição da filha de Jairo (Marcos 5.36-39).

Entre as três testemunhas da intimidade do Getsêmani estava Pedro (Marcos 14.32-42).

Em seu favor orou o Mestre, desejando revigorar-lhe a fé (Lucas 22.31).

Num arroubo de valentia, sacou da espada e, em defesa do seu Rabi, amputou a orelha direita de um esbirro do sumo sacerdote (João 18.10).

A sós, apareceu-lhe Jesus ressuscitado (Lucas 24.34; 1ª Coríntios 15.5).

Usou das chaves do Reino dos Céus quando proclamou a mensagem do Evangelho no dia do Pentecostes (Atos 2.14-38).

Em companhia de João, curou um parálítico postado à porta Formosa do Templo (Atos 3.1-11).

Usando as chaves do Reino teve Pedro o privilégio de anunciar o Evangelho da Salvação às autoridades sinedritas (Atos 4.8-12).

A seus pés viu caírem mortos os mentirosos Ananias e Safira (Atos 5.1-11).

Punham em sua presença os enfermos a fim de, pelo menos, se cobrirem à sua sombra (Atos 5.15-16).

À sua oração humilde o Senhor atendeu ao ressuscitar Dorcas de Jope (Atos 9.36-41).

Encarcerado, retirou-o milagrosamente um anjo (Atos 12:1-10).

A Simão Pedro Jesus afirmou: **“Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas Meu Pai, que está nos céus. Também Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta Pedra edificarei a Minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos Céus, e o que desligares na terra terá sido desligado nos Céus”** (Mateus 16:17-19).

“Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (Lucas 22.32).

A Pedro Jesus interrogou: **“Simão, filho de João, amas-Me mais do que estes?”**. **“Amas-Me?”**. **“Amas-Me?”**. E o comissiona: **“Apascenta os Meus cordeiros”** (João 21.15-17).

Esse Pedro tão privilegiado é o Pedro que tem medo (Mateus 14.30). Adverte, com uma ponta de censura, o Mestre por ter escandalizado os fariseus (Mateus 15.12). Perde a paciência e repreende-O quando Se põe a falar de Seus Sofrimentos e da Sua Morte (Mateus 16.22). Embora haja proclamado ser Jesus o Filho de Deus Vivo, no instante magnífico da transfiguração, contudo, por não saber o que dizia, nivela-O com Moisés e Elias (Marcos 9.5-6). Com um laivo de desprezo, porque Jesus queria saber quem o tocara quando da cura da mulher hemorrágica, observa: **“Mestre, as multidões Te apertam e Te oprimem e dizes: Quem Me tocou?”** (Lucas 8.45). Manifesta-se interesseiro ao querer saber o seu prêmio por haver abandonado tudo para seguir o Rabi (Mateus 19.27). Demonstra a sua fé tacanha no meio da tempestade (Mateus 14.31). Desabrido, rejeita a Jesus ao querer lavar-lhe os pés (João 13.8). Petulante, quer depois que lhe lave também as mãos e a cabeça (João 13.9). Arrogante, julga-se superior em coragem e promete morrer com o Mestre (Mateus 26.35). Enfastiado, dorme enquanto Jesus agoniza (Marcos 4.37). Desrespeita, a doutrina apreendida durante três anos ao cortar com uma espada a orelha de um guarda (João 18.10). Acovarda-se diante das criadas e dos esbirros do palácio do sumo sacerdote e, com juramento, protesta desconhecer, ignorar, o Mestre (Mateus 26.69-74). Preso Jesus, Pedro, pusilânime, **“seguia-O de longe”** (Lucas 22.54). Incrédulo, de início, duvidou da ressurreição (Lucas 24.11-12). Desapontado, retorna à antiga pescaria (João 21.3). Com os olhos pregados às redes vazias, apesar de lançadas a noite inteira, não reconheceu de imediato o Senhor (João 21.7).

.....

A esse Pedro, grandemente e tão perdulário da Graça de Deus, Jesus acusa com as expressões mais contundentes.

“Homem de pequena fé, por que duvidaste?” (Mateus 14.31).

“Também vós não entendeis ainda?” (Mateus 15.16).

“Arreda, Satanás! Tu és para Mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens” (Mateus 16.23).

“Simão, dormes?” (Marcos 14.37). **“Então nem uma hora pudeste velar comigo?”** (Mateus 26.40).

“Afirmo-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que Me conheces, antes que o galo cante” (Lucas 22.34).

Retilíneo e sinuoso, coerente e contraditório, valente e covarde, confiante e incrédulo... Pedro é o Homem.

Homem na extensão e na profundidade da sua natureza e da contingência de sua pecaminosidade.

Esse Pedro – o Homem na plenitude da sua miséria – poderá constituir-se em fundamento da Igreja de Cristo?

Paulo!

De fariseu (Atos 23.6; Filipenses 3.5), perseguidor (Atos 9.1; Filipenses 3.6), prodigiosamente, Jesus o converte a Si (Atos 9.1-18) e o elege **“instrumento escolhido”** para levar-Lhe o Nome **“perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel”** (Atos 9.13).

Deveria testemunhar diante de todos os homens (Atos 22.15). Empreende, pois, três longas expedições missionárias, através das quais leva o Evangelho a todas as nações. De Jesus recebe diretamente a missão de pregá-lo em Roma, a Capital do Mundo (Atos 23.11).

Prega-O aos grandes da terra. A Sérgio Paulo, governador (Atos 13.7).

Aos filósofos de Atenas (Atos 17.15-31). Ao tribuno de Jerusalém (Atos 21.37-22.21). Ao Sinédrio (Atos 22.30-23.6). Ao governador Félix (Atos 24.10-21). Ao rei Agripa (Atos 26.2-23).

Pessoalmente Jesus o escolhe para o apostolado (Gálatas 1.12). Em consequência, oprimia-lhe a **“preocupação com todas as Igrejas”** (2ª Coríntios 11.28), as quais visitava, confirmando-as (Atos 15.41).

Posto para **“defesa do Evangelho”** (Filipenses 1.16), no desempenho desta incumbência, terçou a Espada da Palavra e escreveu luminosos documentos como a Epístola aos Gálatas e, com bravura, repreendeu a Pedro (Gálatas 2.11).

De seu corpo levavam lenços e aventais aos enfermos e deles fugiam as doenças e os espíritos malignos (Atos 19.12).

Ressuscitou a Êutico (Atos 20.9-10).

Arrebatado ao terceiro Céu, recebe extraordinárias revelações de Deus, das quais ao homem não é lícito falar (2ª Coríntios 12.2-4).

“São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim.) Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas” (2ª Coríntios 11.23-28).

Contudo, era homem também. Sujeito a fraquezas. Reconhece-as e nelas se gloria para que em si habite o poder de Cristo (2ª Coríntios 12.9).

I

Se quiséssemos encontrar naqueles primórdios um personagem com qualidades de primaz, de superior de todos, encontra-lo-íamos em Paulo, com muito mais facilidade do que em Pedro.

1)- Pedro, ao longo do NT é mencionado 171 vezes. E Paulo, 190!

Leve-se em conta, outrossim, a particularidade de estar completamente ausente o nome de Paulo nos quatro Evangelhos, pois a sua conversão se deu depois da ascensão de Cristo.

Em Atos dos Apóstolos, a História da Igreja Apostólica, o nome de Paulo figura 160 vezes e o de Pedro, apenas 59. Pormenor este digno de nota, porquanto o seu nome deveria ser repetido muito mais se fosse ele o chefe, o líder soberano.

2)- Lucas em Atos dos Apóstolos ocupou-se de Pedro até ao capítulo 12. Incidentalmente torna a aparecer no capítulo 15, no relato da Assembléia de Jerusalém. Do capítulo 13 ao 28, o escritor se

empenha em focalizar Paulo, descrevendo-lhe com minúcias as viagens e comentando o seu trabalho.

Ao se ocupar de Pedro nos 12 primeiros capítulos, o faz entremeando-o nas narrativas de outras ocorrências, como a prisão de todos os apóstolos (5.17-42), a instituição dos diáconos (6.1-7), o martírio de Estevão (6.8-7.60), a pregação do Evangelho na Samaria (8.26-40), a conversão e as atividades iniciais de Paulo (9.1-31).

Dos 440 versículos integrantes dos 12 primeiros capítulos de Atos, apenas 234 se referem a Pedro.

3)- Dos 27 livros do NT, 13 são do epistolário paulino, deixando-se de considerar a Carta aos Hebreus, atribuída por muitos a Paulo, apesar das controvérsias sobre o seu autor.

Distinguiu-se o Apóstolo por lançar as bases da Teologia do NT.

Pedro, de sua parte, escreveu duas pequenas cartas, caracterizadas pelas acentuadas exortações e normas morais. E, na segunda delas, por sinal, menciona e reconhece a sabedoria dada por Deus a Paulo (2ª Pedro 3.15-16).

4)- Confiara Deus, de modo geral, a evangelização dos gentios a Paulo e a Pedro a dos judeus (Gálatas 2.7). Compunham-se as nações da terra dos gentios. Quase toda a humanidade, portanto, era de gentios. Os judeus se resumiam a um pequeno povo e ainda escravizado.

Deste confronto dos campos do ministério dos dois apóstolos, verifica-se, outrossim, a superioridade de Paulo.

Na hipótese de ser Pedro sumo pontífice, tê-lo-ia sido dos judeus, enquanto Paulo, dos gentios, quer dizer, de quase toda a humanidade.

5)- Privilegiou-se Pedro em pregar o Evangelho às autoridades sinédritas, aliás reduzidas ao estofo de uma simples tradição no contexto de um povo subjugado ao Imperialismo Romano.

Perante o Sinédrio também pregou Paulo o Evangelho. Pregou-o ainda aos governadores Sérgio Paulo (Atos 13.7) e a Félix (Atos 24.10-21). Pregou-o aos sábios do mundo, aos filósofos da Grécia (Atos 17.15-31).

De Cristo foi testificar em Roma, cumprindo-se o plano do Senhor:

“Coragem! Pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma” (Atos 23.11).

E da ida de Pedro a Roma nada, absolutamente nada, consta no NT.

Em Roma, a Capital Imperialista de toda a prepotência e de todo o poderio, por Paulo o Evangelho foi proclamado como **“O PODER DE DEUS para a salvação de todo aquele que crê”** (Romanos 1.16).

Sem a menor dependência de Pedro, que, aliás, jamais lá esteve, o seu ministério transbordou dos limites de sua residência, atingindo até o palácio dos Césares (Filipenses 4.22) **“e de todos os demais”** (Filipenses 1.13).

Tamanha a exuberância das atividades de Paulo que o engrandecia diante do próprio Satanás (Atos 19.15).

6)- Sobejas razões assistem a Paulo quando reconheceu: **“Porque suponho em nada ter sido inferior a esses tais apóstolos”** (2ª Coríntios 11.5); **“Porque eu devia ter sido louvado por vós; porquanto em nada fui inferior a esses tais apóstolos”** (2ª Coríntios 12.11).

Teria perdido esta ocasião de se referir a Pedro, como pontífice supremo, se houvesse sido estabelecida esta autoridade no cristianismo apostólico?

Se Paulo sempre levou a sério o **“anunciar todo o conselho de Deus”** (Atos 19.27), jamais deixaria de sublinhar esse assunto, caso Simão ocupasse aquele importante cargo.

EM NADA se reconhecia inferior aos MAIS EXCELENTES dentre os apóstolos.

Todos os antigos “pais da Igreja”, gregos e latinos, reconheciam referir-se aqui Paulo aos apóstolos legítimos, destacando, como principais, os **“colunas da Igreja”** mencionados em Gálatas 2.9. Somente a partir do século XVI, quando os exegetas romanos se puseram a serviço das pretensões pontificias, se divulgou a interpretação em que vê naqueles **“APÓSTOLOS”** os pseudo-apóstolos, os adversários de Paulo, jactanciosos ao se considerarem os mais perfeitos.

Impossíveis, contudo, quaisquer evasivas diante da clareza dos textos traduzidos pelo latim de Jerônimo da seguinte maneira: *“Existimo enim nihil me minus fecisse a magnis apostolis”* (2ª Coríntios 11.5). *“Nihil enim minus fui ab iis qui sunt supra modum apostoli”* (2ª Coríntios 12.11).

Impossíveis quaisquer evasivas por parte dos exegetas romanos porque, sobranceiro, Paulo pode afirmar: **“Trabalhei muito mais do que todos eles”** (1ª Coríntios 15.10). E, sem qualquer sombra de dúvida, aqui se referia aos legítimos apóstolos.

À luz, portanto, desta Escritura, as duas anteriores se entendem como aplicadas mesmo aos autênticos apóstolos.

“São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim.) Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes” (2ª Coríntios 11.23).

Dentre os mais eminentes apóstolos Paulo incluía Pedro (Gálatas 2.9) e não se reputava inferior a ele. Bem ao contrário!

7)- Em suas Epístolas Pastorais (as duas a Timóteo e a única a Tito) Paulo, com a autoridade diretamente conferida por Cristo, enfileira os deveres dos presbíteros, omitindo qualquer referência à submissão a Pedro ou à sua suposta supremacia jurisdicional.

Em Efésios 4.11 relaciona os diversos ministérios e omite a máxima autoridade de Pedro, conforme o Vaticano almeja: **“E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres”**.

Com o seu anelo de ensinar todo o conselho de Deus, jamais Paulo deixaria de mencionar a autoridade de Pedro se realmente fosse instituída.

8)- No Epistolário Paulino se sobreleva a Carta aos Romanos, um verdadeiro tratado de teologia.

Ora, se Pedro fosse o bispo dessa cidade por que nada escreveu aos crentes nela residentes, no caso suas ovelhas?

Note-se ainda a absoluta ausência de qualquer menção a Pedro na Epístola de Paulo aos Romanos.

Se o cuidado das Igrejas preocupava o Apóstolo evidentemente a de Roma se encontrava entre elas.

Portanto, quem deveria ser o seu bispo?

Pedro ou Paulo?

II

Destaca-se na Epístola aos Gálatas o seu conteúdo histórico. Sobre o nosso tema vem a calhar a perícopos 2.1-15: **“Catorze anos depois, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, levando também a Tito. Subi em obediência a uma revelação; e lhes expus o Evangelho que prego entre os gentios, mas em particular aos que pareciam de maior influência, para, de algum modo, não correr ou ter corrido em vão. Contudo, nem mesmo Tito, que estava comigo, sendo**

grego, foi constrangido a circuncidar-se. E isto por causa dos falsos irmãos que se entremeteram com o fim de espreitar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus e reduzir-nos à escravidão; aos quais nem ainda por uma hora nos submetemos, para que a verdade do Evangelho permanecesse entre vós. E, quanto àqueles que pareciam ser de maior influência (quais tenham sido, outrora, não me interessa; Deus não aceita a aparência do homem), esses, digo, que me pareciam ser alguma coisa nada me acrescentaram; antes, pelo contrário, quando viram que o Evangelho da incircuncisão me fora confiado, como a Pedro o da circuncisão (pois Aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão também operou eficazmente em mim para com os gentios) e, quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé, a destra de comunhão, a fim de que nós fôssemos para os gentios, e eles, para a circuncisão; recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer. Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível. Com efeito, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, comia com os gentios; quando, porém, chegaram, afastou-se e, por fim, veio a apartar-se, temendo os da circuncisão. E também os demais judeus dissimularam com ele, a ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles. Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do Evangelho, disse a Cefas, na presença de todos: se, sendo tu judeu, vives como gentio e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?”

Nos princípios da segunda metade do primeiro século da Era Cristã, por conseguinte, uns 20 anos após o Pentecostes, se Pedro houvesse sido constituído a máxima autoridade, a Igreja Apostólica já o teria reconhecido e a ele se submeteria. E suas atitudes fariam valer a sua jurisdição primacial a exigir sujeição e obediência.

Estes 15 versículos do capítulo 2 da Epístola aos Gálatas, contudo, revelam uma situação diametralmente oposta à da ambicionada pelo Vaticano.

Esta Escritura opõe à miragem pontifícia três argumentos ponderabilíssimos. Valiosíssimos! Irretorquíveis por quaisquer malabarismos da burlaria papal.

Ei-los:

- 1)- O emprego do verbo PARECIAM;
- 2)- A coordenação do ministério de Pedro e de Paulo;
- 3)- A repreensão de Paulo a Pedro em Antioquia.

A heresia dos judaizantes ou legalistas é a primeira a surgir no seio da Igreja Apostólica.

Além da fé em Cristo, para a salvação do pecador, exigiam eles a prática de obras da Lei de Moisés. Proclamavam: **“Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos”** (Atos 15.1).

Os fariseus, ferrenhos e empedernidos adversários de Jesus Cristo, empreenderam a grande vingança contra o Redentor único e todo-suficiente. **“Insurgiram-se, entretanto, alguns da seita dos fariseus que haviam crido, dizendo: É necessário circuncidá-los [os gentios] e determinar-lhes que observem a lei de Moisés”** (Atos 15.5).

Contra esses hereges ergueu-se heroicamente Paulo. Empunhando a Espada da Palavra de Deus, investiu contra eles cerrada e concludente argumentação, sobretudo através das suas duas mais teológicas Epístolas: Gálatas e Romanos.

Ao se bater denodadamente contra eles provocou na Assembléia de Jerusalém discussões e grandes contendas (Atos 15.2, 7).

Tendo em vista a sua posição definida, em sua Carta aos Filipenses, exclama: **“Estou incumbido da defesa do Evangelho”** (1.16) e taxa os hereges de **“CÃES”**, recomendando aos crentes guardarem-se deles (3.2).

Recalcitravam os judaizantes na perfídia de transformar o Cristianismo numa seita do judaísmo ao exigirem dos gentios convertidos se submetessem à circuncisão, como imprescindível à salvação.

Impondo-se a prática das obras da Lei de Moisés, desvaloriza-se o Evangelho e inutiliza-se a toda-suficiência do sacrifício de Cristo. **“Se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará”** (Gálatas 5.2).

A tese malsã, em sendo contrária à universalidade do Evangelho e à absoluta suficiência de Jesus Cristo, demandou do intemorato Apóstolo, ex-fariseu, energia, coragem e grandes sofrimentos.

Pedro, como judeu, conservava incrustados na alma os sentimentos nacionalistas da sua raça, tendo até dificuldade de entender a visão do grande lençol (Atos 10.10-16) pela qual o Senhor lhe revelara a universalidade de Sua Graça. Sob muitas reservas

entrara na casa de Cornélio e temia as censuras dos da Capital Hierosolimitana também trancados no exclusivismo nacionalista judaico.

Pedro – o Homem símbolo – infenso a idéias novas, nunca conseguiu se ver liberto desta marca judia como se depreende do incidente de Antioquia mencionado por Paulo em Gálatas 2.11-14.

Apesar da oposição cerrada do Apóstolo, os judaizantes se infiltraram pelas Igrejas e se valiam, em certas regiões, das atitudes dúbias de Simão Pedro. Aquele partido de Cefas lembrado em 1ª Coríntios 1.11, por exemplo, abrigava os chamados cristãos de tendência judaizante.

Evidentemente Pedro restringia o Evangelho à Verdade. De sua proclamação na Assembléia de Jerusalém se infere esta conclusão. **“Cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles [os gentios] o foram”** (Atos 15.11). Aliás, já perante o Sinédrio anunciara a todo-suficiência de Cristo: **“Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular. E não há salvação em nenhum outro [a não ser em Jesus]; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”** (Atos 4.11-12). E diante de Cornélio: **“DEle [Jesus] todos os profetas dão testemunho de que, por meio do Seu Nome, todo aquele que nEle crê recebe remissão de pecados”** (Atos 10.43).

As suas atitudes na prática, contudo, destoavam de suas convicções e motivaram a afoiteza dos judaizantes (Gálatas 2.11-14), porquanto, em sendo Pedro destacado responsável pela evangelização dos judeus (Gálatas 2.7-8), por estes havia de ser muito observado.

Releva recordar-se serem os judaizantes ou legalistas a origem doutrinária do catolicismo, cuja tese fundamental, coincidente com a daqueles, exige, além da fé em Cristo, a prática de obras meritórias e a submissão a ritos religiosos (os sacramentos) para a salvação do pecador. Ao se desenvolver no decurso da História este partido judaístico, promoveu Simão Pedro como o sumo hierarca e princípio da linhagem dos soberanos pontífices.

Apresentados estes informes valiosos e necessários à compreensão do nosso estudo, vamos aos três argumentos acima enunciados.

1)- O emprego do verbo “PARECIAM” na perícopie de Gálatas 2.1-15 cria intransponível embaraço à miragem vaticana.

Com efeito, ele aparece por quatro vezes neste texto.

No grego, a língua original desta Epístola, encontra-se, em correspondência com esse vocábulo, o verbo *DOKEO*: no primeiro caso, sob a forma *DOKOUSIN* (v. 2); no segundo, sob a forma *DOKOUNTON* (v. 6); e, nos dois restantes, sob a forma *DOKOUNTES* (vv. 6 e 9).

Consultem-se os léxicos se se deseja encontrar o significado mais corrente do verbo *DOKEO*. A significação mais comum é “PARECER”.

Por isso a Vulgata traduziu por *VIDEI*, aplicando-o na flexão *VIDEBANTUR*.

Os dicionários latinos, como o de Santos Saraiva, de resto, dão à voz passiva do verbo *VIDERE* (VER) o significado de PARECER, em consonância com o seu uso normal entre os melhores escritores latinos. Cícero, por exemplo, com este sentido o emprega: *Illorum beata mors VIDETUR* (A morte daqueles PARECE feliz). *Videre mihi VIDEOR populum* (PARECE -ME ver o povo).

O latim de Jerônimo na Vulgata seguiu o seu comum emprego ao utilizar-se do verbo *VIDERI* (voz passiva de *VIDERE*), que significa PARECER ao traduzir o verbo *DOKEO* do original.

Deinde post annos quattuordecim iterum ascendi Ierosolymam cum Barnaba, adsumpto et Tito. Ascendi autem secundum revelationem et contuli cum illis Evangelium, quod praedico in gentibus, seorsum autem iis QUI VIDEBANTUR aliquid esse, ne forte in vacuum currerem aut cucurissem. Sed neque Titus, qui mecum erat, cum esset gentilis, compulsos et circumcidi; sed propter subintroductos falsos fratres, qui subintroierunt explorare libertatem nostram, quam habemus in Christo Jesu, ut nos in servitutem redigerent, quibus neque ad horam cessimus subiectione, ut Ventas Evangelii permaneat apud vos. Ab iis autem QUI VIDEBANTUR esse aliquid (quales aliquando fuerint, nihil mea interest: Deus personam hominis non accipit); mihi enim QUI VIDEBANTUR esse aliquid nihil contulerunt. Sede contra, cum vidissent quod creditum est mihi Evangelium praeputii, sicut et Petro circuncisionis (qui enim operatus est Petro in apostolatum circuncisionis, operatus est et mihi inter gentes), et cum cognovissent gratiam quae data est mihi, Iacobus et Cephas et Joannes, QUI VIDEBANTUR columnae esse, dextras dederunt mihi et Barnabae societatis, ut nos in gentes, ipsi autem in circuncisionem; tantum ut pauperum memores essemus: quod etiam sollicitus fui hos ipsum facere.

Cum autem venisset Cephas Antiochiam, in faciem ei resisti, quia reprehensibilis erat. Prius enim quam venirent quidam a Iacobo, cum gentibus edebat; cum autem venissent, subtrahebat et segregabat se

timens eos qui ex circumcissione erant. Et simulationi eius consenserunt ceteri iudaei, ita ut et Barnabas duceretur ab eis in illam simulationem. Sed, cum vidissem quod non recte ambularent ad Veritatem Evangelii, dixi Cephae coram omnibus: Si tu, cum iudaeus sis, gentiliter vivis et non iudaice, quomodo gentes cogis iudaizare? Nos natura iudaei, et non ex gentibus peccatores.

O verbo PARECER: “**e, quanto àqueles que PARECIAM ser alguma coisa...**”, “**os que ERAM CONSIDERADOS (OS QUE PARECIAM) como as colunas...**” – o verbo PARECER, pela sua própria significação, se interpõe diante dos intentos vaticanos.

Se, de fato, Pedro fosse o maioral, o soberano pontífice, Paulo tê-lo-ia manifestado claramente neste tópico de sua Carta aos Gálatas, cujo latim de Jerônimo corresponde perfeitamente ao grego original, se não quisesse incorrer no pecado de omissão flagrante a contrariar a sua disposição de sempre ensinar todo o conselho de Deus (Atos 19.20,27).

Ao contrário, porém, ironiza de qualquer aparência de autoridade primacial por parte dos três: Tiago, Cefas e João. Paulo desconhece, outrossim, qualquer base para reconhecer a realidade do PARECEREM ALGUMA COISA ou no SEREM CONSIDERADOS COMO COLUNAS.

Naquela ocasião, nem por aparência, se considerava qualquer primazia em Pedro, porquanto Paulo não se refere isoladamente a Pedro. Coloca-o, isto sim, entre os outros dois.

Englobá-lo-ia entre os dois se fosse o soberano pontífice, a pedra fundamental, a coluna exclusiva da Igreja? É evidente que não! Os três: Tiago, Cefas e João gozavam juntos de igual conceito na comunidade de Jerusalém.

Por que desfrutavam os três de semelhante prestígio como grupo?

Talvez porque naquela época apenas esses três se encontrassem em Jerusalém. Os dois: Pedro e João vale, por serem apóstolos e Tiago por ser irmão do Senhor e bispo da Igreja. O grupo dos três mais íntimos de Jesus já se desfizera anos antes com a morte violenta do apóstolo Tiago sob a truculência de Herodes Agripa I.

Se, nos elencos dos apóstolos, Simão Pedro surge em primeiro lugar – e já elucidamos o real motivo desta postura – agora que Barjonas deveria estar em pleno exercício de suas funções papais, atrever-se-ia o Apóstolo a colocá-lo em segundo lugar na lista dos três considerados como colunas?

A única explicação decorrente e lógica é pela inexistência da primazia de jurisdição exercida por Pedro.

Lance mão a sofismática vaticana de todos os recursos de seus malabarismos no intuito de modificar o legítimo significado de *DOKEO = VIDERI = PARECER*.

Baldados serão todos os seus desesperados esforços!

Substitua-se o verbo *PARECIAM* por expressões mais fortes; por exemplo: *ERAM CONSIDERADOS*, *ERAM TIDOS*; *ERAM HAVIDOS*, *ERAM ESTIMADOS*, *ERAM REPUTADOS* ...

“E, quanto aqueles que *PARECIAM* (*ERAM CONSIDERADOS* ou *ERAM TIDOS* ou *ERAM HAVIDOS* ou *ERAM ESTIMADOS* ou *ERAM REPUTADOS*) *ser alguma coisa...*”

“E conhecendo *Tiago, Cefas e João*, que *ERAM CONSIDERADOS* (= que *PARECIAM*, ou que *ERAM TIDOS*, ou que *ERAM HAVIDOS*, ou que *ERAM ESTIMADOS*, ou que *ERAM REPUTADOS*) *como as colunas*”.

Use-se qualquer uma dessas expressões em lugar do termo *PARECIAM* e o texto conserva sempre o mesmo sentido pejorativo (*videbantur esse aliquid*) tomado calculadamente por Paulo.

O sentido do texto permanece sempre o mesmo a clamar contra a idéia de uma superioridade por parte de Pedro.

Tiago, Cefas e João, parecidos, considerados, reputados, tidos ou havidos como colunas da Igreja em Jerusalém a Paulo pouco se lhe davam porque Deus não aceita a aparência do homem.

As causas perdidas exigem dos seus coriféus a busca desesperada de alguma tábua de salvação.

A dialética pontificia faz uma verdadeira acrobacia para ofuscar e encobrir as dificuldades intransponíveis levantadas pelo verbo *PARECIAM* empregado com a conotação pejorativa na perícope aqui em estudo. Com exceção de Antonio Pereira de Figueiredo, todos os tradutores da Bíblia empreendem toda a perspicácia no sentido de amaciar e distorcer a real significação do texto. Transcreverei apenas a versão do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, sintonizada com a mente do Concílio Ecumênico Vaticano II e elaborada durante as suas sessões. Colocarei em caixa alta as expressões empregadas no lugar de *VIDEBANTUR = PARECIAM* a fim de demonstrar o esforço feito para corromper o texto original.

“Mais tarde, depois de catorze anos, fui novamente a Jerusalém com Barnabê, levando comigo também a Tito; mas fui em conformidade de uma revelação, e expus-lhes o Evangelho que prego entre os gentios, e em particular o expus às *PESSOAS MAIS NOTÁVEIS* para assegurar-

me de não correr ou de não ter corrido em vão. Mas, nem mesmo Tito, que me acompanhava, embora grego, foi obrigado a circuncidar-se. E isso por causa desses falsos irmãos, intrusos que se tinham furtivamente infiltrado para atentar à liberdade que temos em Jesus Cristo, com o intento de nos reduzirem à escravidão. A esses não cedemos um momento sequer, a fim de que a verdade do Evangelho se conservasse intacta para vós. Quanto, porém, ÀS PESSOAS NOTÁVEIS (quais fossem, não me importa; Deus não faz acepção de pessoas), ELES não me impuseram nenhum acréscimo. Pelo contrário, vendo que me fora confiado o Evangelho para os incircuncisos. do mesmo modo que a Pedro o Evangelho para os circuncisos, (porque aquele que prestou assistência a Pedro, em ordem ao apostolado dos circuncisos, prestou assistência também a mim, em ordem aos gentios), e, reconhecendo a graça que me havia sido conferida, Tiago, Cefas e João, OS QUAIS ERAM CONSIDERADOS como colunas, apertaram a mim e a Barnabé a mão direita, em sinal de união entre nós, de modo que nós nos dirigíssemos aos gentios, e eles aos circuncisos. Somente nos recomendaram que nos lembrássemos dos pobres, o que eu procurei fazer com solicitude.

Mas, quando Cefas veio a Antioquia, opus-me a ele de frente erguida, porque merecia censura. De fato, antes da vinda de alguns da parte de Tiago, ele comia junto com os gentios; mas, depois que eles chegaram, esquivava-se e mantinha-se à parte, com receio dos incircuncisos. Os restantes judeus também se associaram na sua simulação, de sorte que o próprio Barnabé se deixou também arrastar com eles na simulação. Ora, quando eu vi que não caminhavam direito segundo a verdade do Evangelho, disse a Cefas diante de todos: “Se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios, e não à dos judeus, como é que obrigas os gentios a judaizar? Nós somos judeus de nascimento, e não pecadores, provenientes dos gentios”.

Vale-se a burlaria vaticana também da informação sobre a primeira viagem de Paulo a Jerusalém referida em Gálatas 1.18-19. **“Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro, e fiquei com ele quinze dias. E não vi a nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor”**. Notam os teólogos romanos o verbo *ISTOREO* (e não o *EIDON*), singularizando neste passo escriturístico o sentido de quem vai visitar grandes e esplêndidas metrópoles, dignas de serem admiradas e conhecidas. E também perguntam: por que esta

preocupação, esta solicitude, em Paulo de ver a Pedro e não a outros apóstolos?

O objetivo da ida de Paulo a Jerusalém se elucida pelo contexto. Desejava ele coordenar-se com os demais apóstolos. Deles queria as destras. Impossível e improfícuo isolar-se no individualismo quando a obra é comum aos Doze.

Antes, porém, de buscar esta aproximação, sem consultar carne ou sangue, pois diretamente de Jesus recebera a revelação do Evangelho, não tornou a Jerusalém a ter com os que já eram apóstolos antes dele, mas partiu para a Arábia e, em seguida, voltou outra vez a Damasco (Gálatas 1.16-17). E depois, passados três anos, foi a Jerusalém.

Se Pedro fosse o sumo pontífice, teria cometido grave indelicadeza ao protelar sua visita ao “príncipe dos apóstolos” em quem deveria por-se às ordens do primeiro papa. Ao invés de ir para a Arábia, onde, em meditação e estudo, se recolhera, deveria buscar em Pedro, revestido como papa do dom da infalibilidade, os ensinamentos sobre o Evangelho e de suas mãos receber a investidura para o ministério apostólico.

A doutrinação vaticana não vê na escolha de Matias (Atos 1.5-26) um lance do exercício da autoridade jurisdicional de Pedro? E por que com Paulo não se daria o mesmo?

A ênfase do verbo *ISTORESAI* (ver) desejada pelos intérpretes romanistas explica-se pelo interesse de Paulo em conhecer a Pedro. Interesse muito natural em decorrência de haver se distinguido em algumas especiais circunstâncias, como a de negar o seu Mestre. Um homem alta e constantemente favorecido por Jesus e tão inconstante e procrastinador pode mesmo ser visto com admiração ...

O verbo *ISTOREO*, segundo os bons dicionários, como o de Thayler, tem os seguintes significados: inquirir, examinar, investigar, achar (inquirindo), aprender (inquirindo), adquirir conhecimento visitando, CONHECER PESSOALMENTE, CONHECER FACE-A-FACE.

Paulo, que recebera o Evangelho diretamente de Jesus Cristo, sem consultar carne e sangue (Gálatas 1.12,16), não iria visitar Pedro para investigar, apreender ou adquirir conhecimentos sobre o Evangelho. O verbo *VER* (*ISTORESAI*), portanto, significa, no caso vertente, apenas CONHECER PESSOALMENTE, CONHECER FACE-A-FACE.

Frustra-se também este ancoradouro para a doutrinação do Vaticano!

2) – A perícopé em exame, isenta de quaisquer vislumbres de supremacia em prol de Simão Barjonas, ressalta a coordenação do ministério, em idêntico nível de igualdade, dos dois apóstolos: Pedro e Paulo.

A Epístola aos Gálatas escreveu-a Paulo com três propósitos: vindicar o seu apostolado diretamente recebido do Alto: “**não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que O ressuscitou dentre os mortos**” (1.1); a legitimidade do Evangelho, objeto desse apostolado: “**Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o Evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante a revelação de Jesus Cristo**” (1:12); e, de acordo com o teor dos dois primeiros capítulos desse documento, demonstrar ser ele nada inferior ao apostolado de Pedro.

Segundo a organização hierárquica do catolicismo romano, os bispos, tidos como sucessores dos apóstolos, recebem o seu episcopado ou apostolado do papa, suposto sucessor de Pedro. Ora, Paulo não subordina o seu apostolado a Pedro, como se dele houvesse recebido a sua eleição, o seu exercício e o uso de ordens episcopais. Paulo se considera eleito diretamente por Jesus Cristo (1.1) e se crê integrado no seu exercício também diretamente por Cristo, que lhe deu o Evangelho (1.12).

Naqueles primórdios, o mundo se dividia entre judeus e gentios. A princípio, o contingente de judeus se destacava na Igreja sobre o dos gentios. É natural, por conseguinte, a manutenção de práticas cerimoniais judaicas ao lado dos princípios evangélicos (Atos 3.1; 21.20). Só com o evoluir do tempo os cristãos de origem hebraica se escoimaram dos ressaibos daquelas cerimônias.

As igrejas da gentilidade, organizadas anos depois, se regiam apenas pela simplicidade do Evangelho, isentas, portanto, das práticas judias.

Jesus Cristo sempre se demonstrou empenhado em destruir o muro de separação entre os dois povos (Efésios 2.11-19) e “**de ambos os povos fez um**” (Efésios 2.14). E neste anelo, após o estabelecimento de igrejas entre os gentios, a começar da de Antioquia, confiou a Paulo o Evangelho da incircuncisão (os gentios) e a Pedro o Evangelho da circuncisão (os judeus). “**Antes, pelo contrário, quando viram que o Evangelho da incircuncisão me fora confiado, como a Pedro o da circuncisão (pois Aquele que operou eficazmente em Pedro para o**

apostolado da circuncisão também operou eficazmente em mim para com os gentios)” (Gálatas 2.7-8).

Cada um desses dois apóstolos era livre e independente no seu trabalho. Aliás, qualquer superioridade de Pedro sobre Paulo implicaria em consideração especial em benefício dos judeus, da circuncisão, o que os faria prevalecer sobre os gentios, a incircuncisão, contrariando frontalmente a meta de Jesus Cristo no sentido de derrubar todas as barreiras na promoção da absoluta unidade entre eles dois no seio da Igreja.

Em conformidade com este objetivo de igualdade entre os dois povos e à luz das declarações de Gálatas 2.7-10, jamais Pedro, como a desempenhar um exercício de primaz, orientou Paulo.

Sustenta o Apóstolo não haver recebido o seu Evangelho de homem algum e sim do Céu (Gálatas 1.11,12). Refere-se ainda o convertido de Damasco a uma visão do Céu mediante a qual recebera a sua inspiração. **“Em verdade que não convém gloriar-me; mas passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro Céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao Paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir”** (2ª Coríntios 12.1-4). Dotado de privilégios e dons incomuns (Atos 19.11-12; 2ª Coríntios 12.12), Paulo trabalhou muito mais do que qualquer outro apóstolo, inclusive Pedro. **“Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a Igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a Sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, TRABALHEI MUITO MAIS DO QUE TODOS ELES; todavia não eu, mas a graça de Deus comigo”** (1ª Coríntios 15.9-10).

Independente de qualquer interferência de Pedro, Paulo desempenhava todas as suas atividades perante as Igrejas, às quais dava ordens – **“É assim que ordeno em todas as igrejas”** (1ª Coríntios 7.17).

Longe de subordinar o seu apostolado ao de Pedro, Paulo nivela-o, coordena-o, com o do seu companheiro. Deste, bem como dos outros dois, que pareciam as colunas da Igreja, nunca recebeu instruções ou censuras a respeito do seu apostolado, pois, trabalhava com total independência e com autoridade igual a todos eles, dos quais recebeu, sim o sinal de companheirismo – **“deram-nos as destras, em**

comunhão comigo...” (2.9) – porque a todos os apóstolos empenhados na Causa interessava o bom entendimento numa esclarecida coordenação de suas atividades ministeriais.

O gesto de oferecerem os PARECIDOS colunas da Igreja, Tiago, Cefas e João, as destras a Paulo em sinal de COMPANHIA, carecia de qualquer sintoma de superioridade, porquanto os três considerados colunas, por si sós, não representavam a Igreja. Sem que ninguém supusesse qualquer superioridade jurisdicional de Pedro, quando a Igreja Apostólica precisou se definir diante da heresia dos judaizantes, ela se reuniu em Jerusalém. E nesta oportunidade, Pedro se apresentou como simples membro da Assembleia. E Tiago se limitou, como presidente, a moderar as reuniões, cabendo à congregação deliberar e decidir (Atos 15.1-34). **(N. do E.** - O texto sagrado deixa bem claro que a decisão não coube à igreja reunida, mas aos “apóstolos e presbíteros” (Atos 16.4), contradizendo uma opinião generalizada hoje em dia de que a igreja é uma entidade democrática. Cremos que as Sagradas Escrituras deixam bem claro que deve ser teocrática e que o Senhor constituiu bispos ou presbíteros ou anciãos em cada igreja (Atos 20.28)).

A proclamação do Apóstolo, **“Aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão também operou eficazmente em mim para com os gentios”** (Gálatas 2.8), enfatiza a coordenação do ministério dos dois em nível de absoluta igualdade, neutralizando por inteiro as tentativas vaticanas.

3) – Suscitou o Senhor o ministério de Paulo a se erguer como muralha entre a pureza do Evangelho e a ambição do Vaticano.

Se o verbo **“PARECIAM”** e a posição em segundo lugar do nome de Cefas entre os havidos por colunas da Igreja são argumentos valiosos contra as miragens da teologia romana, a coordenação do ministério dos dois apóstolos, embora independentes, rejeita qualquer idéia de supremacia de Simão a inferiorizar o apostolado do escritor da Epístola aos Gálatas. O texto em estudo (Gálatas 2.1-15) nos apresenta, entanto, um terceiro argumento. Argumento de valor inexcedível contra a suposta autoridade jurisdicional e moral de Pedro dentro da Igreja Apostólica. E o episódio da repreensão de Paulo ao discípulo recalcitrante.

Toda vez que Pedro é exaltado, a seguir revela a sua fraqueza. Concedeu-lhe o Mestre o poder de caminhar sobre as águas do mar; teve medo, faltou-lhe a fé e soçobrou se lhe faltasse o imediato e firme socorro de Jesus. Proclama a procedência divina de Jesus e a Sua

messianidade; ofuscam-se-lhe, a seguir, os lampejos da fé e, ao repreender o Salvador por anunciar este os Seus Sofrimentos, constitui-se em Satanás e motivo de escândalo para o próprio Filho de Deus Vivo. É privilegiado como um dos espectadores da transfiguração, mas a sua ignorância o leva a se manifestar sem saber o que dizia. De maneira especial, Jesus ora por ele e, num rompante de confiança em si, garante irrestrita fidelidade ao Rabi embora arrisque a própria vida; horas após, contudo, nega-O covardemente. É levado ao horto para servir de companhia ao Divino Agonizante, mas pesa-lhe o sono sobre as pálpebras e falha em velar com Jesus. Vocacionado para apóstolo, deixa tudo, frustrado, porém, diante de sua própria consciência por negar o Mestre, de tudo se enfada e retorna às suas antigas redes de pescaria. Propõe a escolha de um substituto para o lugar de Iscariotes e Matias permanece completamente apagado, enquanto Paulo é o eleito direto e imediato de Cristo. É o primeiro a pregar no dia do Pentecostes e é enviado pelos companheiros a Samaria. Favorece-o o Senhor com a visão do grande lençol a incitar-lhe a ir à casa do gentio Cornélio e, depois, humildemente presta contas desta sua atitude aos de Jerusalém. Liberta-o do cárcere um anjo e, na sua dureza de coração, só se dá conta da prodigiosa ocorrência quando estava na rua e ausente o libertador. Pregou ao povo e aos sinédritas, pela sua instrumentalidade o coxo da Porta Preciosa foi curado, muitos eram miraculados e Dorcas ressuscitada; o seu prestígio popular se apaga de repente e definitivamente ao ser pelo anjo solto da prisão, quando partiu para outro lugar, lugar ignorado.

Na Assembléia Hierosolimitana, cuja presidência competiu a Tiago, como simples participante, Simão narra sua experiência ministerial com os gentios e dá o seu parecer; nem uma palavra, contudo, apresenta contestando os de Corinto, sectaristas do seu nome em detrimento da unidade fraterna exigida pela própria vivência do Evangelho. Em Jerusalém é honrado com a visita de Paulo e logo, contrariando a universalidade do Evangelho que lhe fora revelado pelo próprio Deus e por ele defendida no Concílio de Jerusalém, torna-se repreensível; como dissimulador, merece da parte de Paulo tremenda descompostura.

As fraquezas de Pedro, com efeito, tiram-lhe qualquer possibilidade de se distinguir na Igreja Apostólica até o fim dos seus dias e demonstram a sua postura de igualdade entre todos os apóstolos.

Achava-se agora o filho de João na cidade de Antioquia, vivendo sem qualquer preconceito entre os crentes gentios e com eles comendo.

Procedentes de Jerusalém, nesse ínterim, chegaram alguns adeptos da corrente judaística, com vigor combatida por Paulo.

Ao vê-los, temendo-os, apartou-se da comunhão com os gentios. **“Antes de chegarem alguns da parte de Tiago, comia com os gentios; quando, porém, chegaram, afastou-se e, por fim, veio a apartar-se, temendo os da circuncisão”** (Gálatas 2.12).

Digno de censura se tornou Pedro por sua conduta. Digno de censura ainda mais porque seu comportamento se tornou em escândalo, pois outros judeus, inclusive Barnabé, arrastados pela sua dissimulação, com ele dissimularam. Digno de censura porque, acima de tudo, a sua atitude sacrificava a Verdade do Evangelho.

Repreende-o severamente o Apóstolo Paulo: **“Resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível”** (Gálatas 2.11) e Pedro nem sequer esboça qualquer reação, invocando sua condição de apóstolo em nível de igualdade com o seu admoestador.

Propiciara o Senhor a Simão Pedro a experiência sobrenatural da visão de Jope a lhe ensinar a Verdade do Evangelho e, em consequência, reconhecendo-a, declarou: **“Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se a alguém de outra raça; mas Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo”** (Atos 10.28).

E agora em Antioquia, com a sua dissimulação, nega e renega a Verdade do Evangelho.

Se de um lado – o lado triste – ocorre o erro de Pedro, doutro lado – o lado positivo – ressalta-se o valor de Paulo, cuja autoridade, nesta hora, faz valer, com energia, a pureza da Verdade do Evangelho.

Se insuficientes todos os outros argumentos, só este bastaria para pulverizar a pertinácia vaticana em guindar Pedro ao posto de plenipotenciário de Cristo e supremo hierarca da Igreja.

.oOo.

PERPETUOU-SE, PORVENTURA, O PRIMADO DE PEDRO

NUMA LINHA ININTERRUPTA DE SUCESSORES?

Proclama-se hierárquico o catolicismo romano ao contemplar espalhados pelo orbe os seus bispos, os fidalgos constituídos em aparatosa oligarquia da gente aristocrática das mitras, das cruzes peitorais e dos anéis. Supõe-se, contudo, verdadeira, exclusiva e divina Igreja sobretudo por ser monárquica – *CHRISTUS INSTITUIT ECCLESIAM IN SOCIETATEM MONARCHICAM* – construída sobre a soberana e proeminente autoridade do sumo pontífice, vigário de Cristo, bispo de Roma, sucessor de Pedro.

Rejeitar, pois, o papa é incorrer em execração eclesiástica: “*Si quis ergo dixerit, non esse ex ipsius Christi Domini institutione seu iure divino, ut beatus Petrus in primatu super universam Ecclesiam habeat perpetuos successores, aut Romanum Pontificem non esse Beati Petri in eodem primatu succesorem: anathema sit*” (Concílio Ecumênico Vaticano I, Constitutio *DE ECCLESIA CHRISTI* – cap. II – Dz. 1825). “Se alguém afirmar que Pedro, por instituição do próprio Cristo ou por direito divino, não tem perpétuos sucessores no primado sobre a Igreja universal, ou não ser o Romano Pontífice o sucessor de Pedro no mesmo primado, seja anátema”.

O Concílio Ecumênico Vaticano II, apesar da intensa propaganda sobre os seus planos renovacionistas, encampou, como aliás seria impossível o contrário, toda a bagagem também referente ao romano pontífice fabricada pelos concílios anteriores. Com efeito, o seu máximo documento é a Constituição Dogmática *LUMEN GENTIUM* estatuída e decretada aos 21 de Novembro de 1964 por todos os bispos conciliares encabeçados pelo papa Paulo VI. Pois bem, o seu capítulo III, de maneira específica se estende sobre a matéria da Constituição Hierárquica da Igreja, cuja base fundamental é o romano pontífice. “O romano Pontífice como SUCESSOR DE PEDRO é o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade quer dos bispos quer da multidão dos fiéis” (*Romanus Pontifex, ut SUCCESSOR PETRI, est unitatis, tum episcoporum tum fidelium multitudinis, perpetuum ac visibile principium et fundamentum*).

Se as pretensões vaticanas quanto à primazia de Pedro se frustram ao enfoque do NT, a situação da dialética papal é desesperadora quando

anela encontrar uma linha ininterrupta de sucessores daquele apóstolo ao longo da História.

Para que suas pretensões alcançassem êxito, visto já termos verificado a inexistência de qualquer primazia de Barjonas sobre o Colégio Apostólico, o que, portanto, de si já impossibilita a sua transmissibilidade, deveria o Vaticano encontrar provas para dois aspectos do assunto:

- 1) – Que Pedro haja estado em Roma, onde foi bispo.
- 2) – E que suas prerrogativas foram transferidas para o bispo de Roma.

I

“Romam venit Petrus. Romaeque mortuus est”, com extrema segurança estabelece a teologia vaticana, que mobiliza a caterva dos historiadores de sua seita a incutir essa assertiva como um fato indiscutível e irrefutável.

O nosso professor de História Eclesiástica no seminário dividia a vida de Simão em cinco etapas: antes de Pentecostes; suas atividades junto das comunidades da Palestina até 42, quando foi pela terceira vez preso em Jerusalém e livre por um anjo seguiu para Roma; de 42 a 49, enquanto ficou em Roma, onde fundou a Igreja e da qual foi bispo; voltou ao Oriente, onde, em 50, presidiu o Concílio de Jerusalém, visitou Antioquia, quando permaneceu durante 7 anos como seu bispo, tendo, por volta de 56, retornado a Roma, deixando, como seu sucessor, no bispado antioquenho, “santo” Evódio; e, enfim, outra vez em Roma, quando aconteceu o longo cativeiro de Paulo e donde escreveu as suas duas Cartas às comunidades da Ásia. Em 29 de Junho de 67, foi crucificado, de cabeça para baixo, no monte Vaticano.

Na ânsia de consolidar as estruturas do pontificado católico romano, forjou-se o “ACONTECIMENTO HISTÓRICO” da estadia de Pedro na Capital do Império dos Césares.

Doutrina o catolicismo haver, por volta do ano 42, Pedro chegado àquela Cidade, onde fundou a Igreja e estabeleceu nela a sua sede, sendo seu bispo e donde, em 64, escreveu a sua Primeira Epístola, e, em 66, a Segunda.

Conforme o mesmo ensinamento, ele foi martirizado, juntamente com Paulo, em 67, havendo, por 25 anos, governado essa Igreja, legando-lhe um sucessor.

O pe. Rivaux, em seu **Tratado de História Eclesiástica** (Porto, 1876 – pág. 78), adotado como compêndio nos seminários católicos até há bem pouco tempo, propala: “O pontificado de S. Pedro durara 33 anos e alguns meses, dos quais quase 8 passaram em Jerusalém e depois em Antioquia, e 25 anos, 2 meses e 7 dias, em Roma. Tal é a duração, que se assinala de ordinário ao pontificado do príncipe dos Apóstolos, segundo a Crônica de Eusébio geralmente admitida. “Rivaux, de certo, baseou-se na informação de Jerônimo (1347-419): *Simon Petrus... Romam pergit ibique viginti quinque annis cathedram sacerdotalem tenuit*” (De vir. ill. 1).

Daniel Rops, membro da Academia Francesa de Letras, é um dos mais destacados historiadores católicos contemporâneos e publicou em 6 alentados volumes a sua **História da Igreja de Cristo**, cuja tradução em nosso vernáculo (1960) é divulgada pela Livraria Tavares Martins, do Porto, em Portugal. À página 109, afirma: “Não há dúvida alguma de que o príncipe dos Apóstolos veio a Roma, tendo chegado ali muito cedo. É certo também que ali fez uma estada muito longa, de cerca de vinte e cinco anos, interrompida apenas por curtas ausências, devidas principalmente a viagens a Jerusalém. Por último, também se sabe que o seu martírio ocorreu na Cidade que ele consagrou com o seu sangue”.

O jesuíta W. Devivier é outro francês que pôs a sua pena a serviço do papa e em seu **Cours d'Apologetique Chretienne**, uma “exposição raciocinada dos fundamentos da fé”, sacramentado com uma carta de Pio X, declara à página 356: “Ora, que S. Pedro residisse em Roma e nela morresse, cedendo nela a sua sede aos seus sucessores, é um fato, em que a Tradição e a história estão de tal modo concordes, e são tantos e tão claros os seus testemunhos sobre este ponto, que durante os treze primeiros séculos da nossa era ninguém sonhou sequer em o pôr em dúvida”.

Embora incorramos em pena de excomunhão, opor-nos-emos aos conspícuos historiadores católicos, às definições pontificias e às declarações do Concílio Ecumênico Vaticano II e seríssimos embargos levantaremos contra a tese romana, valendo-nos dos próprios historiadores romanistas, da Tradição, da Arqueologia e da Bíblia.

1)- Em favor da tese contrária à estada de Pedro em Roma, arrolamos os historiadores católicos mui inseguros e claudicantes nas suas informações.

a)- LORENZO TURRADO, engajado na neoteologia pós-conciliar, professor de NT na Universidade Pontificia de Salamanca, Espanha,

sobre a Igreja de Roma pergunta e responde: “Desde quando existia essa Igreja e quem a fundou? A resposta desta pergunta não é fácil”.

E elucida: “O mais provável é que resultara da cooperação de muitos, em virtude de muita gente de todos os países afluírem a Roma, por sua condição de Capital do Império, sendo, pois, óbvio supor-se que entre tantos houvesse também cristãos, os quais se agrupavam em comunidade, levando a mensagem do Evangelho aos habitantes da cidade. E possível que isto acontecesse desde os primeiros dias da Igreja se os “forasteiros romanos” ouvintes da pregação de Pedro no dia do Pentecostes (Atos 2.10) se converteram. Uma antiga tradição conservada por Eusébio (*Hist. Eccles.* 2,14) fala de que o próprio príncipe dos Apóstolos, S. Pedro, chegou a Roma nos primeiros anos do reinado de Cláudio (41-54). Esta opinião se baseia em Atos 12.17: “**e saindo, partiu para outro lugar**”, onde vê uma alusão à ida de Pedro nos primeiros anos de Cláudio. Em apoio desta opinião ainda podemos citar uma segunda tradição, que atribui a S. Pedro uma estada de 25 anos em Roma, como, por exemplo, o *CATALOGUS LIBRI PONTIFICALIS*, que, na opinião de A. Harnack, remonta a Hegesipo (ano 180). Temos que reconhecer, todavia, que todas estas informações são tardias e, embora por muitos aceitas, não são suficientemente garantidas. (*Sin embargo, hemos de reconocer que todas estas noticias son algo tardias. aunque muy atendibles, no suficientemente garantizadas*). Não se pode, porém, duvidar da estada de Pedro em Roma pelo menos no fim de sua vida, nos tempos de Nero (54-68) sendo martirizado nessa Cidade, como aconteceu com Paulo” (BIBLIA COMENTADA — Biblioteca de Autores Cristianos – Madrid, 1965, vol. VI, págs. 251-252).

À vista dessas assertivas valem as seguintes observações:

* Lorenzo Turrado, o seu autor, é dos nossos dias e sua obra é de 1965;

* Lembra as várias e possíveis origens da Igreja em Roma;

* Lembra duas graves deficiências da Tradição: suas informações são tardias, isto é, são mui distantes dos fatos informados e faltam-lhe garantias.

b)- F. X. FUNK, sacerdote alemão, escreveu o seu **Compêndio de História Eclesiástica**, tendo em mente refutar Baur e os adeptos da escola hegeliana de Tubingem, “que tudo tentaram para desfigurar a primitiva idade cristã; teve em vista o autor, principalmente a defesa dos pontos atacados, e se esforçou para restituir, ao berço do cristianismo, o seu verdadeiro caráter e a sua verdadeira fisionomia”.

Dentre outras, são estas as expressões do Pe. João Batista de Siqueira, ao apresentar ao público brasileiro a obra já traduzida para o francês, o italiano e espanhol e 5 vezes reeditada em sua língua original.

Trata-se, por conseguinte, de obra de fôlego e de perito.

E eis o que ela nos exhibe sobre o assunto: “Os Atos dos Apóstolos (1-11) só referem sua [de Pedro] pregação em Jerusalém e Palestina nos primeiros anos da ascensão do Senhor; seu sermão no dia de Pentecostes, a cura do paralítico defronte da porta do Templo, as duas prisões, e seus trabalhos em Samaria e Judéia. Além disso nos deixam na incerteza sobre o lugar para onde se dirigiu depois de encarcerado por Herodes Agripa, e milagrosamente posto em liberdade, pois somente diz: Saindo, dirigiu-se a outro lugar. Mas, embora a tradição o assinale como fundador da sede episcopal de Antioquia, é de crer que se dirigisse em seguida até à Síria (...). Tampouco das outras Escrituras Sagradas se podem obter outras notícias sobre ele (...). Do final da primeira das suas Cartas (5.13) se infere que chegou a Roma, que é aí designada com o nome de Babilônia (...). No que respeita à permanência do apóstolo em Roma, a tradição diz-nos que foi de vinte e cinco anos (42-67), embora não signifique isto uma estada permanente e ininterrupta, senão se referindo à sua chegada e a morte de Pedro em Roma” (pág. 30).

Reconhecemos a veracidade das conclusões de Funk quanto aos tópicos biográficos de Pedro registrados nas Sacras Escrituras e sublinhamos as seguintes notas:

* O historiador alemão nem sequer se refere à ida de Pedro para Roma logo após sua libertação miraculosa das cadeias de Herodes Agripa, enquanto alguns querem ver naquele: “**Saindo, dirigiu-se para outro lugar**” (Atos 12.17) a viagem do apóstolo para a Capital do Império;

* Impossível ao bom senso admitir uma permanência de 25 anos em Roma, se, como observa Funk, “não signifique isto uma estada permanente e ininterrupta, senão se referindo à sua chegada e à morte de Pedro em Roma”. Como se pode admitir uma estada de alguém em algum lugar durante 25 anos se logo após sua chegada ausentou-se dali e somente voltou pouco antes de sua morte?

* Funk ainda contraria Daniel Rops que afirma ter sido muito longa a estada de Pedro na Urbs, “interrompida apenas por curtas ausências, devidas principalmente a viagens a Jerusalém” (Ob. cit. pág. 109).

c)- PHILIP HUGHES, o autor inglês da **História da Igreja de Cristo**, cuja tradução em nosso idioma foi, em 1954, divulgada pela Companhia Editora Nacional (S. Paulo), apenas de passagem menciona o assunto: “A Igreja de Roma, a qual, segundo afirma a Tradição universal, teve por chefe o apóstolo Pedro (...). Não sabemos a data precisa em que a Igreja de Roma foi fundada, tampouco a data em que S. Pedro, pela primeira vez, foi a esta cidade. Mas é tradição universal que S. Pedro governou a Igreja Romana e que, em Roma, deu a vida por Cristo durante as perseguições de Nero” (págs. 17, 18).

Sem argumentos ponderáveis, Hughes, de modo genérico, apela para a Tradição universal.

d)- Convocamos agora para depor o frade DAGOBERTO ROMAG, OFM, lente de História Eclesiástica e autor do **Compêndio da História da Igreja** (Editora Vozes Ltda, Brasil, Petrópolis, 1939). E ele nos atende e afirma: “Se é incerto quem fosse o primeiro pregador do Evangelho em Roma, é certo, porém, que o próprio príncipe dos Apóstolos ali pregou, estabeleceu a sua sede episcopal e sofreu o martírio (...). Depois da morte de Agripa, voltou à Igreja-mãe (Jerusalém), presidiu ao Concílio dos Apóstolos, encontrou-se com S. Paulo em Antioquia e governou, segundo a Tradição, por sete anos, esta Igreja. Depois de diversas viagens pelo Oriente e pela Grécia, estabeleceu-se definitivamente em Roma e dirigiu os destinos desta comunidade até à sua morte” (págs. 48-49).

Na página 50, com petulância sentencia: “No entanto, há tantas provas da estada de S. Pedro em Roma, e provas tão convincentes, que só um homem de má fé pode ainda duvidar dela”.

Estes informes assim expostos com segurança são, contudo, prejudicados pelo próprio Romag quando assevera: “Infelizmente, as notícias que possuímos de São Pedro são muito escassas. Os Atos dos Apóstolos só se referem a sua pregação em Jerusalém e outras partes da Palestina até ao batismo de Cornélio. A sua atividade durante os anos seguintes nos é quase completamente desconhecida” (pág. 48).

Diante de Atos 12.17: “**e saindo, partiu para outro lugar**”, faz esta pergunta: “Para onde? Antioquia? Roma? Não o sabemos.

e)- O depoimento de DANIEL ROPS é sobremodo valioso. Reconhece a suma necessidade de ser aceita a tese do episcopado do antigo pescador da Galileia em Roma quando afirma: “A estada de S. Pedro em Roma constitui um dos mais palpitantes assuntos de discussão pelo que se refere a este período da História Cristã, discussão

tanto mais viva quanto uma relação precisa entre a Igreja de Roma e S. Pedro é evidentemente de toda a importância, quanto à origem da autoridade dos Papas” (ob. cit., pág. 108 - nota 22).

Embora sinta esta importância, reconhece, contudo: “Infelizmente, não temos informações seguras sobre a ação desenvolvida pelo príncipe dos Apóstolos, depois de sua estada em Antioquia” (págs. 108, 109).

E agora?

CONCLUSÕES: Ao lume dessas citações dos historiadores acima citados, sacamos as seguintes conclusões:

PRIMEIRA: Apesar de Irineu (135-202) colocar Pedro e Paulo como fundadores da Igreja da Capital Imperial (*Adv. Haer.* 3,3,2) e o Pontifício Instituto Bíblico de Roma, na Introdução à Carta aos Romanos, em sua versão da Bíblia Sagrada (ano de 1967), afirmar: “Dispôs a Providência que Paulo, quando prisioneiro apelasse para César, na presença do Governador Festo (Atos 25.12), razão porque foi remetido para Roma, algemado, onde permaneceu durante 2 anos completos, dando testemunho de Cristo (Atos 28.30-31). Dessa forma, teve ele, juntamente com S. Pedro, a honra de ser fundador da Igreja de Roma” – apesar de Irineu e do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, alguns historiadores eclesiásticos rejeitam e outros duvidam da veracidade do fato de haver Pedro fundado a Igreja de Roma.

SEGUNDA: Esforçam-se esses historiadores por encontrar na chamada Tradição universal, pobre, aliás, de informes sobre o assunto, os argumentos que não encontram nas Sagradas Escrituras.

TERCEIRA: Asseveram que Pedro foi bispo durante 33 anos. Admitem um episcopado em Roma durante 25 anos, depois do seu episcopado de 7 ou 8 anos em Jerusalém. E quanto durou a sua permanência em Antioquia, de cuja Igreja, segundo alguns, é também o fundador? Sete anos?

Se durou 7 anos, como alguns historiadores pretendem, então, o episcopado do apóstolo foi de 40 anos. Diante da dificuldade, porém, escapam por esta válvula: enquanto bispo de Roma, Pedro foi à Antioquia, fundou aí a Igreja e dela foi também bispo no período de 7 anos. Cumulou duas sedes episcopais. E tão distantes!

QUARTA: É de preocupar o investigador honesto a carência de unanimidade entre os historiadores católicos a respeito de um assunto tão transcendente para as pretensões vaticanas. A cadeia da sucessão ininterrupta dos pontífices romanos, apesar da prosápia do Concílio

Ecumênico Vaticano II que insiste e persiste em proclamar o romano pontífice como sucessor de Pedro, fale já no seu elo básico.

O catálogo nobiliárquico dos papas desmoraliza-se logo de início.

2)- Valemo-nos a seguir dos embargos levantados pela Tradição contra o intento de se instalar Pedro no episcopado da Igreja de Roma.

a)- A autoridade da patrística mais remota arrolada pela dogmática vaticana é Clemente sobre quem pairam profundas dúvidas, como, de resto, ocorre com todos os “santos padres” das remotas eras.

“Apesar do muito que sobre S. Clemente se tem dito, a sua origem continua incerta. Há quem diga que foi um judeu convertido em Filipos e que foi mesmo companheiro de S. Paulo, atribuindo-lhe o nome de Clemente, que S. Paulo nomeia na sua Epístola aos Filipenses (4.3). Outros dão-lhe origem pagã, ora tão alta, que o confundem com Flávio Clemente, primo de Domiciano, já tão baixa que o supõem escravo e liberto da *gens Flávia* donde, teria vindo o seu nome” (Pe. João Batista Lourenço Insuelas – **Curso de Patrologia** – Braga, Portugal, 2ª Edição “revista e castigada”, pelo autor – 1948, pág. 27).

Diante de tantas incertezas sobre Clemente, o professor do Seminário Católico de Braga, aceita, como líquida e certa, a tradição do seu sumo pontificado como terceiro sucessor de Pedro: “O que é, porém, certo é que, segundo uma tradição segura, S. Clemente foi o terceiro sucessor de S. Pedro no sumo pontificado (Pedro, Lino, Anacleto, Clemente) e que foi um grande pontífice, cuja ação e vida a Igreja admirou e abençoou” (pág. 28).

Tudo é incerto na vida do homem, desde a sua origem. Mas, porque interessa à dialética romana, é segura a tradição do seu pontificado.

Conforme a tradição “segura” (?), “S. Clemente deve ter conhecido e talvez mesmo convivido com os Apóstolos, pelo menos com S. João” (pág. 28).

Esse “talvez” e esse “pelo menos” destoam da tradição segura.

“Há incertezas sobre o lugar que lhe cabe na série dos pontífices romanos. Irineu, Hegesipo, Tertuliano, Eusébio, Jerônimo e Epifânio trazem notícias sobre a questão, mostrando eles mesmos confusão em seus critérios, confusão esta, certamente devida às fontes que lhes estavam à disposição” (Sigfrido Huber – Documentos de la Iglesia Primitiva – Los Padres Apostólicos – Ediciones Desclée, de Brouwer – Buenos Aires, 1949, pág. 90).

De suas obras só resta uma. Isto é, restam fragmentos de uma. De sua “EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS”, em cujos fragmentos não consta o nome do autor. Pelo testemunho muito posterior de outros é que se supõe ser de Clemente a mencionada carta, cujos fragmentos nos exhibe Eusébio (265-340) em sua **História Eclesiástica** (ob. cit. - pág. 28).

À vista de tantas incertezas ligadas a esse “documento” poderemos admitir, em bom-senso, sua autenticidade? Levem-se em conta ainda as informações desabonadoras sobre a obra literária de Eusébio a serem mais adiante enfocadas.

Transcreveremos o tópico (c. 5,6) onde a teologia romana quer ver uma alusão à estada de Pedro na Capital do Império.

A tradução é de Leonel Franca (**A Igreja, a Reforma e a Civilização** – Livraria Agir Editora – Rio de Janeiro, 1948, 5ª Edição) feita “imediatamente do original” (inexistente, aliás).

“Mas deixemos antigos exemplos, venhamos aos atletas mais recentes, proponhamos os exemplos generosos do nosso século... Ponhamos diante dos olhos os bons apóstolos: Pedro que pelo ódio iníquo sofreu, não um ou dois, senão muitos trabalhos e depois do martírio se foi para a mansão da glória. Por causa do ódio e da inveja recebeu Paulo o prêmio da paciência; sete vezes encarcerado, exilado, apedrejado, arauto do Evangelho no Oriente e no Ocidente, granjeou fama ilustre da sua fé. Depois de haver ensinado a justiça ao mundo inteiro veio ao extremo Ocidente e padeceu o martírio diante dos prefeitos e assim se partiu do mundo para o lugar santo, deixando preclaro exemplo de paciência. A ESTES SANTOS VARÕES que ensinavam a santidade se associou grande multidão de eleitos que supliciados e atormentados pelo ódio foram ENTRE NÓS de ótimo exemplo”.

Nesse “ENTRE NÓS” a sofistaria papal julga encontrar uma alusão à estada de Pedro em Roma, donde Clemente escrevia.

Quando um indivíduo está se afogando em pleno rio agarra-se ao menor galho que porventura ao seu lado passe...

Se de algum valor gozasse esse folhetim atribuído a Clemente, veríamos nesse “ENTRE NÓS” uma referência a todo o povo cristão. Não seríamos obrigados a entender uma menção à Urbs.

Se Franca se abeberou dos originais (?) para traduzir o tópico acima transcrito, o seu confrade de ordem jesuíta, W. Devivier, árdego polemista, apresenta a seguinte tradução do último parágrafo: “Foram eles de grande exemplo entre nós; foi aqui que eles suportaram os

ultrajes dos homens e sofreram toda a sorte de torturas” (ob. cit. - pág. 357).

Será que esse “FOI AQUI” consta do original?

Eis aí uma pequena amostra da chamada patrística, o órgão da Tradição.

O “pai da Igreja” logo a seguir a Clemente a ser invocado é Inácio de Antioquia, morto no ano 107. Este personagem também é rodeado de muitas lendas. “A respeito da vida de Sto. Inácio não passamos de piedosas conjecturas. Só por suspeita se diz que teria nascido de família pagã e que mais tarde se convertera. É muito provável que assim fosse, em virtude das circunstâncias daquele tempo” (Pe. João Batista Lourenço Insuelas, ob. cit. - pág. 30).

Diz Romag que em sua Carta aos Romanos (4,3), ao afirmar: “Eu não vos ordeno como Pedro e Paulo”, supõe a existência do príncipe dos apóstolos em Roma (ob. cit., pág. 50).

Estes são os depoimentos fundamentais oferecidos pela patrística, porquanto “os testemunhos posteriores”, conforme confessa Funk, “não têm grande força probatória” (ob. cit., pág. 31).

E quanto àqueles depoimentos fundamentais anteriores o professor de Salamanca levanta sérias e irretorquíveis suspeitas: “*Sin embargo, hemos de reconocer que todas estas noticias son algo tardias y, aunque muy atendibles, no suficientemente garantizadas*” (Biblia Comentada – Madrid – 1965).

b)- As obras dos “santos padres” ou “pais da Igreja” dos três primeiros séculos, ou por inteiro ou em fragmentos, foram guardadas por Eusébio, sobretudo em sua **História Eclesiástica** dividida em 10 livros.

Daquela literatura não se encontra exemplar algum ou outro registro anterior à obra de Eusébio. Se não fosse, pois, este historiador nada teríamos daquela literatura.

Merece, porém, crédito o seu trabalho literário?

PROVAVELMENTE nasceu, por volta de 265, na cidade de Cesaréia. Tornou-se sacerdote nessa cidade e depois o seu bispo. Existia aí uma biblioteca, onde fez as suas investigações e coligiu dados.

Com exceção de um período em que no Egito se refugiara de uma perseguição, sempre viveu em Cesaréia. Jamais, por conseguinte, pôde se valer das grandes bibliotecas dos grandes centros intelectuais de sua época.

A sua **História Eclesiástica**, a primeira, é considerada de valor inestimável pela teologia romana por lhe haver preservado a literatura acima referida. “É uma fonte preciosa à qual têm ido beber todos os demais autores que, depois dele, escreveram sobre história da Igreja. Sem ele, os três primeiros séculos da história da Igreja ficariam quase desconhecidos”, declara Insuelas, em seu Curso de Patrologia já citado (pág. 300).

J. Tixeront, em **Precis de Patrologie**, distingue na História Eclesiástica de Eusébio, “um livro de primeira ordem, que serviu de modelo e guia aos seus continuadores”.

Todas estas apreciações da obra, porém, não a eximem de seus graves e muitos defeitos, consoante o reconhecimento do próprio Pe. João Batista Lourenço Insuelas (ob. cit., pág. 300). E Tixeront confessa que “a sua cronologia é deficiente” (ob. cit., pág. 355).

Em consequência da falta de genuinidade e legitimidade das obras patrísticas, a teologia romana se sente em gravíssimas dificuldades quando recorre à Tradição, embora cause pasmo aos menos avisados, que se deixam levar pelas suas citações bombásticas de “santos padres”.

3)- Depois de nos valermos da insegurança e do desacordo entre os historiadores católicos e depois de constatarmos a nulidade da patrística, convocamos agora o depoimento da arqueologia.

A arqueologia também se levanta contra as ambições pontificias quanto à estada de Pedro em Roma.

Aconteceu, proclama-se, em Roma, no circo de Nero, a morte de Pedro, no ano 67, quando foi crucificado de cabeça para baixo. Deu-se a sua sepultura num cemitério vizinho do lugar do martírio, onde também foram enterrados os seus primeiros sucessores. Segundo essa mesma tradição, os restos mortais do apóstolo foram transportados, no século III, por ocasião da perseguição de Valério para as catacumbas de S. Sebastião, na Via Ápia. Outra tradição, contudo, segundo o testemunho de Caio, diz que o corpo de Pedro foi sepultado logo no lugar de sua morte.

Eusébio, o primeiro a escrever uma História Eclesiástica, deveria relatar esses fatos. Omite-se, porém. É de se estranhar a omissão do traslado dos ossos do primeiro papa se tivesse acontecido no século III, pois Eusébio relatou fatos bem anteriores.

O arqueólogo Monsenhor Belvederi, com outros, quer sair das dificuldades impostas pela insegurança dessas duas tradições e

assegura que só no século VI o corpo de Pedro voltou para as grutas vaticanas.

Ora, esta evasiva de Belvederi cria outro embaraço. Como se explicaria a construção da primitiva Basílica de S. Pedro, por Constantino Magno no século IV?

O Vaticano sempre defendeu a presença do túmulo do “príncipe dos apóstolos” sob a suntuosa Basílica construída, no fim da Idade Média, em cima da anterior. Esta segunda Basílica, a atual, teve em 1503, o início de sua construção. Terminou 127 anos depois, em 1630. É a maior do mundo, com os seus 216 metros de comprimento, 137 de largura máxima e 138 de altura.

Com a notícia da inflição de terríveis castigos sobre quem ousasse perturbar o sono dos sacrossantos ossos, ninguém ousava esclarecer dúvidas sobre a existência ou não desse túmulo.

Só ao tempo do papa Leão XIII (1878-1903), o Pe. Grisar procedeu a algumas pesquisas, cujas conclusões permaneceram no silêncio por serem desfavoráveis à lenda. Ao tempo de Bento XV (1914-1922) desejou-se nova tentativa, mas, à última hora, o papa retirou a licença de se levarem a efeito novas pesquisas debaixo do altar da Confissão, onde se encontram, segundo se propala, os ricos despojos.

Para se atender o desejo de Pio XI (1922-1939) de ser sepultado ao lado de Pio X (1903-1914), houve necessidade, por ser bastante volumoso o seu mausoléu de se rebaixarem em 80 centímetros os pavimentos das grutas vaticanas. Esta operação pôs a descoberto uma riquíssima necrópole, de cuja existência apenas havia suspeita. O papa Pio XII (1939-1958) determinou, em 1939, trabalhos de exploração, nomeando uma comissão, a Comissão de Arqueologia Sagrada, para dirigir as pesquisas arqueológicas, cujos principais membros foram Francesco Vacchini, Ferrua, Kirschbaum, José Apollonii Ghetti, sob a relatoria de Monsenhor Kaas. Sob juramento de sigilo, empenharam-se estes nesta exploração extremamente difícil, pois executou-se debaixo da enorme massa da Basílica.

Enorme discricção cercou os resultados dessa longa e árdua pesquisa por causa do sigilo obrigatório até em relação a coisas menos importantes (semelhante ao “segredo de Estado”), a que se submeteram os membros da aludida Comissão.

Na verdade, todas as pessoas participantes dessa empresa arqueológica, estão obrigadas, por juramento, a não revelar a ninguém

os resultados dos trabalhos, enquanto o papa em pessoa não as tiver autorizado a falar.

A razão mais importante desse sigilo sob juramento tão severo é a possibilidade de uma frustração quanto ao objetivo dessas operações, qual seja o encontro do túmulo de Pedro.

Imagine-se, aliás, se fosse encontrado? Se provas concludentes revelassem sua presença sob a suntuosa Basílica? Festas espetaculares engalanariam o evento sensacional! E a velha contestação à estada de Barjonas em Roma seria definitivamente emudecida.

Esse resultado teria, pois, o valor incalculável de pôr cobro às dúvidas contra a presença de Simão na Capital do Império levantadas pelos adversários da descendência direta dos pontífices relativamente ao apóstolo.

Encontrarem-se esse túmulo e os restos do esqueleto de Pedro significa o maior objetivo dessas escavações arqueológicas levadas muito a sério pelos últimos papas.

A zona das operações efetivadas naqueles primeiros anos do pontificado de Pio XII, vai desde a Confissão coberta, onde se encontra a estátua de Pio VI, até ao limite da anterior Basílica, a construída no século IV por Constantino, cujos restos e escombros foram descobertos um pouco para lá das colunas internas de Bernini.

As escavações revelaram que o gigantesco templo construído por Constantino não o foi sobre terreno sólido, mas sobre a terra posta para recobrir um verdadeiro cemitério constituído de nichos de cerâmica, sepulcros murais com os nomes dos enterrados, sarcófagos e os *graffiti*. Estes *graffiti*, segundo o desejo dos arqueólogos católicos, podem ser vestígios do troféu venerado pelos fiéis no decurso dos três primeiros séculos de nossa era.

Em 1942, descobriu-se também uma grande quantidade de moedas, que remontam aos primeiros séculos e pertencem a vários países da Europa. Nestas moedas os interessados pela estada de Pedro na Urbs vêem confirmada a existência do sepulcro, pois semelhantes moedas demonstram as esmolas depositadas pelos peregrinos.

Essas descobertas levaram os pesquisadores a admitir que o túmulo de Pedro estaria nas proximidades daquele local, pois havia, consoante a Tradição, um antigo costume que se traduzia pelo desejo de se ser enterrado junto à tumba dos mártires.

Recorde-se, contudo, a admitir-se essa tradição, que as perseguições produziram muitos mártires, dos quais muitos foram

enterrados nesse lugar. Na verdade, pois, a crer-se nessa tradição, a presença desses nichos, sarcófagos e sepulcros murais, não demonstra forçosamente ali nas vizinhanças se encontrar o túmulo do mártir Pedro.

Essas revelações, evidentemente autorizadas por Pio XII, foram propagadas pelo **Ilustred London News**, de 7 de Setembro de 1946, sob o solene cabeçalho: “MAIS IMPORTANTE DESCOBERTA ARQUEOLÓGICA FEITA DURANTE A GUERRA: AS CATACUMBAS ROMANAS DEBAIXO DE S. PEDRO, ROMA”.

Esta notícia, porém, deixou desapontados os católicos interessados na descoberta dos despojos do suposto primeiro papa. “As descobertas atuais, informou aquele órgão, acabam com a tradição de que a Basílica de Constantino foi fundada no local do Circo de Nero e Calígula em que, segundo a tradição, ocorreu o martírio de S. Pedro. Foi uma surpresa que não se encontrasse vestígio algum do Circo nem da Via Cornélia debaixo de S. Pedro, ambas as quais os antigos topógrafos mostravam ficar debaixo da Basílica do Vaticano”.

E lá se foi por terra a informação de Caio, o “pai da Igreja”, sacerdote romano do século II, que negou a autoria joanina do quarto Evangelho e do Apocalipse.

As escavações em profundidade prosseguiram até à descoberta de uma grande necrópole pagã, anterior à Basílica de Constantino, onde se encontram urnas, túmulos majestosos e inscrições. Dentre os túmulos se destacam pela sua beleza os das famílias Valerii, Marci e Caetanni. Encontrou-se também um mausoléu egípcio, cuja ânfora de alabastro é esplêndida.

A revista **Life**, em sua edição de 27 de Março de 1950, consagrou dezenas de páginas a uma reportagem de Mons. Kaas, o relator da Comissão Arqueológica e dirigente das pesquisas, sobre os descobrimentos das escavações nos subterrâneos da Basílica Vaticana. Kaas relata, inclusive, a interferência de um feiticeiro, um adivinho, solicitada pelo Grupo Arqueológico. Depois de historiar os episódios das operações, afirma: “Qualquer pessoa de fé que passou pela necrópole escavada e que depara com a vizinhança imediata do lugar atribuído pela Tradição cristã ao túmulo de S. Pedro, sucumbe à lógica silenciosa, mas eloquente, do ambiente”.

Falou, falou, mas não disse...

Serão por acaso válidos estes descobrimentos para os não-católicos?

“Os que não são católicos”, declara Kaas, “talvez não considerem esta afirmação sob a mesma luz”, argumenta, contudo, que a evidência desafia os “descrentes a provar o contrário da afirmação da arqueologia”.

Que evidência? O que provam aquelas descobertas?

Porventura aquelas moedas, aqueles sarcófagos, aquelas inscrições, aqueles *graffiti*, aqueles mausoléus provam a existência do túmulo de Pedro nesse sítio?

A revista **Time**, de New York, de 20 de Dezembro de 1951, publicou novo relatório dos trabalhos e se referia à “EVIDÊNCIA”, consoante o Vaticano, “cientificamente incontestável”.

O **Plain Dealer** de Cleveland, USA, de 21 de Dezembro de 1951, no artigo intitulado: “CIENTISTAS DO VATICANO NOTICIAM SEPULTAMENTO SEM TÚMULO DE S. PEDRO”, declarava: “Os peregrinos que visitam as grutas do Vaticano poderão chegar a menos de 3 metros do lugar onde as autoridades do Vaticano dizem que S. Pedro foi sepultado, mas não poderão ver o seu túmulo. Pois não há túmulo”

Ao invés de túmulo, descobriu-se uma “sepultura feita de alvenaria rústica, como aquelas feitas para os mais pobres” e da qual só um lado da parede permanecia (**Time**, 21 de Dezembro de 1951).

E a “EVIDÊNCIA” apregoada por mons. Kaas?

Certas circunstâncias, como as moedas encontradas e algumas inscrições, de acordo com a revista **Time**, ainda na edição de 21 de Dezembro de 1951, denotam que “os cristãos veneravam este local, desde a segunda metade do primeiro século”. Outras notícias, porém, declaravam que se prestava à veneração desde a segunda metade do século II.

Em 24 de Novembro de 1952, volta a revista **Time** ao assunto das investigações arqueológicas do Vaticano, com um artigo sob a epígrafe: “O TUMULO DE S. PEDRO PODE SER FONTE DE NOVAS DESCOBERTAS”, em que afirma: “Autoridades do Vaticano disseram hoje que em breve poderá surgir a evidência que liga a tradição do sepultamento de S. Pedro a uma geração mais próxima de sua existência do que fizeram as recentes escavações debaixo da Basílica de S. Pedro.

Os arqueólogos descobriram recentemente a primeira evidência escrita debaixo S. Pedro pelo menos desde os primeiros anos do século IV. A evidência apresentada esta semana na Academia Romana

Pontifícia de Arqueologia pela Professora Margherita Guarducci, especialista em antigos epígrafes romanos, talvez date dos anos concludentes do terceiro século ou até mesmo do período logo após o ano 250.

A evidência: baixo-relevos na parede de um mausoléu pagão debaixo da Basílica, incluía uma inscrição”, que “era um pedido a S. Pedro que intercedesse pelos cristãos enterrados perto dele”.

Havia também um retrato, evidentemente, pretendendo-se ser de Pedro, com a palavra “*Petrus*”.

As notícias procedentes do Vaticano naquele Dezembro de 1951 foram para as manchetes da grande imprensa internacional. A fazer coro com o **Time**, o **Piam Dealer**, o **Tribune** de New York, também em 21 de Dezembro de 1951, declarava: “As inscrições, similares às centenas que se encontram mesmo hoje em muitas paredes da atual Basílica em consequência das visitas dos soldados norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial, incluem evidência de que os primitivos visitantes acreditavam que Pedro pudesse ser venerado neste lugar”. Outra vez a evidência que nada evidencia!

E onde a evidência apregoada por Kaas?

Com tantas tergiversações e contradições aparece a “evidência cientificamente incontestável” da presença do túmulo de Pedro sob a monumental S. Pedro?

Primeiro as notícias afirmam que o lugar era venerado na segunda metade do século II e até mesmo do século I. Cerca de um ano depois, declaram que a informação anterior indicava apenas a primeira metade do século IV, mas agora há evidência que mostra a veneração na segunda metade do século III.

Isso é evidência? Ou amostra de absoluto fracasso das pesquisas quanto ao seu grande intento?

Aliás, nenhuma das inscrições encontradas declara que foi Pedro sepultado ali.

Supondo-se, outrossim, provada a veneração de Pedro nesse lugar, significa apenas a existência dessa tradição na segunda metade do século III e não que a tradição em si seja verdadeira.

Nos mausoléus encontrados há inscrições. Nas sepulturas simples não. E nenhum deles menciona o nome de Pedro. Como, então, distinguir-se nos que estão sem inscrição alguma o túmulo dele?

Encontrou-se, contudo, uma urna de pedra com a inscrição: “*Ossa Beati Petri*”.

A Comissão de Arqueologia atribuiu grande valor à urna, não tanto por essa inscrição, mas pela sua própria existência e arquitetou uma história. Durante as perseguições de Valeriano, no ano 268, para livrá-los de possíveis profanações da parte dos pagãos, os ossos do apóstolo foram transferidos temporariamente “*ad catacumbas*” sob a Via Ápia. Somente no século IV, quando foi iniciada a construção da Basílica por Constantino (na qual devia ser erigido, de acordo com o costume, um altar-mor que tivesse por base o local onde repousava o mártir em cuja honra se dedicava o templo) o corpo foi de novo levado ao Vaticano. Na época da trasladação, os restos mortais do apóstolo já deveriam estar reduzidos a cinzas e a alguns ossos, e assim poderiam ser facilmente colocados num pequeno cofre de pedra.

É uma história mirabolante. Primeiro: Porque, se no século IV, ao serem postos na urna os ossos, se induziriam a fragmentos (a urna é pequena) e as cinzas hoje, quinze séculos depois, a que esses fragmentos e essas cinzas se reduziriam? Segundo: Porque quando da construção da atual Basílica, no fim da Idade Média, deveriam ter tido o cuidado de construir o altar-mor sobre a sepultura do mártir e, então, viram essa urna, pois as paredes de 138 metros de altura exigiram escavações profundas, muito abaixo da camada onde foi encontrado na década de 40 o mencionado cemitério. Terceiro: Porque com as escavações para a construção da atual Basílica, os eclesiásticos daquele tempo, de certo, se preocuparam em procurar o túmulo de Pedro, o mártir em cuja honra se erguia o templo. Quarto, enfim: Porque a própria inscrição: “*Ossa Beati Petri*”, para a própria Comissão Arqueológica, é reconhecida sem valor por haver sido colocada posteriormente.

Apesar da “evidência” propalada por Mons. Kaas, o dirigente das pesquisas arqueológicas, e “evidência CIENTIFICAMENTE INCONTESTÁVEL”, em sua radiomensagem para o mundo do Natal de 1951, o papa Pacelli, Pio XII, anunciou oficialmente o encontro do túmulo e dos OSSOS encontrados, mas salientou NÃO SER POSSÍVEL PROVAR QUE PERTENCIAM AO ESQUELETO DE S. PEDRO.

A “evidência cientificamente incontestável” não convenceu nem o papa, o maior interessado em encontrar o troféu.

O cofre continua guardado. E nos aposentos particulares do sumo pontífice. Há quase 30 anos!

Durante todos estes anos os trabalhos prosseguiram, demonstrando, é lógico, o insucesso das pesquisas.

A todo custo, porém, a hierarquia vaticana anseia encontrar provas arqueológicas da estada de Pedro em Roma.

Suas vistas, além de continuarem assestadas nas escavações, voltam-se também para outros objetos.

Consoante urna tradição, os fragmentos de madeira encerrados num grande monumento de bronze, esculpido por Bernini, instalado na abside da Basílica de S. Pedro, são da cátedra em que se sentava o primeiro papa, Simão Barjonas, a demonstrar a sua autoridade suprema no governo da Igreja.

Muitos historiadores, contudo, gostariam de ver posta à prova essa tradição multissecular e, em 1967, apelaram para que fossem aqueles fragmentos submetidos à análise do carbono 14 ou carbono radioativo a fim de se determinar a idade precisa da relíquia.

Seria a prova definitiva. Paulo VI se escusou, alegando o receio de que o contacto com o ar possa contribuir para a destruição dos últimos fragmentos da cátedra (O ESTADO DE S. PAULO, 29 de novembro de 1967).

Em agosto de 1968, o papa Montini, Paulo VI, anunciou que os peritos encontraram provas convincentes de que os ossos que haviam sido achados sob a Basílica de S. Pedro eram do esqueleto do apóstolo. “No estado atual das conclusões arqueológicas e científicas”, declarou, “parece-nos que podemos dar a toda a Igreja esta feliz notícia” (Ave Maria – S. Paulo, 30 de agosto de 1968).

As declarações pontificias decorreram de um episódio ocorrido em 1967. Margherita Guarducci, docente de epigrafia na Universidade de Roma e, como arqueóloga, membro da Comissão de Arqueologia do Vaticano, famosa pelos seus estudos sobre o túmulo de Pedro, sustentou ter descoberto os restos mortais do discípulo de Cristo nas escavações feitas sob o altar da Confissão. Encontrou-se, com efeito, dentro de uma caixa de madeira abandonada num ângulo das grutas vaticanas, um amontoado de ossos. No interior da caixa havia também um bilhete, alguns fios de púrpura, fragmentos de cal e de mármore e algumas moedas. Dois vigias testemunharam que a caixa de madeira fora localizada em um nicho, de acordo com Guarducci, escavado em época constantiniana.

A arqueóloga determinou a um grupo de especialistas a análise daquele material.

Francesco Vacchini, partícipe da Comissão desde seu início e na época desta descoberta chefe do Serviço Técnico da Basílica, revelou

que as análises feitas estabeleceram que os ossos pertenceram a um homem de idade avançada e de físico robusto. Estas características somáticas correspondem às de Pedro?

Em suas declarações, Paulo VI se resguardou de seguras contestações e garantidos desapontamentos atrás de um “PARECE-NOS”.

Considerando-se estes dois últimos episódios, constata-se a presença de madeira. Os fragmentos da cátedra de madeira não podem ser retirados do monumento de bronze onde apenas há cerca de 450 anos se acham recolhidos por causa do perigo de completa destruição pelo contacto com o ar. Ora, e a madeira da caixa que há cerca de 1.700 anos pelo menos, a admitir-se a tradição, ficou enterrada não se destruiria em contacto com o ar?

O povo católico supõe ser a Basílica de S. Pedro, como igreja oficial do papa, o principal templo de sua religião, além de ser o maior do mundo.

Enganam-se! Ou melhor, são enganados!

O Imperador Romano, Constantino Magno, determinou a edificação de dois templos, conhecidos como basílicas constantinianas: a de S. Pedro e a de S. João de Latrão.

A primeira foi edificada na passagem da Época Medieval para o Renascimento, em grande parte, à custa das indulgências, o estopim da Reforma Protestante.

Mas esta suntuosa Basílica não é a principal.

A de S. João de Latrão, sim! Dedicada ao Salvador, a João Batista e a João Evangelista, como a primeira entre todas as basílicas da Urbs e do Orbe, é o mais privilegiado de todos os templos católicos romanos, como demonstra a legenda gravada no seu frontão: *Sacrossanta Lacteranensis Ecclesia, omnium urbis et orbis ecclesiarum mater et caput* (Sacrossanta igreja de Latrão, a mãe e a cabeça de todas as igrejas da Cidade e do Mundo). Na 5ª lição do Breviário Romano da Festa *In dedicatione archibasiliacae SS. Salvatoris*, lê-se: “*cuius consecrationis memoria celebratur hodierno die quo primum Romae publice ecclesia consecrata est et imago Salvatoris in pariete depicta populo romano apparuit*”.

Foi a primeira a ser consagrada. Antes da de S. Pedro, embora ambas construídas por Constantino.

Se realmente ao tempo desse Imperador, a jurisdição primacial de Pedro fosse reconhecida, não haveria sido dada a primazia à sua Basílica?

4)- Neste processo de contestação à estada de Pedro em Roma, recorreremos agora ao depoimento das Sagradas Escrituras, as quais nada – absolutamente nada!!! – dizem a respeito e nenhuma – absolutamente nenhuma!!! – referência fazem sobre o exercício do seu episcopado na Urbs.

a)- Os Atos dos Apóstolos, ao relatarem os primórdios do Cristianismo, são cuidadosos em mencionar, com pormenores, as cidades onde Paulo esteve a exercer o seu ministério e até aquelas por onde simplesmente passou.

Quanto a Pedro isso não se dá. Aludem eles à sua estada em Jerusalém; a sua ida a Samaria, atendendo ao mandado dos apóstolos (Atos 8.14); a sua passagem por Lida, Jope e Cesaréia. Após a conversão de Cornélio, o centurião da coorte italiana, subiu a Jerusalém. Segundo Gálatas 2.11, esteve em Antioquia e possivelmente em Corinto (1ª Coríntios 1.2). De Babilônia escreveu a sua Primeira Epístola. E só!

Em Atos 2.17: **“E, saindo, partiu para outro lugar”**, a doutrinação romana pretende perceber sua ida para Roma.

Mas, se Pedro fosse o chefe supremo, o pontífice da Igreja, superior a Paulo, com toda segurança, o livro dos Atos dos Apóstolos traria informes também precisos sobre as suas viagens e atividades.

Por que Lucas, o seu autor, acompanhou-o *pari-passu* em relatando as primeiras atividades de Pedro até que surgisse Paulo? Se Pedro fosse o sumo pontífice, o superior a ou de Paulo assim não teria se comportado.

Se Pedro fosse o que o romanismo anseia, deveria Lucas, como historiador, focalizar vigorosamente as atividades ministeriais do sumo pontífice a fim de solidificar o prestígio e a supremacia dos seus sucessores.

b)- Em Atos 18.1-2 há a seguinte informação: **“Depois disto, deixando Paulo Atenas, partiu para Corinto. Lá, encontrou certo judeu chamado Áquila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma. Paulo aproximou-se deles. E, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles e ali trabalhava, pois a profissão deles era fazer tendas”**.

Este encontro de Paulo com Áquila e Priscila ocorreu por ocasião da Segunda Expedição Missionária do Apóstolo, em 53 ou 54. Evidentemente que Pedro, como judeu, não poderia ter permanecido em Roma. Por volta de 55, de resto, Paulo vai encontrá-lo em Antioquia (Gálatas 2.11).

É patente a ausência da Capital do Império por parte de Pedro até 55.

Ora, a informação de Atos dos Apóstolos é corroborada por Suetonius Tranquillus, autor da biografia de Cláudio, o Imperador truculento de 41 a 54. quando afirma que o “Imperador Cláudio expulsou de Roma todos os judeus... por causa de um certo Cristo”.

Rivaux, sacerdote católico romano e diretor do Seminário Maior de Grenoble, em seu **Tratado de História Eclesiástica**, já citado, ao lume destes documentos é obrigado a aceitar a irrefragável conclusão: “O chefe da Igreja não veio então a Roma, porque estava ali em vigor o edito do Imperador Cláudio contra os judeus”.

O edito foi promulgado em 42 e Cláudio morreu em 54, até quando vigiu aquela determinação contra os judeus.

Portanto, Pedro não pôde chegar à Capital do Império até 54. Em 55, ainda o encontramos em Antioquia (Gálatas 2.11).

E de 55 a 67 medeiam apenas 12 anos.

c)- Por ocasião de sua estada em Corinto em sua Segunda Viagem Missionária, entre os anos 56-68, Paulo Apóstolo escreveu a Epístola aos Romanos a instruí-los sobre a doutrina da justificação. Ora, o nome de Pedro está ausente, enquanto envia o autor saudações a 26 pessoas diferentes. Porventura deixaria Paulo de mencionar Pedro caso estivesse ele em Roma e aí fosse bispo?

Ainda mais. Se Pedro fosse o bispo da Igreja de Roma, não exorbitaria Paulo ao lhe escrever uma Carta doutrinária e cheia de instruções corretivas?

Não teria invadido terreno alheio e desautorizado o primado jurisdicional de Pedro?

Ao negar-se a estada deste apóstolo em Roma é livrá-lo da acusação de preguiçoso e relaxado em instruir o seu rebanho a tal ponto de sugerir a necessidade da intromissão de Paulo.

A conclusão é lógica. O Apóstolo omite o nome de Pedro e com tamanha autoridade escreve esse documento, exatamente porque Simão galileu lá não vivia.

Descontando-se, por conseguinte, mais dois anos daqueles 12 que sobraram dos 25 anos, restam-nos 10 a colocá-los na conta da suposta permanência de Pedro em Roma.

d)- Entre 60 e 61, deve Paulo ter chegado preso a Roma (Atos 28.11-31). Ao descrever essa chegada, Lucas se refere aos irmãos que saíram ao seu encontro à Praça Ápio e às Três Vendas, **“e Paulo, vendo-os, deu graças a Deus e tomou ânimo”** (Atos 28.15). Seria muito pouco caso de Pedro se deixasse de ir ao encontro do seu colega de apostolado, porquanto é evidente a referência de seu nome nesse passo se lá houvesse comparecido. Sua ausência se explica por não residir em Roma.

Três dias depois de sua chegada, **“Paulo convocou os principais dos judeus”** (Atos 28.17) com o intuito de apresentar embargos às acusações que lhe eram assacadas. Embora nenhuma denúncia contra ele receberam, opuseram-se-lhe e disseram que **“é corrente a respeito desta seita que, por toda parte, é ela impugnada”** (Atos 28.22). Ora, na hipótese de ser Pedro bispo em Roma seria grave desleixo o não esclarecer os judeus sobre a seita tanto mais que a sua primordial missão era o **“apostolado da circuncisão”** (Gálatas 2.8).

Ausente Pedro, coube ao Apóstolo Paulo fazer-lhes **“uma exposição em testemunho do reino de Deus, procurando persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas... desde a manhã até à tarde”** (Atos 28.23).

Os derradeiros versículos de Atos dos Apóstolos declaram: **“Por dois anos, permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia todos que o procuravam, pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo”**.

Essa disponibilidade diante da pregação do Apóstolo por acaso não agravaria ainda mais a culpa de Pedro em se descuidar do ministério sobretudo de evangelizar os judeus se há quase 20 anos fosse o bispo local?

Mas se Pedro houvesse sido tão relapso nesse descuido, Paulo, que em Antioquia severamente o recriminara (Gálatas 2.11), tê-lo-ia agora com idêntica severidade recriminado e Lucas registraria esse fato tão importante. Isto, porém, não aconteceu devido à completa ausência de Pedro.

e)- As cognominadas Cartas do Cativo: COLOSSENSES, EFÉSIOS, FILEMON e FILIPENSES escreveu-as Paulo durante o seu

primeiro cativo em Roma, entre 60 e 62. Nelas, ao enviar aos seus destinatários saudações dos irmãos que com ele se encontravam, cita nominalmente pelo menos 11 pessoas diferentes. E os nomes de algumas são repetidos. Para alguns, inclusive, tem palavras carinhosas como para Tíquico, “**irmão amado e fiel ministro, e conservo no Senhor**” (Colossenses 4.7).

Se Pedro estivesse de fato em Roma poder-se-ia supor a gravíssima omissão do seu nome em todas as quatro Cartas? E se fosse daquela Cidade o bispo, o plenipotenciário de Cristo, seria concebível tamanho esquecimento?

É verdade a referência de Marcos na Primeira Epístola de Pedro a enviar saudações aos seus destinatários (1ª Pedro 5.13). Nisto a burlaria vaticana quer ver uma demonstração da estada de Pedro em Roma, pois Paulo em Colossenses 4.10 e Filemon 24 também se refere ao nome de Marcos.

Pueril é este argumento astucioso. Consoante Rivaux, o historiador católico-romano cuja obra mereceu os mais enfáticos encômios, Marcos compôs o Evangelho por volta de 45 e, neste mesmo ano de 45, Pedro escreveu a sua Primeira Epístola (ob. cit., págs. 43-44).

Nesse ano, evidentemente, nem Pedro e nem Marcos se encontravam em Roma pelo motivo já examinado na alínea a), qual seja o edito de Cláudio, em 42 vigente até 54.

De 45 ao período de 60-62, medeia longo tempo, suficiente para estar Marcos em Roma, pois era muito útil para o ministério de Paulo (2ª Timóteo 4.11). E foi neste período que o Apóstolo cativo escreveu estas quatro Cartas.

Já em 67, Marcos não se encontrava em Roma (2ª Timóteo 4.11).

Abatem-se mais alguns anos daquele saldo de 10 e restam apenas uns 5 ou 6 à conta da possível permanência de Pedro na Capital do Império.

f)- A 2ª Timóteo liquida esse resto de anos. Com efeito, na oportunidade do seu segundo cativo em Roma (66-67), escreveu a sua Segunda Epístola a Timóteo, às vésperas de sua morte (2ª Timóteo 4.6-9).

Afligia-se com a ausência do seu querido companheiro de ministério, Timóteo (2ª Timóteo 4.9).

De algumas pessoas queixa-se. De Figelo e Hermógenes por terem dele se apartado (1.5). Do latoeiro Alexandre, que muitos males lhe

causara (4.14). De Demas, que o desamparou (4.10). Recrimina os falatórios de Himeneu e Fileto, que se desviaram da Verdade (2.17-18).

Lembra a ausência de Crescente, de Tito, de Marcos e de Tíquico (4.10-12).

Se durante a permanência de Paulo em Roma, desta cidade fosse Pedro bispo e se se omitisse, por medo das perseguições, o Apóstolo, com toda a segurança teria feito menção nesta Carta. A falta desta referência procede da própria ausência de Roma por parte de Pedro, que nunca lá esteve.

Se houvesse estado, tomaria conhecimento da situação de Paulo e isto Paulo teria mencionado como enalteceu a Onesiforo por tê-lo recreado e de suas cadeias não se envergonhando e, indo a Roma, com muito cuidado o procurara, e o achou (1.15-16).

Da parte de Êubulo, Prudente, Lino, Cláudia e de todos os irmãos envia a Timóteo saudações (4.21). Por que prescinde do nome de Pedro? Se fosse o bispo local não subentenderia sua inclusão na expressão genérica: **“todos os irmãos”**.

É patente a ausência de Pedro.

Seria, outrossim, uma injúria a Pedro supor-se a sua omissão por medo de perseguição, incluindo-se assim na queixa amarga de Paulo: **“Na minha primeira defesa, ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram”** (4.16). Pedro, que, após o Pentecostes se tornara valente no serviço do Senhor e enfrentara prisões em Jerusalém, acaso se acovardaria agora?

E se Pedro estivesse também encarcerado?

Paulo tê-lo-ia mencionado, como se referiu a Aristarco, **“que está preso comigo”** (Colossenses 4.10) e a Epafras, **“meu companheiro de prisão”** (Filemon 23).

Os depoimentos das incontestáveis testemunhas: os historiadores católicos, a Tradição, a Arqueologia e a Bíblia bradam, cada um *de per si*, e mais ainda todos juntos, contra a lenda da estada de Pedro em Roma e do seu episcopado aí exercido.

E, nem se alegue, sofismando, ser Roma a Babilônia mencionada por Simão Barjonas em sua Primeira Epístola (5.13). Esta Babilônia nada tem a ver com a Babilônia simbólica do Apocalipse, onde representa Roma.

A Babilônia mencionada por Pedro é a Babilônia geográfica, embora naquela época fosse uma cidade pequena.

Alegar-se precaução de Pedro atribuindo em sua Carta o nome de Babilônia à Urbs porque, como sumo pontífice, não queria deixar nenhuma pista que possibilitasse ser apanhado na Capital do Império, sede do seu pontificado, seria achincalhar demais aquele apóstolo.

Escrevendo este documento em 45, sua presença em Roma era absolutamente impossível em vista do edito de Cláudio, conforme já se verificou.

Os historiadores católicos, a Tradição, a Arqueologia e a Bíblia, além de estarem desprovidos de qualquer argumento pró estada de Pedro em Roma, atestam o oposto às pretensões vaticanas.

II

As pretensões vaticanas quanto à existência de uma corrente ininterrupta na sucessão dos sumos pontífices ao longo da História esbarram, logo de saída, com a falta do primeiro elo, o mais importante, dessa corrente: PEDRO COMO BISPO DE ROMA.

O exame acima, de si só, bastaria para dismantelar essas pretensões.

Enfileiraremos, contudo, outros argumentos porque mister se faz destruir a maior e a mais absurda mistificação da História, qual seja a da cadeia ininterrupta dos sucessores de Pedro, a prosápia dos pontífices romanos até João Batista Montini, cognominado de Paulo VI.

1)- O cânon das Sagradas Escrituras somente se encerrou com a morte do último dos apóstolos, João, no fim do primeiro século, uns 35 anos após a “crucificação” de Pedro.

João escreveu o seu Evangelho por volta do ano 95 e as suas 3 Epístolas e o Apocalipse depois dele.

Ora, até ao ano 95, consoante as listas dos papas, afora Pedro, já haviam passado pelo sólio pontifício três dos seus sucessores e Evaristo deveria ser o papa reinante.

Como João, entretanto, nestes seus 5 livros não faz alusão alguma sobre o fato? Sim, é simplesmente porque não aconteceu!

Em sua 3ª Carta, aliás, invectiva a tal primazia ao recriminar certo Diótrefes, “que gosta”, segundo com clareza afirma, “**de exercer a primazia entre eles**” (v.9).

2)- Se falta no suposto séquito sucessório dos pontífices romanos o primeiro elo, o restante da cadeia está também em péssimas condições,

haja vista a discordância sobre a ordem da sequência dos bispos romanos do primeiro século e do começo do segundo.

O papa Pacelli, Pio XII, em 1947, impôs uma lista arbitrária no intento de encerrar essa disputa ou discordância.

Trata-se de uma arbitrariedade por contrariar as famosas autoridades da patrística discordantes, aliás, entre si também sobre este assunto. Em poucos assuntos há o “consenso unânime” dos “pais da Igreja”. Em tudo o que se refere ao pontífice vaticano a desarmonia e o desacordo entre eles são gritantes, inclusive sobre o rol dos primeiros bispos da Urbs. Irineu, Tertuliano, Jerônimo, todos discordam...

Alguns, como Irineu, dizem que Lino sucedeu a Pedro. E Jerônimo, por seu turno, informa que “a maioria dos latinos” sustentava haver sido Clemente, o personagem mencionado por Paulo em Filipenses 4.3.

Irineu, em sua obra *Adversus Haereses*, III, 3, escrita por volta de 138 (portanto bem próximo da época dos fatos), referindo-se a Clemente, destaca-o como o terceiro bispo de Roma e Sixto como o sexto. Nesse caso, e seguindo a lista elaborada por Pio XII, Anacleto ou Cleto, que foi anterior a Clemente, ocupa o segundo lugar. E Lino, o imediatamente anterior a Anacleto, por conseguinte, toma o primeiro lugar. E Pedro? Tirou-o Irineu do elenco dos soberanos pontífices.

Na lista de Pacelli consta Cleto como terceiro bispo romano e Anacleto como o quinto. Ora, na Tradição há discordância também quanto a estes cidadãos. Alguns “santos padres” afirmam se tratar de um só personagem e alegam ser Cleto um diminutivo de Anacleto, cujo uso, então, gerou a confusão e a origem de dois papas distintos.

Note-se, outrossim, que os “pais da Igreja” jamais atribuíram ao bispo de Roma o designativo: PAPA.

O vocábulo PAPA procede do grego *PAPPAS*, com o significado de PAI. (“**A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, Aquele que está nos céus**”, disse Jesus em Mateus 23.9). De início, com o termo se designavam todos os bispos e, a seguir, também todos os clérigos. A partir do século V, mais e mais se foi tornando o uso do vocábulo reservado ao bispo de Roma. Gregório VII (1073-1085) atribuiu-se exclusivamente a si este termo (Felix M. Cappello S.J. – in *Summa Iuris Canonici*, Roma, 1945, pág. 271, nota 2).

A **Enciclopédia Católica**, em seu volume VII, pág. 593, tratando da relação daqueles sucessores petrinus, declara que “a cronologia destes bispos de Roma não pode ser determinada com nenhum grau de exatidão pela ajuda das autoridades à nossa disposição hoje”.

3)- A primeira lista dos bispos de Roma, consoante Eusébio, elaborou-a Hegesipo (110-180), sobre quem pairam muitas incertezas para não se constituir ele em exceção da regra referente aos “santos padres” dos três primeiros séculos.

“São muitíssimo escassos os dados para a biografia deste escritor, aliás muito conhecido e citado”, lembra Insuelas (obr. cit., pág. 102).

Assevera-se haver acontecido a sua chegada a Roma ao tempo de Aniceto (154-166), e nesta oportunidade, tendo colhido informes na própria fonte, compôs a lista dos bispos romanos, desde Pedro até Aniceto.

Eusébio, que, em sua **História Eclesiástica**, lhe guardou os fragmentos, “considera-o um observador atento e uma testemunha sincera” (Insuelas - obr. cit., pág. 103). Lembra ainda a dúvida quanto a sua cultura, a sua má composição literária e o seu grego incorreto.

Jerônimo (342-420) afirma que Hegesipo escreveu uma História seguida da Igreja, desde a Paixão de Cristo até aos meados do século II, da qual nem sequer um fragmento sobrou (Insuelas, obr. cit., pág. 103).

Ora, se Eusébio, autor da primeira História Eclesiástica, o manancial a oferecer elementos sobre os episódios e personagens do Cristianismo até o seu tempo, se Eusébio registrou o elenco elaborado por Hegesipo, deveria haver unanimidade em todos os catálogos dos bispos romanos do século I.

A falta dessa unanimidade não seria, por acaso, sintoma da ausência da Verdade? Do fato objetivo? Concreto?

Sob meus olhos agora se abrem 4 listas dos pontífices vaticanos.

Transcreverei os nomes dos bispos romanos de Pedro a Aniceto:

RIVAUX

S. Pedro (42-67)

S. Lino (67-78)

S. Cleto ou Anacleto (78-91)

S. Clemente (91-100)

S. Evaristo (100-109)

S. Sixto (109-119)

S. Telésforo (119-127)

S. Higinio (127-139)

S. Pio (139-142)

S. Aniceto (142-157)

HUGHES

S. Pedro (42-67)
S. Lino (67-78)
S. Cleto (78-90)
S. Clemente (90-100)
S. Anacleto (100-112)
S. Evaristo (112-121)
S. Alexandre (121-132)
S. Sixto I (132-142)
S. Telésforo (142-154)
S. Higinio (154-158)
S. Pio (158-167)
S. Aniceto (167-175)

FUNK

Petrus (67)
Linus (67-79)
Anacletus (79-90)
Clemens (90-99)
Evaristus (99-107)
Alexander (107-1 16)
Xystus (116-125)
Telesphorus (125-136)
Higinus (136-1 55)
Anicetus (155-166)

DANIEL ROPS

S. Pedro (67)
S. Lino (67-76)
S. Anacleto (77-88)
S. Clemente (88-100)
S. Evaristo
S. Alexandre
S. Sixto
S. Telésforo
S. Higinio I (136-154)

S. Pio
S. Aniceto

A cadeia da sucessão pontificia está toda arrebitada. Senão vejamos:

a)- Rivaux encontrou de Pedro a Aniceto, 10 pontífices, inclusive esses dois. Funk e Rops encontram 11. Funk e Rops acharam um Alexandre entre Evaristus e Xystus (Hughes também o inclui).

Hughes, por seu turno, encontrou 12, porque, além de incluir Alexandre, junta também Cleto entre Lino e Clemente, e Anacleto entre Clemente e Evaristo.

b)- Quanto às datas da duração do pontificado de cada um a unanimidade ou concordância simplesmente inexistem. Por exemplo, Rivaux baliza pontificado de Telésforo entre 119-127; Funk entre 125-136; Hughes entre 142-154; Rops, entre 136-154, junta logo três, inclusive Telésforo. Aniceto, o último do elenco de Hegesipo tem o seu sumo-pontificado balizado nos seguintes anos: por Rivaux entre 142-157; por Funk, entre 155-166; por Hughes, entre 167-175.

c)- Hughes observa, outrossim, à pág. 332 de sua **História da Igreja Católica** que “algumas listas citam um Félix II” imediatamente após Anacleto. Se algumas listas incluem um Félix II nesse lugar é porque houve um Félix I entre os cinco primeiros papas, isto é, Pedro e Anacleto.

Então, acrescentar-se-iam mais dois no catálogo de Rivaux, 12; e na relação de Funk e Rops, 13.

4)- A cadeia da sucessão pontificia está com elos partidos em outros séculos também.

Assim o século IV gozou da presença de 31 importantes escritores eclesiásticos, dentre os quais avultam Ambrósio, Agostinho, Jerônimo, Cirilo de Jerusalém, os dois Gregórios (o Nazianzeno e o de Nissa); e no seu decorrer celebraram-se 106 Concílios, sendo dois ecumênicos (o de Nicéia, em 325, e o de Constantinopla, em 381).

Pois bem, neste século de tantas letras eclesiásticas e tantos Concílios, como jamais houve, alguns elencos incluem Félix II entre 355-365, enquanto outros o consideram antipapa. E outros, como vimos, o colocam imediatamente após Anacleto.

O século V se caracterizou igualmente por um grande número de Concílios (80, sendo 2 ecumênicos: o de Éfeso, em 431, e o de Calcedônia, em 451) e pela presença de 21 escritores eclesiásticos de

renome. Também neste século as listas são contraditórias quanto ao infeliz Félix. Algumas incluem Félix II entre 483 e 492 e outras encaixam aí um Félix III.

5)- Os Félix foram de fato muito infelizes. O I atrapalha a enumeração dos três primeiros bispos de Roma. O II, em algumas listas, aparece logo depois de Anacleto, enquanto em outros catálogos é considerado antipapa (355-365), e em outros é tido como papa legítimo (483-492). O III é outro joguete dos elencos. Uns querem-no entre 483-492 e outros entre 526-530. O IV se vê em semelhante situação vexatória. Colocam-no uns catálogos entre os anos 526-530 e outros simplesmente o omitem. O V é taxado de antipapa posto entre 1439-1449. Por sinal o último antipapa. E também o último infeliz Félix.

6)- Funk arrola 34 antipapas. Por desejarmos demonstrar a mistificação da corrente ininterrupta dos soberanos pontífices ao longo dos 20 séculos de catolicismo, como bombasticamente se propala, enfocaremos agora o período áureo da chamada Igreja, a Idade Média.

Funk inclui na lista, sob o número 119, Christophorus (903-904) e Hughes o exclui por considerá-lo antipapa. O mesmo acontece com Leão VIII (963-965), tido por Funk como legítimo e por Hughes como falso. Com Bento XI (1303-1304) acontece o mesmo.

O inverso também ocorre. Funk considera a Bento XIII (1394-1404) e Clemente VII (1424-1429) como antipapas e Funk tem-nos na conta de papas legítimos.

Há antipapas que não levam nenhum número à frente do nome, como, por exemplo, Alberto (1102), Teodorico (1100-1102), Anastácio (855), enquanto outros levam.

Bonifácio VII (974) é considerado antipapa e, em consequência, houve o reconhecido por legítimo com o mesmo nome de Bonifácio VII (984-985).

Há também dois Honório II. O antipapa entre 1061-1069 e o autêntico de 1124 a 1130.

Há dois Clemente III. O antipapa, de 1084 a 1100 e o genuíno de 1187 a 1191.

Há três Clemente VII. Dois antipapas: um de 1378 a 1394 e o outro de 1424 a 1429. E para confirmar serem espúrios estes dois, de 1523 a 1534 houve o legítimo Clemente VII. Houve dois Gregório VIII, dois Calixto III, dois Inocêncio III, dois Nicolau V, dois Bento XIII, dois Bento XIV. Sempre um anti e o outro legítimo.

É evidente que, ao repetir o mesmo nome de um considerado antipapa, o acatado como legítimo confirma ser espúrio o anterior. Assim, o segundo a adotar o nome de Inocêncio III reconhece e confirma ser antipapa o anterior de idêntico nome.

Acontece, porém, que Celestino II (1124) foi reputado antipapa em seu tempo. O seu sucessor com o mesmo nome não repetiu o número II, mas intitulou-se Celestino III (1143-1144). Nesse caso reconhece a legitimidade de Celestino II.

Há 23 papas com o nome de João. João XVI (997-998) foi reputado antipapa. Mas o sucessor que adotou idêntico nome não repetiu o número XVI, porque se intitulou João XVII (1003). Reconheceu, por conseguinte, verdadeiro a João XVI.

Entre os papas João ou “Joões”, falta o XX. A cadeia da sucessão papal é uma autêntica pilhéria, porquanto se quebra até na sucessão dos números referentes a um mesmo nome, como no caso dos papas João.

Houve um João XXIII de 1410 a 1415. O papa das 300 concubinas. Foi acatado, em seu tempo, como papa legítimo, válido, genuíno. Por isso, as listas fazem constar o seu nome. Ora, em 1958 foi eleito sumo pontífice Angelo Roncalli que adotou o mesmo nome: João XXIII, revelando assim haver sido antipapa o seu antecessor João XXIII.

São fatos da História a demonstrarem ser mistificação a apregoada e decantada corrente ininterrupta, ao longo dos séculos, dos papas.

7)- Prova, ainda, ser mistificação a ininterruptidade na sucessão papal o fato histórico de muitas vezes a cátedra pontifícia ficar sem ocupante. É muito comum encontrar-se vazia essa sede alguns meses e também um ano.

Entre Marcelino (296-304) e seu sucessor imediato, Marcelo (308-309), aconteceu uma vacância de 4 anos.

Entre Honório I (625-638) e Severino (640) a vacância durou 2 anos. De mais dois anos foi a vacância na cátedra pontifícia entre Gregório VII (1073-1085) e Victor III (1087). Também entre Celestino IV (1241) e Inocêncio IV (1243-1254), além de outras, o mesmo tempo de vagatura.

Três anos ficou desocupado o sôlio papal entre Clemente IV (1265-1268) e Gregório X (1271-1276). Sete anos entre Alexandre V (1409-1410) e Martinho V (1417-1431), porque no meio de ambos esteve o antipapa João XXIII.

Essas lacunas – e são muitas! – provam também ser falsa a sucessão ininterrupta e contínua dos papas.

8)- Outro fato incontestável a provar a falsidade do pontificado romano e a destruir-lhe a continuidade sucessória é que os papas são eleitos por imposição política, causa da ascensão de verdadeiros monstros.

Ao tempo do Império Romano, os bispos de Roma eram impostos pela política imperial. Com a sua queda, formou-se o cognominado Sacro Império Romano Germânico, com a coroação, no ano 800, pelo papa Leão III, de Carlos Magno como supremo monarca do novo Império.

Durante séculos, a eleição do papa ficou totalmente ao alvitre, às injunções, às imposições das grandes forças contemporâneas. Depois da influência de Carlos Magno, sobreveio a fase da influência da casa feudal de Spoleto (887-962). No século X, a da influência da casa de Toscana. No século XI, a da influência germânica.

A Inglaterra, a Alemanha, a Espanha, a Itália, a França, todos esses países tiveram grande interferência na eleição e na conduta dos papas. De todos eles, sem se excluïrem os últimos.

Os fatos dessa ordem constituem uma constância na História dos Papas. Escreveríamos um extenso e volumoso livro se enveredássemos no seu exame.

Os exemplos lembrados demonstram ser o papado apenas uma força política. Hoje, aliás, bem enfraquecida.

Este aspecto também prova a impossibilidade de ser o papa o sucessor de Pedro. De Pedro que nunca foi papa.

.oO

O LEGÍTIMO VIGÁRIO DE CRISTO NA IGREJA

Em se julgando sucessor de Pedro, sonha ser o papa o Pastor Supremo da Igreja e nela o VIGÁRIO DE CRISTO. E nestas condições supõe -se revestido de soberana jurisdição.

Atendo-se à velha teologia, apesar do boatério sobre possíveis reformas a serem introduzidas pelos atuais teólogos, o Concílio Ecumênico Vaticano II em sua Constituição Dogmática *LUMEM GENTIUM* (§ 22), proclama: “POIS O ROMANO PONTÍFICE, EM VIRTUDE DO SEU MÚNUS DE VIGÁRIO DE CRISTO E PASTOR DE TODA A IGREJA, POSSUI NA IGREJA PODER PLENO, SUPREMO E UNIVERSAL”.

Essa constituição Dogmática – sublinhe-se o adjetivo DOGMÁTICA!!! – é dos nossos dias. Foi promulgada em 21 de novembro de 1964. É produto do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Esforçam-se em vão os teólogos e os exegetas vaticanos por inferir do NT argumentos condizentes com o enunciado da *LUMEM GENTIUM*.

Seria um assunto de magna importância na estrutura da Igreja e Jesus tê-lo-ia focado com toda a clareza.

Sublinhou, porém, ser Ele o Soberano Exclusivo de Sua Igreja. E às mãos de homem algum transferiu o seu governo supremo.

E o reterá até ao fim da história. “**E eis que estou convosco todos os dias, até à consumação do século**” (Mateus 28.20).

A Sua Soberania na igreja é constante: “**todos os dias**”. E perene: “**até a consumação do século**”.

Ora, se Cristo permanece em Espírito presente em Sua Igreja, o óbvio exige a ausência de qualquer Seu plenipotenciário ou preposto humano.

Nem há de se comparar a Igreja aos Estados, em cuja frente são postos governantes, embora Deus seja o Supremo Senhor do Universo. Os Estados se circunscrevem aos limites e interesses deste mundo. Por isso seus objetivos e seus negócios buscam assuntos exclusivamente materiais e humanos. Nenhuma analogia há entre o Estado e a Igreja a levarem-se em conta a origem, a finalidade, a estrutura e os meios de atuação desta.

Jesus Cristo exerce aquela soberania em Sua Igreja através do Seu Vigário.

O vocábulo VIGÁRIO procede de dois outros latinos: *VICEM GERERE*, isto é, fazer a vez de outrem, ocupar o lugar de outrem, substituir.

Cristo é o Vigário do pecador ao substituí-lo ao pagar na Cruz pelos seus pecados.

Na Dispensação da Igreja, contudo, providenciou-lhe Jesus um Seu Vigário para, em Seu lugar, gerir-lhe os programas e norteá-la rumo ao seu destino.

Obra divina, em sendo a Congregação dos salvos peregrinantes neste mundo e Corpo de Cristo, cuja Cabeça é Ele próprio e cujos membros são todos os crentes nEle – obra divina nunca poderá a Igreja ser convenientemente governada por um ser humano, limitado e falível.

A Igreja de Cristo – **“Minha Igreja”** – asseverou Ele (Mateus 16.18) – só pode por Ele ser governada. E através da vicariedade de Alguém suficientemente capacitado.

Um ser mortal, por mais competente e por mais santo, é lógico, jamais teria aptidão de governá-la. Suas limitações são por demais profundas. Incapacitam-no até de ser condicionado a semelhante incumbência. Sua natureza é essencialmente incapaz de ser dotada das qualificações requeridas para o desempenho de uma missão de tamanho porte sobrenatural.

Também neste aspecto é frisante o exemplo de Pedro. Cumulara-o o Senhor de tantos e tão inauditos privilégios, revelando-lhe, inclusive, a universalidade do Evangelho e Pedro incidiu no erro de, com a sua dissimulação, afrontar a Verdade desse Evangelho (Gálatas 2.11-14). O pobre Pedro sempre foi um fracasso! É o retrato do Homem!!!

Obra divina e propriedade exclusiva de Jesus Cristo, de que Ele, aliás também faz parte, como Cabeça, o Seu Vigário no exercício de Sua Soberania na vida da Igreja, só poderia ser o Espírito Santo.

1)- Prometeu-O pouco antes de Sua Paixão. **“E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê nem O conhece; vós O conheceis, porque Ele habita convosco, e estará em vós... Mas o Consolador (Paráclito) o Espírito Santo, a Quem o Pai enviará em Meu Nome, Esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito... Quando, porém, vier o Consolador, que Eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da Verdade, que dEle procede, Esse dará testemunho de Mim”** (João 14.16-17,26;15.26).

Como seu Vigário na Soberania da Igreja, para sempre permanecerá nela – **“para que fique convosco para sempre”** – pois Cristo garantiu permanecer com ela até ao fim dos tempos (Mateus 28.20).

Como Vigário de Cristo, o Espírito Santo é o Espírito da Verdade a ensinar aos apóstolos todas as coisas, fazendo-os lembrarem-se de tudo quanto Ele lhes disse, porquanto competia-lhes completar a Bíblia, a depositária única da Revelação Divina, escrevendo os livros do NT. **“Quando vier, porém, o Espírito da Verdade, Ele vos guiará a toda a Verdade; porque não falará por Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir”** (João 16.13; 1ª Coríntios 2.9-13).

Como Vigário de Cristo, dEle testemunhará o Espírito Santo a fim de mover a Igreja a testemunhar dEle perante o mundo para a salvação das almas **“Eu vos digo a verdade: convém-vos que Eu vá, porque, se Eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, Eu for, Eu vo-lo enviarei. Quando Ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não crêem em Mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não Me vereis mais; e do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado”** (João 16.7, 11).

Como Vigário de Cristo, capacitará os Seus discípulos a pregarem o arrependimento e a remissão dos pecados, por isso que o Senhor lhes dará o Espírito Santo. **“Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos”** (João 20.22-23; Lucas 24.47).

Como Vigário de Cristo levará os Seus, na qualidade de filhos de Deus, a um contínuo desenvolvimento espiritual, fortalecendo-os em suas fragilidades e por eles intercedendo. **“Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outras vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Abba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus... Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis”** (Romanos 8.14-16, 26).

2)- Ao prometer com tanta ênfase o envio do Espírito Santo (João 14.16-17, 26; 15.26), se a Simão Pedro houvesse destacado com a incumbência de ser o Seu Vigário, teria, por certo, feito ao fato referência especial, sobretudo porque em nenhuma outra ocasião o fizera.

E por que haveria o Espírito Santo de permanecer para sempre entre os discípulos se o papa fosse o Vigário de Cristo? Nesta hipótese, Jesus deveria tê-lo prometido especialmente a Pedro e aos seus sucessores.

Segundo o Tratado *DE ROMANO PONTIFICE* ao papa compete o múnus magisterial, para cujo exercício é ele revestido do dom da infalibilidade. Ao prometer o Espírito Santo, o Espírito da Verdade, para guiar os Seus em toda a Verdade (João 16.13), se a Pedro houvesse Jesus outorgado o múnus de ensinar garantido com o dom da infalibilidade, com toda certeza, tê-lo-ia mencionado nesta ocasião. Tanto mais que nunca a isso se referira.

Aliás, se esta tarefa de guiar a Igreja em toda a Verdade fosse atribuída a Pedro, como Vigário de Cristo, redundaria em absoluto fracasso. Sempre constante em sua trágica inconstância, Pedro feriu frontalmente a Verdade do Evangelho merecendo severa reprimenda por parte de Paulo (Gálatas 2.11).

Como poderia guiar na Verdade aquele que induziu à simulação?

Como guiar outros na ou à Verdade se tivera dificuldades de entender a visão do grande lençol? (Atos 10; 11.1-18).

Como guiá-los nesta senda se se confessa em dificuldade para entender cartas de Paulo? (2ª Pedro 3.16).

Que condições, portanto, têm os papas de serem vigários de Cristo se o primeiro deles, Pedro, jamais se considerou investido em semelhante função e se nunca se capacitou para guiar, no lugar do Espírito Santo, quem quer que fosse à Verdade?

A falibilidade dos romanos pontífices é de uma constância trágica.

3)- Jesus Cristo, no instante de ascender aos Céus, particularizou a ordem de que os Seus discípulos retornassem a Jerusalém e lá aguardassem o cumprimento da inefável Promessa. **“Eis que envio sobre vós a promessa de Meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder”** (Lucas 24.49). E estando com eles, **“determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse Ele, de Mim ouvistes... Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra”** (Atos 1.4,8).

Com **“grande júbilo”** retornaram para Jerusalém (Lucas 24.52) no cumprimento da ordem de Cristo. Lá aguardariam em oração e súplicas

perseverantes (Atos 1.14) o Paráclito, o Vigário do Senhor da Igreja, cuja vinda ocorreu no Pentecostes quando se cumpriu a Promessa.

Na noite da Sua entrega e no instante da Sua ascensão, Jesus Cristo teve excelentes oportunidades de mencionar Pedro como guia, como segurança, como rocha, como chefe supremo, como orientador e mestre infalível de Sua Igreja, o Seu Vigário na terra. E por que não o fez?

Precisamente por Pedro não ser constituído em nada disso.

O Seu Vigário, sim, é o Espírito Santo.

4)- Desde o evento do Pentecostes, o Espírito Santo, no desempenho de Sua função de Vigário ou Substituto de Cristo está na Igreja, dirigindo-a e ensinando-a, até ao dia glorioso de seu arrebatamento em que, qual noiva ataviada, irá ao encontro do Seu Noivo Celeste para os esponsais eternos. **“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim... E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que esteja convosco para sempre”** (João 14.1, 16).

O Espírito Consolador **“PARA SEMPRE”** ficará com a Igreja.

Sem nenhuma figura de retórica, sem nenhuma metáfora, o Espírito Santo é o Vigário de Jesus Cristo. E, como Vigário de Cristo é o encarregado de governar, dirigir e ensinar a Sua Igreja, além de perpetuar nela a inefável presença do Salvador. Compete-Lhe atribuir aos discípulos o poder de executar a Grande Comissão: **“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em Nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado”** (Mateus 28.19-20).

5)- Na Igreja Apostólica sob a direção do Espírito do Senhor, os discípulos se congregavam num regime de autêntica democracia. Simplesmente inexistia qualquer constituição hierárquica entre eles. Os apóstolos não se encastelavam em nenhuma oligarquia. Nem os presbíteros (bispos) em nenhuma casta clerical. E nem Pedro se empavonava como supremo hierarca revestido de todos os poderes e do dom da infalibilidade.

A Igreja supremamente dirigida e governada pelo Espírito Santo, numa atmosfera democrática, permitia a livre manifestação de todos, como ocorreu, por exemplo, na oportunidade da escolha dos diáconos (Atos 6.1-16).

A Assembleia de Jerusalém, registrada em Atos 15.1-34, onde compareceu Pedro em idêntico nível de igualdade com todos, outrossim,

se sublinha como expressão democrática da vida eclesial naqueles primórdios. Todos: apóstolos, presbíteros e irmãos, indistintamente gozaram do direito de falar e participar dos debates sem quaisquer cerceamentos. No fragor das disputas sobre assunto de magna importância, todos têm a certeza do respeito à sua livre manifestação.

O decreto resultante da decisão estabelecida pareceu bem a todos, porquanto a unanimidade da aprovação procedeu da anuência geral.

Todos estavam convencidos da soberana direção do Espírito do Senhor. **“A igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judéia, Galiléia e Samaria, edificando-se e caminhando no temor do Senhor, e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número”** (Atos 9.31).

6) — No desempenho da Grande Comissão por parte de toda a Igreja, Pedro nem sequer aparece em plano secundário a estabelecer programas de evangelização, a distribuir regiões a serem atingidas pela pregação e a designar obreiros.

Quanto à execução desta suprema tarefa da Igreja a atuação do Espírito Santo é direta (Atos 10.19-20; 13.2; 16.6-7). Como qualquer discípulo, Pedro por Ele é revestido de poder para pregar e suas atividades por Ele são aprovadas (Atos 2.4, 14; 4.8; 10.19, 44, 45, 47; 11.12,15)..

Filipe fora a Samaria sem qualquer credencial de Pedro, mas este só depois teve conhecimento e para lá fora posteriormente a fim de cooperar com a obra do diácono. Filipe fora a Samaria e depois, dirigido pelo Espírito, se encaminha para a banda do sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza (Atos 8.26), em cuja jornada evangeliza, no poder do Espírito Santo, o eunuco de Candace (Atos 8.29).

Capacitado pelo Espírito Santo, Barnabé se desincumbe de uma missão especial na nova Igreja de Antioquia (Atos 11.22-24).

Vaso escolhido pelo Senhor, na plenitude do Espírito, Paulo se lança no ministério evangélico (Atos 9.17; 13.2-4, 9).

Os bispos (presbíteros) por Ele são constituídos para apascentar a Igreja de Deus (Atos 20.28). O apóstolo Simão Pedro não seria omissos se se lhe incumbisse o encargo de nomeá-los. Se não o fez, à luz do NT, falece ao papa o direito de fazê-lo, embora se arrogue o privilégio de diretamente nomear os bispos e defender a heráldica ostentação dos brasões vetustos.

A ousadia característica dos crentes primitivos acossados pelas perseguições, outrossim, provém do revestimento do poder do Espírito Santo (Atos 4.31).

A Ele é atribuída a expansão da Igreja que teve, sobretudo em Paulo, o grande ativista (Atos 13.1-5).

7)- Pretender, naqueles tempos apostólicos, ludibriar a Igreja é ultrajar diretamente o Espírito Santo, o Vigário de Cristo.

Mentiu Ananias ao entregar parte do produto da venda de sua propriedade. Ao repreendê-lo, censura-o Pedro por haver mentido ao Espírito Santo (Atos 5:1-10).

Simão, o mágico da Samaria, pretende, por dinheiro, dons carismáticos e o seu pecado agrava o Espírito do Senhor. Então, impossibilita-se de tomar parte naquele ministério. Seu coração era sinuoso diante de Deus (Atos 8.18-24).

8)- Único Pastor, Jesus Cristo quer reunir todas as Suas ovelhas num único rebanho. As Suas ovelhas dos dois povos: judeus e gentios.

“Porque Ele [Jesus] é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede de separação que estava no meio, a inimizade, aboliu, na Sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em Si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, destruindo por ela a inimizades” (Efésios 2.14-16).

O derramamento do Espírito no dia do Pentecostes constituiu-se no magnífico sinal de haver Jesus entrado no céu e sido entronizado à destra do Pai (João 14.16; 15.26). Constituiu-se, outrossim, em sinal do poder com que se revestiram os discípulos para a sobrehumana tarefa da Evangelização (Atos 1.8). Constituiu-se ainda em sinal para os próprios judeus (Atos 2.12), sempre ávidos de sinais.

Os judeus, aliás, sempre condicionaram a sua fé em Cristo a sinais que lhes fizesse (Mateus 12.38; 16.1; Marcos 8.11; Lucas 11.16). Sinais queriam eles também ao tempo da Igreja Apostólica (1ª Coríntios 1.22).

Jesus, **“aprovado por Deus”** entre os judeus **“com maravilhas, prodígios e sinais”** (Atos 2.22), pois, enviou o Seu Espírito Divino a também promover sinais entre os exclusivistas hebreus com o propósito de induzi-los a aceitar na Dispensação da Igreja, o Seu rebanho único, os gentios sem quaisquer barreiras e preconceitos nacionalistas.

Um abismo de reservas separava os judeus dos samaritanos – **“os judeus não se comunicam com os samaritanos”**, a Jesus observara a mulher de Sicar (João 4.9). O ministério de Filipe, naquelas terras, levou muitos à conversão a Jesus Cristo e **“ouvindo os apóstolos, que estavam em Jerusalém, que Samaria recebera a Palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João; os quais, descendo para lá, oraram por**

eles para que recebessem o Espírito Santo” (Atos 8.14, 15). Desceu-lhes o Espírito Santo como aos discípulos no Pentecostes, numa demonstração patente de serem franqueados idênticos dons também aos samaritanos, partícipes com todas as regalias do rebanho de Cristo.

Apesar de haver pessoalmente notado o grande sinal do derramamento do Espírito sobre os samaritanos, Pedro se mantinha trancado em seu exclusivismo nacionalista quanto aos gentios de outras nações. Para removê-lo dessa redoma hermética do judaísmo, Deus lhe favoreceu a visão do grande lençol (Atos 10.9-16). Duvidando ainda sobre o significado da visão, só se decidiu a acompanhar os emissários de Cornélio de Cesaréia porque o Espírito o ordenou (Atos 10.18-20). E depois de anunciar o Evangelho a Cornélio e seus familiares, **“caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a Palavra. E os fiéis que eram da circuncisão [os judeus], admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo”** (Atos 10.44-45).

E, ao prestar, democraticamente, contas de sua atitude para com os gentios, Pedro também, com postura democrática, após dar suas explicações, vale-se da ocorrência do derramamento do Espírito sobre eles no desejo de apresentar-lhes o grande sinal de que os gentios, em igualdade com os judeus, são chamados. **“Pois, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus? E, ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida”** (Atos 11.17-18).

Ao enfoque destes episódios, constata-se ser o derramamento do Espírito sobre os gentios um sinal em favor dos judeus cristãos a fim de convencê-los destinarem-se também os gentios à participação da Igreja, o rebanho de Cristo, sem quaisquer barreiras de separação.

Em assunto de tamanha magnitude, por que não interferiu Simão com a sua jurisdição de suprema autoridade na Igreja Apostólica? Simplesmente porque dela não gozava.

Ao Espírito Santo, na qualidade de Vigário de Cristo na Igreja, sim, cabia esta tarefa.

Se o legítimo Vigário de Cristo Se deixou derramar sobre os samaritanos e sobre os gentios dentro dos limites da Palestina com o intuito de convencer os discípulos judeus, os quais, convencidos, afirmaram: **“Também aos gentios foi por Deus concedido o**

arrependimento para vida” (Atos 1.18), deixou-Se ainda derramar sobre os gentios em regiões fora dos limites palestinoses como sinal também para os judeus incrédulos e perseguidores.

Se estes sempre são ávidos de sinais, o Espírito Santo revelou-lhes a Sua aprovação em prol do ministério de Paulo Apóstolo, vocacionado especificamente para o mundo gentílico.

Note-se ainda o pormenor de se constituir este sinal como uma aprovação direta do apostolado de Paulo, outorgado, aliás, pelo próprio Senhor e sem a participação de Pedro.

Em Éfeso, certo judeu, Apolo, **“homem eloquente e poderoso nas Escrituras”, “com grande poder, convencia publicamente os judeus, provando, por meio das Escrituras, que o Cristo é Jesus”** (Atos 18.24, 28). À sua chegada, encontrou Paulo alguns discípulos sobre quem impôs as mãos, como Pedro e João na Samaria (Atos 8.17), e receberam o Espírito Santo, falando línguas e profetizando (Atos 19.6-7). Autorizado o seu ministério com esse glorioso sinal, durante três meses entrou o Apóstolo na sinagoga, onde **“falava ousadamente, dissertando e persuadindo com respeito ao Reino de Deus”** (Atos 19.8). Se alguns dos judeus empedernidos se rebelaram, Paulo separou os crentes e, por espaço de dois anos, se empenhou no anúncio da Palavra, ministério este fecundado pela assistência do Espírito do Senhor a ponto de todos os habitantes da Ásia serem atingidos pela Palavra de Jesus

Em Corinto, onde, **“testificando aos judeus que o Cristo é Jesus”** (Atos 18.5), sofreu grande oposição por parte dos mesmos (Atos 18.6, 12), o Espírito Santo também permitiu os Seus prodigiosos sinais em confirmação do ministério do Apóstolo (1ª Coríntios 12 e 14).

Vigário de Cristo, o Espírito Santo, naquelas origens, agiu diretamente na expansão do Evangelho e Sua atuação se fez sensível de maneira prodigiosa, enquanto igrejas e igrejas se estabeleceram e presbíteros foram ordenados sem sequer o conhecimento de Simão Pedro.

Admitir-se, portanto, a autoridade de Pedro, como vigário de Cristo, além de se negar ao Espírito Santo a Sua divina participação na Igreja, prometida, de resto, por Jesus, é fechar os olhos aos luminosos fatos comprobatórios de Sua atuação na Igreja Apostólica, penhor de Sua presença em toda a História da Igreja até à consumação dos séculos.

Quer, contudo, ser o papa o vigário de Cristo.

Se o Espírito Santo é o legítimo Vigário de Cristo, o papa também é vigário de Cristo. Substituto de Cristo!

A Bíblia, com efeito, fala de um outro vigário de Cristo. É o Anticristo!

O vocábulo latino *VICARIUS* quer dizer substituto, o que ocupa o lugar de outrem, que lhe faz as vezes.

Compõe-se a palavra ANTICRISTO da preposição grega *ANTI* e do Nome CRISTO. E *ANTI* significa: EM VEZ DE, EM LUGAR DE.

O ANTICRISTO, portanto, é aquele que ESTÁ EM LUGAR DE CRISTO, O SUBSTITUTO DE CRISTO.

O ANTICRISTO é o vigário espúrio de Jesus Cristo!

Se o legítimo Vigário de Cristo é o Espírito Santo, o falso é o papa.

Esse ambicioso vigário de Cristo, o ANTICRISTO é o papa da “**grande Babilônia**”, a mãe de todas as prostituições (Apocalipse 18.2, 3).

O papa, vigário de Cristo, o Anticristo, “**se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto; a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus**” (2ª Tessalonicenses 2.4). Sua vinda “**é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo o engano da injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da Verdade para serem salvos**” (2ª Tessalonicenses 2.9-10).

.oOo.

